

ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. SÃO CLEMENTE</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL</i>	<i>55</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO</i>	<i>127</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DA TIJUCA</i>	<i>195</i>
<i>G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL</i>	<i>263</i>
<i>G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS</i>	<i>325</i>



**Liga Independente das
Escolas de Samba do
Rio de Janeiro**

G.R.E.S. SÃO CLEMENTE



**PRESIDENTE
RENATO ALMEIDA GOMES**

“O Conto do Vigário”



Carnavalesco
JORGE LUIZ SILVEIRA

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo “O Conto do Vigário”					
Carnavalesco Jorge Luiz Silveira					
Autor(es) do Enredo Jorge Luiz Silveira e Ricardo Hessez					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Jorge Luiz Silveira					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Jorge Luiz Silveira					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Os Contos e Os Vigários: Uma História da Trapaça no Brasil	DIAS JÚNIOR, José Augusto.	São Paulo, LEYA	2010	Todas
02	Malandragem e Ordem Social	ROSEMBERG, Fernando.	Recife, UFPE	2003	Todas
03	A Malandragem como Emblema Nacional	NASCIMENTO, Leandro.	Rio de Janeiro, SOLETRAS	2008	Todas
Outras informações julgadas necessárias					
Além dos livros usados na pesquisa, foram consultados diversos jornais antigos sobre casos documentados no passado, registrados nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.					

HISTÓRICO DO ENREDO

O Conto do Vigário

“A regra é clara”: nesta terra inventada, é certo o desacerto.

Frase forte. Porém, é mais forte ainda o histórico de malandragem que assola Pindorama. O tempo passa e fica cada vez mais difícil enxergar uma luz no fim do túnel. A capacidade da malandragem de se reinventar encontrou sombra e água fresca no Brasil: já faz tempo que tem gente tirando proveito da gente, ficando com a fatia maior do bolo. A inocência e esperteza travam um duelo secular por essas bandas. Do peixe pequeno ao espadaúdo, a arte de se dar bem sem muito esforço se proliferou em nossa nação sem noção. O engano é oficial: e isso vem de longe...

Nossa história começa cercada pelas Minas Gerais. Na Minas dourada, barroca, ao som de sinos nas torres de igrejas e carroças rangendo pelas vielas e ladeiras - lá pelos idos do século XVIII, mais precisamente na rica Ouro Preto. Uma terra de tanta fartura mineral que despertou a atenção de pessoas dispostas a desfrutar de tamanha prosperidade sem muito esforço. Mas digo que o ponto inicial de nossa saga não começa com a cobiça pelo ouro. Nosso marco inicial é pitoresco e envolve os personagens mais improváveis: uma santa, um burro e um vigário.

Naquela ocasião, duas igrejas disputavam uma imagem de Nossa Senhora. A animada querela era entre as paróquias do Pilar e da Conceição. Para resolver a questão, um dos dois vigários – o da igreja do Pilar – propôs uma forma no mínimo criativa de solucionar o problema: “Amarrem a santa num burrico. Coloquem-na entre as duas paróquias. Deus guiará o inocente animal até a casa que deverá abrigar a Santa Imagem!”

Assim foi feito. Lá vai o burrico pelas ladeiras de Ouro Preto, carregando no lombo a imagem da Mãe de Deus e a fé da boa gente do lugar. No entanto, o povo não contava com a astúcia do vigário: era esperto o santo homem! O pároco que teve a ideia fez a proposta com tudo já planejado, uma vez que já era seu o burro apostado! O bichinho só seguiu o caminho de casa! Muitas outras versões existem para esse caso, mas para nós fica esse como o registro mais válido, já que é por causa disso que toda vez que alguém é por uma boa história enganado, diz a pessoa ter caído no “conto do Vigário”.

O episódio acima ilustra de maneira bem jocosa o espírito da coisa. Essa malandragem encontrou terreno fértil na colônia controversa, sem rumo e sem lei, onde essa vigarice criou raiz. Desde que os portugueses aqui chegaram, sempre teve alguém dando um jeito de se dar bem em cima da inocência alheia. Do mais humilde ao mais poderoso, sempre surge uma história bem contada, de alguém querendo levar vantagem. Sem orgulho, carregamos essa chaga da enganação, é verdade. Sempre surge um novo malandro reinventando a malandragem - e foi com o crescimento das grandes cidades, cheias de

novas oportunidades, que os vigaristas encontraram terreno fértil para aplicar seus golpes sobre os incautos. Do “bilhete premiado” à “máquina de fazer dinheiro”, a criatividade dos enganadores em aplicar golpes em nosso país desafia o bom senso. Até quando o homem pisou na Lua teve gente dobrando o povo no papo, anunciando a corretagem: “não perca essa chance! Vende-se um terreno na Lua! Na minha mão é mais barato!” Seria cômico, se não fosse trágico. É fato contado e documentado. Os folhetins do século passado registraram os feitos em manchetes, como aqueles datados de julho de 1969 que, enquanto a Apollo 11 tocava o solo lunar, um sergipano chegou a fechar negócio com dois fazendeiros de Minas Gerais, que ficaram animados com a possibilidade de ter a posse de ótimos logradouros vizinhos a São Jorge. Olhai por nós, oh Pai!

E por falar no Gerente Celeste, nessa jornada é preciso ter fé. E como tem gente fazendo uso da boa-fé do brasileiro. O papel do interlocutor com o Divino profissionalizou-se, capitalizou-se e burocratizou-se. Tá cheio de esperto, se dizendo santo, cobrando taxa e sobretaxa por um lugar no céu: verdadeiros lobos em pele de cordeiro. O milagre tem seu preço! No mercado da fé, ganha mais quem vender mais promessas. O povo, coitado, sofrido e sem opção, é isca fácil para aqueles que fazem de ofício a oração. “Trago a pessoa amada em três dias!” Mas não seja por isso: “Ele” está vendo tudo com atenção. Um dia a Casa Celeste cai!

No Brasil, a malandragem é institucional, carimbada, registrada e homologada em 10 vias no cartório. Este rincão não é para amadores: de dois em dois anos o povo tem que escolher a melhor promessa. Toda vez a esperança se renova, até a primeira curva torta: depois de eleito, o malandro deixa o povo à deriva. Pelo voto, se vende as maiores ilusões. E como sabem contar histórias esses candidatos a “malandro oficial”. Antes de ter seu voto, prometem mundos e fundos; depois de eleitos, cada um vai cuidar dos seus próprios interesses. Já o povo, por sua vez, insiste em trocar seu voto por dentadura.

Ligações perigosas, linhas cruzadas, grampo e delação: é cada um por si e “Deus acima de tudo”! Ex-governadores fazem fila em Bangu. Em meio a regalias que só o dinheiro e o poder podem comprar, a São Clemente chama o “VAR”: dá uma pausa nessa corrupção! Cartão vermelho pra falta de vergonha do vigarista!

Passa o tempo, mas não passa a vigarice do malandro. Ele se adapta, se “atualiza”, viraliza, cai na rede. E o povo vai na onda. Compra gato por lebre, perde o sustento suado, é feito de gato e sapato. A modernidade não assusta a malandragem: o vigarista se adapta! Vende inverdades à rodo, sem temer o amanhã. Vende o produto que nunca se viu: “Fake News”! “Fake News”! “Fake News”!

O papo é reto, direto e franco: abra o olho brasileiro. Já dizia o saudoso Bezerra da Silva que “malandro é malandro e mané é mané”. Nesta terra inventada, é certo o desacerto, mas cabe a nós dar um freio. O certo é o certo; fora disso, é alheio.

Jorge Luiz Silveira – Carnavalesco

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Cada escola de samba no Rio de Janeiro possui naturalmente uma identidade. Entendemos por identidade o conjunto de suas narrativas ao longo do tempo, e sua representatividade junto a sua comunidade específica e, também, junto a grande comunidade do samba. Em seus quase 60 anos de história a agremiação da Zona Sul carioca consolidou uma marca através de enredos irreverentes, críticos e divertidos. De maneira natural, a São Clemente foi escrevendo sua história sempre se colocando ao lado do povo, lançando mão de temas que sempre buscaram falar a linguagem da massa. Mais que isso: servindo como espaço dos anseios da população.

Se o desfile das escolas de samba fosse um folhetim, um jornal impresso, e cada agremiação fosse uma “coluna”, certamente a São Clemente seria a charge na capa desse jornal. Está no DNA de sua trajetória enredos que propõem reflexões bem-humoradas sobre nossa história, nossos hábitos e costumes. É por essência, uma escola que brinca seu carnaval fazendo crônicas sobre a vida do Brasil e dos brasileiros, usando a picardia típica de sua alma genuinamente carioca.

Em 2019 demos início a um projeto de resgate dessa identidade, trazendo ao desfile a reedição de um dos enredos mais clássicos de seu repertório: “E o Samba Sambou”. Além de refazer a crítica ao universo do samba que havia sido primeiramente realizado em 1990, o objetivo maior era atualizar sua essência. Voltar ao ponto onde esse discurso ganhou força e mostrar que nos tempos atuais faz-se necessário que cada agremiação abrace sua identidade original pelo bem da cultura carnavalesca. 2020 é, portanto, um desdobramento desse pensamento estratégico, onde o foco do projeto é marcar de maneira ainda mais emblemática a cara da São Clemente: crítica e irreverente.

Diante de um cenário geral brasileiro polarizado, mergulhado em diversas crises de ordem institucional, política, econômica, etc., a preto e amarela assume seu “lugar de fala” no cenário carnavalesco, e leva para avenida uma verdadeira crônica dos desacertos do nosso país: “O Conto do Vigário”. Vamos usar na avenida do melhor bom humor de nossa essência para traduzir em nosso desfile uma crítica divertida a histórica mania de “se dar bem”. Ao colocar holofotes sobre o tema de maneira bem-humorada, acreditamos que chegamos mais facilmente ao coração e a consciência das pessoas que forem tocadas por nossa narrativa.

Os jornais ventilam o tempo todo uma avalanche de escândalos e falcatuas, golpes de todos os gêneros. É antiga a arte de enganar por essas terras, e em tempos de “Fla-Flu” político e laranjas caindo aos montes dos pés, levaremos à Sapucaí uma cômica narrativa da trajetória histórica da vigarice no Brasil. É importante frisar que justamente a imprensa é uma das principais fontes de pesquisa desse projeto. Todas os golpes representados em alas e alegorias foram documentados através do tempo pelo trabalho de gerações de jornalistas; cronistas da vida brasileira. É tudo portanto fato consumado e

documentado ao longo do tempo. Em nosso desfile vamos colocar uma lupa de aumento sobre esses casos, com a lente do humor carioca da São Clemente.

Um dos pontos importantes a serem observados em toda proposta de desfile, é que se trata de uma grande charge aos costumes (é sobretudo um enredo sobre o mau costume brasileiro de levar vantagem sobre a inocência alheia). Jamais uma “ode a vigarice”, mas sim, uma reflexão divertida. Uma forma de abrir os olhos do povo através da alegria implícita no desfile de carnaval.

Nossa narrativa terá 05 setores:

Setor 01 “A Santa, o Burro e os Vigários”: no primeiro setor do desfile apresentaremos o cenário onde começa nossa saga; o tempo histórico onde nasce a expressão “O Conto do Vigário”. A Minas barroca, dourada, das igrejas de Ouro Preto.

Setor 02 “Vigarice Histórica”: na sequência do segundo setor apresentaremos uma breve passagem do tempo, destacando importantes episódios relacionados ao tema, desde o período colonial até o século XX. Levaremos para avenida nesta parte Contos do Vigário documentados pelos livros de história e folhetins de cada época, marcando a origem histórica dos golpes no Brasil.

Setor 03 “Santa Vigarice”: neste setor mostraremos diferentes exemplos de uso da boa fé dos brasileiros pelos ditos “homens de fé”. Do templo ao terreiro, a enganação é democrática!

Setor 04 “Vigarista Oficial”: a política se apresenta como um campo farto para aplicação de golpes de todo tipo. Nesse setor vamos destacar algumas das práticas mais comuns que a classe política desenvolve na busca de aplicar truques no povo.

Setor 05 “ A Moderna Vigarice” : por fim, um panorama do vigarista moderno, atualizado, ligado as novas tecnologias. O tempo passou e os golpistas se adaptaram às novas linguagens do nosso tempo.

Destaca-se também que a narrativa visual apresentada foi toda pensada pela ótica de uma charge cartunesca. Que as cores e formas dialogam com o aspecto “cartoon”, do desenho exagerado, do pincel de cores fortes e acentuadas. Esculturas, fantasias e alegorias obedecem a essa narrativa visual, que vai de encontro a leitura de uma grande narrativa visual de humor. A busca pela fácil leitura das formas é um compromisso desde trabalho, de forma que o público assista na passarela e encontre ressonância com o samba cantado e a narrativa como um todo.

Ao soar a sirene entremos na Sapucaí certos da importância que é para o carnaval carioca que cada agremiação cultue sua identidade. Buscaremos fazer nossa parte, contribuindo para diversidade de linguagens que compõem o grande espetáculo da cultura popular do samba carioca. E como é maravilhoso observar a pluralidade de linguagens da nossa maior festa!

ROTEIRO DO DESFILE

**Comissão de Frente
“O CONTO DO VIGÁRIO”**

**Elemento Alegórico da Comissão de Frente
“PILAR OU CONCEIÇÃO?”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Fabrício Pires e Gioavana Justo
“A SANTA E O VIGÁRIO”**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
“O OURO DOS ALTARES”**

**Ala 01 – Comunidade
“ROMEIROS”**

**Destaque de Chão
Letícia Guimarães
“EXPLENDOR BARROCO”**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
“A SANTA, O BURRO E OS VIGÁRIOS”**

**Ala 02 – Comunidade
“SANTO DO PAU OCO”**

**Ala 03 – Comunidade
“DOM JOÃO DEU A VOLTA EM
NAPOLEÃO”**

**Ala 04 – Comunidade
“O MINEIRO E O BONDE”**

**Ala 05 – Comunidade
“LOTE FUNERÁRIO”**

Ala 06 – Comunidade
“BILHETE PREMIADO”

Ala 07 – Comunidade
“GUITARRA: A MÁQUINA DE FAZER
DINHEIRO”

Alegoria 02
“VENDE-SE UM TERRENO NA LUA”

Ala 08 – Comunidade
“GARRAFADA MILAGROSA”

Ala 09 – Comunidade
“ENCOSTO”

Ala 10 – Baianas
“TRAGO A PESSOA AMADA
EM TRÊS DIAS”

Ala 11 – Juvenil
“COMO SERÁ O AMANHÃ?”

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcelo Tchetchelo e Bárbara Falcão
“O MERCADO DA FÉ”

Ala 12 – Passistas
“LOBO EM PELE DE CORDEIRO”

Destaque de Chão
Bruna Almeida
“O PECADO”

Alegoria 03
“VENDE-SE UM PEDACINHO DO CÉU”

Ala 13 – Comunidade
“CAÇADOR DE MARAJÁS”

Ala 14 – Comunidade
“SEU VOTO POR DENTADURA”

Rainha de Bateria
Raphaela Gomes
“POLÍCIA FEDERAL”

Ala 15 – Bateria
“LARANJAS”

Ala 16 – Comunidade
“FICHA LIMPA”

Ala 17 – Comunidade
“CAIXA 2”

Ala 18 – Comunidade
“FÉRIAS EM BANGU”

Destaque de Chão
Duda Almeida
“171”

Alegoria 04
“MALANDRO OFICIAL”

Ala 19 – Comunidade
“EM BUSCA DA ETERNA JUVENTUDE”

Ala 20 – Comunidade
“EXPECTATIVA E REALIDADE”

Ala 21 – Comunidade
“COMBUSTÍVEL PIRATA”

Ala 22 – Comunidade
“LA GARANTIA SOY YO”

Ala 23 – Comunidade
“DEU MATCH”

Ala 24 – Comunidade
“CAVALO DE TRÓIA”

Alegoria 05
“A FÁBRICA DE FAKE NEWS”

Ala 25 – Comunidade
“A GRÁVIDA DE TAUBATÉ”

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Elemento Alegórico da Comissão de Frente</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>A imagem ao lado é uma representação do elemento cenográfico utilizado pela comissão de frente. Ele apresenta uma composição de parte das duas fachadas das igrejas mencionadas na sinopse (Pilar e Conceição). A parte posterior do elemento representa a cenografia interna da igreja. Um pequeno altar, colunas torsas, confessionários: esses símbolos sintetizam a arquitetura colonial religiosa.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“A SANTA, O BURRO E OS VIGÁRIOS”</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>“Nossa história começa cercada pelas Minas Gerais. Na Minas dourada, barroca, ao som de sinos nas torres de igrejas e carroças rangendo pelas vielas e ladeiras - lá pelos idos do século XVIII, mais precisamente na rica Ouro Preto. Uma terra de tanta fartura mineral que despertou a atenção de pessoas dispostas a desfrutar de tamanha prosperidade sem muito esforço. Mas digo que o ponto inicial de nossa saga não começa com a cobiça pelo ouro. Nosso marco inicial é pitoresco e envolve os personagens mais improváveis: uma santa, um burro e um vigário.”</p> <p>O trecho acima da sinopse do enredo apresenta o cenário onde nossa trama começa: a histórica cidade de Ouro Preto, das magníficas igrejas do período áureo do barroco colonial. Nosso carro abre-alas materializa a riqueza do interior dourado das igrejas mineiras. Altares, colunas torsas, a beleza dos órgãos. No primeiro eixo da alegoria temos a figura imponente de um “burrinho”. Diante dele os dois vigários que protagonizam a disputa pela Santa Imagem. O trio de personagens é sintetizado pelo trecho do samba: “o sino toca na capela e anuncia / Nossa Senhora começou a confusão! / Quem vai ficar com a imagem de Maria? / O burro vai tomar a decisão”.</p> <p>No segundo eixo temos uma composição entre trechos da fachada externa e da decoração interna de uma igreja. No alto do carro, a imagem da santa, motivo de toda a disputa narrada no começo do enredo. Mas não se trata de uma igreja barroca tradicional: é uma igreja barroca da São Clemente! Isso significa que os signos estéticos estão seguindo uma identidade irreverente e divertida: marcas históricas da agremiação. A imagem da santa e os anjos são representados de forma cômica, fazendo “caretas”, corroborando com a atmosfera cômica e crítica que o enredo se propõe. A liberdade poética nos permite carnavalizar o tema e dar um tom interpretativo à proposta. O objetivo é que a forma traduza a essência irreverente do enredo. O aspecto “cartunesco” e caricato deverá permear toda leitura visual do conjunto do desfile.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“A SANTA, O BURRO E OS VIGÁRIOS” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Carro 1 – 1º eixo Amanda Gomes – Destaque frontal da alegoria - “Relicário Dourado” A joia adorna a visão barroca do altar e convida a adentrar o mágico cenário dourado do nosso Abre-Alas.</p> <p>Edu e Beto Tostes – Personagens centrais - “Os Vigários” Os personagens centrais de nossa história estão representados em uma posição privilegiada da alegoria, hoje o altar é deles. “Nossa Senhora! começou a confusão” para decidir o destino da santa imagem.</p> <p>Yasmim Gomes – Destaque central superior - “O esplendor do Barroco” Yasmim Gomes ganha destaque no alto da alegoria e representa de forma elegante a família Gomes, fundadores da São Clemente e seus baluartes. O ouro adorna a indumentária que nos leva ao passado das grandiosas cavernas de ouro do tempo áureo do barroco mineiro.</p> <p>Sueli Gomes e Cândida Gomes – Semi destaque lateral esquerdo e direito. “Ouro no Altar” Nossas semi-destaques representam o ouro que adorna o altar.</p> <p>Composições femininas - lateral superior – “Anjos” Para que lado o Burrico vai? A bandeira quadriculada será levantada no Pilar ou na Conceição? O resultado logo saberemos. Uma verdadeira corrida se inicia entre as paróquias que tentam decidir o destino do quadrupede, “mas o jogo estava armado, era o conto do vigário”. Os anjos observam essa confusão pra lá de engraçada.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“A SANTA, O BURRO E OS VIGÁRIOS” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Velha Guarda – Lateral inferior – “Romeiros” A cidade em romaria desce as ladeiras íngremes de Ouro Preto para acompanhar o tira-teima, olhos atentos nos passos do burro, os inocentes romeiros carregam a fé em seus olhares e a São Clemente em seus corações “sem medo de acreditar”.</p> <p>Carro 1 - 2º Eixo</p> <p>Composições masculinas – “Santinhos” Os santinhos assistem de camarote a engraçada disputa entre paróquias.</p> <p>Velha guarda – Lateral inferior – “Romeiros” A cidade em romaria desce as ladeiras íngremes de Ouro Preto para acompanhar o tira-teima, olhos atentos nos passos do burro, os inocentes romeiros carregam a fé em seus olhares e a São Clemente em seus corações “sem medo de acreditar”.</p> <p>Composições femininas - lateral superior – “Anjos” Para que lado o Burrico vai? A bandeira quadriculada será levantada no Pilar ou na Conceição? O resultado logo saberemos. Uma verdadeira corrida se inicia entre as paróquias que tentam decidir o destino do quadrupede, “mas o jogo estava armado, era o conto do vigário”. Os anjos observam essa confusão pra lá de engraçada.</p> <p>Personagem – Traseira – “A Santa e o Burro” E lá vai a santinha no lombo do burro, carregando a fé do povo e a vigarice do homem.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>“VENDE-SE UM TERRENO NA LUA”</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>“...Malandro passando terreno na Lua...” (trecho do samba)</p> <p>A segunda alegoria representa um dos contos do vigário mais clássicos já documentados no interior do Brasil. Como diz o trecho da sinopse: “Até quando o homem pisou na Lua teve gente dobrando o povo no papo, anunciando a corretagem: “não perca essa chance! Vende-se um terreno na Lua! Na minha mão é mais barato!” Seria cômico, se não fosse trágico. É fato contado e documentado. Os folhetins do século passado registraram os feitos em manchetes, como aqueles datados de julho de 1969 que, enquanto a Apollo 11 tocava o solo lunar, um sergipano chegou a fechar negócio com dois fazendeiros de Minas Gerais, que ficaram animados com a possibilidade de ter a posse de ótimos logradouros vizinhos a São Jorge. Olhai por nós, oh Pai!”</p> <p>A alegoria traduz de forma lúdica a imaginação inocente do caipira que sonha com a possibilidade de comprar um terreno na Lua: nave espacial feita de frutas e legumes, foguetes de espiga de milho e um São Jorge tomando conta da propriedade. É uma imagem alegórica do devaneio de um interiorano, que sonha com a possibilidade de cultivar em solo lunar. O aspecto “cartonesco” e irreverente aparece mais uma vez na leitura das formas, reforçando a linguagem humorística do enredo.</p> <p>Rafael Bandeira – Destaque superior – “Vaca espacial”</p> <p>Na terra onde se acredita em tudo a vaca foi para o espaço! O artista premiado Rafael Bandeira vem representando o delírio dos fazendeiros que acreditaram em levar o rebanho para a lua.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>“VENDE-SE UM TERRENO NA LUA” NA LUA” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Marcos Veras – Destaque inferior lateral – “Fazendeiro” O humorista Marcos Veras representa o fazendeiro que acreditou adquirir um belo terreno na lua.</p> <p>Eduardo Sterblitch – Destaque inferior lateral – “O corretor lunar” Mais um humorista para o time da São Clemente. Eduardo Sterblitch representa o vigarista que foi de porta em porta oferecendo um cantinho lunar.</p> <p>Composições Femininas – “Caipira espacial” A inocência do caipira está representada nesta fantasia, esbanjando boa fé os interioranos acreditaram nas mais diversas falcatruas, graças a pureza e inocência que guiava a boa gente dos centros rurais do Brasil.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

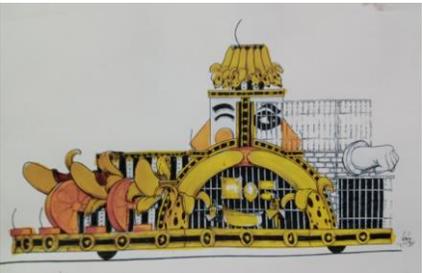
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“VENDE-SE UM PEDACINHO DO CÉU”</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>“Hoje, o vigário de gravata; abençoa a mamata; lobo em pele de cordeiro”...(trecho do samba). A terceira alegoria faz uma crítica irreverente ao universo dos falsos pastores, falsos profetas da palavra de Deus e das igrejas que monopolizam em seu discurso o acesso ao Reino dos Céus.</p> <p>“E por falar no Gerente Celeste, nessa jornada é preciso ter fé. E como tem gente fazendo uso da boa-fé do brasileiro. O papel do interlocutor com o Divino profissionalizou-se, capitalizou-se e burocratizou-se. Tá cheio de esperto, se dizendo santo, cobrando taxa e sobretaxa por um lugar no céu: verdadeiros lobos em pele de cordeiro. O milagre tem seu preço! No mercado da fé, ganha mais quem vender mais promessas. O povo, coitado, sofrido e sem opção, é isca fácil para aqueles que fazem de ofício a oração.”</p> <p>O trecho acima da sinopse sintetiza o sentido da alegoria. Na frente temos a figura de um “lobo em pele de cordeiro”, que representa o falso religioso, que oculta suas intenções financeira por detrás da capa de homem santo para enganar o povo. Nas laterais do carro temos a fachada envidraçada de um templo e seus cofres, onde se guarda a fortuna do dízimo dos fiéis.</p> <p>Na parte superior da alegoria temos os portões de acesso ao céu. No centro, uma maquete de um conjunto de apartamentos no céu, vendidos pelos pastores. É uma crítica ao procedimento de lotear o Reino Celeste e vender um espaço para os pobres fiéis em troca do donativo. “Fogueiras santas” completam o cenário de clamor religioso. Ao fundo, cartazes com as promessas vendidas ao povo.</p> <p>Paulo Dalagnoli – Destaque inferior frontal – “O lobo” Aqui os lobos em pele de cordeiro revelam seu lado mais feroz, a intenção é expor as verdadeiras personalidades por trás dos homens que dizem viver em nome da fé, mas na verdade só pensam neles mesmos.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“VENDE-SE UM PEDACINHO DO CÉU” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Welder Rodrigues – Destaque Superior frontal – “O pastor” O Humorista Welder Rodrigues traz para a avenida todos os trejeitos exagerados da hora do culto, um misto de ataque epilético com o que há de mais novo na dramaturgia dos cultos pentecostais, quanto mais você se debate, mas verossímil aparenta ser. Vale tudo para convencer o rebanho cheio de “ovelhinhas” dispostas a pagar os dízimos exorbitantes por um espaço no céu. O pastor encarna uma espécie de porteiro celestial. “Ou dá ou desce!”</p> <p>Johnathan Avelino – Destaque superior traseiro – “O diabo” O personagem mais presente nas famosas “sessões de descarrego” é o diabo, ele sempre aparece pra reivindicar a alma dos incautos. Claro que tudo não passa de uma encenação para impressionar os fiéis.</p> <p>Composições Masculinas - “Pastores” Na linha de frente das grandes “corporações” religiosas está o pastor que é ensinado a enganar os fiéis.</p> <p>Composições Femininas – “A redenção divina” Você também pode comprar seu lugar no céu, procure nossos corretores celestiais e adquira seu cantinho no outro plano. E claro, não esqueça de pagar as parcelas com o seu dízimo, a redenção divina custa caro.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“MALANDRO OFICIAL”</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>“No Brasil, a malandragem é institucional, carimbada, registrada e homologada em 10 vias no cartório. Este rincão não é para amadores: de dois em dois anos o povo tem que escolher a melhor promessa. Toda vez a esperança se renova, até a primeira curva torta: depois de eleito, o malandro deixa o povo à deriva. Pelo voto, se vende as maiores ilusões. E como sabem contar histórias esses candidatos a “malandro oficial”. Antes de ter seu voto, prometem mundos e fundos; depois de eleitos, cada um vai cuidar dos seus próprios interesses”. O trecho acima da sinopse sintetiza a essência da crítica política da alegoria. A composição é dividida em dois cenários principais: A composição representa o imaginário de um presídio na verdadeira “República dos Bananas” que é o Brasil. Na parte da frente temos a figura de um político. Aos seus pés, a representação do povo enganado. A traseira do carro mostra o presídio de Bangu: destino de várias autoridades condenadas por corrupção no Rio de Janeiro. Nos últimos anos pelo menos 4 ex-governadores passaram uma temporada rápida ou permanecem nas instalações do complexo. Mas ao contrário do que se imagina de um ambiente de detenção, as celas abrigam uma festa com regalias e privilégios que o só o dinheiro e o poder podem comprar dentro da cadeia. Nas laterais, a cela especial do chefe da quadrilha, envolto de luxo e requinte. ...” Tem marajá puxando férias em Bangu” ... (trecho do samba). Telefonemas escusos, delações, um jogando a culpa no outro. Para dar uma “pausa” nessa zorra com o dinheiro público, a São Clemente chama o “VAR” do futebol e passa à limpo essa situação. ...” chamou o VAR, tá grampeado, vazou, deu sururu” ... (trecho do samba).</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“MALANDRO OFICIAL” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Mateus Solano – Destaque frontal inferior – “Laranja” - O ator Mateus Solano vem representando um personagem muito conhecido, mas sempre anônimo. O laranja é usado para as mais diversas falcaturas políticas, ele serve como bode expiatório e seu nome é usado para receber dinheiro, empresas de fachada, e até candidaturas fakes. Ele é uma das peças usadas para esconder os verdadeiros corruptos da história. Alguns resolvem abrir o bico e delatar seus mandantes, outros aproveitam o momento e entram no jogo sujo. “Tem laranja, na minha mão uma é três e três é dez!”</p> <p>Marcelo Adnet – Destaque superior frontal – “O Político” - Toda eleição surgem candidatos prontos à resolver os problemas. Vendem a solução para todas as mazelas sociais, e na primeira oportunidade, traem a população.</p> <p>Verônica Debom – Destaque superior frontal – “A Dama” – Ao lado do candidato perfeito, sempre está a sua esposa perfeita.</p> <p>Paulo Vieira e Wilson Neto (Ex Rei Momo) – Destaques laterais – “O Redescobridor” O “redescobridor” das maracutaias a nível estadual é o personagem com os maiores privilégios do presídio de Bangu. Eles encarnam o personagem que mesmo depois de participar das “tramoias” que quebraram o estado, passa dias confortáveis em sua cela mais que especial. Achou que ele pagaria por tudo de forma rigorosa? Achou errado!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“MALANDRO OFICIAL” (Continuação)</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Edmilson Cabral – Destaque superior – “O Super Juiz” - Personagens “imaculados” ganham força em meio ao desespero populacional, daí aparecem bonecos infláveis em homenagem a estes personagens que prometem combater a corrupção custe o que custar, o povo, claro, acredita que está presente de um super-herói, que com sua toga americanizada defendera a soberania nacional. Uma grande farsa que termina com o suposto herói em um cargo público, recebendo o dinheiro tão suado do trabalhador.</p> <p>Paulo Cezar Cajú – Destaque traseiro – “Juiz do Var” - Tá grampeado ou não tá? Vazou? Deu sururu? O grande Paulo Cezar Cajú tá aí para desmascarar os vigários da política brasileira com a expressão que caiu na boca do povo, “Chama o VAR” para conferir se foi tramoia ou não foi!</p> <p>Composições Femininas – “Laranjetes” -Prontas para preencher as vagas que faltam do partido dos laranjas, as “Laranjetes” nunca falham. Mas todo cuidado é pouco, se elas saírem do partido, se transformam em grandes inimigas do patrão. Pode isso?</p> <p>Composições – Bananas – “O Gado” Quem se cega diante das atitudes incorretas do candidato que elegeu é por muitas vezes chamado de “gado”.</p> <p>Composições – Prisão – “Presidiários VIP’S” Há quem diga que o crime não compensa, mas a grande realidade é que dependendo do seu status na sociedade o crime acaba compensando sim, e poucos desfrutam de celas tão “badaladas”, como os “VIP’S” do presídio de Bangu.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“A FÁBRICA DE FAKE NEWS”</p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>“Passa o tempo, mas não passa a vigarice do malandro. Ele se adapta, se “atualiza”, viraliza, cai na rede. E o povo vai na onda. Compra gato por lebre, perde o sustento suado, é feito de gato e sapato. A modernidade não assusta a malandragem: o vigarista se adapta! Vende inverdades à rodo, sem temer o amanhã. Vende o produto que nunca se viu: “Fake News”! “Fake News”! “Fake News”!”</p> <p>No trecho acima abordamos a capacidade da vigarice se adaptar aos tempos modernos e as mídias digitais. Esse é o tema do último carro do desfile: uma máquina de propagação de mentiras.</p> <p>Na lateral temos um aparelho de celular que mostra a propagação de Fake News nas redes sociais. Engrenagens materializam a ideia de uma grande máquina propagando as notícias falsas sem parar. Na parte superior o motor da fábrica. Na frente a figura de um Pinóquio articulado: símbolo da mentira. A composição representa a propagação de mentiras nas plataformas virtuais como instrumento para influenciar as decisões políticas das massas.</p> <p>“Brasil, compartilhou, viralizou nem viu! E o país inteiro assim sambou, “caiu na fake News” ... (trecho do samba)</p> <p>Na parte traseira, no alto da estrutura, uma gaiola traz a figura de um vigário aprisionado: é a mensagem final de que temos que ter esperança de que a malandragem não triunfará. “Meu povo chegou; a maré vai virar; na ginga pra frente, lá vem São Clemente; sem medo de acreditar” ... (trecho do samba).</p> <p>Operários – composições masculinas - a grande máquina de “Fake News” opera sem parar nas redes sociais. Verdadeiras “milícias digitais”, abastecem as redes o tempo todo com mentiras. Verdadeiros operários dessa grande engrenagem, cujo objetivo é propagar as inverdades.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Yasmim Gomes (Abre-Alas) - Fantasia: “Relicário Dourado”	Analista Administrativa
Sueli Gomes (Abre-Alas) - Fantasia: “Ouro no Altar”	Empresária
Cândida Gomes (Abre-Alas) - Fantasia: “Ouro no Altar”	Empresária
Amanda Gomes (Abre-Alas) - Fantasia: “Relicário Dourado”	Advogada
Edu e Beto Tostes (Abre-Alas) - Fantasia: “Vigários”	Empresários
Rafael Bandeira (Alegoria 02) - Fantasia: “Vaca Espacial”	Artista Performático
Paulo Dalagnoli (Alegoria 03) - Fantasia: “O Lobo”	Ator
Welder Rodrigues (Alegoria 03) - Fantasia: “O Pastor”	Ator e Humorista
Johnathan Avelino (Alegoria 03) - Fantasia: “O Diabo”	Modelo
Mateus Solano (Alegoria 04) - Fantasia: “Laranja”	Ator
Marcelo Adnet (Alegoria 04) - Fantasia: “O Candidato”	Ator e Humorista
Verônica Debom (Alegoria 04) - Fantasia: “1ª Dama”	Atriz
Local do Barracão	
Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Roberto Almeida Gomes	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
João da Silva	Futica
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Ronildo	Rafael Vieira
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Sidnei	José
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Tiago Martins	- Direção Artística
Ricardo Soares Siqueira	- Assistente do Carnavalesco

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	O Ouro dos Altares 	Os guardiões do primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira representam o brilho reluzente dos ostensórios nos altares.	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira	Direção de Carnaval
01	“Romeiros”  	Nossa viagem pela história da vigarice no Brasil começa na Minas Gerais barroca do período colonial. Pelas ruas da rica Ouro Preto romeiros carregam sua fé e suas tradições. Em romaria, o povo caminha junto com suas crenças como num cortejo até os altares dourados. Em seu coração a pureza da fé e a inocência: prato cheio para a esperteza. (A ala é composta por dois figurinos).	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Explendor Barroco”</p> 	<p>O brilho suntuoso do ouro nos altares barrocos.</p>	<p>Destaque de Chão Letícia Guimarães</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
02	<p>“Santo do Pau Oco”</p> 	<p>Desde o período colonial a malandragem se fazia presente por essas terras. Uma das artimanhas mais antigas era a corruptela de esconder valores no interior oco de estatuetas de santos. Joias, ouro, pedras preciosas eram transportados para longe dentro dos santinhos. O hábito popularizou a expressão “santo do pau oco”, que persiste até os dias de hoje como sinônimo de falsidade.</p>	<p>Comunidade (1962)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	“Dom João deu a Volta em Napoleão” 	<p>Nosso ilustre monarca, Dom João VI, entrou para os anais da história como um dos poucos homens a conseguir enganar a astúcia do poderoso Napoleão Bonaparte. Ao fugir para sua colônia brasileira em 1808, nosso ilustre mandatário escapou da invasão das tropas francesas em Portugal. Com seu “jeitinho português”, Dom João “deu uma volta em Napoleão, fez da colônia dos malandros capital; trambique, patrimônio nacional”. Esse episódio lhe deu o pitoresco apelido de “Dom Rei Fujão”; fato que mostra que no Brasil o exemplo vem de cima.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
04	“O Mineiro e o Bonde” 	<p>Com os movimentos migratórios do homem do campo para os primeiros centros urbanos, um novo cenário chamou a atenção da vigarice. Em busca de uma vida melhor e mais oportunidades, muitas pessoas saíam dos recantos mais longínquos do país até as maiores aglomerações urbanas, levando consigo sua esperança, seus valores e sua inocência interiorana. Pois esses ingredientes se tornaram um prato cheio para os espertos, prontos a aplicarem golpes nos caipiras. Uma das artimanhas mais comuns era os golpistas das cidades venderem bens públicos para essas pessoas, como se fosse possível fazê-lo. Um dos casos mais clássicos é do mineiro, que encantado pela “belezura” de um bonde, entrega suas economias nas mãos de um malandro que jura vender o transporte para ele.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>“Lote Funerário”</p> 	<p>Assim como o golpe do bonde, outra prática comum era a venda de terrenos em cemitérios públicos para os vindos do interior. Uma vez chegando nas cidades, o homem do campo buscava um espaço para se instalar, um terreno para erguer seu teto. Os espertos enxergavam nisso uma oportunidade de aprontar mais uma das suas: vendiam os lotes vazios dos cemitérios públicos como se fossem áreas para construção de casas.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
06	<p>“Bilhete Premiado”</p> 	<p>Com o surgimento das loterias, surge também uma enxurrada de novos golpes. Os vigaristas enxergaram na esperança do povo em ganhar uma bolada a chance de faturar com a aposta alheia. A prática de falsificar o bilhete premiado foi se sofisticando tanto ao longo do tempo que a cada ano exigia mais das autoridades aperfeiçoar seus sistemas de jogos. Com a posse de uma cartela falsa, o esperto tenta retirar o prêmio na casa de apostas e colocar as mãos no dinheiro. Outra modalidade comum é a tentativa de vender o suposto bilhete premiado por uma quantia gorda, com a desculpa de que o vencedor não pode recolher o prêmio por algum motivo.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>“Guitarra: A Máquina de Fazer Dinheiro”</p> 	<p>Esse era um golpe que exigia conhecimentos mais sofisticados. O vigarista criava uma engenhoca maravilhosa, cheia de parafusos, manivelas e medidores e anunciava ter criado uma máquina capaz de fabricar dinheiro em casa. Com sua astúcia, o golpista escondia algumas poucas notas verdadeiras dentro da máquina. Ao apresentar a traquitana ao potencial cliente, ele girava as manivelas e fazia sair o dinheiro verdadeiro.</p> <p>Depois desse feito maravilhoso era impossível resistir ao desejo de comprar a máquina e enriquecer sem muito esforço. Malandramente o golpista pegava o dinheiro e recomendava que o novo proprietário deixasse o equipamento descansar algumas horas antes de reiniciar o processo. Era o tempo suficiente para escapar com o dinheiro do otário.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>“Garrafada Milagrosa”</p> 	<p>A fé é um prato cheio para as pessoas de má fé. É da tradição do brasileiro depositar sua esperança em tudo aquilo que, mesmo de maneira inexplicável, possa trazer alívio e solução as suas mazelas. Não é difícil encontrar alguém que conheça uma erva milagrosa que cure aquele mal que nos aflige. Nas feiras populares se encontra todo tipo de garrafada mágica que é “tiro e queda” para aquela dor ou mal olhado, “levanta o defunto”, resolve a “espinhela caída” e tira a “zique-zira”.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
09	<p>“Encosto”</p> 	<p>O encosto se tornou a moeda de troca de inúmeras crenças. “Desemprego, depressão, doença, é tudo obra do encosto!” ... a partir dessa lógica, muita gente fatura muito em cima da boa fé do brasileiro. É tudo obra do espírito opressor! Deposite seu dízimo pra se livrar dessa maldição! Pague pela oferenda que a sua barra vai ficar limpa.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas) Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>“Trago a Pessoa Amada em Três Dias”</p> 	<p>Nossas mães baianas encarnam de maneira irreverente a figura da mãe de santo moderna, que traz seu amor perdido em três dias. Só anotar o número do “cal center” nos muros da cidade em marcar a hora no terreiro. Vamos amarrar seu amor: basta contribuir com o valor...</p>	Baianas (1962)	Direção de Carnaval
11	<p>“Como Será o Amanhã?”</p> 	<p>O desejo de saber como será o futuro se torna um prato cheio para a malandragem. Na palma da mão se lê a sorte, na bola de cristal o futuro. Tem muita gente por ai de olho em fazer fortuna, usando da boa fé do povo. (Essa ala tem dois figurinos – masculino e feminino)</p>	Juvenil (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>“Lobo em Pele de Cordeiro”</p> 	<p>Em nome de Deus se movem montanhas... de dinheiro!!! Vemos hoje uma verdadeira profusão de interlocutores do Senhor. Para se chegar ao Pai, cada um inventa um “pedágio” diferente. “Homens de bem”, que pregam a humildade de dentro de seu terno italiano, carro importado e templos feitos com piso vindo de Israel. Verdadeiros corretores do Senhor, negociando seu terreno no céu. Vendem uma falsa moral, onde “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. “Hoje o vigário de gravata, abençoa a mamata, lobo em pele de cordeiro”. (Essa ala tem dois figurinos – masculino e feminino)</p>	<p>Passistas (1962)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p>“O Pecado”</p> 	<p>O pecado é o objeto de controle social que os falsos religiosos impõem para controle dos fiéis.</p>	<p>Destaque de Chão Bruna Almeida</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>“Caçador de Marajás”</p> 	<p>O cenário político brasileiro está cheio de candidatos a justiceiro. Na época da eleição eles aparecem prometendo ser diferentes dos demais. Prometem acabar com os privilégios das classes dominantes e caçar os marajás. Passada a eleição a realidade se faz presente. Aquele que prometia limpar a casa é mais um nos esquemas de corrupção.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
14	<p>“Seu Voto por Dentadura”</p> 	<p>O povo também tem sua parcela de culpa no processo de deterioração da política brasileira. Por um benefício pessoal, vendem seu voto sem pestanejar. Troca-se o voto por dentadura, por um saco de cimento, por uma cesta básica. Pois o mesmo candidato que compra seu voto antes da eleição é o primeiro a vender depois de eleito.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
*	<p>“Polícia Federal”</p> 	<p>Raphaela Gomes - Nossa querida rainha encarna a figura da lei! Sua missão é colocar ordem na casa e prender o laranjal da corrupção brasileira! Com firmeza e swingue, prender também a atenção do povo no desfile da São Clemente!</p>	Rainha de Bateria	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>“Laranjas”</p> 	<p>Diz o dicionário: “aquele que participa de um ato de contravenção (por vontade própria ou sem saber) fornecendo seus dados pessoais ou procedimentos ilícitos”. A São Clemente diz: “na minha mão uma é três e três é dez!”. Nossa Fiel Bateria encarna o grande laranjal da política nacional.</p>	<p>Bateria (1962)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
16	<p>“Ficha Limpa”</p> 	<p>Na época da eleição todo candidato apresenta a sua imagem como sendo puro e imaculado. Cada um vende seu peixe como sendo a solução dos problemas e de reputação ilibada; um verdadeiro “ficha limpa”. Mas na maioria das vezes somos surpreendidos por manchas no passado desse colarinho nem tão branco assim. Temos a sensação de que quanto mais procurarmos, mais sujeira encontraremos na ficha corrida do candidato.</p>	<p>Comunidade (1962)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	“Caixa 2” 	Prática antiga no cenário político brasileiro, o caixa 2 consiste naquela verba não declarada, muitas vezes de fonte ilícita, para benefícios eleitoreiros. Partidos deixam de prestar contas das doações de campanha realizadas. Muitas vezes é a propina que financia os interesses relacionados ao poder público. É o clássico “se quiser rir, tem que me fazer rir primeiro”.	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
18	“Férias em Bangu” 	“Tem marajá puxando férias em Bangu”! Como diz a letra de nosso samba, os poderosos presos não deixam de ter acesso as mais variadas regalias no cárcere: ar condicionado, tv à cabo, drinks e tudo mais que o dinheiro pode comprar. Parece que estão numa verdadeira colônia de férias, desfrutando da proteção do estado e subvertendo a justiça com seu poder.	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
*	“171” 	“Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento” – Art . 171 do Código Penal.	Destaque de Chão Duda Almeida	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>“Em Busca da Eterna Juventude”</p> 	<p>A modernidade vende a ilusão de que a verdadeira saúde é o corpo magro. Em nome das medidas perfeitas vale qualquer parada! Na farmácia se encontra de um tudo para ajudar a se encaixar na silhueta da moda. É shake milagroso, pílula de encolher barriga, comprimido da juventude; uma fatura de químicas milagrosas que prometem numa cápsula a beleza perfeita.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
20	<p>“Expectativa e Realidade”</p> 	<p>Quem nunca comprou gato por lebre? No mundo moderno a imagem vende qualquer coisa! Quantas vezes não somos iludidos por uma bela propaganda ou uma embalagem fantástica? Quase sempre o conteúdo não corresponde 100% a promessa do fabricante. É nesse momento que constatamos que fomos enrolados, e nem toda expectativa corresponde à realidade.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	“Combustível Pirata” 	<p>Onde quer que haja uma oportunidade, o malandro inventa uma forma de levar vantagem em cima da boa-fé do brasileiro. Muitas vezes o pobre trabalhador consegue com muito esforço comprar seu carrinho para um melhor conforto da família. Quando ele menos espera, o “possante” o deixa na mão: é a gasolina batizada, misturada com a malandragem de um vigarista.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
22	“La Garantia Soy Yo” 	<p>É o relógio da moda, o perfume mais chique, o celular de última geração: “na minha mão é mais barato freguesa”! É tudo importado, “made in Paraguai”, sem nota ou garantia de qualidade. Se der defeito, é por sua conta e risco! Não aceitamos troca ou devolução. “La garantia soy yo, só trabalho com dinheiro”.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
23	“Deu Match” 	<p>“...Balança na “rede”, abre a “janela”, aperta o “coração”. O filtro é fantasia da beleza, na virtual roleta da desilusão”. Nas redes sociais é possível vender sua imagem da forma que você quiser. Nos modernos aplicativos de paquera, sempre desconfie da foto do perfil... nem sempre a foto corresponde à realidade dos fatos.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jorge Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>“Cavalo de Tróia”</p> 	<p>“Clique no link abaixo e concorra a uma viagem fantástica!”; “Você é nosso milésimo cliente! Clique aqui receba muitas vantagens!”; “aumente seu pênis”! ...Quando a esmola é demais, o santo tem que desconfiar! Na empolgação de uma super vantagem, você clica no site, abre o e-mail, e já era: seu computador já foi invadido pelos vírus, devastaram suas finanças e deixaram dor de cabeça e terra arrasada. Os golpes cibernéticos invadem sua vida digital como um “Cavalo de Tróia” e levam tudo que puderem.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval
25	<p>“A Grávida de Taubaté”</p> 	<p>Uma das personagens mais emblemáticas dos programas de fofoca das tardes brasileiras, essa jovem deu o que falar. Ela ficou nacionalmente conhecida por apresentar uma gigantesca barriga, grávida de quatro crianças. A situação repercutiu nos palcos dos programas e comoveu milhares de pessoas em rede nacional. Rapidamente surgiram doações de enxovais de pessoas generosas de todos os cantos do país. Mas não passava de um gigantesco “conto do vigário”. A “supermãe” apresentou exames de uma outra grávida como sendo seus, para dar veracidade a farsa. Por muito tempo ela chamou atenção pelo enorme volume de sua barriga. Mas um dia a farsa foi descoberta e a sua fama se inverteu contra ela mesma.</p>	Comunidade (1962)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Tiago Martins	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Lucas Silva	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Diversos
Adrecista Chefe de Equipe Tiago Martins	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Washington
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Almir	- Arame
Anderson e Ana Paula	- Espuma
Ronildo	- Escultura
Futica	- Madeira
Jucelino	- Parintins
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Marcelo Adnet, Carvalho, Gabriel Machado, Pedro Machado, Gustavo Albuquerque, Camilo Jorge, Luiz Carlos França e Raphael Candela		
Presidente da Ala dos Compositores		
Ricardo Góes		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
46 (quarenta e seis)	Toninho Nascimento 73 anos	Thiago Meiners 27 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>O sino toca na capela e anuncia Nossa Senhora começou a confusão Quem vai ficar com a imagem de Maria O burro vai tomar a decisão Mas o jogo estava armado Era o Conto do Vigário Nessa terra fértil de enredo Se aprende desde cedo Todo papo que se planta dá Dom João deu uma volta em Napoleão Fez da colônia dos malandros capital Trambique, patrimônio nacional</p> <p>Tem laranja! “Na minha mão, uma é três e três é dez!” É o bilhete premiado vendido na rua Malandro passando terreno na lua!</p> <p>Hoje, o vigário de gravata Abençoa a mamata Lobo em pele de cordeiro “Trago em três dias seu amor” “La garantía soy yo” “Só trabalho com dinheiro” Chamou o VAR, tá grampeado Vazou, deu sururu Tem marajá puxando férias em Bangu! Balança na rede Abre a janela, aperta o coração O filtro é fantasia da beleza Na virtual roleta da desilusão</p> <p>Brasil, compartilhou, viralizou, nem viu! E o país inteiro assim sambou “Caiu na fake News!”</p> <p>Meu povo chegou, ô, ô! A maré vai virar, laiá! Na ginga, pra frente, lá vem São Clemente Sem medo de acreditar!</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

A partir da popularidade do enredo "O Conto do Vigário", o samba da São Clemente segue a linha crítica, irônica e de fácil leitura que caracteriza tanto a escola quanto o tema abordado.

De início, a linha melódica nostálgica nos leva a Minas Gerais barroca, onde Nossa Senhora começa uma confusão entre duas paróquias que disputam sua imagem. A inocência do golpe aplicado é sustentada por melodia lúdica, de fácil compreensão, que anuncia o conto do vigário e nos alerta: o burro vai tomar a decisão! Semelhanças com a atualidade não são mera coincidência.

Em uma guinada mais lírica, lembramos que essa terra é fértil para causos e enredos e que nossa habilidosa lábia sempre rende frutos, como prenunciado pela carta de Caminha em 1500: "em se plantando tudo dá". Aqui, a melodia desacelera e estica as notas para voltar ao passado e lembrar que até mesmo Dom João deu uma volta em Napoleão ao fugir para o Brasil, fazendo do Rio a capital do trambique nacional. Chega o refrão e a São Clemente canta alto e subverte seu próprio jargão: "olha a cítrica"! Tem laranja! A conta, obviamente, não fecha: "uma é três e três é dez". Seriam as laranjas, vendidas na falsa promoção de quem usa o dribble para sobreviver ou os laranjas que proliferam fazendo milagres contábeis com dinheiro público? A melodia nos traz para a picardia da festa de rua, onde se desenvolvem as malandragens, da venda do falso bilhete premiado e até de terrenos na Lua.

Mas, se até aqui abordamos uma história bem-humorada e leve, avançamos até a atualidade, atestando um lado mais danoso das vigarices. A harmonia acompanha esse pesar e passa ao tom menor ao constatar que hoje tem vigário que usa gravata e abençoa a corrupção, usando a religião para abusar da boa-fé alheia. Vista quem quiser a carapuça de lobo em pele de cordeiro. O charlatanismo virou empreendimento e nos cerca cotidianamente, na promessa de trazer em três dias o amor, na vigarice importada e falsificada através da consagrada expressão "la garantía soy yo" e em quem só recebe em dinheiro para impossibilitar a devolução ou não declarar o lucro.

Mas, já que malandro avançou tanto, entrou em impedimento: "chama o VAR"! A expressão já caiu na boca do povo por causa da tecnologia que desmascara picaretas e suas dissimulações. Tá todo mundo grampeado nesse big brother. E os vazamentos comprometeram até autoridades, algumas em Bangu "puxando férias", conveniente mistura entre puxar pena e passar férias. Poderosos marajás obtêm vantagens até na prisão, onde a população carcerária comum, majoritariamente negra, segue sem as mínimas condições humanitárias.

E eis que a modernidade nos engole sem que percebamos. A melodia finda a fase mais tensa e traz suavidade e malemolência pra nos embalar na rede. Parece gostoso o suave balanço, mas a rede mundial de computadores é uma teia que pode nos enrolar. Quem abre a janela, aba de navegação, e aperta o coração, curtindo uma publicação, pode acabar enganado por filtros, montagens e golpes. Quem nunca "deu match" com a desilusão? A roleta virtual está lançada e nos traz a um momento grave, no qual somos todos usados como ferramenta no mais sofisticado conto do vigário: a disseminação das fake news. A vigarice está institucionalizada!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

A melodia faz referência aos versos clássicos de Aquarela do Brasil e retoma a linha nostálgica do início para propor um desfecho e mostrar em um espelho nossa própria face: compartilhamos e viralizamos a mentira sem perceber. E assim, o país inteiro samba, caindo na engrenagem da calúnia e difamação propositadamente criadas. Estamos perdendo a guerra para a desinformação.

Mas não faria sentido terminar o samba de forma tão melancólica, sem olhar para a frente. Por isso, o refrão principal é um grito de esperança para o futuro próximo. A participação popular, a festa que sobrevive nas frestas - o próprio Carnaval - faz a voz do povo ser ouvida, com direito a eco. A reverberação da primeira frase do refrão é impulsionada pela finalização cromática ascendente. Cromática porque é passo a passo, com paciência e sem perder a fé, que se vira a maré. E ascendente porque a cheia vai trazer tempos melhores. Sabendo disso, a melodia desarma o tom épico e desliza tranquila na serenidade do movimento das marés. Na síncope entre a ginga das águas e do samba, sem perder o horizonte à frente, a São Clemente reencontra sua vocação: escancarar a realidade sem medo e sem perder a ternura. Não podemos nos tornar céticos e amargos como nossos tempos sugerem: acreditar em nossa voz e se permitir sonhar são atos de fé no povo e no Carnaval.

Marcelo Adnet, compositor.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Caliquinho				
Outros Diretores de Bateria Tião Belo, David, João, Bruno, Felipe, Rafael, Gil, Natan, Vanusa e Patrick				
Total de Componentes da Bateria 250 (duzentos e cinquenta) Componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 11	2ª Marcação 11	3ª Marcação 14	Reco-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 95	Tarol 0	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 35
Prato 0	Agogô 0	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
A bateria da São Clemente se diferencia das demais por ser a única entre as escolas de samba do Rio de Janeiro a não usar apito, somente conduzir a regência com gestos.				
Rainha de Bateria: Raphaela Gomes – Universitária – 20 anos				
Gilberto Almeida – Superintendente da bateria				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Marquinho São Clemente

Outros Diretores de Harmonia

Evandro, Claudinho, Jorginho, Marília e André

Total de Componentes da Direção de Harmonia

40 (quarenta) Componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérpretes oficiais: Leozinho Nunes, Bruno Ribas e Grazzi Brasil

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Degão e Rodrigo

Violão – Victor Alves

Outras informações julgadas necessárias

A harmonia da São Clemente tem como objetivo levar a técnica e a alegria para todos os seus componentes, fazendo com que a escola cante e encante a todos com amor, garra e muita vontade de vencer.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Roberto Gomes
Outros Diretores de Evolução Vários
Total de Componentes da Direção de Evolução 20 (vinte)
Principais Passistas Femininos Diana Prado
Principais Passistas Masculinos Felipe Nascimento
Outras informações julgadas necessárias A São Clemente trabalhou intensamente nos ensaios técnicos todas as terças e sábados, buscando aperfeiçoar o samba no pé, a garra e a vibração dos nossos componentes.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Roberto Gomes		
Diretor Geral de Carnaval Thiago Almeida		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Vitinho		
Total de Componentes da Ala das Crianças 60 (sessenta)	Quantidade de Meninas 30 (trinta)	Quantidade de Meninos 30 (trinta)
Responsável pela Ala das Baianas Caetano e Mamusca		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Maria José 83 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Bianca 30 anos
Responsável pela Velha-Guarda Luiza Carvalho		
Total de Componentes da Velha-Guarda 20 (vinte)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Lizete 82 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) José Jorge 65 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Marcos Veras (Ator e Humorista), Eduardo Sterblitch (Ator e Humorista), Paulo Dalagnoli (Ator e Modelo), Welder Rodrigues (Ator e Humorista), Johnathan Avelino (Modelo e Dançarino), Marcelo Adnet (Ator e Humorista), Mateus Solano (Ator), Paulo Vieira (Ator e Humorista), Paulo César Caju (Ex Jogador de Futebol), Paula Braun (Atriz), Rosanne Mulholland (Atriz), Loise D' Tuani (Atriz e Modelo) e Wilson Neto (Rei Momo)		
Outras informações julgadas necessárias Todos os convidados estarão inseridos como personagens do nosso desfile.		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Junior Scapin		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Junior Scapin		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 06 (seis)	Componentes Masculinos 09 (nove)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>A comissão de frente leva como título o mesmo nome do enredo “O Conto do Vigário”. O nome do elemento cenográfico é “Pilar ou Conceição?”</p> <p>“Nossa história começa cercada pelas Minas Gerais. Na Minas dourada, barroca, ao som de sinos nas torres de igrejas e carroças rangendo pelas vielas e ladeiras - lá pelos idos do século XVIII, mais precisamente na rica Ouro Preto. Uma terra de tanta fartura mineral que despertou a atenção de pessoas dispostas a desfrutar de tamanha prosperidade sem muito esforço. Mas digo que o ponto inicial de nossa saga não começa com a cobiça pelo ouro. Nosso marco inicial é pitoresco e envolve os personagens mais improváveis: uma santa, um burro e um vigário.</p> <p>Naquela ocasião, duas igrejas disputavam uma imagem de Nossa Senhora. A animada querela era entre as paróquias do Pilar e da Conceição. Para resolver a questão, um dos dois vigários – o da igreja do Pilar – propôs uma forma no mínimo criativa de solucionar o problema: “Amarrem a santa num burrico. Coloquem-na entre as duas paróquias. Deus guiará o inocente animal até a casa que deverá abrigar a Santa Imagem!”</p> <p>Assim foi feito. Lá vai o burrico pelas ladeiras de Ouro Preto, carregando no lombo a imagem da Mãe de Deus e a fé da boa gente do lugar. No entanto, o povo não contava com a astúcia do vigário: era esperto o santo homem! O pároco que teve a ideia fez a proposta com tudo já planejado, uma vez que já era seu o burro apostado! O bichinho só seguiu o caminho de casa! Muitas outras versões existem para esse caso, mas para nós fica esse como o registro mais válido, já que é por causa disso que toda vez que alguém é por uma boa história enganado, diz a pessoa ter caído no “conto do Vigário”. – Trecho da sinopse.</p> <p>O trabalho da comissão de frente se propõe a encenar de maneira irreverente a empolgante disputa pela imagem da santinha pelas ruas de Ouro Preto. Participam dessa encenação os vigários, o burrinho e a própria santa. O elemento coreográfico usado na apresentação traz em sua fachada as duas igrejas mencionadas em nosso enredo: a igreja do Pilar e a igreja da Conceição. Pelo lado de fora a arte replica a estética das igrejas originais. Na parte interna, veremos a cenografia depredada de uma igreja. Essa forma é uma metáfora da própria psiquê do vigarista: por fora, a aparência sedutora, pronta a aplicar um golpe; por dentro, o verdadeiro caráter corrompido do enganador. Simbolicamente, o elemento traduz a síntese da alma do vigarista.</p> <p>Na encenação veremos o duelo entre os vigários e a personificação de suas personalidades: o bem e o mal tomam forma e disputam a imagem da santinha. Quem ficará com ela no final?</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias



A imagem é uma representação do elemento cenográfico utilizado pela comissão de frente. Ele apresenta uma composição de parte das duas fachadas das igrejas mencionadas na sinopse (Pilar e Conceição). A parte posterior do elemento representa a cenografia interna da igreja. Um pequeno altar, colunas torsas, confessionários: esses símbolos sintetizam a arquitetura colonial religiosa.

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Fabrício Pires	Idade 37 anos
1ª Porta-Bandeira Giovana Justo	Idade 45 anos
2º Mestre-Sala Marcelo Tchetchelo	Idade 46 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Falcão	Idade 25 anos

Outras informações julgadas necessárias

O primeiro casal representa o dueto “A Santa e o Vigário”. Eles compõem o par de personagens que inicia a trama do nosso enredo. O religioso que tudo faz para ter consigo a Sagrada Imagem que deverá encontrar abrigo em sua paróquia. O traje do mestre-sala foi elaborado de forma a estilizar a indumentária de um Vigário. O traje da porta-bandeira remete a nobreza da imagem sacra. Sua saia traz a forma de um ostensório. O ouro predomina no conjunto, remetendo ao esplendor da arte dos altares das igrejas mineiras. O vermelho remete a dramaticidade, implícita ao estilo barroco tradicional. A proposta procura conjugar a leveza característica dos trajes mais contemporâneos de casal de mestre-sala e porta-bandeira com a nobreza e riqueza estética do barroco.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Os guardiões do primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira representam o brilho reluzente dos ostensórios nos altares.



O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira é intitulado “O Mercado da Fé”. O traje deles remete a predominância do dinheiro em meio as relações religiosas de algumas denominações. Por meio do dízimo se vende a prometida salvação, a libertação dos pecados e o paraíso. Compra-se a boa fé do povo, vede-se a ilusão. Somente doando seu suado dinheiro que o inocente é levado a crer na paz espiritual. Nessa negociação, o perdão vira mercadoria e toda benção tem seu preço.



G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL



**PRESIDENTE
FERNANDO FERNANDES**

*“Gigante Pela Própria Natureza:
Jaçanã e um Índio Chamado Brasil”*



Carnavalesco
EDSON PEREIRA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
<i>“Gigante pela própria natureza: Jaçanã e um Índio chamado Brasil”</i>					
Carnavalesco					
Edson Pereira					
Autor(es) do Enredo					
Edson Pereira					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Edson Pereira, Prof. Dr. Clark Mangabeira e Prof. Ms. Victor Marques					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Edson Pereira e Flávio Magalhães					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho	Senra, Nelson de Castro (org.)	IBGE	2010	Todas
02	Evidências arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no Leste de Amazônia	Almeida e Neves	Mana	2015	499-525
03	The Amazon Languages	R. M. W. Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald	Cambridge University Press	1999	Todas
04	Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana?	Neves, Walter Alves; Bernardo, Danilo Vicensotto; Okumura, Mercedes; Almeida, Tatiana Ferreira de; Strauss, André Menezes	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi	v. 6, nº 1, jan-abr, 2011	95-122

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
05	Brasília, epopeia do povo brasileiro: uma reflexão constitucional	Viana, Enaildo Gonçalves	Repats	v. 5, nº 2, jul-dez, 2018	781-798
06	Xondaro Mbaraete: a força do Xondaro	CTI	CECTI	2013	Todas
07	Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960)	Reis Júnior, Reinaldo de Lima	PUC MG (Dissertação de Pós-Graduação)	2008	Todas
08	O plano piloto de Brasília e a busca da cidade ideal: utopia, arte e mitologia	Queiroz, Ana	ArtCultura	v. 9, nº 14, jan-jun, 2007	157-167
09	Raça 4 tropical de Fusarium oysporum f.sp. cubense: subsídios para caracterização de praga quarentenária ausente	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	MAPA/SDA	2018	Todas
10	História da inteligência brasileira.	Martins, W; de Meneses, Emílio	Cultrix & Edusp	1978	Todas
11	A diáspora do povo gaúcho	Simon, Pedro	Senado Federal	2009	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
12	Campeando por outras invernações: inovações culturais e a dinâmica ritual dos tradicionalistas gaúchos em Brasília	Osorio, Patricia Silva	Tempo Brasileiro (Anuário Antropológico/2005)	2006	171-198
13	Minha terra tem palmeiras – Imagens do Brasil na bossa nova	Luiz, D. Nascimento, L.	Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF	v. 4, nº 1	Todas
14	Barroco Mineiro: nação civilizada, patrimônio protegido	Rezende, Edson Fialho de	UFOP (Monografia de Pós-Graduação)	2011	Todas
15	Samba de roda do Recôncavo Baiano	Dantas, Francieleide Moreira	UFRN (TCC)	2016	Todas
16	Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta	Suassuna, A.	José Olympio	2006	Todas
17	O sagrado no jogo de capoeira. Textos escolhidos de cultura e arte populares	Columá, Jorge Felipe e Chaves, Simone Freitas		v. 10, nº 01, mai 2013	Todas
18	Candangos: uma história de trabalho e exclusão	Luiz, Edson Béu; Kuyumjian, Marcia de Melo Martins	Tempos Históricos	v. 14, 1º sem. de 2010	257-279
19	Brasília: capital e mudança	Câmara dos Deputados	Câmara dos Deputados	2003	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
20	Kern, Iara e Pimentel, Ernani Filgueiras	Brasília secreta – Enigma do Egito antigo	Pórtico	2000	Todas
21	Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história	Videsoti, Luisa	EESC – USP (Tese de pós-graduação)	2009	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Setor 01 – “Sou eu, índio filho da mata!”: Brasil parte em viagem com Jaçanã pela lenda onírica

http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro_ROQUETTE-PINTO.pdf

<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/paresi/>

Aluá: <http://luzdameianoite.wordpress.com/2015/11/14/alua-bebida-de-origem-indigena/>

Jaçanã: http://www.wikiaves.com.br/mapaRegistros_jacana

Boiúna: <http://michaelis.uol.com.br>

Pindorama: <http://vortexmag.net/pindorama-o-verdadeiro-nome-do-brasil-antes-de-chegarem-os-portugueses> & diariodorio.com/brasil-o-pais-de-nome-vermelho

http://www.ufmg.br/cienciaparatodos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatodos/e5_30-alendaamazonicadeboiuna.pdf

<http://boicaprichoso.com/player.asp?t=602>

<https://www.hipercultura.com/tupana-deuses-indigenas-deusas/>

http://www.boibumba.com/dictionary_pt.htm

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Boiuna>

<http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/yamandu/39342>

<http://www.museudoindio.org.br/indios-da-amazonia/>

<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2016/02/indios-da-amazonia-ensinam-arte-da-pescaria-com-arco-e-flecha.html>

<https://www.significados.com.br/paje/>

<http://vortexmag.net/pindorama-o-verdadeiro-nome-do-brasil-antes-de-chegarem-os-portugueses>
pib.socioambiental.org/pt/Xamanismo

Sobre bananas e a relação com Brasília e o Distrito Federal – Disponível no site

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2016/01/05/o-lado-agricola-da-capital/>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Setor 02 – O legado e o recado dos “cabeças-amarelas”

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/made-in-brasilia/2017/04/21/noticia-especial-madeinbrasilia,590044/conheca-os-produtores-de-graos-do-distrito-federal.shtml>

<http://www.ufrgs.br/afeira/materias-primas/frutas/uvras-rosadas/regioes-de-plantio-producao>

<https://www.significados.com.br/personagens-do-folclore-brasileiro/>

Emater incentiva produção de uva no DF, 2010, <https://jornaldebrasilia.com.br/cidades/emater-incentiva-producao-de-uva-no-df/>

Vento minuano: <https://www.climatempo.com.br/noticia/10-ventos-especiais>

Região Sul é responsável por mais de 90% das uvas produzidas para processamento no Brasil, Jornal Vanguarda, 2018, disponível para consulta no site:

<https://www.jvanguarda.com.br/site2012/2018/07/27/regiao-sul-e-responsavel-por-mais-de-90-das-uvras-produzidas-para-processamento-no-brasil>

<https://www.cpt.com.br/noticias/com-a-chegada-da-primavera-cultivo-de-flores-destaca-se-no-sul-do-brasil>

Museu Vivo da Memória Candanga, 2016, disponível no site

<http://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-vivo-da-memoria-candanga>

Centro de Tradições Gaúchas – <http://www.ctgicb.com.br>

Censo populacional de 1959 revela quem eram os candangos que construíram Brasília - memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2010-04-21/censo-populacional-de-1959-revela-quem-eram-os-candangos-que-construiram-brasilia

Cultivo: DF se consolida como capital do agronegócio. Disponível no site

<https://jornaldebrasilia.com.br/cidades/cultivo-df-se-consolida-como-capital-do-agronegocio/>

<http://dicionarioinformal.com.br/fandanga/>

Diversidade da produção no DF estimula negócios, dizem empresas – Disponível no site

<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Feiras/noticia/2018/05/diversidade-da-producao-no-df-estimula-negocios-dizem-empresas.html>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Setor 03 – A cantoria profética da gente irmã do litoral e as palavras das Minas

“Brasília, Sinfonia da Alvorada”, com música e orquestra sinfônica sob a regência de Antônio Carlos Jobim e poesia de Vinícius de Moraes:

museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=24

<http://diariodorio.com/brasil-o-pais-de-nome-vermelho>

Brasília e a mudança da capital para o Planalto Central”, disponível no site

[http://www.vermelho.org.br/noticia/128067-1.](http://www.vermelho.org.br/noticia/128067-1)

Diamantina – disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>

https://www.ebiografia.com/juscelino_kubitschek/

A escrava que virou rainha’: documentário e livros revivem história da brasileira que rompeu padrões do século 18 - <https://www.bbc.com/portuguese/geral-36658302>

Reportagem “Os heróis da Inconfidência Mineira”, sobre o livro espiritualista “Confidência de um Inconfidente” - <https://www.brasil247.com/oasis/os-herois-da-inconfidencia-mineira>

[correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-](http://correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/24/interna_diversao_arte,168672/reduto-de-cariocas-em-brasilia-o-cruzeiro-mantem-tradicoes-como-o-pagode-e-o-samba-de-roda-em-bares-e-casas.shtml)

[arte/2010/01/24/interna_diversao_arte,168672/reduto-de-cariocas-em-brasilia-o-cruzeiro-mantem-tradicoes-como-o-pagode-e-o-samba-de-roda-em-bares-e-casas.shtml](http://correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/24/interna_diversao_arte,168672/reduto-de-cariocas-em-brasilia-o-cruzeiro-mantem-tradicoes-como-o-pagode-e-o-samba-de-roda-em-bares-e-casas.shtml)

Setor 04 – Candangos nordestinos e negritude à Jaçanã e ao Menino

Poema “As Duas Flores”, do poeta baiano Castro Alves (1847-1871).

Ramos, Graciliano. Vidas Secas. 1938.

Melo Neto, João Cabral de. Morte e Vida Severina. 1955.

<http://maracatu.org.br/o-maracatu/>

Cultura nordestina em Brasília – disponível no site

<http://www.encontroteca.com.br/grupo/158/boi-do-seu-teodoro>

O Brasil de JK – A invenção do nordeste. – disponível no site

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Nordeste>

<http://www.oieduca.com.br/biblioteca/que-dia-e-hoje/fundacao-de-salvador-primeira-capital-do-brasil3232.html?sniveleduca=efaf>

<https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasilia-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>

<http://www.todamateria.com.br/primeira-capital-do-brasil-salvador/>

Referência para esculturas: artista Luciano Blanck (@blanckarteemceramica), Garopaba/SC.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

SETOR 05 – Nasce a Profecia: Menina-Brasília, joia rara prometida!

<http://brasilimperdivel.tur.br/dois-guerreiros-os-candangos/>

<http://novaakhetatonbr.wordpress.com/breve-historia-de-brasilia-brief-history-of-brasilia/capital-do-terceiro-milenio/profecia-de-dom-bosco/>

Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Aparecida – <https://catedral.org.br/historia>

<http://almanaqueclio.files.wordpress.com/2016/11/almanaque-clio-historia-e-cultura-jovem-22-26.pdf>

<http://conhecimentocientifico.r7.com/conheca-a-historia-da-construcao-de-brasilia-durante-o-governo-de-jk/>

<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not04.asp>

Como Brasília se tornou também a 'capital mística' do Brasil. – Disponível no site

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43411162>

Alves, Laura Moreira. A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade.

Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/arquivos/laraalves-aconstrucaodebrasilia.pdf>

Construção de Enredo e Pesquisa:

Prof. Dr. Clark Mangabeira – Antropólogo, Bacharel em Direito (UFRJ), Ciências Sociais (UERJ) e Letras (UERJ). Mestre em Ciências Sociais (UERJ) e Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ). Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR - Labedis - Museu Nacional - UFRJ); do Núcleo Interinstitucional de Estudos de Violência e Cidadania (NIEVICi - UFMT) e do Núcleo de Estudos em Cultura Popular - Caleidoscópio (UFMT).

Prof. Ms. Victor Marques – Antropólogo, Bacharel em Letras (FEFIS), Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Membro do Observatório de Carnaval (OBCAR - Labedis - Museu Nacional - UFRJ) e do Núcleo de Estudos em Cultura Popular - Caleidoscópio (UFMT).

HISTÓRICO DO ENREDO

Em 21 de abril de 2020, Brasília completará 60 anos. A data é o ponto nevrálgico da homenagem da Unidos de Vila Isabel no seu enredo “Gigante pela própria natureza: Jaçanã e um índio chamado Brasil”, de autoria de Edson Pereira, Clark Mangabeira e Victor Marques, cujos textos, sinopse e pesquisa foram feitos pelos antropólogos Clark Mangabeira e Victor Marques. Nossa Escola levará para a Sapucaí uma homenagem à capital brasileira dentro de um formato narrativo lendário, de cunho indígena, para valorizar a idealização e a construção da cidade a partir da perspectiva do povo brasileiro que a ergueu, a verdade pátria-mãe de Brasília (e do Brasil, pois um país é seu povo).

Patrimônio Cultural da Humanidade declarado pela UNESCO, Brasília é uma cidade que agregou o povo brasileiro. Idealizado pelas bandas das Minas Gerais, tendo uma concepção de localização geográfica embrionária com a imaginação de levar a capital para o interior dada pelos Inconfidentes Mineiros, tomou forma pela vontade do filho de Diamantina, Juscelino Kubistchek – no enredo retratado como um cacique “que olhou para o futuro e mandou construir” –, embalado ao som da Bossa Nova. Uma cidade aquecida pelo sofrimento da seca no final da década de 1950, que recebeu lufadas do vento minuano do Sul a levar sua gente também para lá, e o espírito do Brasil como um todo, de Norte a Sul do país, uma nação unida para criá-la:

“Nordestinos e nortistas em sua maioria, vinham atraídos pela chance de um novo começo. Em 1957 chegaram ao local da futura capital os primeiros trabalhadores: uma massa humana de diferentes origens e características sociais que, mesmo sem garantia de conforto ou de bem-estar, dispunha-se a trabalhar para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). De acordo com o censo daquele ano, esses 256 primeiros migrantes procediam, na maioria, do Norte e do Nordeste do país. Eram os primeiros “candangos”, como ficaram conhecidos aqueles trabalhadores pioneiros, que vinham atraídos pela possibilidade de um novo começo e novas oportunidades. Saíam da terra natal com uma mala e pouquíssimo dinheiro — às vezes nem isso, só com a roupa do corpo — e lotavam a carroceria dos caminhões para viajar 45 dias em estradas precárias, de terra batida, até o local demarcado para a construção de Brasília, onde só havia mato e poeira”. (<http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasil/5>).

Ao lado de JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer – pajés no enredo – moldaram os traços e as curvas famosas da cidade, mas, de fato, foi o suor, as lágrimas, a esperança, a força e o sangue do povo brasileiro que ergueram, pedra sobre pedra, a capital: os Candangos, e sua caminhada em direção ao Planalto Central partindo das diversas regiões do Brasil, são o fio condutor *par excellence* da nossa lenda, que demonstra o enraizamento de Brasília através

de todo o Brasil, em um jogo sinedóquico no qual o povo e todas as regiões do país são a alma tanto de Brasil, quanto de Brasília, irmãos na pluralidade nacional que os construiu:

“Para a construção de Brasília, vieram pessoas de várias regiões do país. Eram os pioneiros, em busca de melhores condições de vida, deslumbrados pela possibilidade de trabalho e atraídos pela proposta de uma remuneração melhor. Eles viveram na chamada “Cidade Livre”, hoje Núcleo Bandeirante e também na Vila Planalto. Muitas construções – diversas delas em madeira, são conservadas até hoje e fazem parte do patrimônio histórico da cidade. Assim, a cidade recebeu sotaques, cultura e costumes de indivíduos que vinham de todas as regiões do Brasil, mobilizadas rapidamente para a execução deste grandioso empreendimento histórico. [...] As festas, aos costumes, ao folclore, à cultura, certamente devem permanecer enraizados os regionalismos mais fortemente ensaiados aqui pelas correntes migratórias vindas de todos os pontos cardeais. O tempo e essa gente vêm definindo o que fica e o que sai de lá. Esses jovens vão, progressivamente, marcando a identidade cultural da cidade” (<https://brasil2a.wordpress.com/2012/04/17/quem-construiu-brasil-governo-arquitetos-e-trabalhadores/>).

Assim, nosso enredo é uma construção dessa Brasília feita pelas mãos de brasileiros e brasileiras vindas de todas as regiões do Brasil. Na lenda que contamos, Brasil, um curumim, adormece e, no sonho, montada em uma ave, Jaçanã, viaja pelo país e recebe de cada uma das regiões da nação uma parte da profecia, cantada a partir de poetas e escritores regionais que representam os lugares por onde Brasil passa e os povos que lá vivem. O tom, portanto, da nossa Brasília é esse “caldeirão de brasilidade” que a cidade é, de alma profundamente brasileira no seu sentido mais amplo, de uma mística que se estende há séculos na historiografia e mentalidade da nação:

“Brasília é uma jovem cidade. Sua história, entretanto, começa muito antes do dia 21 de abril de 1960, quando foi inaugurada por Juscelino Kubitschek (JK) representando a materialização do progresso, nosso ideal republicano e do desenvolvimento que marcava o imaginário brasileiro da década de 1950. De fato, a cidade começou a ser gestada no imaginário brasileiro ainda no período colonial, quando as ideias que defendiam a interiorização do poder central já constavam da pauta dos principais movimentos emancipacionistas, cujo expoente foi a Inconfidência Mineira no final do século XVIII” (“Brasília e a mudança da capital para o Planalto Central”, em <http://www.vermelho.org.br/noticia/128067-1>).

Por fim, em 2020 a Unidos de Vila Isabel convida o povo brasileiro a, celebrando Brasília e seu aniversário, se celebrar também!

Vamos começar a viagem onírica e nossa lenda!

Sinopse:

Abriram-se as margens do rio ao sol nascente,
que esverdeava ainda mais a mata e azulava o céu incandescente,
para desvendar uma lenda indígena
que falaria a um pequeno índio-menino sobre uma relíquia.
É com o menino começamos a caminhada...
Perto do rio, o curumim levantou-se cedo – a pesca o esperava!
Animado na alma com a vida na mata,
bebeu escondido aluá e fartou-se com a pupunha da sua mãe que sempre o alimentava.
Beijou-a e sozinho, fingindo ser o homem que ainda não era,
pulou em sua canoa sem destino
rumo à peripécia que, os grandes, espera.
Pelo rio, com riso nos lábios e vontade de alegria na pescaria e na jornada,
o curumim gritava alto às águas para espantar Boiúna, ou tudo, ou nada:

*“Eu sou Brasil! Tenha medo de mim!
Aqui quem fala é um pequeno gigante
que já pesca com vontade danada de gente grande!”*

A canoa em frente, a flecha armada,
curumim pescava e brincava baixinho para conseguir pegar a jatuarana sem espantá-la.
Com o sol forte da manhã, entretanto,
Brasil resolveu descansar do seu gracejo.
O pequeno deitou-se na canoa embalada pelo banzeiro
e adormeceu para sonhar o sonho dado ao miúdo bravo guerreiro...
A canoa, no mundo da fantasia, transformou-se em Jaçanã e partiu...
Levantou voo do rio e Brasil a tudo assistiu:

*“Pequeno menino, quero lhe contar sobre a sua irmã tão mais nova que é quase filha!
Será forte e esperançosa, um ponto de luz no universo que nascerá em abril.
Sabe-se que ela terá muito a dar aos homens e mulheres de boa vontade na terra,
e que será grande, gigante, reta, moderna,
só podendo ser entendida se soubermos sobre sua pátria-família,
a verdadeira mãe e geradora da sua irmã nessa cantiga”.*

A Jaçanã, montada pelo menino e com asas batendo forte,
foi primeiro para baixo cruzando serras no céu anil.
Mostrou ao pequeno Brasil um pampa aberto sob as estrelas, enorme!
Lá, irmãos brancos de cabeças amarelas montavam seres mágicos
e galopavam amarrando com laços outros bichos encantados.
Tomavam bebida quente em cuias e, Brasil, espantado, ouviu deles o recado:

*“Mas o pranto, afinal, que essa cólera encerra
tomba: é a chuva que cai e que, o Paranoá, rega;
e a cada gota, ali, cada gérmen se apega
fecundando, a minar modernamente, toda a terra”.*

Jaçanã levantou-se de novo voando para longe
dando adeus aos cabeças-amarelas que apontavam para outro fronte.
Brasil desconfiado não entendia o sonho: seria um delírio?
“Não, pequeno menino meu...” – disse Jaçanã. “É uma profecia!”.
A ave decolou e ali perto encontraram outro pedaço de terra
que misturava areia, água salgada e pedra.
A gente irmã suada do litoral também apontava para outro local
e embebida nas cantorias e Novas Bossas suas sinas,
misturando-as com palavras das Minas,
profetizou o futuro do seu passado para o menino:

*“No princípio era o ermo
eram antigas solidões sem mágoa.
O altiplano, o infinito descampado
no princípio era o agreste:
o céu azul, a terra vermelho-pungente
e o verde triste do cerrado.
Eram antigas solidões banhadas
de mansos rios inocentes
por entre as matas recortadas.
Não havia ninguém. A solidão
mais parecia um povo inexistente
dizendo coisas sobre nada’.
Mas...
‘Para cantar, pelas Duas Asas, de amor tenros cuidados,
Tomem entre vós, do mineiro cacique, a vontade e o instrumento;
Ouvi pois, dos Candangos, o fúnebre lamento;
Se é que de compaixão sois animados’...”*

Jaçanã com pressa, pois sonhos têm prazo certo,
chegou em outro pedaço daquele mundão e Brasil viu irmãos orando e rodando
pedindo clemência pela dança a Deuses que o índio desconhecia.
O povo preto clamava igualdade e liberdade,
e na dor sofria
sem esquecer nunca a força ancestral que para sempre na resistência lhe caberia.
O povo preto um beijo deu na Jaçanã e ao Brasil declamou um pouco de crença
afinando a profecia:

*“são duas asas unidas
de dois pajés construtores nascidas.
Talvez do mesmo arrebol,
vivendo toda a gente no mesmo chão arado e concretado,
da mesma gota de orvalho,
do mesmo raio de sol”.*

O menino ainda não entendia... O que era essa tal profecia?
Jaçanã então pronunciou:

*“Está vendo, menino Brasil, o que essa gente toda conta?
Querem amor e união em uma nova casa pronta!
Modelada por dois pajés, realizada pelo cacique e feita por nobres sofredores
Candangos,
com a ajuda e a idealização de tantos outros de agora e de outrora,
será o projeto moderno centro desse chão!
Nova pindorama de árvores retorcidas nascida porque filha dos filhos dessa terra em
confraternização!”*.

Voou então a ave para outro rincão
para mostrar uma família que tanto padecia
no sol lascado braseiro de testas, *Vidas Secas* e *Severina*!
Pés marcados no chão rachado e as mãos apertadas sem brecha,
todos da família oravam de joelhos pedindo esperança e bom agouro,
alguns dos futuros Candangos esses cabras-da- peste.
Quando viram Jaçanã e o menino Brasil, logo correram e apontaram para o Oeste:

*“Ave Musa incandescente
do deserto do Sertão!
Forje, no Sol do meu Sangue,
o Trono do meu clarão:
cante as Pedras encantadas
e a Catedral Soterrada,
Castelo deste meu Chão!”*.

E, rápida, para o longínquo Centro-Oeste,
onde outros Candangos de lá já aguardavam,
Jaçanã levou o pequeno Brasil.
Pousou no meio daquele cerrado e ela mesma, antes de sumir, sorriu:

*“Brasil, no futuro essa profecia se revelará a um Padre-Santo
em outro sonho para se realizar em moderno Piloto Plano!
O que os cabeças-amarelas, os pretos,
os filhos do mar, das Minas e os futuros Candangos recitavam e apontavam
será aqui: sua irmã, o lugar de fé que unirá aquela gente, aquele povo todo,
para o mundo jorrando leite e mel com gosto...
A terra mística no alto desse Planalto
que se levantará tentando nos dar ‘sessenta’ anos em cinco de avanço sem percalço
com tanta gente junta que se esparramarão para além das Asas da casa,
deitando-se até em seu entorno
com as cores das suas culturas servindo de reboco!
Vem, menino Brasil, anime-se! Sua irmã Brasília será ave que voa e rodopia!”*.

Deitou-se então no seu jazigo e, abrindo as duas asas,
Jaçanã ao chão se fundiu, o corpo inteiro tornando-se asfalto e magia.
Um pássaro que viraria casa para o Brasil, quem diria?!...
Daí a queda! A volta! Um clarão!
Uma marola sacudiu a canoa e acordou o bravo menino de supetão!
Brasil navegou ligeiro de volta não mais à toa
deixando as jatuaranas animadas na água boa.
Pé na margem, foi correndo contar para sua mãe o sonho da canoa!
“Mamãe, Mamãe! Sonhei com uma profecia!”.
A mãe no chão, sisuda de terra, ouvia...
Pedi calma ao menino, pois também tinha uma linda notícia,
e sorria:

*“Filho meu, Brasil pequenino...
Descobri hoje com o xamã que você terá uma irmã!
Em sua homenagem se chamará Brasília!
Uma menina-Brasília que será gigante pela própria natureza!”.*

Alma cheia d’água, o menino pressentiu:
sabia que cedo ou tarde sua irmã seria grande como aquele rio
e no futuro a filha da profecia!
Pensou na Jaçanã e feliz decidiu ir brincar:
quem sabe se o destino de todo mundo não é sempre para uma casa voltar?
Mas, se tudo isso é estória,
fato mais bonito (re)inventado do sonho de um curumim lendário talhado na memória,
a realidade é outra coisa...
Contudo, pede-se licença para imaginar contos de límpida felicidade no Carnaval
para nesses dias acalmar o sofrimento incessante do doloroso real.
Assim, Vila Isabel, canta *essa* Brasília irmã com o pequeno Brasil e sua Jaçanã,
a doce morada nos dada de encomenda
pelas bênçãos do céu azulado orvalhando o cerrado!
Bênçãos da Aparecida Nossa Senhora,
Padroeira dos filhos do Brasil e da nossa Brasília, desejosas de igualdade generosa!
Livrai-nos, Santa, da dor e do mal,
cravando nas retas da cidade as curvas do coração
desse povo bravo, heroico, sofrido,
estopim da chama da cidade candente de migração...
Ah, Brasília! Pois honrando tua inspiração
que caibam no teu seio muitos Brasis forjados pela oração!
Recebe-nos, Irmã, com lágrimas de misericórdia então
e cuida, enfim, dos gemidos da nação em oferenda,
pois na Sapucaí, só por hoje, saibam todos,
o resto tudo é tudo lenda...

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O enredo da Unidos de Vila Isabel 2020, intitulado “Gigante pela própria natureza: Jaçanã e um índio chamado Brasil” justifica-se em dois níveis: um direto, que diz respeito à celebração dos 60 anos da capital Brasília no ano de 2020, e outro indireto, que realiza uma transformação metafórica na história da cidade para traçar um panorama sobre seu desenvolvimento e criação com foco nas mãos, suor e lágrimas de quem realmente a construiu.

No primeiro nível, o aniversário de Brasília é uma celebração que a Vila Isabel trará para a Sapucaí. Homenagear a construção da cidade e sua relação com o imaginário brasileiro é o elemento central do enredo. A proposta da Vila Isabel não é recontar a história do ponto de vista historiográfico, factual, mas celebrar o aniversário da capital fundamentando-se, primeiramente, na sua imagem enquanto o resultado de um “sonho” brasileiro e, segundo, na sua moldura enquanto um “caldeirão de brasilidade”, ou seja, enquanto uma realização da nação como um todo e das diversas etnias e subculturas que a compõe.

Consequentemente, derivado deste primeiro nível, o segundo nível, metafórico, faz um deslize semântico da narrativa da construção e desenvolvimento de Brasília para o parâmetro da lenda, da epopeia, na qual Brasil, uma criança indígena, sonha e encontra, no mundo onírico, Jaçanã, uma ave que profetiza para o menino o nascimento da sua irmã, Brasília, o que de fato ocorre quando ele acorda, com o nascimento de sua irmã de “carne e osso”, e também que acontecerá no plano profético, quando a construção da cidade no futuro, de mesmo nome, é sugerido. Assim, Brasil e Brasília, irmãos porque moldados pelas mãos brasileiras, pela pátria-mãe, entram em um jogo de conjugação no qual a cidade é uma metonímia do país, ou seja, uma parte do todo brasileiro.

O primeiro elemento nesse jogo lúdico-narrativo a se destacar é reforçar que Brasil e Brasília são irmãos no sentido de que ambos são filhos da mesma Pátria-Mãe, ou seja, da nação brasileira. Como o centro do enredo é o povo brasileiro, o país e a cidade foram “criados” pela força da nação. Por conseguinte, a lenda que trazemos para a Avenida começa e se mantém com um teor indígena, já que reconhecemos a população indígena como a grande dona deste chão, a pátria-mãe por excelência do Brasil, nossos antepassados fundantes deste mundo que viria a ser Brasil e, no seu centro, Brasília.

Nesse sentido, o primeiro setor da escola envereda pelos campos da temática indígena retratados no enredo, descrevendo o começo da lenda no panorama amazônico que simboliza o Norte do Brasil e, mais direta e especificamente, os povos indígenas que são nossas raízes mais profundas. Exatamente por se tratar de uma homenagem ao povo indígena, é por aí que começamos: “dados linguísticos (e.g. Migliazza 1982; Rodrigues 1964; Walker et al. 2012), resultantes de análises léxico-estatísticas, são unânimes em apontar o sudoeste da Amazônia, na bacia do alto rio Madeira, como o centro de dispersão dos povos Tupi” (ALMEIDA & NEVES. Evidências arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no Leste da Amazônia. MANA 21(3): 499-525, 2015) e (www.museudoindio.org.br/indios-da-amazonia/).

Assim, se, no sonho, Jaçanã parte desse mundo mítico-onírico indígena, montado na grande ave Jaçanã que virá a ser Brasília, a viagem do menino e da ave percorre outras culturas e etnias que também ajudaram a moldar Brasil e, mais especificamente, Brasília. Se a cidade transformar-se-á em um “caldeirão de brasilidade”, a viagem do menino no sonho passar por todas as partes do país para, em união, todos recitarem a profecia a partir das singularidades de suas próprias culturas.

A primeira parada do voo onírico é a região Sul do país, segundo setor do desfile, onde se destaca a forte colonização europeia. Em uma homenagem aos estados que compõem a Região Sul, gaúchos, paranaenses e catarinenses são mesclados em prol do destaque da cultura sulista, embaçada pelo vento minuano que conta, a partir de um poeta sulista, parta da profecia sobre Brasília ao menino Brasil.

A diáspora gaúcha é o ponto de partida para pensar toda a região, o desbravamento do centro do Brasil a partir e em relação com o Sul do país:

“Antes, porém, quero aprofundar uma frase que mencionei antes: os gaúchos são os bandeirantes do século XX. Da mesma forma que os desbravadores paulistas, a partir do século XVI, indo em busca de pedras preciosas e também para o apresamento de indígenas, expandiram o território brasileiro até seus limites atuais, os migrantes gaúchos – junto com seus descendentes nascidos em Santa Catarina, Paraná ou Mato Grosso – mais do que dobraram a área agricultável deste País [...]. o Governo do Distrito Federal pretendia formar um cinturão verde ao redor da recém-criada Capital da República. O então Secretário da Agricultura do Distrito Federal, o baiano Pedro Dantas, foi buscar no Rio Grande do Sul os agricultores que iriam concretizar aquilo que não passava de um projeto ousado. Do Rio Grande do Sul e do Paraná, Estado cujos agricultores em grande número descendem dos gaúchos, vieram para Brasília em 1977 os pioneiros. As treze primeiras famílias receberam lotes de chácaras, com 10, 12 ou 15 hectares, e de grandes áreas, de 280 hectares. Os gaúchos, na sua maioria, eram de Tapera e de Passo Fundo; os paranaenses, de Marechal Rondon”. (SIMON, Pedro. A diáspora do povo gaúcho. Brasília : Senado Federal, 2009).

Obviamente, não apenas gaúchos estão em Brasília, mas uma enorme quantidade de sulistas que, tais quais os nordestinos, também foram – e são – candangos:

“A construção de Brasília atraiu gente de todos os cantos do país. Para erguer a Capital Federal, no meio do cerrado, foram necessários muitos braços. Nordestinos, nortistas, mineiros, cariocas e sulistas chegaram com as bagagens cheias de esperança em um futuro promissor, mas também carregadas de suas tradições e culturas” (Museu Vivo da Memória Candanga, 2016, em tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-vivo-da-memoria-candanga).

Nesse setor, folclore, o enfoque sobre a agricultura, a plantação de uvas em Brasília e seus arredores, a história, por fim, dos sulistas é retratada, mostrando as mãos migrantes do Sul que ajudaram a compor Brasília em sua peculiaridade no cenário brasileiro. Assim:

“Moradores de áreas rurais próximas a São Sebastião, Paranoá e Planaltina, por exemplo, vivia dizendo que "essa gauchada ia morrer de fome". A "gauchada" era composta por beneficiários do Programa de Assentamento do Distrito Federal (PAD-DF). Passados 40 anos, o espaço de terra da capital nas mãos dessa gente não só dá de tudo como produz 158% a mais que em outros locais do Brasil”. (<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/made-in-brasil/2017/04/21/noticia-especial-madeinbrasil,590044/conheca-os-produtores-de-graos-do-distrito-federal.shtml>).

Se, de um lado, a uva é uma forte tradição da cultura agrícola do Sul, por outro, em Brasília e seus arredores o plantio da uva está sendo realizado há anos, desmentindo-se o mito de que a uva apenas se adaptaria em climas frios (<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/04/10/df-aposta-no-incentivo-a-producao-de-uva>). Ora, pela agricultura, pelo cultivo da uva, novamente Região Sul e Brasília se encontram, reforçando a diáspora sulista.

Por fim, encerramos o primeiro setor destaca-se que nos arredores de Brasília, a cultura sulista é presente até hoje. Ressalta-se, dentre outros, o Centro de Tradições Gaúchas, com eventos de preservação do folclore da região. (www.ctgjcb.com.br).

Seguindo viagem no sonho, Jaçanã e Brasil aportam na Região Sudestes, terceiro setor do enredo, onde demarcamos as culturas dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro como símbolos da região no tocante à relação com Brasília.

Do lado carioca, Rio de Janeiro, como capital anterior, destaca-se também no enredo pelo estilo de música da época, a Bossa Nova, que tem forte presença no imaginário cultural da cidade de Brasília. “Brasília, Sinfonia da Alvorada”, com música e orquestra sinfônica sob a regência de Antônio Carlos Jobim e poesia de Vinícius de Moraes, demonstram, na história, a presença de músicos importantes do período. Paralelamente, sobre a Bossa Nova em si e sua relação com Juscelino Kubistchek e Brasília,

“Durante o governo JK, o moderno e o novo refletiram-se também na cultura nacional. Nessa época, surgiu a bossa nova na música popular brasileira, cujo termo tornou-se comum nos anos 60, simbolizando o que era novo e moderno. JK foi chamado de “presidente bossa nova”, por seu espírito jovem e empreendedor, e foi cantado em versos pelo compositor Juca Chaves, na música intitulada Presidente bossa nova. A canção fala de JK como um presidente risonho, simpático e original” (<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>)

Juscelino ficou conhecido como “Presidente Bossa Nova” (<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>), por seu espírito jovem, empreendedor e musical.

Culturalmente, cariocas também permanecem presentes em Brasília, levando mais cultura ao “caldeirão de brasilidade” que estamos contando:

“A região administrativa foi formada por pioneiros da capital federal, Brasília, principalmente famílias de funcionários públicos vindas do Rio de Janeiro. As primeiras construções, conjuntos de casas geminadas no Cruzeiro Velho, se iniciaram em 1958. Na década de 1970, Cruzeiro foi expandida com a construção do Cruzeiro Novo, formado por prédios de 4 pavimentos”[pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_(Distrito_Federal)](corr eiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/24/interna_diversao_arte,168672/redu-to-de-cariocas-em-brasilia-o-cruzeiro-mantem-tradicoes-como-o-pagode-e-o-samba-de-roda-em-bares-e-casas.shtml).

Já no lado mineiro do terceiro setor, primeiramente deve ser ressaltado que Diamantina/Minas Gerais, é a cidade de nascimento do idealizador de Brasília, Juscelino Kubistchek, além de ter sido lar de Chica da Silva, outra personagem lembrada no samba a fim de mostrar, em primeiro lugar, Diamantina como casa de importantes brasileiros e brasileiras na historiografia nacional, e, em segundo lugar, as Minas Gerais como o centro a partir do qual a ideia de transferência da capital para o interior do Brasil nasceu, mesmo antes de JK, com os Inconfidentes Mineiros:

“Ao contrário do que muita gente pensa, a interiorização da Capital não foi uma ideia recente, posta em prática da noite para o dia. Desde o século XVIII a transferência do centro administrativo para um espaço mais seguro já havia sido idealizada por pessoas que, aos poucos, fizeram da proposta um sonho e uma bandeira. Assumindo a Presidência da República no ano de 1956, Juscelino Kubitschek trazia consigo esse mesmo ideal e, principalmente, a forte decisão de cumpri-lo e transformá-lo naquilo que seria seu mais importante ato em vida: a construção de Brasília [...]. Os Inconfidentes Mineiros, liderados por Tiradentes, reivindicam à Corte de Lisboa a fixação da Capital no interior [...] alegando vantagem estratégica (segurança) e demográfica (povoamento do interior)”. (Brasília: capital e mudança. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003. (Série cadernos do Museu ; n. 3).

Nesse sentido, Brasília, Minas Gerais e Rio de Janeiro aparecem imbricados cultural e historicamente, sendo esta a mensagem passada ao menino Brasil no sonho.

No quarto setor, a viagem onírica segue em direção ao Nordeste e simbolizamos sua primeira parada nas áreas baianas, em especial para lembrar Salvador que fora a primeira capital do Brasil (<http://www.oieduca.com.br/biblioteca/que-dia-e-hoje/fundacao-de-salvador-primeira-capital-do-brasil3232.html?sniveleduca=efaf>).

Ora, se o enredo está recontando a história de Brasília a partir de uma lenda e das culturas, etnias e diversas regiões que a compuseram, começar a passagem do voo de Jaçanã pela Região Nordeste a partir do povo preto simbolizado nos arredores baianos é prestar imensa homenagem à negritude que é fundante do Brasil em todos os sentidos – culturais, históricos, étnicos etc. – e da própria Unidos de Vila Isabel, que se alicerça sobre a força ancestral negra:

“Antes de Brasília, este pedaço de Brasil era fortemente negro, por força do ciclo do ouro que trouxe consigo o explorador branco e a escravidão. Em 1812, já no fim do período de exploração aurífera, a população de Santa Luzia (hoje Luziânia, que cedeu parte de suas terras ao Distrito Federal) era de 3886 almas, das quais 3356 eram de pele negra e 530, branca, na proporção de 7 pretos para 1 branco., segundo Paulo Bertran em História da Terra e do Homem do Planalto Central” (<https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasil-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>)

Retratamos, pois, em parte do quarto setor, a cultura negra, a escravidão, e como Brasil e Brasília foram moldados pela força africana. Entrelaça-se com essa história o fato de que os candangos eram, em sua maioria, negros, demarcando-se portanto a relação entre Brasília e a negritude, por vezes esquecida por certa parte da historiografia:

“A absoluta maioria dos candangos era negra por razões óbvias, explica a professora Ana Flávia Magalhães Pinto. Como o óbvio, já dizia Darcy Ribeiro, é o mais difícil de se ver, é preciso deslindar o que há sob a superfície das imagens. “O Brasil é um país de maioria negra e de baixo prestígio social. Não é surpresa, desde a pós-abolição, encontrar o trabalhador negro em canteiros de obras, quase sempre em absoluta maioria. O que se viu ao longo do tempo foi a negação da presença negra nas imagens do período de construção de Brasília e não somente nele” (<https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasil-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>).

Havia ainda, mais especificamente à época da construção da cidade, a presença de um quilombo nas áreas dos arredores, o que justifica a menção aos quilombos no samba e reforça a negritude candanga e brasiliense. Assim:

“Um século e meio depois, quando Goiás cedeu 5802 km² de suas terras para a nova capital, negros de um quilombo a 47 km da nova capital, o Povoado de Mesquita, foram atraídos pela estranha movimentação de caminhões, tratores e jipes. Atravessaram 30 km de cerradão e chegaram a uma clareira que acabara de ser aberta por meia dúzia de homens. Juntaram-se a eles e ergueram o Catetinho, a morada em madeira sobre pilotis que Oscar Niemeyer projetou para Juscelino, Israel Pinheiro e Bernardo Sayão” (<https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasil-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos>).

Paralelamente, nesse setor o Nordeste encontra Brasil e é parte central da história de Brasília. Maior contingente populacional candango, os nordestinos fugiram da seca e foram em direção ao Centro-Oeste, sendo a mão-de-obra heroica e sofrida a erguer a nova cidade.

“Os operários que migraram para o planalto central para atuar nas obras de Brasília foram denominados candangos, em alusão aos angolanos, que assim chamavam os colonizadores de Portugal. Vindos principalmente do Nordeste, que enfrentava um terrível período de seca no fim dos anos 50, dezenas de milhares de trabalhadores lutaram contra a falta de hospitais, más condições sanitárias e escassez de alimentos. O ponto alto do sofrimento dos candangos foi no carnaval de 1959, quando uma empreiteira impediu os operários de se divertirem nas cidades vizinhas. Com isso, os trabalhadores se levantaram contra a construtora, que os reprimiu de maneira violenta”. (brasilimperdivel.tur.br/dois-guerreiros-os-candangos/).

Sob péssimas condições de vida, sofrendo as *Vidas Secas*, Severinos e Severinas cabras-da- peste, batalhadores, e, acima de tudo, sonhadores, construíram a cidade e, a eles e elas, é que a Vila presta gigante homenagem em seu desfile:

“Como os acampamentos provisórios eram incapazes de absorver toda a massa de trabalhadores, Brasília, desde o início, apresentava um grande déficit habitacional. O número de barracos, muitos deles erguidos à revelia das autoridades, era sempre inferior à demanda dos que chegavam à região, em grandes levas, formando —uma verdadeira torrente humana (OLIVEIRA, 2000). Para ter uma ideia desse fluxo migratório, em 1959, portanto um ano antes da inauguração, já havia 56.953 habitantes na cidade em construção. A grande maioria, 43%, provinha dos estados do Nordeste. Segundo Ribeiro (1980), o fluxo de migrantes nordestinos foi influenciado pela grande seca que se abateu sobre aquela região em 1958” (Luiz, Edson Béu; Kuyumjian, Marcia de Melo Martins. CANDANGOS: UMA HISTÓRIA DE TRABALHO E EXCLUSÃO. Tempos Históricos. volume 14, 1º semestre de 2010, p. 257-279)

Por fim, a influência nordestina em Brasília foi e é enorme, pois, na mala, além do trabalho, nordestinos trouxeram sonhos, esperança e sua cultura. Destaca-se, por exemplo, o Boi do Seu Teodoro, como representante da cultura em Brasília atualmente:

“Do Maranhão para Brasília, o Boi do Seu Teodoro é um dos mais importantes grupos de cultura popular do DF. Fixado na cidade de Sobradinho, o grupo tem como mestre Seu Teodoro Freire, maranhense que residiu no DF de 1961 a 2012, ano de seu falecimento. Em 2013, o Boi do Seu Teodoro completou 50 anos de tradição, que começou a se consolidar em 1963, com a Fundação da Sociedade Brasiliense de Folclore, hoje Centro de Tradições Populares de Sobradinho. A partir do cinquentenário de resistência cultural, o

Boi do Seu Teodoro está em processo de inventariado, para ser reconhecido como patrimônio imaterial pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN” (<http://www.encontroteca.com.br/grupo/158/boi-do-seu-teodoro>).

Rende-se portanto homenagem aos bravos candangos! Ainda sobre o sofrimento deles:

“A necessidade de contar com milhares de operários de uma só vez transformou a questão habitacional em um dos principais nós da construção de Brasília (RIBEIRO, 1980). As adversidades enfrentadas pelos candangos já começavam pelos alojamentos, amontoados de camas improvisadas, onde o guarda-roupa era a própria mala ou um simples caixote. As moradias geravam constantes reclamações, pois o desconforto era tanto que chocava até os mais humildes, que se viam obrigados a usá-las por absoluta falta de recursos (SOUSA, 1983). Predominava a falta de higiene, acompanhada de todas as suas consequências. Havia ratos, percevejos, pulgas e todo tipo de —imundície, conta um dos operários ouvidos por Ribeiro (1980)”. (Luiz, Edson Beú; Kuyumjian, Marcia de Melo Martins. Candangos: uma história de trabalho e exclusão. Tempos Históricos, vol. 14, 2010, pp. 257-279).

Registre-se, outrossim, que o grupo dos candangos não é apenas formado por nordestinos, mas a migração para Brasília, como visto ao longo dos setores, envolve contingentes sulistas, mineiros, paulistas, nordestinos, goianos, dentre outros (Júnior, Reinaldo de Lima Reis. Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008). Cada setor até aqui registrou uma parte dessa história candanga, do “caldeirão de brasilidade” que é Brasília, elencando-se alguns símbolos e elementos culturais que metaforizam a pluralidade dinâmica, folclórica, cultural e semântica que a cidade de Brasília é.

Por fim, aportamos no quinto setor onde o sonho do menino Brasil acaba, quando Jaçanã torna-se Brasília no universo onírico, ao mesmo tempo em que, na vida fora do sonho, menino Brasil corre para casa e descobre que sua mãe está grávida de uma menina, Brasília, sua irmã, encontrando-se, pois, os dois tempos no enredo.

A Vila encontra, conseqüentemente, Brasília em seu esplendor, em sua mística (destacam-se, nesse panorama místico, por exemplo, as comunidades místico-religiosas que se encontram próximas à Brasília, como o Vale do Amanhecer, Cidade da Paz e Cidade Eclética (<https://exame.abril.com.br/brasil/o-lado-mistico-da-capital-brasileira/>) e a relação de Brasília com a mitologia egípcia, tal qual descrito no livro *Brasília Secreta*). Há, portanto, menção estética à famosa Profecia de Dom Bosco e toda a alegoria mística da cidade:

Sobre a profecia de Dom Bosco: “Está escrito que, na noite de 30 de agosto de 1883, Dom Bosco teve estranho e iluminado sonho místico. Ele o revelou durante reunião do Capítulo da Congregação Salesiana realizada em 4 de setembro daquele ano. [...] Está no volume XVI da “Memórias biográficas de São João Bosco”: *“Por muitas milhas, percorremos uma enorme floresta virgem e inexplorada. Não só descortinava, ao longo das Cordilheiras, mas via até as cadeias de montanhas isoladas existentes naquelas planícies imensuráveis e as contemplava em todos os seus menores acidentes. Aquelas de Nova Granada, da Venezuela, das Três Guianas, as do Brasil, da Bolívia, até os últimos confins. Eu via as entranhas da montanha e o fundo das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos e de carvão fóssil, depósitos de petróleo abundantes que jamais já se viram em outros lugares. Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15 e 20 graus, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente: “Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a Grande Civilização, a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. E essas coisas acontecerão na terceira geração”.* (novaakhetatonbr.wordpress.com/breve-historia-de-brasilia-brief-history-of-brasilia/capital-do-terceiro-milenio/profecia-de-dom-bosco/)

No último setor da escola, então, vale ressaltar a dinâmica do último carro, onde a simbolização da cidade através de algumas das suas construções mais emblemáticas – como a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Aparecida – simboliza a ave Jaçanã tornando-se Brasília no sonho, enquanto os desfilantes (destaques, semi-destaques e composições) apontam na direção do povo brasileiro enquanto Pátria-Mãe da cidade, bem como ao nascimento da menina Brasília no final da lenda contada, fora do mundo dos sonhos.

Brasil e Brasília! Sonho e realidade! Lenda e história! O enredo da Unidos de Vila Isabel pretendeu mostrar uma Brasília que é múltipla, composta por várias partes, culturas, folclores do Brasil e, fundamentalmente, um “caldeirão de brasilidade”, uma nova cara para todos nós.

Que sigamos nessa direção!

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – “SOU EU, ÍNDIO FILHO DA MATA!”: BRASIL PARTE EM VIAGEM COM JAÇANÃ PELA LENDA ONÍRICA

**Comissão de Frente
O CLAMOR DE UAIKÔEN**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Raphael Rodrigues e Denadir Garcia
EQUINÓCIO AMERÍNDIO**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
A REVOADA DOS UIRAPURUS**

**Ala 01 – Abertura
OS TONS-BRASIL DE
UMA PROFECIA ENCANTADA**

**Destaque de Chão
Thiago Avancci e Alexandre
JAÇANÃ E BRASIL**

**Intervenção 01 – Comunidade
O PEQUENO GRANDE GUERREIRO**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
ARREBATAMENTO DE BRASIL EM
SUA VIAGEM ONÍRICA**

**Ala 02 – Baianas
CALDEIRÃO DE BRASILIDADE**

2º SETOR – O LEGADO E O RECADO DOS “CABEÇAS-AMARELAS”

**Ala 03 – Comunidade
A FORÇA DO XONDARO**

Ala 04 – Comunidade
DESBRAVADORES-BANDEIRANTES
AUSTRALS

Destaque de Chão
Dandara Oliveira
PROSPERIDADE CARDEAL

Ala 05 – Comunidade
TORRÃO SULISTA QUE RELUZ OURO –
DO SUL AO CERRADO

Ala 06 – Comunidade
NA CADÊNCIA DO FANDANGO

Ala 07 – Comunidade
CABEÇAS-AMARELAS
E A PROFECIA DE BRASÍLIA

Destaque de Chão
Paula Bergamin
DAMA DAS VIDEIRAS SULISTAS

Alegoria 02
GLÓRIA AOS
SULISTAS-FANDANGOS-CANDANGOS

3º SETOR – A CANTORIA PROFÉTICA DA GENTE
IRMÃ DO LITORAL E AS PALAVRAS DAS MINAS

Ala 08 – Comunidade
NOVAS BOSSAS PARA UMA NOVA
MENINA

Ala 09 – Comunidade
A GENTE IRMÃ SUADA DO LITORAL

Ala 10 – Passistas
PELO CÉU AZULADO DO LITORAL,
JAÇANÃ AVISTA A GENTE BAMBA

Rainha de Bateria
Aline Riscado
DAMA DA TERRA DE MIL CARNAVAIS

Ala 11 – Bateria
NA CADÊNCIA DA PROFECIA!

Ala 12 – Comunidade
DAS PALAVRAS DAS MINAS,
SALVE A PROFECIA!

Ala 13 – Velha Guarda
A ALMA DA VILA
SAÚDA BRASIL E JAÇANÃ

Destaque de Chão
Gracianna Benetti
GALARDÃO AO CACIQUE MINEIRO

Alegoria 03
DE DIAMANTINA PARA O PLANALTO

4º SETOR – CANDANGOS NORDESTINOS E
NEGRITUDE À JAÇANÃ E AO MENINO

Ala 14 – Compositores
AQUELES QUE DESPERTAM A
CUNHATÃ

Intervenção 02 – Comunidade
RODANDO, JOGANDO... ORANDO: UM
POUCO DE FÉ NA PROFECIA?

Ala 15 – Comunidade
BRASIL, SINTA A FORÇA ANCESTRAL
DO POVO PRETO

Ala 16 – Comunidade
ALMA NORDESTINA-CANDANGA

Ala 17 – Comunidade
VIDAS SECAS E SEVERINA

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jackson Senhorinho e Bárbara Dinósio
EM BUSCA DE VEREDAS**

Ala 18 – Comunidade
CANDANGO NÃO PERDE A FÉ

Ala 19 – Comunidade
NOBRES SOFREDORES CANDANGOS

Destaque de Chão
Bete Floris
CARCARÁ VERMELHO DA SECA

**Alegoria 04
MAIS UM SILVA PAU-DE-ARARA**

**5º SETOR – NASCE A PROFECIA:
MENINA-BRASÍLIA, JÓIA RARA PROMETIDA**

Ala 20 – Comunidade
GIGANTE PELA PRÓPRIA NATUREZA

Ala 21 – Comunidade
O FUTURO DA PROFECIA
DO PADRE-SANTO

Ala 22 – Comunidade
HOMENAGEM AO CACIQUE MINEIRO

Ala 23 – Comunidade
AVE QUE VOA E RODOPIA:
MÍSTICA BRASÍLIA

Destaque de Chão
Tatiana Lobão
PRENÚNCIO DA BONANÇA

**Alegoria 05
BRASÍLIA, JÓIA RARA PROMETIDA**

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>ARREBATAMENTO DE BRASIL EM SUA VIAGEM ONÍRICA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>[...] A canoa, no mundo da fantasia, transformou-se em Jaçanã e partiu... Levantou voo do rio e Brasil a tudo assistiu: “Pequeno menino, quero lhe contar sobre a sua irmã tão mais nova que é quase filha! Será forte e esperançosa, um ponto de luz no universo que nascerá em abril. Sabe-se que ela terá muito a dar aos homens e mulheres de boa vontade na terra” [...]</p> <p>O sonho revela-se azul para menino-Brasil, embalado pelo banzeiro do rio que o entorpece em sua canoa, flertando com as jatuaranas que bailam ao som de melodias que invadem a pindorama e lhe servem de canções de ninar, enquanto sua mãe, a índia, representa a grande pátria-família que criou o menino-Brasil e que criará sua irmã Brasília, conversa com a grande onça celebrando a tradição ameríndia.</p> <p>A floresta, as águas, o rio, o barco e o menino fundem-se numa só vibração... protegido pela mansidão do elo entre seu povo e as matas, ao adormecer e abrir definitivamente os olhos na onírica realidade azulada, uma surpresa se apresenta....</p> <p>A canoa que, no sonho, tornar-se-á Jaçanã, surge majestosa entre os feixes índigos para apresentar a incrível história de uma cidade-menina que será considerada por muitos um epicentro místico-energético de sua terra:</p> <p>- “Apresento a você, menino-Brasil, sua irmã que é tão mais nova que é quase filha: a pequena Brasília”.</p> <p>Embarquemos nesse sonho-profecia...</p> <p>Composições Masculinas e Femininas: Spectros do Rio (Destaques Laterais I) – Kerpimanha Ana Cristina Fernandes (Destaque Central Frontal) – Cunha-Poranga Ednelson Pereira (Destaque Central Alto I) – Caaporã (Destaques Laterais) – Bençãos-Festas de Jaci Marcelo Moreno (Destaque Central Alto) – Yamandú Janaína Guerra (Destaque Central Performático) – Boiúna</p>

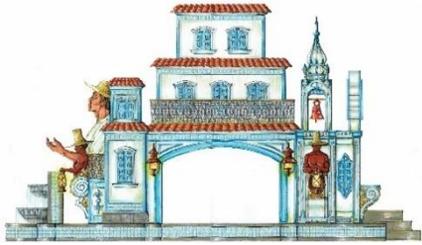
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>GLÓRIA AOS SULISTAS-FANDANGOS-CANDANGOS</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>[...] Jaçanã levantou-se de novo voando para longe dando adeus aos cabeças-amarelas que apontavam para outro frente. Brasil desconfiado não entendia o sonho: seria um delírio? “Não, pequeno menino meu...” – disse Jaçanã. “É uma profecia!”.[...]</p> <p>O sonho-profecia ganhando forma pelas vozes dos “cabeças-amarelas” que irão ajudar a povoar o Cerrado com sua cultura. O vento minuano balança as videiras carregadas de frutos que dão a vida e o sabor vinhoso que emolduram as belezas do sul do país e que logo se esparramarão pelo entorno da menina-Brasília...</p> <p>Um povo filho da terra que não está de brincadeira e que, na lida do dia a dia, com seu carro de boi tendo a relva das campanhas como testemunha, não perde a oportunidade de celebrar seu rincão contemplando o céu azul no vai e vem dos ramos esplendorosos de paineiras rosas, protagonistas dos cenários sulistas. Seguem os Sulistas com a vida tendo seu ritmo marcado pelo som da viola que cantarola a cultura do Sul, atmosfera onde reina o desejo de sempre de, ao fim do dia, correr para os braços do bem querer.</p> <p>Rumam os Sulistas ao Planalto Central para regar a flor do Cerrado de gibão e chimarrão! Os Sulistas acenam à Jaçanã e começam a migração...</p> <p><i>“Vou-me embora, vou-me embora, Prenda minha, Tenho muito que fazer... Eu vou partir para bem longe, Prenda minha, Pro campo do bem-querer”</i></p> <p>Composições Femininas – Deusas das Videiras Composições Casais – O Colorido dos Piás e Guriás Solenmira Munford (Semi-Destaques Frontais) – Beleza das Flores e dos Campos Sulistas Marry de Francy (Destaque Central Frontal) – Brisa do Vento Minuano Samile Cunha e Gustavo Krelling (Semi-Destaques Personagens) – Sulista e Prenda Andreony e Alexandre (Semi-Destaques Altos) – Glórias Sulistas Marcio Marinho (Destaque Central Alto) – Roda a Roda da Vida Sulista</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>DE DIAMANTINA PARA O PLANALTO</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Das Minas Gerais lá pelas bandas do Sudeste, a idealização antiga, já dada pelos Inconfidentes Mineiros, de interiorização da capital... “<i>Solo rico das Gerais!</i>”, Diamantina que nos deu Francisca da Silva de Oliveira, Chica da Silva, Juscelino Kubistchek e tantas outras forças! Da Diamantina mineira, não apenas riqueza, mas um visionário: na lenda-sonho, a cidade cujo filho traria à luz a menina-Brasília.</p> <p>Sob os telhados de diferentes alturas das igrejas simbólicas da cidade mineira, com suas imponentes torres como testemunhas, a força da vontade e do desejo do seu filho futuro presidente, ainda jovem, almejando a possibilidade, lá na frente, da decisão de fundar uma cidade que também nascerá mergulhada em religiosidade! 21 de abril será o dia do nascimento da menina-Brasília! E 21 de abril o dia de lembrança e consagração da Inconfidência Mineira!</p> <p>Dois dias atrelados no sonho e na realidade, separados pelos séculos: o mesmo dia juntando Minas Gerais à Brasília, a idealização de tantos de agora e de outrora no encontro do desejo de um ainda jovem sonhador-trabalhador de Diamantina, filho de um caixeiro-viajante e de uma professora, que viria a pretender 50 anos em 5 de avanço e progresso quando chegasse sua hora! E no entorno da mesma igreja de telhados diferentes, futuros candangos também vibram o futuro: de Minas, muitos dos trabalhadores iriam para o Planalto Central, o conterrâneo à frente, em seu sonho-realização de fundação, todos desejando amor e união em uma casa nova pronta, arejada com a mesma fé e proteção das icônicas igrejas mineiras e com a esperança de liberdade da conterrânea Chica da Silva!</p> <p>Composições Femininas e Masculinas – Verde Esperança Manoela Coutinho (Destaque Central Frontal) – Beleza Candente Mineira Robson Garrido (Destaque Central Performático) – O Fundador Alex Oliveira e Wagner Barbosa (Semi-Destaques Altos) – Riqueza Diamantina Klayton Eller (Destaque Central Alto I) – Diamante Diamantina: lume de Minas ZeZito Ávila (Destaque Central Alto II) – Legado Eterno</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>MAIS UM SILVA PAU-DE-ARARA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Em busca de uma “<i>Nova pindorama [i] de árvores retorcidas nascida porque filha dos filhos dessa terra em confraternização!</i>”, os filhos da terra vão em direção às promessas do Cacique mineiro, lá pelas bandas do Cerrado... munidos pela sua fé, a abençoar-lhes a ventura, costurada com os fios brancos de asas brancas da esperança, o pau-de-arara corre Brasil adentro, levando os candangos para construir uma casa e a cidade que se anuncia longe da Caatinga...</p> <p>Velas pela estrada, segue a romaria!</p> <p>Silvas e Severinos a moldar a menina-Brasília, trazendo, na lembrança, a paisagem do mundo seco pelo sol, e, na bagagem, uma vontade e uma profecia de um Brasil de boa-aventurança, a ser talhado por suas mãos candangas da cor do barro.</p> <p><i>“Candango não perde a fé Carrega filho e mulher Pra erguer nova Cidade...”</i></p> <p>Composições Masculinas e Femininas – Severinos Jonathan Elias e Gisele Fiuza (Semi-Destaques) – A Seca Mariza Guimarães e Michele Micheloni (Semi-Destaques Femininos) – Esperança nas Vidas Secas Leticia Viana (Destaque Central Frontal) – Sol Lascado Dill San (Destaque Central Performático) – O Diabo do Medo Paulo Robert e Carolina Stankevicius (Semi-Destaques Altos) – Fé Retirante Vander Gevu (Destaque Central Alto) – Sertanejo em Romaria”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Edson Pereira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>BRASÍLIA, JÓIA RARA PROMETIDA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p><i>[...] Deitou-se então no seu jazigo e, abrindo as duas asas, Jaçanã ao chão se fundiu, o corpo inteiro tornando-se asfalto e magia.</i></p> <p><i>Um pássaro que viraria casa para o Brasil, quem diria?![...]</i></p> <p>Brasília em seu esplendor! A viagem onírica de Brasil é invadida por um clarão de feixes brancos de luz que emanam a sensação de realização da profecia. Branco que se junta ao azul do início de sua jornada formando um campo de energia mística realizada a aportar no Centro-Oeste deste chão.</p> <p>No sonho, Jaçanã funde-se ao chão do Planalto Central, para ser irmã de Brasil e casa de toda a pátria-família! Os “Guerreiros” erguidos com as mãos para o céu, homenagem os candangos filhos de todo chão que montaram a nova casa para Brasil! A “Catedral Soterrada” (Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Aparecida) para ser templo de fé para os filhos unidos em paz naquele chão, dedicada à Nossa Senhora de Aparecida, padroeira da Menina-Brasília e do Brasil, a receber as orações da nação:</p> <p><i>“Livrai-nos, Santa, da dor e do mal cravando nas retas da cidade as curvas do coração desse povo bravo, heroico, sofrido, estopim da chama da cidade candente de migração”!</i></p> <p>Assim, enfim, um novo Lar para abraçar o povo dando-lhe cuidado e esperança!</p> <p><i>[...] Ah, Brasília! Pois, honrando tua inspiração, que caibam no teu seio muitos Brasis forjados pela oração! Recebe-nos, Irmã, com lágrimas de misericórdia então e cuida, enfim, dos gemidos da nação em oferenda, pois na Sapucaí, só por hoje, saibam todos, o resto tudo é tudo lenda...</i></p> <p>Composições Femininas – Alegria da Pátria-Família Larrisa Guido e Maria Bottino (Semi-Destaques Frontais) – Nascimento da Menina-Brasília Ivi Mesquita (Destaque Central Frontal) – Mãe Gentil Ana Claudia e Patricia Guilla (Semi-Destaques Altos) – Do Sonho da Canoas à Irmã de Luz Andréa Oliveira (Destaque Central Alto) – Alma Brasileira</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01 (Abre-Alas)</u> Ana Cristina Fernandes (Primeira-Dama) – Central Frontal Ednelson Pereira – Central Alto (Canoas) Marcelo Moreno – Central Alto Janaína Guerra – Central Performático</p>	<p>Empresária Empresário Cabelereiro Empresária</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Marry de Francy – Central Frontal Marcio Marinho – Central Alto</p>	<p>Estilista Empresário</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Manoella Coutinho – Central Baixo Robson Garrido – Personagem Klayton Eler – Central Alto Zezito Ávila – Central Alto</p>	<p>Médica Decorador Empresário e Professor Universitário Estilista</p>
<p><u>Alegoria 04</u> Leticia Viana – Central Frontal Dill San – Personagem Vander Gevu – Central Alto</p>	<p>Apresentadora e Fisioterapeuta Empresário Fotógrafo</p>
<p><u>Alegoria 05</u> Ivi Mesquita – Central Frontal Andréa Oliveira – Central Alto</p>	<p>Empresária e Bailarina Analista Financeiro</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Moisés Carvalho</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Joãozinho</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Juracir</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Salvador</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Moisés Carvalho</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Paulo Ferraz</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Nino - Fibra Hildenberg Batista - Engenheiro Rogério Kennedy (Fuca) - Iluminação Sandro Marcio e filhos - Vidraceiros Alex Salvador - Movimentos Adriano Cavalcante - Almoхарife de Alegorias Fábio Costa - Direção Artística</p>	

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Alessandra Reis	- Atelier de Composições
André Rodrigues	- Projetos Gráficos
Flávio Magalhães	- Assistente de Carnavalesco
Leandro Santos	- Chefe de Adrecistas
Clark Mangabeira e Victor Marques	- Pesquisadores
Yasmim Tavares	- Assistente de Projeto
Nicolas Gonçalves	- Assistente de Cenografia
Lucas Abelha	- Assistente Desenhista
Luiz Martins e Jaison Duarte	- Compradores
Maria Cristina Conceição	- Técnica de Segurança do Trabalho
Jussiara Rodrigues	- Recepção do 3º Andar
Wallace Santos, Baixinho e Branco	- Serviços Gerais
Adilson e Sr. Batista	- Portaria

As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução das Alegorias e dos Elementos Cenográficos (Tripés).

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	A Revoada dos Uirapurus 	<p>Considerado pelos indígenas como o Rei do Amor, os Uirapurus, pássaros de infinita beleza e canto inconfundível, são testemunhas do encontro entre Guaraci e Jaci. São amuletos que representam a felicidade no amor, protegendo o ritual dos deuses.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2019)</p>	<p>Ana Formighieri</p>
01	Os Tons-Brasil de Uma Profecia Encantada 	<p><i>Abriram-se as margens do rio ao sol nascente, que esverdeava ainda mais a mata e azulava o céu incandescente, para desvendar uma lenda indígena que falaria a um pequeno índio-menino sobre uma relíquia. [...]</i></p> <p>E se começamos com o começo, é uma lenda indígena que contará a estória de Brasília! A mata mais verde do nosso Brasil sendo o cenário da vida do nosso pequeno índio-menino! Nesse dia de sonho, o mundo amazônico se descortina esverdeando ainda mais a mata! E, dela, o curumim partirá para sua jornada!</p> <p>Jornada iluminada com o sol que amarela a vida da floresta! Lança seus raios dourados para ressaltar os tesouros da fauna, destacando-se o jaguar, mestre supremo da alma brasileira da floresta. A dança que os índios fazem são para anunciar o sonho xamânico da nova irmã!</p>	<p>Abertura (2019)</p>	<p>Fábio Costa</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Os Tons-Brasil de uma Profecia Encantada (Continuação)</p> 	<p>E complementando o cenário, voando no céu azul, azulado ainda mais pelo sol nascente da nossa profecia lendária, as araras do mundo brasileiro dão, no canto e na batida de suas asas, o plano de fundo para o sonho que se aproxima!</p> <p>O curumim vive com alma e a cabeça nas nuvens, ao lado das belas araras azuis que emolduram o cenário de sua felicidade.</p> <p>E complementando o cenário, voando no céu azul, azulado ainda mais pelo sol nascente da nossa profecia lendária, as araras do mundo brasileiro dão, no canto e na batida de suas asas, o plano de fundo para o sonho que se aproxima! O curumim vive com alma e a cabeça nas nuvens, ao lado das belas araras azuis que emolduram o cenário de sua felicidade.</p> <p>Mas...</p> <p><i>[...] Perto do rio, o curumim levantou-se cedo – a pesca o esperava! [...]</i></p> <p>E nas águas onde a pesca o esperava, as jatuaranas nadavam na sua felicidade de sempre: partiria de canoa nosso curumim para tentar pegá-las!</p> <p>Entre o verde, o amarelo, o azul e o branco da vida da mata, o menino Brasil fartava-se! Feliz, nesse mundo, uma lenda-profecia lhe seria revelada!</p>	Abertura (2019)	Fábio Costa

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Jaçanã e Brasil</p> 	<p>Surge no sonho a viagem mágica da ave Jaçanã e um índio, para contar a história da sua irmã! Irmã, porque Brasil e Brasília são ambos filhos da Pátria Mãe Gentil, do povo que, unido, construiu um país e sua capital-destino. Brasil!</p> <p>Guerreiro voando longe nas asas de Jaçanã pela história da joia do Cerrado, a nascer em abril</p>	<p>Destaques de Chão Thiago Avancchi e Alexandre (2019)</p>	<p>Fábio Costa</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>O Pequeno Grande Guerreiro</p> 	<p><i>[...] Animado na alma com a vida na mata, bebeu escondido aluá e fartou-se com a pupunha da sua mãe que sempre o alimentava. Beijou-a e sozinho, fingindo ser o homem que ainda não era, pulou em sua canoa sem destino rumo à peripécia que, os grandes, espera. Pelo rio, com riso nos lábios e vontade de alegria na pescaria e na jornada, o curumim gritava alto às águas para espantar Boiúna, ou tudo, ou nada:</i></p> <p><i>“Eu sou Brasil! Tenha medo de mim! Aqui quem fala é um pequeno gigante que já pesca com vontade danada de gente grande!”. [...]</i></p> <p>O curumim Brasil, acompanhado dos espíritos dos seus ancestrais indígenas, feliz e satisfeito, lançou-se na canoa pelo rio em busca das jatuaranas e não imaginava o sonho-profecia que viria!</p> <p>Sobre as águas calmas, remando, brincando e pescando com vontade danada, gritava para espantar os medos do alto da sua aventura rio acima, ou tudo, ou nada!</p> <p><i>[...] Com o sol forte da manhã, entretanto, Brasil resolveu descansar do seu gracejo. O pequeno deitou-se na canoa embalada pelo banzeiro e adormeceu para sonhar o sonho dado ao miúdo bravo guerreiro... [...]</i></p>	<p>Intervenção 01 – Comunidade (2019)</p>	<p>Fábio Costa</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	Caldeirão de Brasilidade 	<p><i>“[...] só podendo ser entendida se soubermos sobre sua pátria-família, a verdadeira mãe e geradora da sua irmã nessa cantiga”.[...]</i></p> <p>No sonho do menino-Brasil, a unidade do chão pela lenda indígena! De norte a sul, a força dos povos indígenas unindo o sangue brasileiro. E na lenda dessa menina-Brasília, filha da pátria-família, surge outro símbolo de unidade do povo! Muitas, muitas bananas e praticamente uma república só para elas! Uma República de Bananas que também dá o tom verde-amarelo ao sonho de Brasil! É do verde que brota o amarelo, símbolo que une todas as tribos deste chão. Ela chega em forma de coroa para ostentar seu título de preferida da pátria-família. Sua natureza variada representa a multiplicidade das tribos deste chão.</p> <p>Bananas, que tão bem representam a brasilidade, lá também estarão, pois florescerão no chão dos entornos da “flor do cerrado”!</p>	Baianas	Vera

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>A Força do Xondaro</p> 	<p><i>[...] A Jaçanã, montada pelo menino e com asas batendo forte, foi primeiro para baixo cruzando serras no céu anil.[...]</i></p> <p>E o dedilhar sobre a cantiga lendária de Brasília começa pelo Sul! Sul de um Brasil de todos!</p> <p>Terra de múltiplos irmãos e etnias, que agora nesse regozijo, celebrando a poesia tingida em vermelho pau-brasil, dançam o Xondaro, um misto de dança e luta. Ouvindo os conselhos dos <i>xeramoí kuery</i>, os pajés, os dançantes aproximam a mensagem das <i>nhanderu kuery</i> (divindades) de que a profecia está por se cumprir. Um Brasil para o menino-Brasil, indígena de Norte a Sul! A força do caldeirão de brasilidade expressa pelos corpos e sangue indígenas que sempre povoaram este chão!</p> <p>No vermelho do corpo, os índios do Sul recebem seu irmão Brasil para reforçar a unidade da profecia!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
04	<p>Desbravadores-Bandeirantes Austrais</p> 	<p><i>[...] Mostrou ao pequeno Brasil um pampa aberto sob as estrelas, enorme! [...]</i></p> <p>No voo da Jaçanã pela terra de ventos frios do Sul, o sangue brasileiro desnudou o chão em ouro, beleza e cultura. A cada passo dado uma nova peça no quadro multicultural do Brasil apresentar-se-á. Os cabeças-amarelas profetizarão! E foram chamados pela amplidão do Cerrado, do Centro-Oeste, rumando como bandeirantes para a terra do futuro Distrito Federal, atraídos pela agricultura!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Prosperidade Cardeal 	<p>Representa toda vitalidade e vigor da capital no vislumbamento de um novo horizonte, desejo do cacique fundador. Fez-se a sua vontade e sua pedra fundamental é selada com o espírito da esperança com o laço da prosperidade que norteia seu caminho.</p>	<p>Destaque de Chão Dandara Oliveira (2018)</p>	<p>Harmonia</p>
05	Torrão Sulista que Reluz Ouro – Do Sul ao Cerrado 	<p><i>[...] Lá, estavam irmãos brancos de cabeças-amarelas [...].</i></p> <p>Assim, à Jaçanã e ao menino-Brasil, uma primeira peça a se apresentar vem dos pampas do sul, da terra da cultura migrante por excelência. Se a menina Brasília é filha de todos, nela se encontram refletidos ouro da agricultura e da cultura do Sul, prognosticando a abundância do amanhã nas danças e enredos dos cabeças-amarelas.</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Harmonia</p>
06	Na Cadência do Fandango 	<p><i>[...] e, Brasil, espantado, ouviu deles o recado [...]</i></p> <p>Em círculos, como num ritual, os cabeças-amarelas do Sul saúdam Jaçanã em sua viagem e, em rodopios marcados, simulando as voltas que a vida dá, desejam boa sorte na aventura de redescobrimto das raízes sulistas e brasileiras da irmã Brasília, joia do futuro, declamando parte da profecia com seu folclore majestoso...</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Fábio Costa</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Cabeças-Amarelas e a Profecia de Brasília</p> 	<p>[...] “Mas o pranto, afinal, que essa cólera encerra tomba: é a chuva que cai e que, o Paranoá, rega; e a cada gota, ali, cada gérmen se apega fecundando, a minar modernamente, toda a terra” [...]</p> <p>Revela-se ao menino Brasil, através de parte da profecia que indica o tom agricultor da migração sulista para o Centro-oeste, a face do Sul brasileiro, composta por seus recortes que abraçam a terra, a cultura, o passado e a agricultura para migrar para o Centro-Oeste e fortalecer Brasília. O povo sulista, com suas cuias inseparáveis, saúda e revela que a pluralidade é uma unidade fundamental do que está por vir na capital.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
*	<p>Dama das Videiras Sulistas</p> 	<p>O azul do céu do voo onírico de Jaçanã se confundindo com os tons lilases das videiras que se esparramam pelas terras sulistas, representando o dom da agricultura do povo do sul.</p> <p>Uvas para as mesas e para os vinhos! Um povo agricultor regado na felicidade roxa das suas plantações!</p>	Destaque de Chão Paula Bergamini (2018)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Novas Bossas Para uma Nova Menina 	<p><i>[...] A ave decolou e ali perto encontraram outro pedaço de terra que misturava areia, água salgada e pedra. A gente irmã suada do litoral também apontava para outro local e embebida nas cantorias e Novas Bossas suas sinas misturando-as com palavras das Minas, profetizou o futuro do seu passado para o menino [...]</i></p> <p>Ah, a Bossa Nova a animar o Sudeste e, em especial, o Rio de Janeiro, a capital anterior à Brasília! Na cantoria da Bossa Nova, estilo musical predominante na década de 1960 que embalou a visão modernizante de Juscelino Kubistchek, o Presidente Bossa Nova, o Sudeste e o Rio de Janeiro arfam o peito ao pássaro Jaçanã e ao menino-Brasil indicando o tom musical de mais um pedaço da profecia sobre o nascimento da menina-Brasília! Encantados com o cintilar das notas musicais e dos acordes no céu azul do litoral, Brasil e Jaçanã sentem a música que dá tom ao sonho-profecia...</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
09	A Gente Irmã Suada do Litoral 	<p>E no litoral, Jaçanã e Brasil se espantam com essa gente que, por entre a mistura de água salgada, areia e pedra, diverte-se nas ondas das praias e leva à vida com base musical, da Bossa Nova ao samba e pagode nossos de cada dia! Uma ode à praia, que será trocada pelo Cerrado quando a menina-Brasília nascer, mas sem antes um desfile lindo e cheio de graça que representa a felicidade da gente do litoral acontecer...</p>	Comunidade (2019)	Fábio Costa

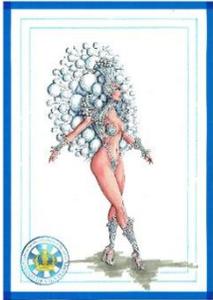
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Pelo Céu Azulado do Litoral, Jaçanã Avista a Gente Bamba</p> 	<p>E por essas bandas sagradas da Sapucaí, canta e samba, Vila Isabel, essa lenda sobre a menina-Brasília! No sobrevoar da Jaçanã pelo Sudeste, acene à ave e ao menino-Brasil no céu azulado com a força do samba e da negritude que corre nas veias e na Coroa majestosa do bairro de Noel. Desde já, Vila, samba o samba! O samba que tem origem lá pela Bahia, para onde Jaçanã em breve irá, e que se transformou pelas bandas de cá para nosso Brasil ver...</p> <p>Da imponência da sua história coroada de bambas, risca o chão da Marquês nesse dia de estórias e impulsiona Jaçanã rumo a outros rincões e ao Cerrado, de braços abertos para mostrar à ave e ao menino-Brasil a cultura dos muitos Brasis que modelarão a menina-Brasília nesse sonho!</p> <p><i>“Assim, Vila Isabel, canta essa Brasília irmã com o pequeno Brasil e sua Jaçanã, a doce morada nos dada de encomenda pelas bênçãos do céu azulado orvalhando o cerrado!”</i></p>	Passistas (2019)	Gabriel Castro
*	<p>Dama da Terra de Mil Carnavais</p> 	<p>Abram alas para o amor! Na folia do povo do litoral, ela dá o ar de sua graça despertando paixões e amores na terra de mil carnavais. Provocando encantamento, ela ratifica a tradição carnavalesca que emana do Bairro de Noel explodindo de felicidade sem limites, onde, no balanço da lenda, ela baila e dá um Riscado especial ao chão da passarela do samba que, hoje, saúda Jaçanã e Brasil! Pelo sonho e pelo povo do carnaval, nos fantasiemos para criar e celebrar histórias, lendas e a vida!</p>	Rainha de Bateria Aline Riscado	-

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Na Cadência da Profecia!</p> 	<p>E o povo suado do litoral, enfim, na malandragem da sua vida por entre notas musicais azuis das calçadas do bairro de Noel, azul do mesmo tom do céu do Cerrado e da Bandeira da Vila Isabel, entoa, com grito característico e único, forte, do Povo de Noel do chão bamba negro do Boulevard, a parte que lhe cabe na lenda-profecia! Mais alguns versos sobre Brasília, que está a aparecer no horizonte! E para lá, pedaços da vida malandra e bamba do litoral sendo (re)vividos nos redutos culturais cariocas da futura cidade!</p> <p>Avante, Swingueira de Noel, representante da "terra de mil carnavais"!</p>	Bateria (2018)	Mestre Macaco Branco
12	<p>Das Palavras das Minas, Salve a Profecia!</p> 	<p>E, se o Povo do Mar canta parte da profecia sobre a menina-Brasília tomando de empréstimo palavras das Minas Gerais, é porque de lá viria o futuro Cacique (Juscelino Kubistchek) a idealizar a Ave do Cerrado! De Diamantina, terra dos diamantes, para o povo todo, Minas deu não só o Cacique e a realização de sua ideia, mas também a força da cultura que acompanharia, ainda, alguns dos futuros trabalhadores Candangos que realizaram a profecia. Como retirantes levando consigo seus pertences e saudades, as Minas deram o líder político e a força da verde relva, os retirantes mineiros que sonharam, desde seus antepassados Inconfidentes, com levar uma Ave para o centro do chão!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>A Alma da Vila Saúda Brasil e Jaçanã</p> 	<p>E o povo preto do Samba, da força da resistência, da luta pela igualdade e pela liberdade, do Bairro de Noel, o espírito do passado e do futuro da Vila Isabel, saúda Jaçanã e o menino-Brasil na Sapucaí, riscando o chão no tom da lenda indígena que cantamos para homenagear a menina-Brasília:</p> <p><i>...Assim, nasceu a flor do Cerrado, quando um Cacique inspirado olhou para o futuro e mandou construir. Brasília, joia rara prometida! Que Nossa Senhora de Aparecida estenda seu manto pro povo seguir!</i></p> <p>...</p>	Velha-Guarda (2018)	Cheila Rangel
*	<p>Galardão ao Cacique Mineiro</p> 	<p>As águas que refletem o céu azul das Gerais correm de encontro ao ouro do passado mineiro para evocar o cacique fundador! O orgulho se veste com a riqueza do Barroco para iluminar a lembrança da terra que nos deu JK, o concretizador.</p>	Destaque de Chão Gracianna Benetti (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	Aqueles que Despertam Cunhatã 	<p>Jaçanã e Brasil partem para seguir viagem em direção ao encontro com o povo preto que moldou em muito nosso chão e alma! E, seguindo para esse novo pedaço de chão, o voo vai embalado pela composição dos sons e ritmos que são parte tanto do povo brasileiro quanto, e especialmente, da força da batida das poesias do Bairro de Noel! Aqueles que compõem poesias e melodias saúdam Cunhatã, a menina-Brasília, a ser despertada pelas vozes de esperança do povo brasileiro.</p>	Compositores (2019)	Thalles Henrique
*	Rodando, Jogando... Orando: Um Pouco de Fé na Profecia? 	<p><i>[...] Jaçanã com pressa, pois sonhos têm prazo certo, chegou em outro pedaço daquele mundão e Brasil viu irmãos orando e rodando pedindo clemência pela dança a Deuses que o índio desconhecia. [...]</i></p> <p>Jaçanã e o menino-Brasil aportaram em outro fronte e lá viram o povo preto orando e rodando para Orixás que o índio desconhecia! O povo preto, presença fundamental em Brasília, declamaria outra parte da profecia e seria para sempre resistência, com rápidos passos e golpes marcados que dialogavam, entre sons e batidas, com os Deuses! Na dança e na luta, o povo preto marcaria a aventura da Ave e do menino, e lembraria, ainda, na futura menina-Brasília, a história da Cidade do São Salvador da Bahia de Todos os Santos, que foi a primeira capital do Brasil.</p>	Intervenção 02 – Comunidade (2019)	Fábio Costa

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Brasil, Sinta a Força Ancestral do Povo Preto</p> 	<p><i>[...] O povo preto clamava igualdade e liberdade, e na dor sofria sem esquecer nunca a força ancestral que para sempre na resistência lhe caberia. O povo preto um beijo deu na Jaçanã e ao Brasil declamou um pouco de crença afinando a profecia: “são duas asas unidas de dois pajés construtores nascidas. Talvez do mesmo arrebol, vivendo toda a gente no mesmo chão arado e concretado, da mesma gota de orvalho, do mesmo raio de sol[i]” [...]</i></p> <p>A força ancestral do povo preto que quebra as correntes da dor em nome da igualdade e da liberdade, e que declama parte da profecia sobre a menina-Brasília ao menino-Brasil! E o povo preto e quilombola, em homenagem ao quilombo Povoado de Mesquita [ii], com memórias verdes de esperança e fé entre os laços que ligam seu chão à África, continua sua saga, lutando e guiando o menino-Brasil e sendo presença gigante na história da cidade...</p> <p><i>“Ô viola! A sina de Preto Velho É luta de quilombola, é pranto, é caridade!”</i></p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Alma Nordestina-Candanga</p> 	<p><i>[...] Voou então a ave para outro rincão [...]</i></p> <p>Nesse rincão, avistou Jaçanã e o menino-Brasil a alma nordestina que seria transmitida à menina-Brasília. A alma do Maracatu, dos Caboclos, do Sertão, representada na roupa multicolorida que metaforiza a pluralidade cultural do povo desse chão (o branco, o negro e o índio), coberta com as penas sagradas da felicidade; representada na dança sob o riscado compassado do ritmo do mundo nordestino! Embala, então, o voo de Jaçanã e do menino, enquanto o Nordeste se encarrega de dar cultura e montar a menina-Brasília.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Vidas Secas e Severina</p> 	<p><i>[...] para mostrar uma família que tanto padecia no sol lascado braseiro de testas, Vidas Secas e Severina! [...]</i></p> <p>Sob o sol braseiro de testas da seca que se abateu sobre o Nordeste no final da década de 1950, intensificou-se o fluxo migratório de nordestinos futuros candangos! Rumando para o centro desse mundão, levariam suas dores e desejos e esperanças para montar uma nova casa, saindo do sertão para encontrar outros candangos irmãos de outros locais, goianos, mineiros, paulistas...</p> <p>Na seca, a alma não desanimava! E mesmo com as dores da labuta que lhes esperava, a força nordestina encontraria meios de sobrevivência e seria mais uma pá de reboco de cultura na vida da menina que nasceria!</p> <p>Os mandacarus são testemunha da força e da luta deste povo! Chão rachado marcado pela luta sob os olhos da morte, companheira de sua triste sina.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Candango Não Perde a Fé 	<p><i>[...] Pés marcados no chão rachado e as mãos apertadas sem brecha, todos da família oravam de joelhos pedindo esperança e bom agouro, alguns dos futuros Candangos esses cabras-da- peste. [...]</i></p> <p>A fé que embala o povo candango na sua romaria ao Centro-Oeste. A fé que moldaria os entornos da nova casa irmã, a menina-Brasília, e contribuiria para a mística do Planalto Central. A fé candanga, a brasilidade do sincretismo das religiões que abençoam o misticismo da irmã Brasília, em sonho e na profecia, abençoada. O manto da Santa padroeira da Casa a tudo iluminar...</p> <p>No caminho candango em busca de esperança e futuro, a fé marca a presença no passado e no futuro, iluminando de azul o caminho até o Cerrado, abençoado por tantos Santos que o povo unido conclamava!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Nobres Sofredores Candangos</p> 	<p><i>[...] Quando viram Jaçanã e o menino Brasil, logo correram e apontaram para o Oeste: “Ave Musa incandescente do deserto do Sertão! Forje, no Sol do meu Sangue, o Trono do meu clarão: cante as Pedras encantadas e a Catedral Soterrada, Castelo deste meu Chão!”.</i></p> <p><i>E, rápida, para o longínquo Centro-Oeste, onde outros Candangos de lá já aguardavam, Jaçanã levou o pequeno Brasil.[...]</i></p> <p>Nobres Sofredores Candangos! Pais e mães da alma da menina-Brasília! A brasilidade do Norte ao Sul encontrando-se no Centro Oeste, não sem muito sofrimento! O trabalho incansável e sofrido, as dores da labuta de construção de uma nova casa, muitas vezes sob o descaso e adversidades... Restavam a fé e a esperança dos migrantes-retirantes que se juntaram no sonho de uma Ave no Centro-Oeste, dando seu sangue por ela.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Carcará Vermelho da Seca</p> 	<p>Quando a cacimba esvazia, seca a água da moringa e o carcará vermelho cor da seca voa no ar, planador, acompanhando as correntes de ar que nos levam ao Centro-Oeste do Brasil juntando-se à jornada do índio menino. Voa com ele a persistência nordestina!</p>	<p>Destaque de Chão Bete Floris (2019)</p>	<p>Harmonia</p>
20	<p>Gigante Pela Própria Natureza</p> 	<p>Eis a visão idealizada da menina-Brasília! Sob o manto da brasilidade e da vontade de um povo misturado que se encontrou no Planalto Central, sob o verde esperança da mesma cor das matas do menino-Brasil, virá à luz, no sonho-profecia do menino, sua irmã! A irmã moldada pela pátria-família, conjugando em si a força da enxada e da pá que ararão o chão, e dos instrumentos que a construirão! Segura a bandeira do futuro, um ponto de esperança no sonho-profecia dada ao menino-Brasil!</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>O Futuro da Profecia do Padre-Santo</p> 	<p><i>[...] Pousou no meio daquele cerrado e ela mesma, antes de sumir, sorriu: “ Brasil, no futuro essa profecia se revelará a um Padre-Santo em outro sonho para se realizar em moderno Plano Piloto!” [...]</i></p> <p>E já no sonho do menino-Brasil, Jaçanã avisa: no futuro, um Padre-Santo também sonhará com a menina-Brasília! Uma Brasília que se mostra como lenda e profecia! E na voz do Padre-Santo Dom Bosco, será imortalizada: “Entre os paralelos 15° e 20°, surgirá uma cidade que manará leite e mel para toda a Terra”.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
22	<p>Homenagem ao Cacique Mineiro</p> 	<p><i>[...] “O que os cabeças-amarelas, os pretos, os filhos do mar, das Minas e os futuros Candangos recitavam e apontavam será aqui: sua irmã, o lugar de fé que unirá aquela gente, aquele povo todo, para o mundo jorrando leite e mel com gosto...” [...]</i></p> <p>A Brasília que o povo anteviu e apontou como universo de união, caldeirão de brasilidade lá no Cerrado, sonhada pelo menino e profetizada, no futuro, pelo Padre-Santo, terá idealização e realização pela visão do Cacique... o Cacique mineiro de Diamantina que imortalizará a visão de uma casa nova, gigante pela própria natureza, amparado nas cores da bandeira brasileira! Rende-se homenagem ao fundador da menina-Brasília!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Edson Pereira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Ave que Voa e Rodopia: Mística Brasília</p> 	<p>[...] “A terra mística no alto desse Planalto que se levantará tentando nos dar ‘sessenta’ anos em cinco de avanço sem percalço com tanta gente junta que se esparramarão para além das Asas da casa deitando-se até em seu entorno com as cores das suas culturas servindo de reboco! Vem, menino Brasil, anime-se! Sua irmã Brasília será ave que voa e rodopia!” [...]</p> <p>Levanta-se a menina-Brasília como ave que voa e rodopia! Um Brasília profetizada e lendária! Nossa Brasília sob o azul forte do céu do Cerrado, esparramada com as asas abertas! Mística, tanto na sua realidade, que envolve o sincretismo fruto da migração, como também na sua lenda-profecia, com raízes no Egito Antigo: contam que a menina-Brasília seria a nova polis-templo Akhetaton, no formato de um pássaro...</p> <p>Salve a Jaçanã de asas abertas! Salve sua mística egípcia!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Edson Pereira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Prenúncio da Bonança</p> 	<p>A esperança de uma nova era é a representação do branco-paz do concreto e das curvas da cidade prometida, a menina-Brasília. Em seu alvo mármore, persiste a crença em dias melhores e brota a vocação para o futuro que reluz na projeção de tempos grandiosos para gigante chamado Brasil. É o prenúncio da bonança, dado por Jaçanã.</p>	<p>Destaque de Chão Tatiana Lobão (2019)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Alessandra Reis	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis
Adrecista Chefe de Equipe Alessandra Reis	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Zé
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Paula - Espuma Junior - Placas Vitor - Vime Alexandre Abreu - Arames Jorge Abreu - Maquiagem Leandro Assis - Pintura Fernando - Corte	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Cláudio Russo, Júlio Alves e Chico Alves.		
Presidente da Ala dos Compositores Thalles Henrique		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 70 (setenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Machadinho 82 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Thalles Henrique 28 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Sou eu! Índio filho da mata Dono do ouro e da prata Que a terra-mãe produziu Sou eu! Mais um Silva pau de arara Sou barro marajoara Me chamo Brasil Aquele que desperta a cunhatã Para ouvir jaçanã sussurrar ao destino</p> <p>O curumim, o piá e o mano Que o vento minuano também chama de menino Do Tapajós desemboquei no Velho Chico Da negra Xica, solo rico das Gerais E desaguei em Fevereiro No meu Rio de Janeiro, terra de mil Carnavais</p> <p>Ô, viola” A sina de preto velho É luta de quilombola, é pranto, é caridade Ô, fandango! Candango não perde a fé Carrega filho e mulher Pra erguer nova cidade Quando a cacimba esvazia Seca a água da moringa Sertanejo em romaria É mais forte que mandinga Assim nasceu a flor do cerrado Quando um cacique inspirado Olhou pro futuro e mandou construir Brasília, joia rara prometida Que Nossa Senhora de Aparecida Estenda o seu manto pro povo seguir</p> <p>Sou da Vila, não tem jeito Fazer samba é meu papel Fiz do chão do Boulevard meu céu! “Paira no ar” o azul da beleza Gigante pela própria natureza</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

A proposta de resgatar a tradição e a beleza tão marcantes na história de nossa escola, encontra em uma melodia sinuosa e crescente e uma letra de versos inspirados e distantes do lugar comum, porto seguro para ecoar na Avenida Marquês de Sapucaí, livre em alto e bom som, Gigante pela própria natureza! Essencialmente construído em tom maior, com algumas inusitadas passagens para o relativo menor, o samba-enredo da Unidos de Vila Isabel busca possibilitar o canto forte do componente uníssono e marcante.

De forma lúdica e poética, desde os primeiros versos, o samba procura dialogar com o enredo ao representar, em notas musicais e palavras, a lenda do pequeno índio Brasil e sua viagem para decifrar a profecia e encontrar a sua tão sonhada irmã. O que parece ser um desafio, descrever o mosaico cultural de nosso país, encadeado de maneira leve e sutil, proporciona um verdadeiro chamamento ao folião para cantar e viajar com nosso branco e azul, da floresta aos mais longínquos recantos deste abençoado chão. Em primeira pessoa, materializando a essência de nossa identidade cultural, canta Brasil:

Sou eu!

Índio filho da mata

Dono do ouro e da prata

Que a terra-mãe produziu

Sou eu!

Mais um Silva pau de arara

Sou barro marajoara

Me chamo Brasil

Mas aquele que desperta cunhatã precisa cumprir seu destino e das asas de Jaçanã escuta o sussurro dos nomes que recebe em diversos rincões desta aquarela, como nos Pampas: dos irmãos brancos, das cuias e galopes e do vento minuano...

Aquele que desperta a cunhatã

Para ouvir jaçanã sussurrar ao destino

O curumim, o piá e o mano

Que o vento minuano também chama de menino

Segue o baile, segue o sonho, desce o rio e a viagem que começou a beira de um curso d'água desemboca neste senhor das correntezas, conhecido por Velho Chico, da Negra Chica, solo rico das Gerais... Ecoam novas bossas, velhos batuques! É o samba malandro do Rio de Janeiro na cadência da Swingueira de Noel!

Do Tapajós desemboquei no Velho Chico

Da negra Xica, solo rico das Gerais

E desagui em fevereiro

No meu Rio de Janeiro, terra de mil carnavais

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O povo preto de força, resistência e fé revela, no menino Brasil, um sentimento tão intenso que a musicalidade aflora como um grito de liberdade. Neste momento a melodia ganha desenho rítmico de calango e remonta o pranto de preto velho e a luta dos ancestrais... Oh viola! Candango não perde a fé e no balanço do fandango carrega filho e mulher pra erguer nova cidade!

Oh, viola!

A sina de preto velho

É luta de quilombola, é pranto, é caridade

Oh, fandango!

Candango não perde a fé

Carrega filho e mulher

Pra erguer nova cidade

Mas o poeta há muito escreveu que o sertanejo antes de tudo é um forte e foi de homens fortes, pobres, negros, nordestinos que mesmo sem água na moringa, mesmo com a cacimba vazia ergueu-se muito deste país! Bravos que não esqueceram de seguir a romaria e enfrentar as dificuldades, demandas, mandingas como fortes que são...

Quando a cacimba esvazia

Seca a água da moringa

Sertanejo em romaria

É mais forte que mandinga

E o voo de Jaçanã leva Brasil ao chão do interior, as entranhas destas paragens, os confins do cerrado onde a flor mais bela desabrocha como manda a profecia e pela visão de um pajé iluminado, o futuro se constrói com o nome de Brasília, a joia rara prometida, irmã do menino Brasil, cidade de tantos fundamentos, legado de toda cultura nacional, protegida por Nossa Senhora de Aparecida!

Assim nasceu a flor do Cerrado

Quando um cacique inspirado

Olhou pro futuro e mandou construir

Brasília, joia rara prometida

Que Nossa Senhora de Aparecida

Estenda o seu manto pro povo seguir

É carnaval e no reino de momo o Brasil nasce em cada um de nós, parafraseando Noel podemos dizer: Quem nasce na Vila nem sequer vacila em abraçar o samba... E por isso consagrado pelo céu de Brasília, o mais bonito que há e pelas calçadas musicais, Eu sou da Vila e não tem jeito! Canta Brasil! Vem sentir nosso feitiço!

Sou da Vila, não tem jeito

Fazer samba é meu papel

Fiz do chão do Boulevard meu céu!

“Paira no ar” o azul da beleza

Gigante pela própria natureza

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Macaco Branco				
Outros Diretores de Bateria Buda, Jean, Menguinho, Cleber, Pulguinha, Mariozinho, Cassiano, Jorge Pedro, Rafael, Malcon, Mangueirinha, P.V, Wolverine, Pivete, Ivo Francis, Romulo, Cirilo, Thayane, Thalita e Geraldo				
Total de Componentes da Bateria 276 (duzentos e setenta e seis) Componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 13	2ª Marcação 13	3ª Marcação 16	Reco-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 50	Tarol 50	Tamborim 36	Tan-Tan 01	Repinique 40
Prato 0	Agogô 0	Cuíca 24	Pandeiro 04	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias Xequerês – 05 Componentes Bateria Fantasia: Na Cadência da Profecia! O que representa: E o povo suado do litoral, enfim, na malandragem da sua vida por entre notas musicais azuis das calçadas do bairro de Noel, azul do mesmo tom do céu do Cerrado e da Bandeira da Vila Isabel, entoa, com grito característico e único, forte, do Povo de Noel do chão bamba negro do Boulervard, a parte que lhe cabe na lenda-profecia! Mais alguns versos sobre Brasília, que está a aparecer no horizonte! E para lá, pedaços da vida malandra e bamba do litoral sendo (re)vividos nos redutos culturais cariocas da futura cidade! Avante, Swingueira de Noel, representante da "terra de mil carnavais"! Presidente de Honra da Bateria: Mestre Mugg Rainha de Bateria: Aline Riscado Fantasia: Dama da Terra de Mil Carnavais O que representa: Abram alas para o amor! Na folia do povo do litoral, ela dá o ar de sua graça despertando paixões e amores na terra de mil carnavais. Provocando encantamento, ela ratifica a tradição carnavalesca que emana do Bairro de Noel explodindo de felicidade sem limites, onde, no balanço da lenda, ela baila e dá um Riscado especial ao chão da passarela do samba que, hoje, saúda Jaçanã e Brasil! Pelo sonho e pelo povo do carnaval, nos fantasiemos para criar e celebrar histórias, lendas e a vida!				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Diretor Geral de Bateria – Mestre Macaco Branco: o percussionista Anderson Andrade, mais conhecido como “Macaco Branco”, nasceu em Vila Isabel, e como bom representante do bairro de Noel, começou ainda criança a frequentar a escola de samba. O amor pela música vem desde então, quando a latinha de refrigerante e o palito de churrasco formavam o tamborim improvisado. Seu interesse e vocação eram notórios e por isso ganhou de presente um instrumento de verdade. Logo começou a desfilar na bateria de escolas mirins, como a Herdeiros da Vila e Aprendizes do Salgueiro. Aos 14 anos fez sua estreia na bateria da escola de samba G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, e um ano mais tarde já era o responsável pela ala de tamborins, além de dar aulas de percussão no projeto desenvolvido pela agremiação. Macaco Branco deu, aos 18 anos, um importante passo em sua carreira quando conheceu Márcia Alvarez, empresária, que reconheceu seu talento e o convidou para fazer parte da nova banda da cantora Mart'nália. Trabalhando ao lado da cantora, aprendeu a tocar outros instrumentos de percussão que ampliaram seu horizonte para além do universo das escolas de samba. Tal vivência foi fundamental para aprimoramento e lhe permitiu fazer shows ao lado de artistas como Alcione, Celso Fonseca, Emílio Santiago, Luiz Melodia, Márcia Castro, Maria Rita, Paulinho Moska e Zélia Duncan. Também participa de gravações de trilhas sonoras e do CD das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Atualmente o percussionista faz parte da banda do cantor Dudu Nobre, Pedro Luis, Hamilton de Holanda e Mart'nália, além de tocar junto à equipe do Samba de Santa Clara. Na carreira profissional, Macaco também atua dando aulas e workshops pelo Brasil a fora. O músico já ministrou cursos de percussão na Colômbia e ocupou o posto de diretor musical da Unidos de Vila Isabel e da Acadêmicos do Sossego, onde também atuou como mestre de bateria. Atualmente, Macaco ocupa o posto de mestre de bateria da Unidos de Vila Isabel. Sua estreia no cargo ocorreu no Carnaval de 2019 tendo, antes disso, já atuado em diversas funções dentro da bateria, como ritmista, diretor de tamborim e diretor de marcação. Em seu segundo carnaval à frente da Swingueira de Noel, coordenará os 276 ritmistas da agremiação.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

<p>Diretor Geral de Harmonia Marcelinho Emoção</p>
<p>Outros Diretores de Harmonia Valter Ferreira (Valtinho), Fernando Veiga (Faqui), Júlio César (Tio Júlio), Edson Guilherme, Expedito Azevedo, Sérgio Fernando (Preto Velho), Wanderson Sodré, Chico Branco, Marco Antônio (Marcão), Ednelson dos Santos (Didi) e Alair Farias e Gilberto da Silva (Cabeça Rica)</p>
<p>Total de Componentes da Direção de Harmonia 70 (setenta) Componentes</p>
<p>Puxador(es) do Samba-Enredo Tinga</p>
<p>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Douglas e Léo Antunes – Cavaco Kayo Calado e Wandré – Violão</p>
<p>Outras informações julgadas necessárias</p> <p>Cantores de Apoio: Gera, Thiago Brito, Tuninho Jr, Rafael Tinguinha, Juan Briggs, Breno e Henrique.</p> <p>Direção Musical – Rafael Prates (Produtor Musical, Arranjador, multi-instrumentista e compositor): formado pelo Conservatório Brasileiro de Música (Fac. de Licenciatura em Música), Universidade Estácio de Sá em Gravação e Produção Fonográfica, entre outros Cursos de Técnicos de Aperfeiçoamento Musical como Escola de Música (CIGAM) e Curso de Trilha Sonora pra Cinema e TV. Segue numa trajetória trabalhando como músico, arranjador e na produção do CD das Escolas de Samba do RJ, desde 2002 para o Grupo da Série A e desde 2005 para a produção do CD das Escolas de Samba do Grupo Especial do RJ. Como músico já atuou tocando com grandes artistas da música popular brasileira, como: Alcione, Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Arlindo Cruz, Martinho da Vila, Sombrinha, Dudu Nobre e Fundo de Quintal. Sua última participação como músico foi na gravação do novo álbum do cantor Zeca Pagodinho (Mais Feliz). Atua também como compositor e parceiro de diversos sambas de enredo, sendo campeão diversas vezes pelas agremiações como Cubango, Unidos de Bangu, Rocinha, Salgueiro, Águia de Ouro, Beija Flor (2018) e União da Ilha (2020). Tem passagem como músico e Diretor Musical em várias escolas do Carnaval RJ, SP, Beija Flor de Nilópolis, Grande Rio, Império Serrano, Império da Tijuca, Mocidade, Salgueiro, Águia de Ouro e atualmente está na direção musical da Unidos de Vila Isabel para o Carnaval de 2020 ao lado do grande intérprete Tinga e toda direção da escola.</p> <p>Diretor Geral de Harmonia – Marcelinho Emoção: Começou na Tupy de Brás de Pina. Passou pela Harmonia do GRES Imperatriz Leopoldinense, nos tempos áureos da escola. Foi para o GRES Beija-Flor, no ano em que a agremiação conquistou seu bicampeonato. A seguir, passou pelo GRES Unidos da Tijuca, onde vivenciou duas conquistas. No GRES Estação Primeira de Mangueira, no início da atual gestão, foi campeão. Em 2020, lidera pelo terceiro ano consecutivo a Harmonia do GRES Unidos de Vila Isabel.</p> <p>Intérprete Oficial – Tinga: Anderson dos Santos, o Tinga, é oriundo do GRCEM Herdeiros da Vila. De 2002 a 2004, fez parte do carro de som do GRES Unidos da Tijuca. Morador da comunidade do Morro dos Macacos, atuou como primeiro intérprete do GRES Unidos de Vila Isabel durante 10 anos, entre 2004 e 2013. Em 2014, Tinga tornou-se a voz oficial do GRES Unidos da Tijuca e em 2019 retornou para defender com sua voz marcante sua escola de origem.</p> <p>Total de Componentes de Direção de Harmonia de Alas: 60 (atuam exclusivamente na evolução e canto de uma ala específica).</p>

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Wilsinho Alves

Outros Diretores de Evolução

Valtinho, Faquir, Lucimar, Júlio, Toninho, Alexandre, Lúcia, Wânia, Edson, Marcelo, Expedito, Sérgio e Wanderson

Total de Componentes da Direção de Evolução

50 (cinquenta) Componentes

Principais Passistas Femininos

Anna Karolina Carvalho, Ênya Christine, Aline Ferreira, Elaine de Oliveira e Fabiane Bonfim

Principais Passistas Masculinos

Hudson Gaspar (Estandarte de Ouro 2019), Pedro Gaspar, André Samma, Luiz Fernando e Baltazar Júnior

Outras informações julgadas necessárias

Diretor Geral de Evolução: Wilsinho Alves

Wilsinho Alves possui vasta experiência no carnaval em diversas fases da cadeia produtiva do espetáculo, começando em 2002 no GRES Unidos do Viradouro. Na função de Diretor de Carnaval, debutou em 2007 no GRES Unidos de Vila Isabel, permanecendo na função até o carnaval de 2014. Para 2016, retornou ao GRES Unidos do Viradouro para assumir a Direção de Carnaval. Possui diversos prêmios no carnaval, notadamente os títulos de 2004 (Grupo de Acesso), 2006 (Grupo Especial, na função de Superintendente de Carnaval), 2013 (Grupo Especial, nas funções de Presidente e Diretor de Carnaval do GRES Unidos de Vila Isabel); prêmio Tamborim de Ouro de Melhor Escola em 2009 e 2012; e Estandarte de Ouro de Melhor Escola em 2012. Após uma passagem pelo GRES União da Ilha do Governador, Wilsinho Alves retornou em 2019 para comandar a Direção de Carnaval da Unidos de Vila Isabel.

Coordenadora da Ala de Passistas: Coordenador da Ala de Passistas: Gabriel Castro – Neto de Mestre Telinho da Mangueira e afilhado de batismo de João Nogueira, foi o diretor de passistas mais novo da história da Sapucaí aos 17 anos, em 2007. Recebeu do jornalista e colunista Hélio Ricardo Rainho o apelido de "Reizinho de Madureira" e é também o 2º Diretor/Coordenador mais premiado do carnaval, destacando-se entre eles: 01 Estandarte de Ouro, 03 S@mbaNet, 02 Troféu SRZD, 02 Troféu Jorge Lafond e 03 Troféu Jornal do Sambista. Em 2019, conquistou o Prêmio S@mbaNet de Melhor Conjunto de Passistas.

Fantasia da Ala de Passistas:

O que representa: E por essas bandas sagradas da Sapucaí, canta e samba, Vila Isabel, essa lenda sobre a menina-Brasília! No sobrevoar da Jaçanã pelo Sudeste, acene à ave e ao menino-Brasil no céu azulado com a força do samba e da negritude que corre nas veias e na Coroa majestosa do bairro de Noel. Desde já, Vila, samba o samba! O samba que tem origem lá pela Bahia, para onde Jaçanã em breve irá, e que se transformou pelas bandas de cá para nosso Brasil ver da imponência da sua história coroada de bambas, risca o chão da Marquês nesse dia de estórias e impulsiona Jaçanã rumo a outros rincões e ao Cerrado, de braços abertos para mostrar à ave e ao menino-Brasil a cultura dos muitos Brasis que modelarão a menina-Brasília nesse sonho!

“Assim, Vila Isabel, canta essa Brasília irmã com o pequeno Brasil e sua Jaçanã, a doce morada nos dada de encomenda pelas bênçãos do céu azulado orvalhando o cerrado!”

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval Luiz Guimarães		
Diretor Geral de Carnaval Moisés Carvalho e Wilsinho Alves		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Vera		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Luzinete Taparica 83 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Geisa Anacleto 22 anos
Responsável pela Velha-Guarda Cheila Rangel		
Total de Componentes da Velha-Guarda 80 (oitenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Terezinha de Jesus Cardoso 86 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Marco Antônio da Silva 56 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Martinho da Vila (Presidente de Honra), Sabrina Sato e Aline Riscado		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Patrick Carvalho

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Patrick Carvalho

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	0	15 (quinze)

Outras informações julgadas necessárias

Fantasia: O Clamor de Uaikôen

A terra é sagrada! Morada da ancestralidade tupi que habita em cada um de seus filhos. Na cosmologia indígena, por ela circulam as crenças, tradições e princípios que animam a vida na mata. É no cenário da vida em comunhão com a natureza que, no seio da mata, o curumim Brasil, embebido pelos cantos da floresta, transforma-se em um Grande Guerreiro. O menino guerreiro, guiado pela força de seus antepassados, vivência, através da vastidão verde, a magia da tradição ameríndia dos grandes donos desta terra que, em seu sonho-profecia, percorrerá com Jaçanã. Canta e dança feliz o pequeno Brasil com seu povo original por entre a mata e os animais, seus ancestrais que o protegem. Contudo, hoje se depara com um obstáculo à vida livre, óbice trazido por aqueles que não enxergam o poder e a esperança que emanam do berço verde, casa comum. Brasil testemunha a agressão dos olhos da cobiça à mata, organismo vivo, responsável pelo equilíbrio da vida e herança de seus ancestrais, donos deste chão. O brado retumbante de clamor ecoa pelos caminhos habitados por onças pintadas que fogem lépidas do calor da opressão e da ganância. O clamor de Brasil e de sua tribo é escutado e a força primitiva que sempre protegeu a terra ressurgiu para manter vivo nosso grande patrimônio natural. Hoje, a Unidos de Vila Isabel é abençoada por cada nativo desta pátria, que vem conclamar a todo o povo à reflexão e à luta em prol das riquezas nos dadas pela mãe-terra. Luta que hoje se faz presente no futuro predestinado à Capital da Esperança, da qual, segundo a profecia, emanará no futuro luz e força, heranças do real dono deste chão, presente em cada um de nós.

Sobre o Coreógrafo Patrick Carvalho: carioca de 35 anos, coreógrafo de comissão de frente no carnaval carioca há 10 anos, começou sua carreira na função atuando no GRES Alegria do Zona Sul, tendo passagens por escolas como o GRES Unidos de Vila Isabel, GRES União da Ilha do Governador, dentre outras. Premiado como melhor coreógrafo pelo Tamborim de Ouro, Plumas e Paetês, Estrelas do Carnaval, entre outros, Patrick é uma das grandes referências do nosso país quando se trata de coreografias impactantes, expressivas e técnicas. Já viajou o mundo com o espetáculo “Brasil Brasileiro” e coreografou as cerimônias de abertura e encerramento das Paraolimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, além de ser professor e coreógrafo do quadro “Dança dos Famosos” do programa Domingão do Faustão da Rede Globo de Televisão. Ganhador do Estandarte de Ouro de Melhor Comissão de Frente, e mais de vinte prêmios, pelo trabalho desenvolvido no Carnaval 2018 com o GRES Paraíso do Tuiuti, Patrick Carvalho segue na defesa de seus 40 pontos, em segundo ano à frente da Comissão de Frente do GRES Unidos de Vila Isabel.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Raphael Rodrigues	Idade 35 anos
1ª Porta-Bandeira Denadir Garcia	Idade 41 anos
2º Mestre-Sala Jackson Senhorinho	Idade 34 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Dionísio	Idade 20 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: Equinócio Ameríndio

Criação do Figurino: Edson Pereira

Confecção: Fernando Magalhães

O que representa: Coube a Guaraci e a Jaci o bailar entre o sol e a lua, resplandecendo o encontro entre os dois na passagem da noite para o dia. A dança dos dois deuses marca a passagem do tempo, pois sua relação é de completude, o que reitera a organicidade da ligação dos dois, completos e ligados pela transitoriedade do dia tornando-se noite para virar dia novamente. É no equinócio amazônico que o casal se encontra num ritual que reúne bailado e celebração, momento em que o dia e a noite têm igual duração. Na tribo de Brasil, este é o momento de festa que, mal sabia o menino, serve de prelúdio à profecia.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Raphael Rodrigues: Aos oitos anos de idade se encantou com a dança de Mestre-Sala. Formado pela escola do Mestre Manoel Dionísio, recebeu, ao completar a maioridade, em 2005, o convite para ser o 1º Mestre-Sala do GRES Unidos de Vila Isabel. Em 2006, sagrou-se campeão e conquistou o Estandarte de Ouro concedido pelo júri do Jornal O Globo. Também com passagens pelos GRES Unidos do Viradouro e GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, foi campeão no GRES Estação Primeira de Mangueira em 2016. Na verde e rosa entre 2010 e 2016, tornou-se discípulo do lendário Mestre-Sala Delegado, passando a incorporar ao seu bailado alguns dos passos eternizados pelo mestre. De volta à Branco e Azul desde 2017, Raphael mostrará toda sua experiência e competência para repetir, ao lado de Denadir Garcia, a nota máxima no desfile de 2020.

Denadir Garcia: Denadir fez par com o Mestre-Sala Luiz Augusto por dez carnavais em escolas de samba como o GRES Renascer de Jacarepaguá, GRES Caprichosos de Pilares, dentre outros. Em 2011, foi para o GRES Unidos do Porto da Pedra e depois para o GRES São Clemente, fazendo par com o Mestre-Sala Bira em 2012 e com Fabrício Pires nos 5 anos seguintes, garantindo os 40 pontos em 2015. Para 2020, Denadir defenderá pela terceira vez o pavilhão do GRES Unidos de Vila Isabel ao lado do Mestre-Sala Raphael Rodrigues para juntos conquistarem, mais uma vez, os 40 pontos no desfile da Branco e Azul.

Coreógrafa do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Ana Formighieri – Coreógrafa, professora e bailarina, Ana é formada em dança pela UFRJ e pós-graduada em Conscientização do Movimento pela Faculdade Angel Vianna, tem formação técnica nas modalidades jazz, balé clássico e dança contemporânea. Fez parte da Cia Nós da Dança, sob direção de Regina Sauer, por 10 anos, participando como bailarina de shows e programas de televisão. Foi também assistente de ensaios na Focus Cia de Dança, de Alex Neoral e desde 2015 é integrante da comissão artística do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. No carnaval, participou de comissões de frente como intérprete e também como assistente de coreógrafos. Já coreografou carros e alas em diferentes escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso A. Há oito anos desenvolve um reconhecido trabalho de coreografia e preparação corporal/artística para casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Neste trajeto já conquistou importantes prêmios, notas máximas e reconhecimento junto aos casais com os quais vem trabalhando. Desde 2017, assume a preparação do primeiro casal do GRES Unidos de Vila Isabel e, na jornada intensa de cada carnaval, acredita que compartilhando a experiência da coreógrafa junto ao casal e toda a diretoria, harmonia e carnavalesco, unindo forças, se alcança o melhor resultado. Para isto, desde 2020 o trabalho de Ana Formighieri com Denadir Garcia e Raphael Rodrigues, traz para a avenida uma apresentação que se fundamenta em uma dança que se preocupou em lapidar o talento do casal, buscando acabamento impecável e qualidade técnica sem deixar de se preocupar com a majestosa e tradicional forma de dançar o bailado do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira apresentando seu pavilhão!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

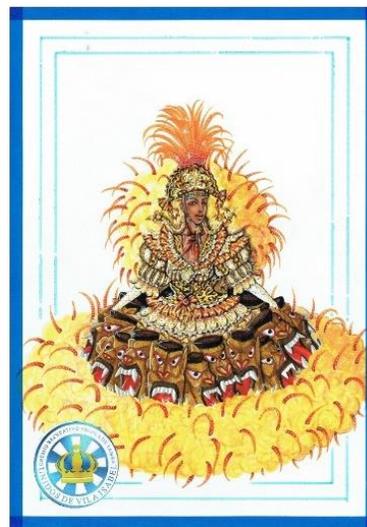
2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: Em Busca de Veredas

Criação do Figurino: Edson Pereira

Confecção: Fernando Magalhães

O que representa: Na busca por caminhos mais promissores e com abundância de sonhos, os Candangos carregam em sua bagagem sua crença, fé e superstições. Calejados pela vida seca do sertão, buscam nas veredas da futura nova capital a construir a esperança que lhes é amiga de todas as horas, acompanhada de suas tradições sob os feixes poderosos de sol que marcam seu corpo e alma. Os Candangos serão as sementes da “flor do cerrado”, o brilho da “joia rara prometida”!

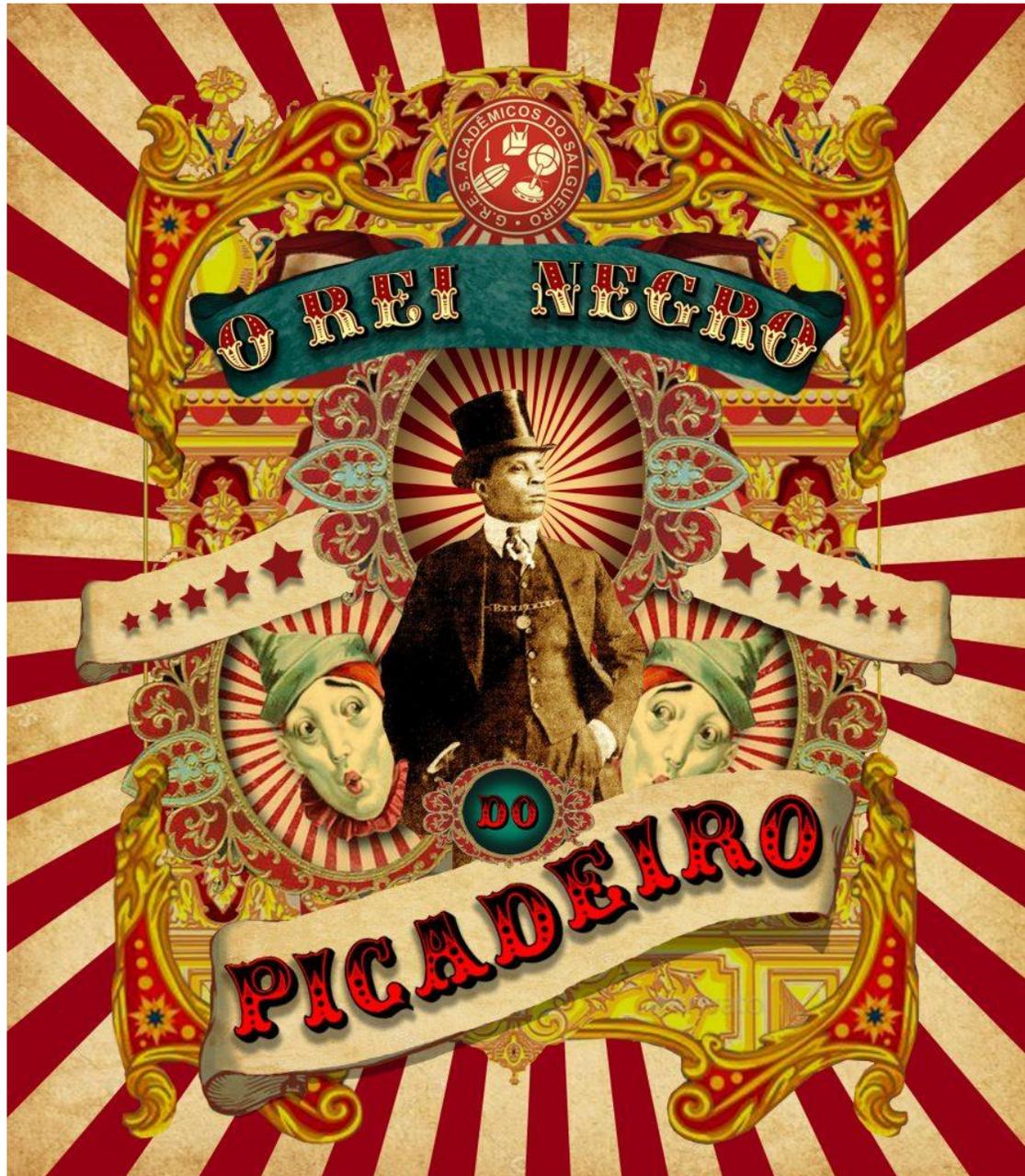


G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO



PRESIDENTE
ANDRÉ VAZ DA SILVA

“O Rei Negro do Picadeiro”



Carnavalesco
ALEX DE SOUZA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo "O Rei Negro do Picadeiro"					
Carnavalesco Alex de Souza					
Autor(es) do Enredo Alex de Souza					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alex de Souza					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alex de Souza					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	<i>Acrobatas da vida</i>	ADOUM, J. E.	Correio da UNESCO	1988	Todas
02	<i>O espaço cênico circense</i>	ANDRADE, José Carlos dos Santos.	<i>Dissertação Mestrado,</i> Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.	2006	Todas
03	<i>A busca da excitação no maior espetáculo da Terra</i>	ARAÚJO, Marlise Mônica; FRANÇA, Rodrigo	In: Simpósio Internacional Processo Civilizador: Tecnologia e Civilização, 9, 2006, Ponta Grossa.	2006	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
04	<i>Salgueiro: de Zumbi a Benjamin, a realeza negra no carnaval</i>	BASÍLIO, Renan Fernandes Gama	In: Caderno OBCAR/UFRJ de estudos das narrativas do carnaval do grupo especial 2020. Observatório de Carnaval - Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro	2019	Todas
05	<i>Palhaços</i>	BOLOGNESI, Mario Fernando.	Editora Unesp	2003	Todas
06	<i>Philip Astley e o Circo Moderno: romantismo, guerras e nacionalismo</i>	BOLOGNESI. Mário Fernando.	O Percevejo Online – Período do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAZ/UNIRIO. v. 1, nº 01.	2009	Todas
07	<i>O Herói de Mil Faces</i>	CAMPBELL, Joseph	Editora Pensamento	1989	Todas
08	<i>O Elogio da Bobagem – Palhaços no Brasil e no Mundo</i>	CASTRO, Alice Viveiros.	Família Bastos Editora	2005	Todas
09	<i>O circo conta sua história.</i>	CASTRO, Alice Viveiros.	Museu dos Teatros. Rio de Janeiro: FUNARJ,	1997	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
10	<i>El Clown, ese ser único</i>	CASTRO, Ana Vázquez.	Revista do Lume. UNICAMP – LUME – COCEN. Campinas: UNICAMP. Nº 4	2002	Todas
11	<i>O Show Não Pode Parar: um retrato sobre a arte circense. 2010</i>	CUNHA, Lúcio Erico Soares.	Trabalho de conclusão de curso (Bacharel) – Curso de Comunicação Social e Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.	2010	Todas
12	<i>Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX</i>	DUARTE, Regina Horta.	Editora da UNICAMP.	1995	Todas
13	<i>Hoje Tem Espetáculo? – As origens do circo no Brasil</i>	RUIZ, Roberto.	Inacen	1987	Todas
14	<i>O palhaço da burguesia</i>	FONSECA, M. A.	Pólis	1979	Todas
15	<i>O circo no Brasil</i>	TORRES, A.	FUNARTE	1998	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
16	<i>O circo - sua arte e seus saberes - o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX</i>	SILVA, Ermínia.	Dissertação Mestrado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.	1996	Todas
17	<i>As múltiplas linguagens na teatralidade circense: Benjamin de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX</i>	SILVA, Ermínia.	Tese Doutorado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.	2003	Todas
18	<i>Circo-Teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil</i>	SILVA, Ermínia.	Editora Altana	2007	Todas
19	<i>Benjamin de Oliveira, o palhaço</i>	PORTO, S.	Revista Manchete	1954	Todas
20	<i>Benjamin de Oliveira, o astro circense</i>	ROCGA, S.	Correio da Manhã	1962	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Responsáveis pela concepção, execução e desenvolvimento do enredo, os carnavalescos são os responsáveis por dar o pontapé inicial ao projeto que, depois de quase um ano, vai se transformar em realidade na avenida iluminada.

Escrever a história, roteirizar, desenhar figurinos, criar cenários, fazer a produção, dirigir o show... Até ver o trabalho pronto na avenida para assistir à catarse coletiva de cerca de três mil componentes e de 90 mil espectadores é algo fascinante para esse verdadeiro artista da folia.

Após muitos carnavais, a função do carnavalesco cresceu em proporção direta ao processo de transformação de alguns aspectos dos desfiles das escolas de samba. Na corda bamba entre a consagração e o fracasso de uma agremiação, os carnavalescos se enveredam em pesquisas ou situações do dia a dia na busca de ideias para os desfiles. Cabe a eles encontrar soluções visuais que causem impacto para agradar componentes, jurados, jornalistas, comentaristas e público.

Berço das revoluções estéticas que mudaram para sempre o modo de fazer de carnaval, o Salgueiro se orgulha de ter dado início a essa profissão. Foi do visionário Néelson de Andrade, ex-presidente da escola, a ideia de convidar artistas plásticos - primeiro o casal Dirceu e Marie Louise Nery, em 1959, e, depois, Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, em 1960 - para se aventurarem na doce delícia de fazer carnaval. Estes professores iniciaram outros carnavalescos – Joãosinho Trinta, Renato Lage, Rosa Magalhães, Maria Augusta Rodrigues e Max Lopes -, que beberam na fonte salgueirense para espalhar a luminosidade vermelha e branca por outras escolas e outros carnavais.

Em 2020, o carnavalesco do Salgueiro é Alex de Souza. Estilista de formação, Alex trabalhou no ramo têxtil e como assistente de figurinos para TV antes de se enveredar pelo carnaval. Começou como assistente de Renato Lage, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Em 1996, em voo solo, fez sua estreia como carnavalesco em escolas dos grupos de acesso. Em 2005, foi campeão do Grupo A pelos Acadêmicos da Rocinha e levou a escola ao Grupo Especial. De lá pra cá, firmou-se na elite do carnaval carioca e passou de revelação a um dos melhores artistas do carnaval, assinando desfiles das Escolas Mocidade Independente, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel.

Premiado inúmeras vezes, nas categorias figurinos e alegorias, Alex é dono de três Estandartes de Ouro do jornal O Globo de Enredo e quatro Prêmios Sambanet, entre outras premiações.

Seus figurinos do carnaval de 2014 foram selecionados para representar o Brasil na Costume at the Turn of the Century 1990 – 2015 (Figurinos na Virada do Século 1990 – 2015), no Bakhrushin State Theatre Museum, em Moscou, na Rússia. Exposição que traz grandes figurinos do teatro contemporâneo, que se destacam pela criatividade. O curador geral do projeto foi Dmitry Rodionov, com curadoria-chefe de Igor Roussanoff e curadoria brasileira de Rosane Muniz.

Paralelo a seu trabalho com o carnaval, Alex ministra palestras sobre enredo e desenvolvimento de enredo em universidades nacionais e internacionais, além de centros de pesquisa, como o CETE, de Porto Alegre.

Em 2020, Alex de Souza assina, pela terceira vez consecutiva, o carnaval dos Acadêmicos do Salgueiro com o objetivo (e a responsabilidade) de levar a escola a mais um campeonato.

HISTÓRICO DO ENREDO

Nasci livre!⁰¹

Sou filho do “Negro Malaquias”, sujeito danado de brabo, que caçava os “fujão” da fazenda do sinhô e da sinhá, que até eram “bão”. E minha mãe, Leandra, era cativa de estimação.

Um dia o circo chegou lá na Vila ⁰². Eu levava broa de milho para vender na entrada. Tinha uns doze anos e resolvi fugir. O picadeiro representava liberdade, sonho e fantasia. Antes que me esqueça, meu nome é Benjamin Chaves, mas meu pai me chamava de “Beijo”, “Moleque Beijo”.

Parti no Circo Sotero. Lá, a obrigação da meninada era aprender, desde cedo, todas as tarefas. Mesmo eu, que era um agregado, aprendi debaixo de castigo a cuidar dos animais, todas as acrobacias e outras coisas mais...

“A mãe da arte de todos os números é o salto” e eu dei um salto na vida. Tem que aprender a cair pra saber levantar.

Aprendi muito com o “Mestre Severino” e adotei seu sobrenome, agora pode me chamar de Benjamin de Oliveira. Mas entre sonho e realidade, vida de “beijo” é difícil, é difícil como o quê... E de tanto apanhar, fugi de novo. Meu destino era fugir, destino de negro...

Fui atrás de uma caravana de ciganos, mas “quá” ⁰³, “num” é que os “ladino” ⁰⁴ queriam me trocar por cavalo?

Fugi e fui pego por um fazendeiro, provei que era circense e ele me deixou seguir viagem.

E de circo em circo, substituí o palhaço principal, que estava doente, no Circo frutuoso, começando aí minha história...

A noite começava a fervilhar nas cidades grandes. Eram novos tempos, teatros, café-concerto, a elite buscava o teatro sério e o “Zé Povo”, o que fosse mais ligeiro, encontrava no circo o divertimento que queriam. “*Todo artista tem de ir onde o povo está!*”

Minha popularidade crescia, uma vez até o presidente, o marechal de ferro, Floriano Peixoto, por eu cantar e dançar chulas⁰⁵, foi lá me cumprimentar⁰⁶.

No Spinelli lancei a forma de teatro combinado com circo que chamariam pavilhão.

Comédias, paródias e a arte de representar por gestos, sem palavras. Fizemos clássicos, como *Otello*⁰⁷; farsas, melodramas, operetas como *A Viúva Alegre*⁰⁸, até uma paródia de *O Guarani*⁰⁹, que acabou projetado nas telas, o cinema surgia na bela época¹⁰. O primeiro *Momo*, que seria mais tarde a representação do “Rei da Folia”, foi, pela primeira vez, representado por mim, na minha opereta fantástica *O Cupido do Oriente*. Assim como inúmeras peças, de minha autoria.

Fui ator, diretor, autor, produtor, dançarino, compositor, cantor (até gravei discos), e palhaço sim senhor! O PRIMEIRO PALHAÇO NEGRO DO BRASIL! E o palhaço o que é? E o que fui? Uai?! Acima de tudo: Um artista brasileiro!!!

Abram as cortinas, acendam as luzes, que o show tem que continuar! Respeitável público, minhas senhoras e meus senhores, nessa passarela/picadeiro, o meu querido Salgueiro vai apresentar: Novos Benjamins do circo, teatro, cinema e televisão, com o aplauso “d’ocês”!

Despeço-me com um “Beijo” do “Moleque” e o meu muito obrigado!!!

Alex de Souza
Carnavalesco

01 – Benjamin Chaves, (Pará de Minas, 11 de junho de 1870 — Rio de Janeiro, 3 de maio de 1954) conhecido com o nome artístico de Benjamin de Oliveira. Ele e seus irmãos nasceram livres, mesmo ele tendo nascido um ano antes da Lei do Ventre Livre, que alforriava automaticamente todos os filhos de escravos.

02 – Antiga Vila do Patafufo, Cidade do Pará, que, em 1921, passa a se chamar Pará de Minas, em Minas Gerais.

03 – Expressão regional. “Mas quá” é usado quando você acha uma coisa estranha.

04 – Ladino. Espertalhão; diz-se da pessoa astuciosa que age desonestamente.

05 – Chula. Dança popular do Norte de Portugal, de andamento vagaroso, com canto acompanhado por rabelas, violas, guitarras e percussão. No Brasil, se tornou dança típica do Sul do Brasil, introduzida por tropeiros. Dançada em desafio, praticada preferencialmente por homens. A chula tem bastante semelhança com o Lundu sapateado, encontrado em outros Estados brasileiros.

06 – É no circo do Comendador Caçamba armado em Cascadura, subúrbio carioca que o jovem palhaço chama a atenção de um inesperado espectador: o presidente da República, Marechal Floriano Peixoto.

07 – “Otelo, o Mouro de Veneza”, é uma obra de William Shakespeare.

08 – “A Viúva Alegre”, de Franz Lehár, é uma das operetas de maior sucesso da história.

09 – O Guarani é um romance escrito por José de Alencar e adaptado a ópera por Carlos Gomes.

10 – A Bela Época, também conhecido por Belle Époque é um período que começou no final do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Marca o surgimento do cinema e do telefone. “Era de ouro” no âmbito cultural e científico. A França era o “coração” da Belle Époque Mundial.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Foi em um dos “interiores” de nosso Brasil, mais especificamente na Vila do Patafufo (Cidade do Pará, que, em 1921, passa a se chamar Pará de Minas, em Minas Gerais), que um menino, filho de escravos, nascido em 1870, desafiou o destino. Independentemente das dificuldades sociais e econômicas que aquele período de grandes transformações sociais e políticas no país lhe apresentavam, reinventou sua existência e com um sorriso – ou fazendo sorrir -, manteve-se firme para encarar as provações que lhes seriam impostas pela vida.

A biografia de Benjamin de Oliveira (cujo nome verdadeiro era Benjamin Chaves), figura histórica a quem o Salgueiro presta uma homenagem no Carnaval de 2020, é apoteótica e, por todo o contexto que envolve a escola e o homenageado, oferece elementos suficientes para tornar-se mais um enredo consagrado na história da Academia do Samba.

A narrativa, de aspectos lúdicos e de afetividade, mas, ao mesmo tempo de resiliência e resistência, tem seu destaque na habilidade do homenageado de superar obstáculos, de se encontrar e se reencontrar na busca por seu destino.

Em 2020, completa-se 150 anos de nascimento desse artista de tantas glórias e conquistas para o circuito artístico nacional. Mas... quem conhece sua biografia? Os poucos registros acerca da vida e obra de Benjamin de Oliveira revelam o quanto sua história é desconhecida. Daí a importância do enredo do Salgueiro, que mantém uma de suas características principais e contribui com a cultura nacional ao apresentar mais um personagem desconhecido ao grande público.

O MOLEQUE BEIJO

Nascido em 1870, filho de escravos – o capitão do mato Malaquias Chaves e a negra cativa Leandra de Jesus –, o menino Benjamin (ou Beijo, como era chamado por seu pai) vislumbrou na arte circense o passaporte para a liberdade. Cansado dos castigos que lhe eram impostos pelo pai, fugiu com a trupe do Circo Sotero para uma vida de acrobacias mundo afora.

Mas a dura vida do circo, de trabalhos pesados para uma criança de 12 anos, tratou de mostrar a realidade ao menino. A vida não seria fácil. Por outro lado, foi também um momento de aprendizado, com as primeiras lições de acrobacias e de voos no trapézio, artes ensinadas por Mestre Severino (Severino de Oliveira, de quem Benjamin “herdou” o sobrenome). A submissão e os castigos corporais, porém, foram motivos mais fortes para uma nova fuga em busca de liberdade.

Em seus caminhos pelas estradas de Minas Gerais, o menino deparou-se com um acampamento de ciganos, povo que veio da Europa e trouxe consigo diversas artes circenses para o Brasil, como a dos domadores, do ilusionismo, da quiromancia e das exibições com

cavalos. Mais uma vez o destino lhe apresentou uma oportunidade de aprendizado, que envolveu os aspectos místicos e a bagagem cultural do circo, da música e da dança trazidas pelo povo cigano – que, mais tarde, se revelaram uma influência na sua formação artística. Mas a possibilidade de ser trocado por cavalos – e de perder sua liberdade – determinou uma nova fuga.

Atrás de abrigo e alimentação, chegou a uma casa, mas foi desacreditado de sua alforria. Fez-se valer, então, pela primeira vez, de suas habilidades artísticas para convencer que tinha uma profissão e receber comida, cama e a proteção de que necessitava.

De salto em salto pelas estradas da vida, chegou ao Circo Frutuoso, em Mococa (SP). Foi lá, quando o palhaço principal caiu doente, que Benjamin recebeu a convocação para substituí-lo. Nas primeiras apresentações, foi enxovalhado pela plateia que o vaiava e o insultava. Era recebido com ovos e tomates atirados pelo público. Um dia, prepararam-lhe uma coroa de capim. Foi então que Benjamin improvisou e retrucou: “Se deram a Cristo uma coroa de espinho, por que não dariam a mim uma de capim?” A resposta do palhaço silenciou o picadeiro por um instante. Depois vieram as primeiras gargalhadas e as primeiras palmas dirigidas a ele. Surgia, ali, o Palhaço Benjamin.

Daí em diante seus talentos afloraram e Benjamin se apresentou para grandes plateias, incluindo o então Presidente da República, Floriano Peixoto. O Rei Negro do Picadeiro transformou-se em um artista completo. Circo, teatro, ópera, dança, música. Criou o Circo-Teatro e, entre comédias e paródias, levou ao povo algumas montagens clássicas como *Otelo*, de Shakespeare, e *O Guarany*, de Carlos Gomes.

Por toda sua história de resistência, resiliência e pioneirismo, Benjamin de Oliveira é, indubitavelmente, pura inspiração para todos os artistas negros que o sucederam e para aqueles que ainda lutam por seu lugar ao sol.

A JORNADA DO HERÓI

A sinopse do enredo do Salgueiro apresenta uma narrativa biográfica em primeira pessoa. É o próprio Benjamin quem discorre sobre sua história, seguindo acontecimentos e episódios que se sucederam em sua vida. Essa característica empresta ao texto um tom passional, afetivo, de quem olha para a própria trajetória e reconhece as dificuldades e as alegrias.

No enredo, Benjamin cumpre, em vida, os dois primeiros atos da jornada do herói mitológico que Joseph Campbell define em *O herói de mil faces*. No livro, o autor afirma que todas as histórias estão ligadas por um fio condutor comum. Para ele, as mesmas histórias são contadas desde as mitologias antigas, passando pelos contos de fadas até as narrativas contemporâneas, e todas podem ser estruturadas a partir da jornada do herói.

Seguindo a tese de Campbell, temos, no primeiro ato, a apresentação do mundo de Benjamin de Oliveira, Pará de Minas (MG). Ele é chamado à aventura para a fuga com o circo,

encontra-se com o mentor Mestre Severino até se fixar no Circo Frutuoso, em Mococa (SP) e, ao substituir o palhaço principal, completar a primeira travessia do herói.

No segundo ato, após vencer todos os testes e enfrentar provações, goza das recompensas ao se tornar um artista completo, reconhecido e enaltecido por intelectuais da época, como o crítico Arthur de Azevedo, e de ser considerado o nome mais importante para a linguagem do Circo-Teatro no país, modalidade artística criada por ele e um sucesso de público e de renda.

Benjamin exibia seus talentos. Cantava, interpretava e compunha nos primórdios da indústria fonográfica no país. Na virada do século XIX para o XX, na chamada Belle Époque, ele já era o artista principal do luxuoso Circo Spinelli, que circulava nas grandes capitais. Era anunciado nas chamadas dos jornais como “o clown brasileiro Benjamin de Oliveira”. Convidava artistas para participarem das peças teatrais criadas e adaptadas por ele à linguagem do circo. Ousado, fazia questão de figurinos e adereços importados de Paris.

Quando as câmeras dos irmãos Lablanca chegaram ao país para realizarem os primeiros filmes, foi a pantomima “*O Guarany*”, em cartaz e com grande sucesso, a selecionada para ser gravada, fato que o associou também ao início da indústria cinematográfica no país.

Finalizada a segunda jornada, temos o terceiro e último ato da travessia do herói, que somente se realizará no desfile dos Acadêmicos do Salgueiro, no dia 24 de fevereiro de 2020, quando Benjamin revisitará sua história e renascerá como símbolo e exemplo de resistência.

A HERANÇA

O caráter de representatividade da história de Benjamin de Oliveira emerge como um ponto do enredo do Salgueiro que vai além da homenagem. Seu legado é a abertura de um novo espaço para o povo negro. O espaço da arte no centro do palco para onde todos os olhares se voltam.

Se o protagonismo negro é destacado como um dos pontos do desenvolvimento do enredo, o Salgueiro é a escola certa para levar essa narrativa ao público.

Fundamental para a história dos desfiles das escolas de samba, o Salgueiro, por intermédio de Fernando Pamplona, revolucionou a ideologia e a estética dos enredos até então apresentados. Em 1960, ao levar para a avenida um tema centrado em um herói negro – Zumbi dos Palmares –, a escola rompeu com a ordem vigente, de exaltação a figuras e fatos da dita história oficial do país. A partir daí, o Salgueiro se notabilizou pelos enredos de temática africana e por aqueles que exaltavam personagens negros desconhecidos, como Xica da Silva (1963), Chico-Rei (1964), e, mais recentemente, as Candaces (2007) e a escritora Carolina de Jesus (em *Senhoras do Ventre do Mundo*, de 2018). Assim, ao cantar

Benjamin de Oliveira e exaltar este herói negro, o Salgueiro também fará ecoar sua própria história no desfile, o que deixa os salgueirenses à vontade com o tema.

Ao contrário do que possa ser insinuado ou imaginado, a abordagem trazida na sinopse está longe de ser de denúncia, mas de enaltecimento da figura e da trajetória de Benjamin e de outros artistas negros que seguiram seus passos, tanto os que também alcançaram a glória do sucesso quanto os que vivem de sua arte longe dos holofotes. Na narrativa não há espaço para o lamento, o que não significa ausência de crítica. Sobretudo por ainda se tratar de matéria tão sensível, pois, mesmo 150 anos após o nascimento de Benjamin – que em suas peças já debatia aspectos de preconceito social e racial, bem como da falsa moral, como em “O Chico e o Diabo” –, o artista negro continua à margem dos principais palcos e longe de ser protagonista. O Salgueiro, portanto, entrará na Marquês de Sapucaí com a crença no poder de resistência que um sorriso tem, e na arte como elemento transformador. Logo em um momento em que o carnaval busca uma reaproximação de temas culturais, reverenciar uma figura tão valiosa faz a escola acrescentar uma voz importante a esse coro.

O público que estará presente no desfile do Salgueiro será brindado com uma narrativa que aborda o personagem a partir de sua vivência no circo e de suas vitórias em sua trajetória como artista, diferentemente da armadilha que seria contar sua biografia em uma cronologia rígida – mais simples e óbvia, mas também menos atraente e sofisticada. A sinopse e o enredo trazem o próprio Benjamin nos convidando para participar de seu universo, retratado nas alegorias e alas que se sucederão na avenida em forma de um cortejo, como é o desfile de uma escola de samba, mas que também revivem a maneira como, antigamente, as companhias circenses entravam nas cidades.

A sequência de setores da escola nos mostra o circo – pano de fundo e ponto de partida de vida artística de Benjamin –, suas atrações e ícones universais (que estão no inconsciente coletivo de todos); seu encontro com os ciganos e toda a cultura desse povo nômade que também tinha uma ligação íntima com o circo; sua conexão com a música; o pioneirismo no gênero do Circo-Teatro; o Palhaço Benjamin e a arte na história da palhaçaria; e, por fim, seu legado de luta e resistência que ficou para os “milhões de Benjamins” que o sucederam e que está vivo em cada momento que um artista negro está sob as luzes da ribalta.

Em 2020, os Acadêmicos do Salgueiro transformarão a Marquês de Sapucaí em picadeiro para exaltar o Moleque Beijo. Que, ao final desse grande espetáculo apresentado pela escola, os súditos da Passarela do Samba e de todo o país conheçam, reconheçam, saúdem, aplaudam e reverenciem Benjamin de Oliveira, esse grande artista brasileiro, nosso Rei Negro do Picadeiro.

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA – O SONHO CIRCENSE

**Comissão de Frente
BEIJO O PICADEIRO DA ILUSÃO**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Sidclei Santos e Marcella Alves
O CIRCO CHEGOU!!!**

**Grupo de Pernas de Pau
PALHAÇOS PERNALTAS**

**Tripé
PEDE PASSAGEM**

**Destaque de Chão
Carlinhos Salgueiro
DOMADOR**

**Ala 01 – Ala do Maculelê (Comunidade)
SOLTE SUAS FERAS**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA**

1º SETOR – AS ATRAÇÕES DO CIRCO

**Ala 02 – Ala Zuk
CIRCO DE CAVALINHOS**

**Ala 03 – Ala Domadoras (Comunidade)
A AMAZONA**

**Ala 04 – Ala Divina Folia (Comunidade)
O EQUILIBRISTA**

Ala 05 – Ala Os Reis da Boêmia
(Comunidade)
TRUQUE DE MÁGICA

Ala 06 – Loucura Salgueirense
(Comunidade)
MALABARISTA

Ala 07 – Ala dos Estudantes e Ala Raça
Salgueirense
O ATIRADOR DE FACAS

Destaque de Chão
Fernanda Figueiredo
ÍNDIA APACHE

Alegoria 02
O PICADEIRO

2º SETOR – A TRUPE CIGANA

Ala 08 – Ala DNA Salgueirense
(Comunidade)
CIGANAS VIDENTES – A SORTE ESTÁ
LANÇADA

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Luan Castro e Natália Pereira
CARTAS DE TAROT

Destaque de Chão
Tia Glorinha
CIGANA DO CLÃ

Ala 09 – Ala das Baianas
CARTOMANTES

Rainha de Bateria
Viviane Araújo
RAINHA CIGANA

Ala 10 – Bateria
TAROT CIGANO – ANDARILHO

Destaque de Chão
MC Rebecca
A MAGIA DA DANÇA

Ala 11 – Ala de Passistas
DANÇA CIGANA

Ala 12 – Ala dos Guerreiros (Comunidade)
CIGANOS MÚSICOS

Destaque de Chão
Renata Santos
QUIROMANTE, A LEITURA NAS LINHAS
DA MÃO

Alegoria 03
A CARAVANA CIGANA

3º SETOR – MÚSICA

Ala 13 – Ala Tati
VIOLONCELO

Ala 14 – Ala Malandros Batuqueiros
(Comunidade)
SOPRO

Ala 15 – Ala Amigos que Amam o Salgueiro
(Comunidade)
PIANO

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Leonardo Moreira e Letícia Malaquias
MUSICAL

Ala 16 – Ala Amizade Salgueirense
(Comunidade)
TAMBOR

Ala 17 – Ala Gaia (Comunidade)
ACORDEON

Ala 18 – Ala Odisseia (Comunidade)
O PALHAÇO CANTOR

Ala 19 – Ala dos Compositores
BENJAMIN, O COMPOSITOR

Destaque de Chão
Bianca Salgueiro
MÚSICA

Tripé
MÚSICA – CALÍOPE

4º SETOR – DRAMAS, FARSAS E COMÉDIAS

Ala 20 – Ala Zé Carioca (Comunidade)
O CHICO E O DIABO

Ala 21 – Ala Fúria Salgueirense
(Comunidade)
OTELLO, O MOURO DE VENEZA

Ala 22 – Ala Narcisa e Ala Paixão
Salgueirense
PERI – O GUARANY

Ala 23 – Ala das Damas (Comunidade)
A VIÚVA ALEGRE – A OPERETA

Ala 24 – Ala Juntos e Misturados
(Comunidade)
MOMO, DE “O CUPIDO DO ORIENTE”

Ala 25 – Velha Guarda
A BELA ÉPOCA

Destaque de Chão
Edcléia Scafura
AS MÁSCARAS DO TEATRO

Alegoria 04
O CIRCO-TEATRO

5º SETOR – A ARTE DO PALHAÇO

Ala 26 – Ala Minha Paixão, Minha Raiz
(Comunidade)
O BUFÃO

Ala 27 – Ala Inflasal
COMMEDIA DELL'ARTE –
ARLECCHINO

Ala 28 – Ala Família Salgueirense
(Comunidade)
CLOWN

Ala 29 – Ala dos Negões (Comunidade)
O PALHAÇO BENJAMIN

Ala 30 – Ala Explode Coração
(Comunidade)
RIDE PALHAÇO

Destaque de Chão
Rafaela Dias
ARLEQUINA

Alegoria 05
MILHÕES DE BENJAMINS

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>PEDE PASSAGEM</p> 	<p>O Salgueiro retorna às raízes das escolas de samba e abre seu desfile com um imponente Pede Passagem, tradicional elemento alegórico que, historicamente, vinha à frente das agremiações nos carnavais das décadas de 1950 a 1970. Decorado com motivos circenses e com o nome da escola em destaque, o Pede Passagem é o portal que liga o menino Benjamin – presente na Comissão de Frente – ao mundo de sonhos do circo. O Pede Passagem é, também, a porta de entrada do público para o grande espetáculo que o Salgueiro apresentará na avenida em homenagem ao Rei Negro do Picadeiro.</p> <p>Performance: Swings Flags</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA</p> 	<p>O Circo do Salgueiro invade a avenida para sua apresentação. E, como em uma parada circense que chega às cidades, todas as alegorias da escola representam os vagões desse cortejo. A Sapucaí torna-se, então, a rua principal, onde o circo apresenta seus artistas e os números e atrações que estão por vir. Para dar início ao cortejo, o imponente Abre-Alas do Salgueiro entra na avenida inspirado no início da vida circense de Benjamin de Oliveira e nas bases do Circo Moderno (criado no final do século XVIII). Em seus primeiros momentos no circo, o menino Benjamin enfrentou o trabalho de cuidar dos animais, representados na alegoria pelas esculturas dos elefantes (à frente, fazendo seu número nos triciclos), ursos, focas, leões e cavalos. São imagens icônicas do universo circense que nos remetem também aos primeiros momentos do Circo Moderno, idealizado pelo inglês Philip Astley, nos quais diversos animais eram adestrados. Inicialmente, o espetáculo organizado pelo inglês era composto por números equestres. Em toda a Europa, os cavalos ocupavam um lugar central nas apresentações circenses, o que tornou os espetáculos de Astley conhecidos como “circo de cavalinhos”.</p> <p>Destaques: Monique Lamarque (central baixo) – Adestradora de Cavalos João Hélder (central alto) – Respeitável Público</p> <p>Semidestaques: Eliane Almeida e Tatiane Almeida – Circus Girl</p> <p>Composições Femininas: Horse Tamer</p> <p>Movimento: Tratadores de Animais</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p style="text-align: center;">O PICADEIRO</p> 	<p>A apresentação de números com cavalos estava se tornando monótona. Por isso, novos elementos foram incorporados aos shows, dando uma nova dinâmica ao espetáculo circense. Estas atrações estão presentes na segunda alegoria do Salgueiro, construída em forma de picadeiro para abrigar o trapézio e a representação alegórica da lira, na escultura; contorcionistas no mastro chinês; malabaristas; e as atrações dos circos dos horrores do final do século XIX e início do século XX: anões, mulher barbada, Mr. Músculo e irmãos siameses. Os espetáculos incluíam ainda números aéreos com balões de ar quente, também presentes na alegoria, assim como os corpos celestes, estrelas, sol e lua, que se referem às acrobacias no ar e à utopia de alcançar o céu. Essas imagens universais do circo encantaram o menino Benjamin, que também era um aprendiz na arte do trapézio e das acrobacias. Para ele, o salto era a mãe de todas as artes. E foi assim que ele se atirou, sem medo, no universo do circo e na vida.</p> <p>Destaques: Naldo Cavalcanti (lateral esquerda) – Tradição Chinesa Itamar Almeida (lateral direita) – Apache</p> <p>Composições Femininas: Na Corda Bamba e Mulher Barbada Composições Masculinas: Circo dos Horrores – Mr. Músculos, Irmãos Siameses e Anões,</p> <p>Performance: Malabaristas, Trapezistas e Contorcionistas (Mastro Chinês)</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>A CARAVANA CIGANA</p> 	<p>O terceiro carro alegórico do Salgueiro marca o momento do encontro do menino Benjamin com uma caravana de ciganos, povo que tem uma ligação estreita com o universo circense. Na alegoria estão os elementos que caracterizam esse povo misterioso, artístico, alegre e festivo. À frente, uma grande mão representa a quiromancia, a arte da leitura das mãos, dominada pelas ciganas quiromantes, personificadas pelas Composições. Os símbolos do zodíaco e amuletos, como a estrela de Salomão, reforçam o caráter místico dos ciganos. A tradicional fogueira, elemento imprescindível nas festas ciganas, está sobre uma mandala que significa o infinito e a transmissão da tradição entre as gerações. Em torno dela, no assentamento do acampamento, dançarinos e músicos representam o ritual, a alegria e a energia desse povo festivo. As carroças e os cavalos reforçam o caráter nômade dos ciganos. A riqueza cultural, que influenciou a personalidade e o desenvolvimento dos talentos de Benjamin de Oliveira, também está caracterizada nos elementos de dança e música, como leques e instrumentos musicais, dispostos na alegoria. Flores, sinônimo da sensualidade da mulher cigana, mas também de devoção à Santa Sarah, padroeira dos ciganos, enfeitam o carro alegórico, assim como as fitas que nos remetem ao folclore do leste europeu, um dos locais de origem do povo cigano. Ao imigrarem para o Brasil, eles também trouxeram na bagagem a arte circense. Na parte posterior da alegoria, essa contribuição artística é lembrada por intermédio dos cartazes, que anunciam a presença dos ciganos nos circos brasileiros.</p> <p>Destaques: Simara Sukarno (central baixo) – As Cartas não Mentem Jamais! Elton Oliveira (central alto) – Alma Cigana</p> <p>Composições Femininas: Ciganas Quiromantes</p> <p>Composições Masculinas: Músicos e Carroceiros Ciganos</p> <p>Performance: Balé Cigano</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>MÚSICA – CALÍOPE</p> 	<p>Nos cortejos circenses que chegavam às cidades para apresentar suas atrações, um dos vagões que chamava bastante atenção era o Calíope, um instrumento musical criado nos Estados Unidos, em 1850, que funciona por meio do uso de gás, vapor ou ar comprimido. Seus grandes tubos e apitos fazem um som estridente, a trilha sonora das exibições das caravanas, anunciando a todos que o circo chegou. Em destaque sobre o Calíope, lindamente decorado, Benjamin de Oliveira nos remete às suas facetas de cantor e compositor.</p> <p>Personagem: Ailton Graça – Benjamin de Oliveira, o Cantor e Compositor</p>
04	<p>O CIRCO-TEATRO</p> 	<p>A caravana da vida de Benjamin de Oliveira chega ao momento em que o multiartista transforma o picadeiro em palco para as apresentações de Circo-Teatro, gênero criado por ele. Benjamin foi um dos maiores nomes do Circo Spinelli, onde produziu grandes peças, farsas, musicais, melodramas, vaudevilles, revistas e operetas para o povo. Na parte dianteira da alegoria, está ambientada a opereta <i>A Viúva Alegre</i>. A escadaria e o cabaré, em estilo Art Nouveau, típico nas montagens desse grande sucesso, tem como destaque a personagem título, Hanna Glavari (a Destaque Maria Helena Cadar). Presentes no cabaré, uma plateia, formada por integrantes da Velha Guarda do Salgueiro, em trajes típicos da Viena do início do século XX, e dançarinas de cancan, que animam a apresentação. O Destaque Central (Maurício Pina) personifica o Marechal Floriano Peixoto, presidente e admirador de Benjamin de Oliveira, e representa os fãs do multiartista. Nos palcos laterais, atores representam dois dos grandes sucessos montados pela Companhia de Circo-Teatro: <i>Otelo</i>, o <i>Mouro de Veneza</i>, de Shakespeare, e <i>O Guarany</i>, de José de Alencar. Ao fundo, as arquibancadas, bandeirinhas e gambiarras nos transportam para o ambiente dos circos, onde uma plateia encantada aclama Benjamin com o famoso grito “BRAVO!!!”, que exprime toda a admiração ao (também) Rei do Circo-Teatro.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>O CIRCO-TEATRO (Continuação)</p> 	<p>Destaques: Maria Helena Cadar (central baixo) – Hanna, a Viúva Maurício Pina (central alto) – Floriano, o Marechal de Ferro</p> <p>Semidestaques: Fran Vieira e Adriana Lessa – Les Mademoiseles</p> <p>Composições Femininas: Cancan</p> <p>Composições Masculinas e Femininas: Plateia</p> <p>Personagem: Hélio de La Peña – Benjamin de Oliveira, Autor, Produtor, Diretor e Ator</p> <p>Personagens do Teatro: de <i>Otelo</i>, <i>o Mouro de Veneza</i> e <i>O Guarany</i></p>
05	<p>MILHÕES DE BENJAMINS</p> 	<p>Em grande estilo, o cortejo do Circo Salgueiro chega ao fim. A escola presta uma grande homenagem ao palhaço, ao Rei Negro do Picadeiro e aos milhões de Benjamins, descendentes da arte do multiartista Benjamin de Oliveira. Nas laterais, a alegoria traz o rosto de palhaços, caracterizados com sua maquiagem tradicional e seu cabelo engraçado (formado pelas Composições). Eles representam a nobre arte de fazer rir. As duas esculturas mostram o homenageado do enredo, com seu traje mais conhecido; do outro lado, o palhaço com o “peito repleto de amor”, é consagrado por sua trajetória. Para consagrar toda a história, representatividade e grandiosidade de Benjamin de Oliveira, vários artistas negros, herdeiros do nobre palhaço, reverenciam o Rei Negro do Picadeiro.</p> <p>Destaque: Rafael Eboli (central alto) – A Arte da Farsa</p> <p>Semidestaques (laterais): Ana Paula Vaz e Silvia Vaz – Clonetes</p> <p>Personagem: Nando Cunha – Benjamin de Oliveira, o Palhaço Benjamin</p> <p>Artistas convidados: Legado de Benjamin</p> <p>Composições Masculinas e Femininas: Palhaços</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
João Hélder – Alegoria 01 (Abre-Alas)	Cirurgião Plástico
Monique Lamarque – Alegoria 01 (Abre-Alas)	Atriz
Itamar Almeida – Alegoria 02	Administrador
Naldo Cavalcanti – Alegoria 02	Estilista
Elton Oliveira – Alegoria 03	Bancário
Simara Sukarno – Alegoria 03	Empresária
Maurício Pina – Alegoria 04	Cabeleireiro
Maria Helena Cadar – Alegoria 04	Empresária
Rafael Eboli – Alegoria 05	Cabeleireiro
Local do Barracão	
Rua Rivadávia Correa, 60, - Barracão 08 – Gamboa, Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.220-290	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Pedro Nobre	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
Sandro Chaves Maciel	Edson de Lima Miguel (Futica)
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Kennedy Prata	Kennedy Prata
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Allan Carvalho	Marcos Paulo do Nascimento (Batata)
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Adalberto Ferreira (Salsicha), Maximiliano Sales (Max) e Adriano	- Aderecista de Alegorias
Alan Carvalho	- Iluminação
Bruno Placas	- Placas
Nino	- Fibras
Kennedy Prata	- Movimentos
Nino	- Empastelação
Kennedy Prata	- Pintura e Arte
Paulo	- Arames
Hildemberg Batista	- Talhas Hidráulicas
Hélio da Silva Santiago	- Almojarife
Paulo Henrique Caetano	- Comprador
Joyce Hurtado	- Assessora de Imprensa
Sidney e Henrique	- Brigada de Incêndio
Marcos Amendola, André Anderson e Kléber Basílio	- Portaria
Wagner de Paula	- Serviços Gerais

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Palhaços Pernaltas</p> 	<p>Anunciando a chegada do circo do Salgueiro na Marquês de Sapucaí, um grupo de pernas e pau – os Palhaços Pernaltas – adentra a avenida com sua fantasia nas cores da escola e no formato de uma lona circense.</p>	<p>Grupo de Pernas de Pau</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
01	<p>Solte Suas Feras</p> 	<p>Com coragem e audácia, a figura do domador fez história nos circos mundo afora. Ao apresentar números perigosos com animais selvagens, fazia a plateia prender a respiração, numa mistura de medo e curiosidade. Leões e tigres passaram a ser parte do espetáculo em Roma, no gigantesco Circus Maximus – de formato circular, o que originou o nome Circo –, e um atrativo a mais para o público que ia assistir às lutas, corridas e números com músicos e dançarinos. É a apresentação das feras circenses que inspira a fantasia da Ala do Maculelê, única ala coreografada do Salgueiro. Leões e leas usam trajes que nos remetem aos gladiadores romanos. Os componentes da ala carregam ainda os aros de “fogo”, adereço utilizado nos truques estrelados pelas feras soltas no picadeiro.</p>	<p>Ala do Maculelê (Comunidade) (2008)</p>	<p>Direção de Harmonia e Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro)</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Domador</p> 	<p>Junto com o aparecimento de leões, tigres, ursos ou elefantes nos primórdios dos espetáculos circenses, surgiu também a figura do Domador, um corajoso personagem que fazia o público delirar em seus números perigosos com os animais ferozes. Durante muito tempo, os domadores e suas feras foram uma das principais atrações dos circos em todo o mundo.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Carlinhos Salgueiro</p>
02	<p>Circo de Cavalinhos</p> 	<p>Com múltiplas origens e influências, o espetáculo circense, que encantou o menino Benjamin e o fez fugir de casa, é apresentado no primeiro setor do cortejo salgueirense, com a exibição dos personagens universais do circo moderno. Sua base foi criada pelo inglês Philip Astley, que, no século XVIII, produziu um espetáculo protagonizado por cavalos e diversos artistas. Posteriormente, na Paris de 1783, ele criou o primeiro espaço permanente para o circo: uma estrutura com arquibancadas cercadas por uma lona, e um picadeiro de forma arredondada, que facilitava a visão do público para o show feito por cavalos, cavaleiros, amazonas e demais artistas. Como, inicialmente, os números hípicas ocupavam um lugar central nas apresentações, o circo de Astley ficou conhecido como Circo de Cavalinhos, revivido pela Ala 2 do Salgueiro, cuja fantasia representa os animais adorados pelo belo espetáculo que proporcionavam.</p>	<p>Ala Zuk (1999)</p>	<p>Roberto de Vasconcellos Dias</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>A Amazona</p> 	<p>Com as apresentações com cavalos se tornando cada vez mais ousadas, uma nova personagem surgia para encantar o público: a Amazona. As mulheres que desempenhavam esse papel deslumbravam o público em cenas que combinavam adestramento, acrobacias e diversos números, como saltar de um cavalo para o outro enquanto os animais se movimentavam pelo picadeiro. A força física e os truques arriscados, combinados com sua beleza e a sensualidade de seu figurino – reproduzido na fantasia da Ala – lhes rendiam milhares de fãs e as faziam ser adoradas por onde passavam.</p>	<p>Ala Domadoras (Comunidade) (2019)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
04	<p>O Equilibrista</p> 	<p>Para tornar os espetáculos dos Circos de Cavalinhos mais atrativos, vários artistas foram incorporados aos shows. Um deles foi o Equilibrista, que se exibia suspenso a uma grande altura para caminhar sobre cordas ou arames com sua inseparável sombrinha, que o ajudava a manter o equilíbrio. Na fantasia, o adereço, em formato de lona de circo, é levado pelos componentes, que retratam esse corajoso artista em seu desafio à gravidade.</p>	<p>Ala Divina Folia (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	Truque de Mágica 	<p>Um dos artistas de maior sucesso nas trupes que invadiam as cidades era o mágico, mestre da ilusão que desafiava o olhar atento do público. Um dos truques de mágica mais conhecidos é aquele em que o artista saca um coelho de sua cartola vazia. Essa cena é revivida de maneira divertida e criativa na fantasia da Ala 5 do Salgueiro, cujos componentes, vestidos de coelhos, iludem nosso olhar ao sair da cartola do mágico.</p>	Ala Os Reis da Boêmia (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia
06	Malabarista 	<p>A manipulação de várias bolas, argolas e bastões, ao mesmo tempo, com coordenação e habilidade, ganhou o nome de malabarismo, um entretenimento praticado desde a antiguidade e em diversas civilizações. Incorporado aos espetáculos circenses, o malabarismo tem como um de seus quadros mais conhecidos o prato chinês, tradicional número de equilíbrio de vários pratos, que giram apoiados em finas hastes de madeira, ao mesmo tempo. Esta forma de malabarismo é representada pela Ala 6 do Salgueiro, cujo traje é inspirado no país asiático. Além das hastes e pratos no resplendor da fantasia, os Malabaristas da ala carregam ainda as argolas, outra forma bastante conhecida dessa arte circense.</p>	Ala Loucura Salgueirense (Comunidade) (2019)	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>O Atirador de Facas</p> 	<p>O formato da atração é muito conhecido: de um lado, um expert, com a mira precisa, atira facas, punhais ou machadinhas; do outro, a certa distância, sua partner, presa a uma placa de madeira giratória, aguarda os lançamentos. Esse tipo de número começou a fazer sucesso no Ringling Bros. Circus, nos Estados Unidos, quando foi necessário inserir números de maior ousadia e perigo nos espetáculos. Com sua habilidade e precisão, o Atirador de Facas fazia o público prender a respiração a cada lançamento. A fantasia da Ala faz referência aos Índios Apaches, povo nativo norte-americano, uma vez que seus trajes eram muito utilizados pelos Atiradores de Facas nos espetáculos circenses da terra do Tio Sam.</p>	<p>Ala dos Estudantes (1960)</p> <p>Ala Raça Salgueirense (1989)</p>	<p>Joaquim Jaime Santos Fróes Cruz</p> <p>Luís Rogério Cordeiro Moreira</p>
*	<p>Índia Apache</p> 	<p>Os Apaches são uma tribo indígena proveniente do das grandes planícies do sul dos Estados Unidos. Por sua grande habilidade com facas, machados e tacapes foram incorporados nos espetáculos circenses do Ringling Brothers Circus, a maior companhia norte americana. Presente no imaginário circense, a Índia Apache representa essa tradição das lonas mundo afora.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Fernanda Figueiredo</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Cigana Vidente – A Sorte Está Lançada 	<p>A história do circo no Brasil tem início no século XIX, quando companhias de artistas europeus imigraram para o país. Junto com eles, vieram os ciganos Boyashas, com uma ligação estreita com o circo. Parte importante da biografia de Benjamin de Oliveira, que, ao fugir do Circo Sotero, foi parar num acampamento cigano, esse povo é retratado no segundo setor do desfile. A Ala 8 nos apresenta uma das tradições mais antigas desse grupo: a arte de desvendar os mistérios de nossos destinos. E uma das formas de enxergar os mistérios da vida é através de uma bola de cristal. Essa forma de clarividência – exercida somente por ciganas videntes – é uma tradição que vem do oriente e dos povos pagãos da Europa, origens dos ciganos. Na França, o uso da bola de cristal se tornou atração das antigas feiras e um dos símbolos do poder místico desse grupo. Trajando roupas tradicionais, as componentes da ala trazem a bola de cristal sobre a mesa para praticar o dom da adivinhação no desfile do Salgueiro. A sorte está lançada.</p>	Ala DNA Salgueirense (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Cigana do Clã</p> 	<p>Para o povo cigano, as mulheres são detentoras da sabedoria mais profunda, do mistério e do oculto. Elas têm sua importância ressaltada nas matriarcas e conselheiras, a quem os ciganos nunca deixam de consultar para resolverem problemas de toda ordem. Representando essa liderança, a Chefe do Clã, Tia Glorinha, presidente da Ala de Baianas do Salgueiro, vem à frente do grupo, trajando a tradicional vestimenta, que carrega características dos costumes e da riqueza cultural das ciganas.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Tia Glorinha</p>
09	<p>Cartomantes</p> 	<p>A leitura da sorte por meio de cartas é outra forma de vidência e uma arte que os ciganos espalharam pelo mundo. Encarregadas de transmitir e apresentar esse conhecimento secular, as Cartomantes eram as mais sábias mulheres do bando. Representadas no desfile pela Ala Baianas do Salgueiro, mulheres que carregam os fundamentos e conhecimento primordial de nossa escola, essas ciganas, desvendam os mistérios do destino e a sorte de quem as consulta, por meio de sua intuição. Os naipes, destacados na fantasia, são de tradição latina e representam os comerciantes (ouros), os militares (espadas), o clero (copas) e os camponeses (paus). Toda essa simbologia é importante na leitura da sorte por meio desse poderoso oráculo. A fantasia de nossas matriarcas tem, também, muito dourado, cor que representa a fortuna, objetivo terreno que permeia a vida.</p>	<p>Ala das Baianas (1953)</p>	<p>Maria da Glória Lopes de Carvalho (Tia Glorinha)</p>

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Rainha Cigana 	<p>Para o povo cigano, o significado de Rei e Rainha não se prende às características de chefe de Estado, pois, como nômades, essas relações em sua cultura são permeáveis. O título de Rainha é dado àquela que apresenta, entre suas características, liderança, honradez, competência, carisma, solidariedade, respeito às tradições, riqueza e, sobretudo, vontade. Viviane Araújo, a Rainha das Rainhas representa tudo isso para o Salgueiro e para o carnaval. Logo, com toda sua graça, beleza, carisma e samba no pé, nada mais justo que vir representando a Rainha desse povo tão festivo e artístico. Com uma roupa que representa toda a riqueza cultural e a sensualidade dos ciganos, nossa Rainha traz, ainda, em sua fantasia, a coroa, símbolo maior de majestade.</p>	Rainha de Bateria	Viviane Araújo

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Tarot Cigano – Andarilho</p> 	<p>Método mais conhecido de clarividência, o tarot cigano tem um simbolismo especial e diferente de outros baralhos. Uma de suas cartas mais significativas é “O Andarilho”, única imagem em que o personagem está em movimento e olhando para cima. Essa carta representa o eterno aprendizado, a criatividade, a liberdade de ação e de expressão, arquétipo dos ciganos, dos artistas do circo e de nossa Bateria Furiosa (sempre em movimento, sempre criativa e com a qualidade da liberdade que a música nos traz). Única carta sem número pode representar tanto o início (0) quanto o final de uma jornada (22). Apresenta os naipes do baralho e o xadrez dos tabuleiros, pois, para os Andarilhos, a vida é sempre um jogo.</p>	Bateria (1953)	Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira
*	<p>A Magia da Dança</p> 	<p>A Rainha da Ala de Passistas do Salgueiro chega à avenida para representar a magia da dança cigana, que traz consigo o mistério através dos passos e dos movimentos que saúdam, invocam e fazem fluir a mais bela e elevada vibração energética. Uma dança universal, que apresenta forte influência espanhola, árabe e judaica, e tem todo o simbolismo de sensualidade e mistério desse povo talentoso e festivo.</p>	Destaque de Chão	MC Rebecca

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Dança Cigana</p> 	<p>Ao longo dos tempos, a alegre dança cigana foi incorporando elementos de vários lugares por onde os ciganos passavam, recebendo a contribuição e a interferência de diversas culturas. Ficou fortemente representada na Espanha, onde influenciou de maneira direta a dança Flamenca, um dos símbolos espanhóis. Tem na sensualidade uma de suas características mais fortes, assim como os passos sapateados e os floreios de mãos, que significam a conquista do amor. Representando toda a exuberância dessa dança, a Ala de Passistas do Salgueiro risca o chão da avenida com o traje típico de dançarinos ciganos, misturando o samba com toda a alegria, sensualidade e misticismo do bailado desse povo misterioso e sedutor.</p>	<p>Ala de Passistas (1953)</p>	<p>Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro)</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Ciganos Músicos</p> 	<p>Assim como a dança, a música cigana, elemento cultural fundamental para esse povo tão alegre e festivo, sofreu influência de diversas regiões, principalmente dos povos dos Balcãs. As canções ciganas são sempre acompanhadas por uma rabeca, instrumento de origem árabe e tradicional na música cigana. Esse precursor do violino – levado como adereço pelos componentes da Ala – produz um som quase hipnótico e sensual, que leva todos ao prazer de se entregar ao som e a dança. O ritmo que une alma, coração e misticismo, certamente influenciou o menino Benjamin. Sua convivência com Ciganos Músicos ajudou a aflorar o talento, que, mais adiante, o tornaria um reconhecido cantor e compositor.</p>	<p>Ala dos Guerreiros (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
*	<p>Quiromante, a Leitura nas Linhas da Mão</p> 	<p>A arte de adivinhação e interpretação de sinais por meio das linhas e forma das mãos tem origem na antiga Índia e foi difundida mundo afora pelas Quiromantes. As companhias ciganas de circo sempre seduziram seus espectadores com a possibilidade de conhecer e desvendar o futuro. O mistério e a sedução, presentes na cultura cigana, influenciaram fortemente a crença de Benjamin de Oliveira, que se declarava místico</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Renata Santos</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Violoncelo</p> 	<p>O terceiro setor do desfile do Salgueiro vem embalado pelo som dos instrumentos musicais e pela música, que se entrelaçam à história do circo e à biografia de Benjamin de Oliveira. Recheado de atrações, os espetáculos circenses serviam-se também de uma banda musical para executar a trilha sonora das apresentações de palhaços, acrobatas, malabaristas, mágicos, ou acompanhar peças e cantores, durante os intervalos. Um dos instrumentos utilizados pelas bandas de circo era o Violoncelo, representado pela fantasia da Ala 13. Da família das cordas, esse instrumento tem origem na Itália do século XVI, e foi trazido ao Brasil pelos imigrantes europeus. Logo o Violoncelo foi incorporado às orquestras dos teatros brasileiros e também às bandas de circo, já que seu som, de notas graves, criava o clima necessário para as apresentações dos artistas circenses.</p>	Ala Tati (1997)	Janete Ribeiro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Sopro</p> 	<p>Para animar ainda mais os espetáculos apresentados sob as lonas, os instrumentos de sopro – trombone, tuba, trompete e flauta, entre outros – foram utilizados logo nos primeiros momentos da chegada do circo ao Brasil. E se tornaram fundamentais para acompanhar os diversos números artísticos apresentados sob a lona. A fantasia da Ala mostra os elementos dos instrumentos de sopro: as saídas de som em forma de sino, presentes no formato do vestido, nas mangas e no chapéu, os pistões e os tubos, no resplendor dos componentes.</p>	<p>Ala Malandros Batuqueiros (Comunidade) (2019)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
15	<p>Piano</p> 	<p>A música se fez presente na vida de Benjamin de Oliveira. Além de ter sido um artista que dominava várias das artes circenses – em especial a de Palhaço –, ele também se enveredou pelos caminhos da música e do Circo-Teatro. O Piano, cujas teclas enfeitam, com destaque, a fantasia da Ala 15 do Salgueiro, foi um dos instrumentos mais utilizados por esse multiartista em suas montagens de sucesso no Circo-Teatro.</p>	<p>Ala Amigos que Amam o Salgueiro (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	Tambor 	<p>Fundamental nas bandas de circo, o Tambor é um instrumento de percussão e rítmico que contribui para a marcação do tempo da música. Presente no corpo da fantasia da Ala, o Tambor é tocado com um bastão, chamado maceta ou baqueta, peça levada pelos componentes como adereço. Os tambores mais utilizados nas bandas de circo são o bumbo, a caixa e o tarol, que têm o som perfeito para criar um clima de suspense e deixar a plateia com o coração batendo mais forte nas apresentações que envolvam algum perigo, como acrobacia, malabarismo e os números dos atiradores de faca.</p>	Ala Amizade Salgueirense (Comunidade) 2003	Direção de Harmonia
17	Acordeon 	<p>Um dos instrumentos típicos do circo brasileiro do século passado, o Acordeon é o aperfeiçoamento de diversos instrumentos do mesmo gênero. Mas foi na França do século XIX, que sua forma atual foi definida, com teclado, baixos e fole, elementos que estão presentes na fantasia da Ala 17. O Acordeon veio para o Brasil na bagagem dos imigrantes europeus que se instalaram no sul do país e foi introduzido quase que imediatamente nas bandas circenses, por intermédio de músicos ciganos. O instrumento dava um ar de mistério às apresentações de mágicos, ilusionistas e videntes, e também serviu aos espetáculos do Circo-Teatro, em especial aos melodramas e operetas.</p>	Ala Gaia (Comunidade) 2003	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>O Palhaço Cantor</p> 	<p>Além de ator, diretor, autor, produtor, dançarino e palhaço, Benjamin também foi cantor. Durante os intervalos entre as apresentações circenses, ele soltava sua voz para interpretar lundus, chulas e modinhas, principalmente aquelas compostas por seu amigo Catulo da Paixão Cearense. Benjamin viveu seu apogeu na música ao ser um dos primeiros artistas brasileiros a gravar discos no país. Foram sete gravações no total, entre os anos de 1908 e 1912, todas produzidas pelo selo Columbia Phonograph Company. A fantasia da Ala, com os discos, o gramofone e as notas musicais, representa esse momento da vida do Palhaço Cantor.</p>	<p>Ala Odisseia (Comunidade) 2003</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
19	<p>Benjamin, o Compositor</p> 	<p>Os Poetas da Academia vêm para a avenida representar mais um talento de Benjamin de Oliveira: o de compositor. No circo, palco de lançamento das novidades musicais de sua época, ele desfilou suas canções e seu repertório no período de 1907 a 1910. Benjamin chamava atenção não só pelas músicas jocosas e maliciosas que fazia, mas também pela qualidade harmônica de suas composições.</p>	<p>Ala dos Compositores 1953</p>	<p>Nilda Salgueiro Baptista Ferreira</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Música 	<p>Se música em grego antigo significa “a arte das musas”, o Salgueiro traz para seu desfile a Destaque de Chão (ou Musa) para representar essa manifestação artística muito presente na vida do Rei Negro do Picadeiro. Compositor, cantor e grande ator de musicais e operetas, Benjamin enriqueceu o circo com todo o repertório de suas canções e melodias.</p>	Destaque de Chão	Bianca Salgueiro
20	O Chico e o Diabo 	<p>No auge de sua carreira, no início do século XX, Benjamin de Oliveira fez do Rio de Janeiro a sua corte. Criou o gênero do Circo-Teatro, tema do quarto setor do desfile do Salgueiro. Foi Benjamin que deu os primeiros passos para modernizar o ofício das artes cênicas no Brasil, com a montagem de várias peças, dramas, comédias, farsas e operetas. Apresentada sob a forma de pantomima (representação de uma história exclusivamente através de gestos, expressões faciais e movimentos) “O Chico e o Diabo” foi uma das primeiras peças escritas para o Circo-Teatro e um dos maiores sucessos de Benjamin de Oliveira no Circo Spinelli. A montagem ficou em cartaz de 1906 a 1912. Em uma de suas primeiras criações, a tradição medieval do bem contra o mal é apresentada no embate entre um homem comum e Mefisto, aquele que vem tentar as almas simples por meio da sedução e do encanto. Este personagem é representado na fantasia da Ala, com suas cores quentes e flamejantes, e pelo tridente, carregado como adereço pelos componentes.</p>	Ala Zé Carioca (Comunidade) 2003	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Otelo, o Mouro de Veneza</p> 	<p>Adaptada da obra do inglês William Shakespeare, a peça, que trata de temas universais – ciúme, traição, amor, inveja e racismo –, foi montada e encenada por Benjamin de Oliveira no picadeiro do Circo Spinelli. O personagem principal é Otelo, um poderoso general mouro a serviço da República de Veneza, que tem seu ponto vulnerável no ciúme exagerado que sente por Desdêmona, sua jovem e bela esposa. Sua origem moura é representada na vestimenta dos componentes da Ala. A montagem feita por Benjamin impressionou de tal forma o escritor Arthur Azevedo que, ao fazer sua crítica, citou que Shakespeare, quando escreveu Otelo, criara a obra pensando em um ator como Benjamin para o papel principal.</p>	<p>Ala Fúria Salgueirense (Comunidade) 2003</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
22	<p>Peri, “O Guarany”</p> 	<p>Adaptada da obra de José de Alencar, a montagem de “O Guarany”, foi apresentada no Circo Spinelli. O sucesso foi tão grande que a peça ultrapassou as fronteiras do picadeiro e foi parar no cinema, filmada pela empresa Photo-Cinematographia Brasileira. Com roteiro de Benjamin de Oliveira, o filme foi lançado com o título “Os Guaranis”. É nesse filme que Benjamin se torna o primeiro ator negro a aparecer no cinema nacional, no papel de Peri. Os componentes da Ala representam este imponente índio Goitacá, que remete à origem indígena do homem brasileiro, com toda sua coragem e heroísmo, um verdadeiro símbolo da pátria.</p>	<p>Ala Narcisca (1990)</p> <p>Ala Paixão Salgueirense (1999)</p>	<p>Luiz Fernando Martins Kaden</p> <p>André Vaz</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	A Viúva Alegre – A Opereta 	<p>O Salgueiro resgata sua tradicional Ala de Damas para apresentar a fantasia da rica e jovem viúva Hanna Glavari, personagem principal da opereta A Viúva Alegre, escrita pelo austríaco Franz Lehar. A obra foi adaptada por Benjamin de Oliveira, que até se correspondeu com Lehar para aperfeiçoar a montagem. Estreando em 1910, somente cinco anos após seu lançamento na Europa e pela primeira vez em português, A Viúva Alegre foi apresentada no Circo Spinelli e fez grande sucesso, principalmente pela qualidade do elenco, cujos personagens principais, tipicamente vienenses, foram representados por artistas negros.</p>	Ala das Damas (Comunidade) (1953)	Direção de Harmonia
24	Momo, de “O Cúpid do Oriente” 	<p>O Cupido do Oriente é uma fantástica farsa musical criada por Benjamin de Oliveira. Os cenários eram o Olimpo e o palácio de um sultão, onde o Cupido, deus alado do amor, contracenava com odaliscas, fidalgos, conselheiros e também com deuses da mitologia grega. Um dos que estavam presentes no palácio era Momo, deus do sarcasmo e do delírio. Com seu gorro cheio de pontas e carregando uma cabeça de boneca na mão – elementos presentes na fantasia da Ala –, ele vivia rindo e tirando sarro dos outros deuses. Representado pela primeira vez no Brasil por intermédio da criação de Benjamin de Oliveira, Momo, por suas características, foi incorporado ao carnaval e se transformou no rei da nossa folia.</p>	Ala Juntos e Misturados (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>A Bela Época</p> 	<p>O início do Século XX no Rio de Janeiro fervilhava com a recente República e as reformas de Pereira Passos. Os espetáculos de Circo-Teatro, criados e encenados por Benjamin de Oliveira, eram as grandes atrações da noite. Vestir-se bem fazia parte do espetáculo do passeio noturno e do código social da época em que os papéis sociais estavam sendo redefinidos pela nascente Nova República. Para representar a elegância e o charme dessa bela época, nada melhor que nossa Velha Guarda. Elas, trajando vestidos exuberantes, acompanhados de chapéus e luvas; eles, de fraque e cartola, eram personagens da Belle Époque Tropical no Rio de Janeiro.</p>	Velha Guarda (1953)	Maria Aliano (Caboclinha)
*	<p>As Máscaras do Teatro</p> 	<p>As máscaras do teatro surgem na Grécia para representar o contraponto entre tragédia e comédia. No desfile do Salgueiro, elas surgem na fantasia da Destaque de Chão para representar também um período da vida de Benjamin de Oliveira, que, em sua carreira artística, apresentou comédias e tragédias no Circo-Teatro, levando para o espectador dos circos os grandes espetáculos teatrais de sua época. As máscaras podem ser relacionadas ainda à vida de um palhaço, que, mesmo em momentos difíceis, precisa fazer o seu público sorrir.</p>	Destaque de Chão	Edcléia Scafura

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	O Bufão 	<p>O último setor do cortejo salgueirense apresenta uma trupe formada por vários tipos de palhaço. Essa figura lírica, inocente, ingênua, mas também cômica e divertida, e que desde seu surgimento tem a missão de divertir a humanidade, foi a inspiração de Benjamin de Oliveira para se transformar em um dos grandes artistas brasileiros. O primeiro a se apresentar é o Bufão (ou bobo da corte), personagem que se popularizou na Idade Média, quando levou sua arte para dentro dos castelos europeus. O Bufão usava um traje colorido, complementado pelo chapéu de três pontas, sua marca registrada. A vestimenta, representada na fantasia da Ala 26 do Salgueiro, servia para chamar ainda mais atenção e arrancar gargalhadas da nobreza. Nos palácios, esse percussor do palhaço tinha a função de entreter os monarcas com muito humor, sabedoria e sensibilidade, tornando os dias da realeza mais divertidos.</p>	Ala Minha Paixão, Minha Raiz (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Commedia dell'Arte – Arlecchino</p> 	<p>Foi na Itália dos séculos XV e XVI, que surgiu a Commedia Dell'arte, uma vertente do teatro, mais popular e itinerante, que se transformou em dos grandes símbolos da cultura italiana. Suas apresentações eram feitas nas ruas ou em praças, tendo como palco as carroças da trupe ou pequenos tabladros. Uma das principais figuras da Commedia era o Arlecchino, o palhaço do elenco. Apaixonado pela Colombina (com quem formava um triângulo amoroso completado pelo Pierrô – ou Pedrollino), o Arlecchino era caracterizado pelo traje que usava: uma roupa com desenhos coloridos e mangas bufantes. O figurino, representado pela fantasia da Ala 27, era complementado por uma máscara, que servia para esconder seu caráter dissimulado. O Arlecchino era um personagem servil, ingênuo e atrapalhado, mas também debochado, ágil e cômico. Com sua graça e sua esperteza sempre conseguia se safar das várias trapalhadas em que se metia, divertindo o público que assistia aos espetáculos da Commedia italiana.</p>	Ala Inflasal 1989	Paulo Soares da Silva Carvalho

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	Clown 	<p>O circo moderno surgiu no século XVIII, como um espetáculo feito por cavalos. Para quebrar a seriedade das apresentações, o criador Philip Astley misturou os números equestres com outras atrações, como malabaristas, acrobatas e... Palhaços!!! O sucesso foi tão grande que o formato criado por ele rompeu fronteiras e espalhou lonas circenses mundo afora. É nesse circo moderno que surge a figura do Clown, um palhaço de picadeiro, com um humor mais sutil do que o do ingênuo e atrapalhado palhaço tradicional. O Clown, que foi ganhando pequenas adaptações em cada lugar que o circo chegava, está representado pela Ala 28 do Salgueiro. A fantasia com detalhes em vermelho e dourado é complementada pela cartola e pelo divertido ‘cabelo’ de pompons vermelhos.</p>	Ala Família Salgueirense (Comunidade) 2003	Direção de Harmonia
29	O Palhaço Benjamin 	<p>Para reverenciar o personagem principal do enredo, os integrantes da Ala 29 desfilam com uma fantasia livremente inspirada nos trajes do Palhaço Benjamin. Carregando o inseparável violão, os componentes usam coletes, chapéus pontudos, calça de babados e asas de anjo, recriando, com a licença poética do carnaval, uma das mais conhecidas imagens do Rei Negro do Picadeiro.</p>	Ala dos Negões (Comunidade) 2004	Direção de Harmonia

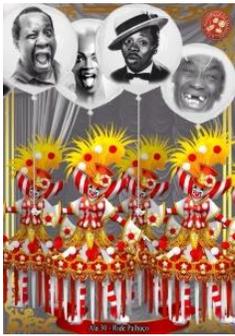
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alex de Souza

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<p>Ride Palhaço</p> 	<p>É com a alegria e a graça do palhaço que a Ala 30 do Salgueiro encerra a apresentação da trupe vermelho e branca. O nome da fantasia é uma homenagem à marchinha Ride Palhaço, de Lamartine Babo, sucesso carnavalesco de 1934 (inspirada na ária Ridi Pagliaccio, da ópera Pagliacci, de Ruggero Leoncavallo). A Ala traz componentes vestidos com o figurino característico do palhaço – roupas divertidas, coloridas e espalhafatosas, e seu cabelo engraçado – este personagem que habita o imaginário popular e também tradicional em nosso carnaval. O legado do Palhaço Benjamin inspirou diversos artistas negros que nos ensinam, todos os dias, que fazer sorrir também é resistir.</p>	<p>Ala Explode Coração (Comunidade) 2003</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
*	<p>Arlequina</p> 	<p>Uma das personagens da Commedia dell'Arte, a Arlequina é a representação feminina da comédia e da picardia. É considerada uma das primeiras personagens femininas a fazer comédia e traz nessa característica o mesmo pioneirismo de nosso homenageado.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Rafaela Dias</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão 08 – Gamboa, Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.220-290	
Diretor Responsável pelo Atelier Paulo Henrique Caetano da Silva Dias	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Modelista: Claudinho Costureira: Arlete	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe
Adrecista Chefe de Equipe Daniel dos Santos, Andréia Veloso Marques, Delfim, Anderson, Ranny, Ives, Sônia, Nely, Gilmar, Claudinho, Paulo e Mônica.	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José
Outros Profissionais e Respectivas Funções Leozinho e Belizário Cunha (Chefes de Ateliê) - Ateliês	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Marcelo Motta, Fred Camacho, Guinga do Salgueiro, Getúlio Coelho, Ricardo Neves e Francisco Aquino

Presidente da Ala dos Compositores

Nilda Salgueiro Baptista Ferreira

Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
100 (cem)	Djalma Sabiá 95 anos	Antônio Gonzaga 25 anos

Outras informações julgadas necessárias

Na corda bamba da vida me criei
 Mas qual o negro não sonhou com liberdade?
 Tantas vezes perdido, me encontrei
 Do meu trapézio saltei num voo pra felicidade
 Quando num beque, mambembe Moleque
 Beijo o picadeiro da ilusão
 Um novo norte, lançado à sorte
 Na “companhia” do luar...
 Feito sambista...
 Alma de artista que vai onde o povo está

E vou estar com o peito repleto de amor
Eis a lição desse nobre palhaço:
Quando cair, no talento, saber levantar
Fazer sorrir quando a tinta insiste em manchar

O rosto retinto exposto
 Reflete no espelho
 Na cara da gente um nariz vermelho
 Num circo sem lona, sem rumo, sem par...
 Mas se todo show tem que continuar (Bravo!!)
 Bravo!
 Há esperança entre sinais e trampolins
 E a certeza de milhões de Benjamins
 Estão no palco sob as luzes da ribalta
 Salta, menino!
 A luta me fez majestade
 Na pele, o tom da coragem
 Pro que está por vir...
 Sorrir é resistir!

Olha nós aí de novo
Pra sambar no picadeiro
Arma o circo, chama o povo, Salgueiro!
Aqui o negro não sai de cartaz
Se entregar, jamais!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O Enredo no Samba

Na corda bamba da vida me criei

Como pano de fundo da vida de Benjamin de Oliveira, a letra do samba é, em muitos momentos, permeada por palavras do cotidiano circense. Na abertura falamos da infância dele, vivida sempre em situações de incerteza e esperança, na “corda bamba” da vida.

Mas qual o negro não sonhou com liberdade?

Desde cedo, o desejo de saltar na vida, viver o mundo sem obstáculos e em liberdade com a qual um menino pobre e negro começava a desejar.

Tantas vezes perdido, me encontrei

Do meu trapézio saltei num voo pra felicidade

A certeza de que a vida era muito maior que seu cotidiano fez Benjamin se lançar na aventura da vida, assim como um trapezista se arrisca para exercer sua arte.

Quando num breque, mambembe moleque

Sem recursos e em busca de sua liberdade, Benjamin fugiu de casa e, de maneira mambembe, como lhe era possível, foi atrás dos circos da vida para contrariar seu destino. O "moleque" finaliza o verso, mas emenda com o "Beijo", que inicia o próximo e nos remete ao apelido "Moleque Beijo", dado a Benjamin por seu pai.

Beijo o picadeiro da ilusão

De forma poética, a relação de Benjamin com o circo se intensifica, por mais que tudo aquilo ainda seja um sonho, uma ilusão para o menino.

Um novo norte, lançado à sorte

Na “companhia” do luar...

Esses versos trazem à memória sua fuga e o encontro com os ciganos, mestres na arte do circo e da leitura da sorte, povo de muita cultura e tradição. Traz a poética da vida de nômade que vive em caravana e tem o céu como proteção e a lua como sua inspiração.

Feito sambista.

Alma de artista que vai onde o povo está

E vou estar com o peito repleto de amor

Eis a lição desse nobre palhaço

Quando cair, no talento, saber levantar

Fazer sorrir quando a tinta insiste em manchar

A grande lição desse nobre palhaço é que o amor pela arte é o maior combustível da vida de um artista. Todos os percalços da vida devem ser superados e os desafios, assim como nos números dos circos, estão aí para serem superados. Seu ofício era refletir no sorriso, o bem à sua plateia. Mesmo se a lágrima insistir em manchar, ele está pronto para fazer sorrir.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O rosto retinto exposto

Reflete no espelho

Na cara da gente um nariz vermelho

É uma sequência do verso que finaliza o refrão do meio... Ao perder a tinta, o rosto negro do palhaço se revela no camarim em frente ao espelho. E o cidadão Benjamin, de cara limpa, reflete o verdadeiro semblante de seu povo.

Num circo sem lona, sem rumo, sem par...

Mas se todo show tem que continuar (bravo!)

Bravo!

Uma simples palavra é a maior expressão de vitória de um artista. “Bravo!” é o reconhecimento que Benjamin buscou durante toda a vida. E faz referência também à sua incursão pelo Circo-Teatro, do qual foi pioneiro. É a grande exclamação que todos os artistas querem escutar.

Há esperança entre sinais e trampolins

É a referência aos vários artistas que ganham sua vida por meio da arte, inclusive nos sinais de trânsito das grandes cidades. Seriam Benjamins do mundo atual? Estão lá, entre o palco das ruas e a esperança do reconhecimento.

E a certeza que milhões de Benjamins

Estão no palco sob as luzes da ribalta

Esse verso precisa da sequência "Estão no palco sob as luzes da ribalta" para entendermos que cada vez que os artistas negros – os “milhões de Benjamins” – sobem ao palco e ganham as luzes da ribalta, vemos legado de Benjamin.

Salta, menino!

O enredo nos faz perceber que em cada etapa da vida de Benjamin foi necessário um salto, sempre para frente, ainda que fugindo de quem o oprimisse. Foram vários saltos até o reconhecimento. E, hoje, o nosso grande artista, do alto de sua majestade, brada em incentivo aos novos Benjamins: salta, menino!

A luta me fez majestade

Na pele, o tom da coragem

O título de Rei Negro do Picadeiro ou de o maior palhaço do Brasil foi conquistado com muita luta e talento e reconhecido ainda em vida, fato raro em nosso país ainda mais para quem sofre o preconceito por sua cor.

Pro que está por vir...

Sorrir e resistir!

Um grito de resistência em favor do sorriso. Mesmo quando a arte não encontra parceria, um sorriso encorajador pode ser uma eficiente arma contra a opressão e o descaso. E a resistência e resiliência de Benjamin estavam presentes, principalmente, na arte de sorrir – ou de fazer sorrir.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Olha nos aí de novo

Pra sambar no picadeiro

Arma o circo, chama o povo, Salgueiro!

Aqui o negro não sai de cartaz

Se entregar, jamais

Historicamente o Salgueiro é reconhecido por dar rosto, voz, significado e protagonismo a grandes personagens negros importantes para a história desse país, muitos deles invisíveis nos relatos oficiais ou com suas biografias parcialmente ignoradas. Por isso, nada mais justo que convocar o povo para o universo circense do Benjamin de Oliveira, e afirmar que, na Academia do Samba, o negro, como ator principal, estará sempre “em cartaz” (expressão muito utilizada em espetáculos).

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira

Outros Diretores de Bateria

Clair da Silva Basílio, Darlan Nascimento, Eduardo José (Dudu), George Ferreira (Gegê), Ian Martins, Kleber da Silva Basílio, Luciano Oliveira (Japa), Marcelo de Paula (Celão), Natan Carreira, Tiago Macedo (Bial) e Victor Trindade

Total de Componentes da Bateria

296 (duzentos e noventa e seis) Componentes (12 diretores e 284 ritmistas)

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	15	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
80	35	36	0	40
Prato	Agogô	Cuíca	Pandeiro	Chocalho
06	0	24	0	22

Outras informações julgadas necessárias

A Bateria do Salgueiro – A Furiosa, como é conhecida a Bateria do Salgueiro, é uma das grandes orquestras do carnaval e uma das mais premiadas na história da folia carioca. É ela que acelera a batida dos corações e arrepiam os salgueirenses a cada vez que se posiciona na avenida para abrir os caminhos do cortejo da Academia. Comandada em sua trajetória por grandes Mestres, como Dorinho, Tião da Alda, Bira, Branco Ernesto, Almir Guineto, Arengueiro, Mané Perigoso, Louro e Marcão, a Furiosa, recebeu incontáveis notas dez e diversas premiações, entre elas, nove Estandartes de Ouro, maior prêmio do carnaval carioca.

Mestre Guilherme e Mestre Gustavo - “Craque se faz em casa”. O lema utilizado nos clubes de futebol que revelam grandes atletas é perfeito para apresentar os Mestres de Bateria da Furiosa: os irmãos Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira.

Criados dos Aprendizes do Salgueiro e filhos de ritmista (seu pai, Tuninho, foi diretor da bateria da escola por muitos anos), Guilherme e Gustavo deram os primeiros passos no samba na Furiosinha, apelido da escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro.

Aos 18 anos, Guilherme começou a tocar na bateria da escola mãe, incentivado por Mestre Louro, ícone do Salgueiro, que sempre que podia, deixava os mais novos participarem dos ensaios para revelar talentos. Durante muitos anos, Guilherme desfilou na bateria do Salgueiro, tocando vários instrumentos, até que, em 2011, já sob a batuta de Mestre Marcão, foi convidado para ser um dos diretores auxiliares da Furiosa.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

A exemplo do irmão mais velho, Gustavo também cresceu nos Aprendizes do Salgueiro. Em 1999, aos sete anos, já era ritmista da escola mirim, onde também foi diretor, compositor e Mestre da Bateria. Aos 12 anos, influenciado pelo pai, por Guilherme e por amigos, passou a tocar tarol na Furiosa, sem deixar a função de Mestre de Bateria mirim. Em 2010, foi convidado para ser diretor da ala.

Formados em Música pela escola Vila Lobos, os irmãos têm diversos projetos juntos fora do carnaval. Craques da percussão, já fizeram parte do time de músicos de cantores e grupos famosos, como Fundo de Quintal, Clareou, Dudu Nobre e Ludmila. Com a experiência adquirida, há três anos foram convidados a desenvolver um projeto na escola de música Frederic Douglas, no Harlem, centro cultural afro-americano nos Estados Unidos.

No comando de 282 ritmistas, Guilherme e Gustavo contam com o auxílio de seus diretores – **Clair, Darlan, Dudu, Gegê, Celão, Ian, Kléber, Japa, Celão, Natan, Bial e Victor** – para mostrar ao público o ritmo firme, temperado com o mais puro molho do samba do morro do Salgueiro, na busca pela excelência e pela pontuação máxima em mais um carnaval.

A Fantasia

Tarot Cigano – Andarilho

Método mais conhecido de clarividência, o **tarot cigano** tem um simbolismo especial e diferente de outros baralhos. Uma de suas cartas mais significativas é “O **Andarilho**”, única imagem em que o personagem está em movimento e olhando para cima. Essa carta representa o eterno aprendiz, a criatividade, a liberdade de ação e de expressão, arquétipo dos ciganos, dos artistas do circo e de nossa Bateria Furiosa (sempre em movimento, sempre criativa e com a qualidade da liberdade que a música nos traz). Única carta sem número pode representar tanto o início (0) quanto o final de uma jornada (22). Apresenta os naipes do baralho e o xadrez dos tabuleiros, pois, para os Andarilhos, a vida é sempre um jogo.

Rainha de Bateria – Viviane Araújo

Verdadeiro fenômeno do carnaval, Viviane Araújo é uma das maiores rainhas da história das escolas de samba. Após sua estreia, em 1995, no Império da Tijuca, Viviane passou por Mocidade Independente, União de Jacarepaguá e pela paulistana Mancha Verde, até chegar ao Salgueiro, após o carnaval de 2007. Desde então reina absoluta à frente da Bateria do Salgueiro. Referência quando o assunto é rainha ou madrinha de bateria, Viviane reúne todos os atributos necessários para o posto: é bonita, carismática, tem gingado de sobra e ainda desfila tocando tamborim. Predicados mais que suficientes para enfeitiçar e hipnotizar o público que vai ao delírio a cada passagem de Viviane pela avenida. Em seu 13º carnaval à frente da Furiosa do Salgueiro, Viviane Araújo virá vestida como **Rainha Cigana**.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Jomar Casemiro (Jô)

Outros Diretores de Harmonia

Antonio Mendes Teixeira (Mendes), Armando Lyra da Silva (Armandinho), Carlos Alberto Monsore (Godô), Carlos Eduardo (Orelha), Edson Alves dos Santos, Fabiano da Conceição, Fagney Lins da Silveira, Flávio Correa Altomar, Flávio Froes Cruz, Jadir Soares de Carvalho, Jair Casemiro, Jairo Pereira da Silva, João Batista Costa (João Do Bar), João Carlos Carneiro, João Marcelo Pedroso (Jhonny), Joelmo Casemiro (Elmo), Jomilson Casemiro (Milson), Jorge Da Conceição (Caduza), José Carlos Ferreira Cardoso, José Luiz de Souza Costa (Costa), José Marinho de Lima Neto (Marinho), Júlio Marcos Schittini, Leda Lima de Castro, Marcelo Carvalho (Marcelão), Marcelo Ferreira Lima (Bacalhau), Marcelo Nasseh, Marcos Vinícios Evangelista (Vinícios), Nely Barbosa, Nilo Sérgio Coutinho (Nilo), Nivaldo Rosa Ferreira, Paula Cardoso, Paulo Cezar Evangelista Junior (Paulinho), Pedro Alexandre França, Pedro José do Nascimento (Jacaré), Rafael Pereira da Silva, Reginaldo Ferreira (Naldo), Roberto Moreira Barcelos (Robertão), Sérgio Santos Filho (Serginho), Simone Florim da Silva, Valmir de Souza e Willian Faria Ramos

Total de Componentes da Direção de Harmonia

42 (quarenta e dois) Componentes (01 diretor geral e 41 diretores de harmonia)

Puxador(es) do Samba-Enredo

Oficiais: Emerson Dias e Melquisedeque Marins Marques (Quinho)

Auxiliares: Diego Nicolau, Lissandra Oliveira, Viny Machado, Charles Silva e Igor Vianna

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Harmonia de Cordas:

Cavaco – Victor Nascimento

Bandolim – Anderson Cabeça

Violão de seis cordas – Raphael Gravino

Violão de sete cordas – Andy Lee

Outras informações julgadas necessárias

Harmonia – Para o carnaval de 2020, o Diretor de Harmonia do Salgueiro, Jô Casemiro, herdeiro da linhagem de Joaquim Casemiro, o ‘Calça Larga’, e Jorge Casemiro, preparou os componentes do Salgueiro em diversos ensaios e reuniões realizados na quadra da escola, nas ruas Maxwell e Conde de Bonfim.

A importância dos ensaios está na necessidade de ajustar o entrosamento e o canto dos componentes – Alas de Comunidade, Composições de alegoria, Destaques, Semidestaques e Destaques de Chão – com o ritmo do samba-enredo da escola.

Para que cada componente compreendesse sua função no desfile, foram feitas reuniões nas quais foram apresentados o figurino, com as devidas explicações sobre o significado da fantasia e o que ela representa dentro do desfile. Assim, cada um dos componentes estará na Avenida Marquês de Sapucaí consciente de seu papel, com conhecimento do enredo, da letra do samba-enredo e do roteiro de desfile da escola.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Jomar Casemiro (Jô)

Outros Diretores de Evolução

Antonio Mendes Teixeira (Mendes), Armando Lyra da Silva (Armandinho), Carlos Alberto Monsores (Godô), Carlos Eduardo (Orelha), Edson Alves dos Santos, Fabiano da Conceição, Fagney Lins da Silveira, Flávio Correa Altomar, Flávio Froes Cruz, Jadir Soares de Carvalho, Jair Casemiro, Jairo Pereira da Silva, João Batista Costa (João Do Bar), João Carlos Carneiro, João Marcelo Pedroso (Jhonny), Joelmo Casemiro (Elmo), Jomilson Casemiro (Milson), Jorge Da Conceição (Caduza), José Carlos Ferreira Cardoso, José Luiz de Souza Costa (Costa), José Marinho de Lima Neto (Marinho), Júlio Marcos Schittini, Leda Lima de Castro, Marcelo Carvalho (Marcelão), Marcelo Ferreira Lima (Bacalhau), Marcelo Nasseh, Marcos Vinícios Evangelista (Vinícios), Nely Barbosa, Nilo Sérgio Coutinho (Nilo), Nivaldo Rosa Ferreira, Paula Cardoso, Paulo Cezar Evangelista Junior (Paulinho), Pedro Alexandre França, Pedro José do Nascimento (Jacaré), Rafael Pereira da Silva, Reginaldo Ferreira (Naldo), Roberto Moreira Barcelos (Robertão), Sérgio Santos Filho (Serginho), Simone Florim da Silva, Valmir de Souza e Willian Faria Ramos

Total de Componentes da Direção de Evolução

42 (quarenta e dois) Componentes (01 diretor geral e 41 diretores de evolução)

Principais Passistas Femininos

Amanda Martins Marques, Ana Clara Barcelos Silva, Ana Carolina do Nascimento Gonçalves, Ana Carolina de Souza, Andryelle dos Santos Martins, Ana Flávia Barcelos, Bruna Souto da Costa, Carla Cristina Souza de Carvalho, Caroline Henae dos Santos Conceição, Cecília da Costa, Daiane Soares Medeiros, Danielle Cunha da Costa, Dandara Rodrigues Batista de Moura, Diene Rodrigues da Conceição Pedro, Fabiely Martins da Rocha, Fabiana Santos da Silva, Fernanda Rodrigues Florentino, Gabriela de Paula da Costa, Ingrid da Silva Machado, Isabella Delfim Neves, Isabelle Amaral, Inouka Sashya de Brito, Isabelly de Sá Teixeira Costa, Jadhe Carvalho, Joyce Castelo Garcia, Kellyn Yasmin da Rosa Tavares, Larissa Lorraine Reis, Larissa Miguel Bezerra, Laryssa Bayer de Paula Silva, Luara Neto Lino, Lorrany Peçanha Alves, Luana Estrela Seixas Oliveira, Mahyla Francinni Vianna Neiva, Mariane Villela Marinho, Maryanne Hipólito da Costa, Mayara de Lima Barros, Marília Gabriela Carvalho Ávila, Nubia Quele Rodrigues Santos, Patrícia Miranda Terra, Pâmela Nascimento, Rebeca Alves Louriçal, Sabrina Bárbara de Souza, Sandreline Regina da V. Chaves, Sophia Maria Fonseca, Suellen da Silva de Oliveira, Tamsin Comés, Thamara Rafaella dos Santos Silva, Thayane Ferreira Barbosa, Vitória Teixeira de Jesus e Wanessa Matheus da Silva

Principais Passistas Masculinos

Alex da Silva Oscar, Amauri Leonardo dos Santos, Caio Augusto Marques da Silva, Carlos Alberto José Annes, Danilo Vieira Ribeiro, Diego Alberto Santos do Nascimento, Gabriel Gomes da Silva, João Victor da Silva dos Santos, Jonathan Santos da Conceição, Marcio Elias Osório dos Santos, Phellipe Kaylon Almeida Mendes, Roberto Passos de Souza, Thalisson Montanari Machado, Wallace Douglas Amaral dos Santos e Wesley Neto Avelino da Silva.

Outras informações julgadas necessárias

O quesito Evolução sempre recebeu atenção especial dos diretores de Carnaval e de Harmonia do Salgueiro. Para o carnaval de 2020, não foi diferente. As duas diretorias trabalharam incansavelmente nos ensaios técnicos, que aconteceram na quadra da escola e em ruas próximas à quadra. O objetivo foi resgatar a espontaneidade e deixar os componentes livres para “brincarem” o carnaval com vibração, empolgação e a alegria dos antigos desfiles das escolas de samba. Para desfilar mais “soltos”, sem coreografias (com exceção da Ala 01) ou amarras que pudessem prejudicar ou inibir a espontaneidade dos componentes.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Outras informações julgadas necessárias

A tradicional Ala do Maculelê (Ala 01), com a fantasia **Solte suas Feras**, sob o comando de Carlinhos Coreógrafo, será a única ala da escola a se apresentar coreografada, razão pela qual teve uma carga maior de ensaios, bem como atenção especial e redobrada durante os ensaios para o carnaval de 2020.

O termo Passista surgiu por causa dos passos miudinhos de Paula do Salgueiro. A partir dela, aqueles que "diziam no pé" passaram a ser chamados de passistas. Além de Paula, o Salgueiro teve Narcisa, Roxinha, Vitamina, Damásio, Gargalhada, Carlinhos e tantos outros que brilharam na avenida, mobilizando o público com seus passos durante os desfiles do Salgueiro e mostrando toda a ginga do Morro do Salgueiro.

A Ala de Passistas – Vencedora do prêmio Estandarte de Ouro em oito oportunidades, inclusive no carnaval de 2017, e detentora de diversos prêmios no carnaval, a Ala de Passistas do Salgueiro é coordenada por Carlos Borges, o Carlinhos Coreógrafo, dono de alguns prêmios de melhor passista no carnaval carioca. Em 2020, a Ala de Passistas do Salgueiro se apresenta com a fantasia Dança Cigana.

Fantasia – Dança Cigana – Ao longo dos tempos, a alegre **dança cigana** foi incorporando elementos de vários lugares por onde os ciganos passavam, recebendo a contribuição e a interferência de diversas culturas. Ficou fortemente representada na Espanha, onde influenciou de maneira direta a dança Flamenca, um dos símbolos espanhóis. Tem na sensualidade uma de suas características mais fortes, assim como os passos sapateados e os floreios de mãos, que significam a conquista do amor. Representando toda a exuberância da **dança cigana**, a Ala de Passistas do Salgueiro risca o chão da avenida com o traje típico de dançarinos ciganos, misturando o samba com toda a alegria, sensualidade e misticismo do bailado desse povo misterioso e sedutor.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval André Vaz da Silva		
Diretor Geral de Carnaval Alexandre Couto Leite		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Maria da Glória Lopes de Carvalho (Tia Glorinha)		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Marília Gomes 82 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Bruna Nascimento 35 anos
Responsável pela Velha-Guarda Maria Aliano (Caboquinha)		
Total de Componentes da Velha-Guarda 100 (cem)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Neusa Sales Costa 90 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Marinete Moreira 55 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Eri Johnson (Ator), Ailton Graça (Ator), Hélio de La Peña (Humorista), Nando Cunha (Ator), Cosme dos Santos (Ator), Romeu Evaristo (Ator), Isabel Fillardis (Atriz), Adriana Lessa (Ator), Watusi (Atriz, Bailarina e Cantora), Negra Li (Cantora), Marina Miranda (Atriz), Toni Tornado (Ator e Cantor), Rafael Zulu (Ator), Sergio Loroza (Ator), Milton Gonçalves (Ator), Antonio Pitanga (Ator), Camila Pitanga (Atriz), Lizzete Negreiros (Atriz), Erico Bras (Ator e Apresentador), Mauricio Tizumba (Cantor), Darlan Cunha (Ator), Douglas Silva (Ator), Lázaro Ramos (Ator), Thaís Araújo (Atriz), Priscila Marinho (Atriz), Roberta Rodrigues (Atriz), Zezé Motta (Atriz e Cantora), Da Ghama (Músico) e Edmundo (Comentarista Esportivo)		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Sérgio Lobato

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Sérgio Lobato

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	04 (quatro)	11 (onze)

Outras informações julgadas necessárias

O Coreógrafo – O currículo de Sérgio Lobato, coreógrafo responsável pela Comissão de Frente do Salgueiro no carnaval de 2020, é extenso. Ex-bailarino clássico, Sérgio tem passagem por diversas escolas e companhias de dança profissionais em todo o país, como o tradicional Balé Dalal Achcar, onde foi coordenador e professor, escola do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde foi professor, coordenador e diretor artístico, e do renomado Balé Bolshoi, na cidade de Joinville (SC), quando também se destacou nas funções e professor, coordenador e diretor artístico. Atualmente, Lobato é professor ensaiador da Escola de Dança Petit Danse.

No carnaval, Sérgio Lobato também tem um currículo recheado de experiências. Passou por agremiações como Tradição, Unidos da Tijuca, União da Ilha, Viradouro, Mocidade, Rocinha, São Clemente e Portela, escolas pelas quais conquistou diversas premiações, como Estandarte de Ouro, Tamborim de Ouro, Plumas e Paetês e Samba-net. Em 2019, Sérgio Lobato fez sua estreia no Salgueiro. Em 2020, pelo segundo ano seguido, Lobato tem a responsabilidade e o desafio de fazer a abertura do desfile da escola na Marquês de Sapucaí.

A Fantasia – Beijo o Picadeiro da Ilusão

Narrativa

Capítulo 1 – CHEGANÇA

O circo vem chegando à cidade atravessando a avenida. Trapezistas, contorcionistas, músicos, bailarinos, mágicos e palhaços abrem o caminho para o picadeiro chegar a Pará de Minas. Acompanhando a alegria dos artistas que surgem repentinamente, está o menino Benjamin Chaves. Benjamin se deslumbra e se apaixona por esse universo mágico com um turbilhão de emoções. Percorre o picadeiro como quem descobre o mundo, como quem reconhece no circo um caminho e uma vida a seguir.

Capítulo 2 – MÁGICA DO TEMPO

Benjamin é convidado a participar de uma mágica. Não um truque simples ou uma ilusão barata, mas uma mágica impossível! Sem saber o que lhe aguarda, embarca em uma viagem visionária pelo tempo.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Capítulo 3 – O PALHAÇO BENJAMIN

Salta no picadeiro a VISÃO do menino Benjamin, nosso Benjamin de Oliveira, o grande palhaço brasileiro! Mestre do circo-teatro, músico, compositor, cantor! E o palhaço, o que é? É ladrão de mulher!

Tambores rufam, olhares se atentam, um suspense paira no ar. O palhaço Benjamin vai participar de mais um número. Será real ou somente palhaçada?

Capítulo 4 – COROANDO O REI BENJAMIN

Reconhecido como um grande nome da arte brasileira, Benjamin é ovacionado pelo público e coroado pelo circo! O pequeno Benjamin desperta do sonho mágico e se levanta ao lado da coroa, descobrindo que as imagens que viu no sonho são os traços do próprio destino. Pelas mãos dos outros artistas do circo, o menino Benjamin é também coroado. Ao mostrar o Salgueiro entrando na avenida, prova também que todo aquele sonho se tornou realidade. Benjamin escreveu seu nome na história brasileira. ‘Hoje, o Salgueiro sou eu!’

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Sidclei Santos	Idade 43 anos
1ª Porta-Bandeira Marcella Alves	Idade 36 anos
2º Mestre-Sala Luan Castro	Idade 21 anos
2ª Porta-Bandeira Natália Pereira	Idade 34 anos
3º Mestre-Sala Leonardo Moreira	Idade 19 anos
3ª Porta-Bandeira Letícia Malaquias	Idade 24 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Sidclei Santos - 1º Mestre-Sala

Sidclei começou no carnaval aos sete anos, como Mestre-Sala do bloco “Vai Quem Quer”, no bairro do Estácio. Ainda criança, participou da escola mirim Corações Unidos do Ciep e, em 1991, ingressou na escola de samba Império da Tijuca. Após um intervalo de dedicação à carreira militar, Sidclei voltou ao carnaval em 1994, nos Acadêmicos do Salgueiro, como segundo Mestre-Sala. Com seu talento não demorou a assumir o posto de principal Mestre-Sala da escola, em 1997. No ano seguinte, a consagração maior: a conquista do Estandarte de Ouro de melhor Mestre-Sala do carnaval carioca. Para encarar novos desafios, Sidclei deixou o Salgueiro e desfilou na São Clemente e nos Acadêmicos do Grande Rio. Em 2011, Sidclei retornou ao Salgueiro para desfilarm seu talento na escola. O reconhecimento do árduo trabalho desenvolvido por Sidclei foi recompensado em 2017, quando foi eleito o melhor Mestre-Sala do carnaval carioca pelo júri do Estandarte de Ouro.

Marcella Alves - 1ª Porta-Bandeira

Bailarina e professora de Educação Física, Marcella Alves está no carnaval desde 1993, quando estreou na avenida, aos nove anos de idade, como segunda Porta-Bandeira da Lins Imperial. Três anos depois, mesmo com a pouca idade, já assumia, o posto de primeira Porta-Bandeira da escola, ainda nos grupos de acesso. Em 1998, desfilou pela primeira vez no Grupo Especial, defendendo o pavilhão da Caprichosos de Pilares. Seu talento chamou atenção das grandes escolas e, em 2000, aos 17 anos, assumiu o posto de primeira Porta-Bandeira do Salgueiro. Já em sua estreia na escola, ganhou seu primeiro Estandarte de Ouro. Após o carnaval de 2005, deixou a escola e foi convidada pela Mocidade Independente de Padre Miguel. Ainda defendeu a bandeira da Mangueira por quatro carnavais, onde recebeu mais um Estandarte de Ouro. Retornou ao Salgueiro para o carnaval de 2014. No carnaval de 2018, Marcella brilhou na avenida e, além das quatro notas dez ao lado do parceiro Sidclei, foi premiada também com seu segundo Estandarte de Ouro. Em 2020, Marcella Alves conduzirá, mais uma vez, o pavilhão salgueirense na avenida.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

A Fantasia – O Circo Chegou!!!

O talentoso e premiado 1º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do Salgueiro, Sidclei Santos e Marcella Alves, vem para o desfile trajando a roupa mais formal e tradicional do universo circense: a casaca, a roupa civil mais solene de todas. Para representar os mestres de cerimônia dos espetáculos dos circos mundo afora, o casal traz nas fantasias as cores da escola. Na saia da Porta-Bandeira, temos ainda mais referências ao Salgueiro – a disposição dos raios da bandeira da escola – e ao circo – nas tradicionais cores da lona que fica sobre o picadeiro. Assim, o vermelho e o branco da fantasia simbolizam o feliz casamento entre o enredo e os Acadêmicos do Salgueiro. Nosso casal não abre mão de manter viva a tradição da dança de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Sempre de maneira solene e precisa, coloca o diferencial na emoção, principalmente nesse ano em que eles são a personificação dos apresentadores dos espetáculos circenses. É assim, com o peito repleto de amor, que essa dança tão particular e genuinamente carioca por nos é apresentada e anuncia que o circo chegou!!!



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Luan Castro - 2º Mestre-Sala

Luan Castro é mais uma cria da casa. Seu início foi aos 11 anos, nos Aprendizes do Salgueiro, já como primeiro Mestre-Sala. Ficou na escola mirim até completar 18 anos, quando, então, foi convidado para a função de 3º Mestre-Sala dos Acadêmicos do Salgueiro, participando de ensaios e apresentações da escola. Em 2019, Luan fez sua estreia oficial na avenida, ao lado da parceira Natália, como 2º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

Natália Pereira - 2ª Porta-Bandeira

Natália iniciou sua carreira aos 13 anos, como 2ª Porta-Bandeira da Flor da Mina do Andaraí, bairro onde nasceu e foi criada. Em 2006, foi convidada para ser a 1ª Porta-Bandeira dos Acadêmicos de Vigário Geral. Em 2009, retornou à Flor da Mina para desfilarmos como 1ª Porta-Bandeira da agremiação. No ano seguinte, ainda na Flor da Mina, Natália participou de um concurso na Unidos de Vila Isabel. Saiu vencedora e se tornou 2ª Porta-Bandeira da escola. Defendeu a agremiação do bairro de Noel durante seis anos, chegando a ser promovida a 1ª Porta-Bandeira da escola. Nesse período, também desfilou como 1ª porta-bandeira da Tradição (2013) e dos Acadêmicos do Cubango (2014). Em 2017, Natália foi convidada pela Riotur para compor a corte do Carnaval, e foi a primeira Porta-Bandeira da história do Carnaval a desfilarmos na abertura dos desfiles do Rio de Janeiro. No carnaval de 2018, Natália chegou ao Salgueiro, sua escola de coração. Hoje, ela e Luan Castro formam o 2º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da vermelho e branca da Tijuca.

A Fantasia – Cartas de Tarot

Com roupas tipicamente ciganas, o 2º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do Salgueiro vem para a avenida para representar o jogo de tarot. As cartas, criadas na Itália do final do século XV, foram difundidas por toda Europa por esse povo nômade, que aperfeiçoou a arte da adivinhação através da leitura do jogo. Formada por naipes e arquétipos, as **cartas de tarot** são utilizadas nas práticas místicas da adivinhação e permitem que os segredos da vida e do destino sejam revelados.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Leonardo Moreira – 3º Mestre-Sala

Leonardo entrou para o carnaval em 2014, aos 13 anos. E não teve dúvida ao escolher a dança do Mestre-Sala como seu futuro nos desfiles das escolas de samba. Em busca de ensinamentos, ingressou no Projeto de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Madureira Toca, Canta e Dança. Sua estreia foi na escola de samba mirim Estrelinha da Mocidade. De lá seguiu para os Aprendizes do Salgueiro onde dançou até os 17 anos. Convidado a integrar o quadro de casais da Lins Imperial, ficou na escola por três anos como 2º Mestre-Sala. Em 2018, integrou o quadro de casais dos Acadêmicos do Sossego e, no ano seguinte, ganhou dois prêmios como parte do melhor 2º Casal do Grupo B. segundo casal do grupo B. Esse ano, o integrante da Coordenação do Workshop Lapidando Talentos, faz sua estreia no Salgueiro, fazendo par com Letícia Malaquias como 3º casal da escola.

Letícia Malaquias – 3ª Porta-Bandeira

A Estudante de Estética e Cosmetologia Letícia Malaquias entrou para o mundo do carnaval aos 15 anos e logo se apaixonou pela arte da dança da Porta-Bandeira. Para conhecer ainda mais essa arte, participou do Projeto liderado por Mestre Manoel Dionísio. A partir daí, foi convidada para ser porta-bandeira dos Aprendizes do Salgueiro, posto que ocupou até os 19 anos. Dali saiu para a União do Parque Curicica, onde ficou por dois anos como 2ª Porta-Bandeira e um ano como titular do posto. Em 2015, foi convidada a retornar ao Salgueiro, desta como 3ª Porta-Bandeira da escola. Integrante da equipe de Coordenação do Workshop Lapidando Talentos, idealizado pelo 1º casal do Salgueiro, Marcella Alves e Sidlei Santos, Letícia já passou pela experiência de ensaiar e participar de shows como 1ª Porta-Bandeira da escola, durante a licença-maternidade da titular Marcella.

A Fantasia – Musical

Dono de diversos talentos, Benjamin de Oliveira foi também cantor e compositor, e responsável pela montagem de grandes musicais no gênero Circo-Teatro. Para homenagear a veia musical de Benjamin, nosso 3º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, vem trajado com a fantasia **Musical**, que remete ao piano, instrumento que nosso homenageado introduziu no circo para enriquecer suas montagens.



G.R.E.S. Unidos da Tijuca



**PRESIDENTE
FERNANDO HORTA**

“Onde moram os sonhos”



Carnavalesco
PAULO BARROS

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Onde moram os sonhos”					
Carnavalesco Paulo Barros					
Autor(es) do Enredo Paulo Barros, Hélcio Paim e Marcus Paulo					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Paulo Barros, Isabel Azevedo, Ana Paula Trindade e Simone Martins					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Paulo Barros					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Arquitetura	Lúcio Costa	José Olympio Editora	2003	Todas
02	O Futuro das Cidades	Júlio Moreno	Editadora SENAC SP	2002	Todas
03	Carlos Nelson Ferreira dos Santos – Sementes Urbanas (vol. 1, 2 e 3)	Maria de Lourdes Pinto Machado Costa e Maria Lais Pereira da Silva (Orgs.)	Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense	2017	Todas
04	A História da Arquitetura	<i>Jonathan Glancey</i>	Edições Loyola	2001	Todas
05	Guia da Arquitetura no Rio de Janeiro/Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (Colonial, Neoclássica e Romântica / Eclética / Art Deco / Moderna)	Jorge Czajkowski (Org.)	Editadora Casa da Palavra / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro	2000	Todas
06	MMM Roberto	Ana Borelli (Org.)	TIX Edições e Arte	2019	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
07	Coleção Monolito (Escola Carioca: Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro / Burle Max)	Fernando Serapião	Editora Monolito	2017	Todas
08	Patrimônio Histórico: Orientação para Serviços Profissionais	Cássia Regina Carvalho de Magaldi <i>et al.</i>	Conselho de Arquitetura e Urbanismo/SP	s/d	Todas
09	ATHIS – Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social: um direito e muitas possibilidades	Karla Moroso de Azevedo, Taiane Chala Beduschi, Paola Maia Fagundes e Franthesco Spautz	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil / Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina	2018	Todas
10	Projeto – Especial HIS/ATHIS	Arlindo Munglioli (Diretor Responsável)	Arco Editorial Ltda.	2018	Todas
11	História da Arquitetura e Urbanismo – Curso Técnico em Desenho de Construção Civil	Escola Estadual de Educação Profissional	Secretaria de Educação do Governo do Ceará	s/d	Todas
12	Aulas da Disciplina Tecnologia da Conservação e do Restauo em Arquitetura	Patrícia Cavalcante Cordeiro	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ / Departamento de Tecnologia da Construção	2017	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
13	Cidade: História e Desafios	Lúcia Lippi Oliveira (Org.)	Ed. Fundação Getúlio Vargas	2002	Todas
14	As Cidades Invisíveis	Ítalo Calvino	Companhia das Letras	2000	Todas
15	Rio de Janeiro: Cinco Séculos de História e Transformações Urbanas	Augusto Ivan de Freitas Pinheiro (Org.)	Casa da Palavra	2010	Todas
16	Vida Urbana: A Evolução do Cotidiano da Cidade Brasileira	Francisco Veríssimo <i>et al.</i>	Ediouro	2001	Todas
17	Arquitetura no Brasil (vol. 1 e 2)	Chico Mendes, Francisco Veríssimo e Willian Bittar	Imperial Novo Milênio	2007 e 2010	Todas
18	A Luta pela Inclusão Urbanística das Classes de Baixa Renda na Cidade Brasileira (Apresentação no VI SEMAU)	Demetre Anastassakis	UFRRJ	2016	Todas
19	Rio+20 – Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável	Comitê Nacional de Organização Rio+20	Comitê Nacional de Organização Rio+20	2012	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
20	Assistência Técnica e Direito à Cidade	Jeferson Salazar e Grazia de Grazia (Orgs.)	Conselho de Arquitetura e Urbanismo	2014	Todas
21	Cem Anos de Construção da Política Pública de Habitação no Brasil. Os Pioneiros da Habitação Social (Vol. 1/Parte 1)	Nabil Bonduki	Editora UNESP	2012	Todas
22	Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo – Origens da Noção de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil	Maria Lucia Bressan Pinheiro	EESC/USP	2006	Todas
23	Os Desafios de Despoluição do Programa da Baía de Guanabara / Revista da Administração Municipal	Romay Conde Garcia	Instituto Brasileiro de Administração Municipal	2001	Todas
24	O Movimento de Favelados do Rio de Janeiro – Políticas do Estado e Lutas Sociais (1954-1973), Tese de Mestrado	Nísia Verônica Trindade Lima	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro	1989	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
25	Urbanização no Brasil: a Modernização Excludente	Ermínia Maricato	Boletim da Associação dos Juízes para a Democracia/SP	2001	Todas
26	Conversa de Arquiteto	Oscar Niemeyer	Revam/UFRJ	1993	Todas

Outras informações julgadas necessárias**Sites:**

<https://www.unidosdatijuca.com.br/a-escola/a-historia>

<https://www.caurj.gov.br/>

<https://www.archdaily.com.br>

<https://seerj.org.br>

<http://www.parquedatijuca.com.br>

<https://exame.abril.com.br/brasil/desmatamento-na-amazonia-atinge-em-2019-maior-nivel-em-11-anos-diz-inpe/>

<https://oglobo.globo.com/rio/tempo-de-deslocamento-para-ir-vir-do-trabalho-faz-rio-perder-24-bi-20025603>

<https://jornalggn.com.br/entenda/por-que-ha-tanta-casa-sem-gente-e-tanta-gente-sem-casa/>

<http://www.petropolis.rj.gov.br/sma/index.php/mata-atlantica/historia-da-mata-atlantica.html>

HISTÓRICO DO ENREDO

ONDE MORAM OS SONHOS

RESUMO

A Unidos da Tijuca escolheu, como tema para o enredo de 2020, a Arquitetura e o Urbanismo. Cenário do Carnaval carioca, que é um dos maiores espetáculos a céu aberto do planeta, o Rio de Janeiro é Patrimônio Cultural Mundial, na categoria paisagem urbana, desde 2012. A cidade recebeu, ainda, recentemente, o título de primeira Capital Mundial da Arquitetura, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pela União Internacional dos Arquitetos (UIA). No ano em que o Rio será a sede de importantes eventos internacionais, como o 27º Congresso Mundial de Arquitetos e o Fórum Mundial de Cidades, além de exposições e concursos públicos, a Tijuca projetou seu desfile para explorar o passado, entender o presente e arquitetar o futuro. O enredo vai mostrar a incrível capacidade do homem de criar espaços que possam servir de abrigo para diferentes atividades. Ao realizar o seu trabalho, os arquitetos deixam registros que nos ajudam a compreender a nossa história. Templos, monumentos, casas, prédios, conjuntos habitacionais, parques, praças, ruas e avenidas revelam a contribuição de uma das mais antigas profissões. Das edificações da Antiguidade às cidades modernas, cada espaço ensina a cultura de seu tempo. Mas muitos são os desafios. É preciso conservar o patrimônio cultural da humanidade, além de resolver os problemas gerados pelo crescimento injusto e desigual, que se agrava nos centros urbanos e afeta a existência de todo o planeta.

A Tijuca percorre a Avenida da Capital Mundial da Arquitetura apresentando algumas de suas grandes realizações do passado até chegar às modernas metrópoles da atualidade e seus problemas. E convida o público a participar de um projeto de um futuro em que haja qualidade de vida e justiça social para todos. Que venham os arquitetos e urbanistas do mundo! Vamos planejar o amanhã... Porque os sonhos vivem dentro de nós e é possível torná-los realidade, se trabalharmos juntos.

O DESFILE

ABERTURA

O que move homens e mulheres que se dedicam a pensar na arte de viver, projetar, organizar e produzir o lugar da moradia, do trabalho, da diversão, do lazer e da religião?

A sensibilidade do artista procura e encontra soluções, ao erguer palácios, igrejas, casas, vilas, cidadelas, metrópoles e monumentos que desafiem o tempo e o espaço. Esse é um processo que acontece há milênios, todos os dias.

EM BUSCA DA ETERNIDADE

Na Antiguidade, os que governaram as primeiras civilizações construíram edifícios monumentais para cultuar suas divindades, abrigar seus sarcófagos, proteger suas cidades, divertir seus povos. Maravilhas arquitetônicas do Mundo Antigo resistiram há milhares de anos, para que nos revelassem histórias perdidas no tempo, onde faraós e imperadores homenageavam os deuses e construíam templos que são testemunhos da avançada cultura das sociedades daquele período. O refinado conhecimento dos povos antigos, com suas construções harmoniosas, inspira, até hoje, a arquitetura mundial.

ARQUITETANDO O BRASIL

Muitos povos indígenas residem em construções que guardam um conhecimento ancestral. As ocas e malocas de madeira, folhas e fibras, habilidosamente encaixadas e trançadas com cipó, se integram à natureza e ao modo de vida das populações tradicionais. A chegada dos portugueses, no século XVI, dá início a uma nova forma de arquitetura e de construção, que, além do conhecimento indígena e dos colonizadores, recebe a influência dos negros africanos escravizados. Cada edifício da história guarda os registros do trabalho de seus arquitetos e da mão de obra que os construiu. Caminhar por algumas cidades históricas de Minas Gerais é conhecer a riqueza das igrejas barrocas do período colonial, que floresceu no ciclo do ouro, nos séculos XVII e XVIII, e, também, a genialidade do artesão Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. A vinda da família real, em 1808, e, tempos depois, da Missão Artística Francesa favoreceu o uso de materiais mais refinados, que chegavam das fábricas portuguesas para revestir as edificações do neoclássico carioca. A criação da Academia Imperial de Belas Artes e do primeiro curso de arquitetura civil aguça o gosto pelos traços europeus. Alguns artistas da era moderna avançam em novas formas, inspirados pelas curvas da natureza, ainda sob a influência francesa. No modernismo, a leveza do traço do genial arquiteto brasileiro projeta o Brasil para o mundo inteiro. A capital pousa no centro do país e se torna um uma referência de planejamento urbano modernista.

O SONHO QUE SE PERDE TODOS OS DIAS

No entanto, com o passar do tempo, crescem as cidades, de forma desigual, e, com isso, surgem os problemas que afetam a maioria da população das metrópoles. O desmatamento avança, sem nenhum controle, provocando o esgotamento dos solos, o desaparecimento das águas e o desequilíbrio climático, com graves consequências para todo o planeta. No lugar das florestas, surgem as cidades sem infraestrutura e serviços públicos, onde a violência se espalha e a desigualdade social expulsa e ameaça a vida de quem não tem sequer o direito à moradia. Os vazamentos de petróleo matam pássaros e peixes, destruindo ecossistemas sensíveis. O combustível poluente abastece um trânsito caótico, imobilizando as pessoas em seus milhares de automóveis, que poluem o ar e contribuem para o aquecimento global. A enorme quantidade de lixo, originado pelo consumo desenfreado, afeta os rios, os mares e a terra. São toneladas diárias de detritos contaminando tudo ao redor. Nas cidades de hoje, esquecemos o futuro todos os dias. E o mal, que produzimos para o ambiente em que vivemos, pode atingir o equilíbrio da natureza em lugares que não podemos imaginar.

A CIDADE PODE SER MARAVILHOSA

Pense em uma cidade onde é possível abrir as janelas para contemplar o verde, passear nos parques, circular nas ruas, sentir a brisa quente que vem das praias e traz o cheiro da maresia... Respire o ar puro da floresta. Imagine um lugar onde os rios correm livremente para o mar e é possível mergulhar na baía e nadar na lagoa. Em que casas seguras e confortáveis, construídas em suas colinas, contemplam a paisagem e repousam tranquilas. Aqui, se pode acordar mais tarde e chegar do trabalho mais cedo, porque o trânsito flui e o transporte é acessível. O ar é puro, a vida é boa. Tem escola, universidade, teatro, cinema, hospital e moradia para todos. Essa cidade existe e está nos sonhos de milhares de pessoas. Ela também vem sendo construída no trabalho cotidiano de quem dedica sua existência a buscar soluções para criar uma cidade sustentável. Mas é preciso conquistá-la, alimentar os sonhos todos os dias. A Tijuca quer arquitetar o futuro na Avenida do Samba, provocando o encontro com aqueles que sabem que ele é possível. Conhecer o passado, reagir ao presente e tramar o futuro nos traz a certeza de que não devemos retroceder. Porque o sonho que se sonha junto é realidade e a cidade maravilhosa ainda precisa ser conquistada!

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Unidos da Tijuca, em 2020, ocupa a Avenida para planejar o futuro. O enredo *Onde moram os sonhos*, sobre Arquitetura e Urbanismo, prepara o terreno para que todos possam semear seus desejos de viver a felicidade. O desfile mostra a importância dessa atividade humana, capaz de inspirar, interpretar e concretizar anseios em diferentes tempos e espaços: do legado histórico das edificações monumentais das antigas civilizações aos movimentos de transformação social da atualidade, que clamam por direitos à cidade, à moradia, à cultura.

Cada pedaço de terra, de onde se ergueu uma obra humana, carrega o testemunho de seu tempo. Sonhos de poder e de ambição, de fé e devoção, de sedução e amor, de arrogância e cobiça. E, assim, a humanidade segue, transmitindo conhecimento, por meio da arte de erguer casas, templos, aldeias, vilas, metrópoles. É através da arquitetura, "através das coisas belas que nos ficaram do passado, que podemos refazer, de testemunho em testemunho, os itinerários percorridos nessa apaixonante caminhada, não na busca do tempo perdido, mas ao encontro do tempo que ficou vivo para sempre porque entranhado na arte" (Lúcio Costa).

A Tijuca recolhe os sonhos dos povos antigos que cumpriram seus desígnios de resistir ao tempo e nos desafia a mudar o futuro, para não sermos vencidos por ele. Se as primeiras civilizações foram erguidas à beira dos grandes rios, hoje as grandes metrópoles provocam o esgotamento dos recursos naturais. Quanto tempo nos resta para reverter os danos dessa acelerada marcha rumo à destruição?

Os espaços da Avenida serão tomados por construções carregadas da simbologia de seus respectivos momentos históricos. Cada edificação é uma narrativa de quem realizou um sonho, no projeto arrojado, na escolha dos materiais, no planejamento do processo construtivo. E o desejo ganha forma, se transforma, até atingir sua função e perfeição. Do mundo antigo de edificações monumentais, ao abrigo das ocas dispostas no solo fértil e promissor da *"Terra Brasilis"*, onde se instalou a Colônia portuguesa, erguida pela mão do trabalho escravizado. Do gosto francês da *Belle Époque* brasileira ao designer diferenciado da nova capital do país.

O chão que sustenta, tanto o peso das pirâmides, quanto a leveza dos pilares em curva da moderna catedral, localizada no coração do Brasil, é a Passarela do Samba. Lugar onde é possível reerguer histórias que mostram os diferentes ângulos do processo de criação, espaço que permite que se cruzem as linhas inventivas do fazer humano. E, ao chegar aos dias de hoje, quando as cidades crescem de forma desigual e ameaçam a própria vida, é preciso acreditar na possibilidade de se reinventar, redescobrir o modo de viver em sociedade, para não sucumbir diante da indiferença. As agressões ao meio ambiente

provocam danos irreversíveis, como a poluição, o desmatamento, o assoreamento dos rios e mares. Além disso, a desigualdade, que impõe o sofrimento à população de baixa renda, que têm seus direitos, cotidianamente, desrespeitados, é o resultado da pressão de poderosos interesses econômicos que ameaçam, continuamente, aqueles que habitam as regiões mais desassistidas. O novo desafio a ser vencido por arquitetos e urbanistas do presente é mobilizar a população para, juntos, planejar e construir cidades mais sustentáveis.

Onde moram os sonhos é o enredo que a Unidos da Tijuca escolheu apresentar no ano em que milhares de arquitetos e urbanistas de todo o planeta estarão, na cidade do Rio de Janeiro, para pensar o tema “Todos os Mundos. Um só Mundo. Arquitetura 21” durante o 27º Congresso Mundial de Arquitetos e o Fórum Mundial de Cidades. Só quem conhece a história da ocupação das favelas do Rio de Janeiro é capaz de entender por que a Unidos da Tijuca arquitetou seu desfile para mostrar a importância de uma das profissões mais antigas da humanidade. A favela do Borel, como a maioria das comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, formou-se na década de 1920. Instalou-se na cadeia montanhosa da Tijuca, que passou a ser habitada por trabalhadores negros, que deixavam para trás a falida zona cafeeira do Vale do Paraíba, que, por muito tempo, se manteve através da escravidão.

A Escola surgiu, em 1931, como uma das primeiras agremiações do Carnaval carioca, e seu símbolo está associado à imagem do Pavão que vinha estampada em alguns produtos da “Grande Fábrica de Cigarros, Fumos e Rapé de Borel & Cia”, que existia no sopé do morro e deu nome ao lugar.

A história dos habitantes do Morro do Borel é de resistência contra as ameaças de despejo e remoção que já existiam desde a sua fundação. Ali, surgiu, tempos depois, em 1954, a União de Trabalhadores Favelados (UTF), primeira cooperativa de moradores organizada para enfrentar as lutas e os conflitos por direito à moradia.

Muitas comunidades se integraram à União dos Trabalhadores Favelados nos anos de 1954 e 1955: além do Borel, Morro do Jacarezinho, Favela do Esqueleto, Morro Santo Antônio, Morro de Santa Marta, Morro da Formiga, Morro da Liberdade, Morro do Alemão, Morro da Providência, Morro da Mangueira, Morro do Salgueiro, Rocinha e Mata Machado. O movimento também promovia festas em diferentes favelas para popularizar as atividades da UTF. O objetivo era filiar as favelas e criar secretarias da entidade em todas elas, com a instalação de ambulatório médico, departamento cultural e recreativo etc.

Os trabalhadores das favelas do Rio de Janeiro, desde que subiram os morros para encontrar um lugar de moradia, foram ameaçados de expulsão e se organizaram para lutar por seus direitos. Ainda hoje, quanto mais cresce a cidade, mais aumenta o interesse

imobiliário onde, há décadas, vivem as comunidades com serviços precários de infraestrutura em um dos mais importantes centros urbanos do país.

Se o homem foi capaz de projetar cidades e edificações para resistir ao tempo, como testemunhos de diferentes sonhos que se realizaram ao longo de séculos, pode encontrar soluções voltadas para o planejamento de uma cidade para todos. Cidade utópica que nos faz caminhar para um futuro em que todos serão capazes de realizar seus sonhos de igualdade e respeito.

A Unidos da Tijuca vai ocupar a Capital Mundial da Arquitetura para mostrar essa incrível capacidade do homem de vencer desafios e construir o amanhã.

O Rio de Janeiro possui um patrimônio arquitetônico que perpassa quatro séculos e meio de história, da arquitetura colonial até a arquitetura contemporânea. Além de uma paisagem exuberante, com suas praias, a Baía da Guanabara, a Lagoa Rodrigo de Freitas, as montanhas e a Floresta da Tijuca, que tornam a cidade um dos principais roteiros turísticos. Além disso, o Brasil detém uma riqueza imaterial incomparável, fruto de uma diversidade cultural de ritmos, cores e sabores. O Carnaval carioca é uma de suas mais conhecidas expressões, com seu Desfile das Escolas de Samba na Marquês de Sapucaí, considerado “a maior ópera a céu aberto do mundo”. Os temas apresentados na Passarela do Samba ganham repercussão internacional e algumas de suas imagens mais significativas, reveladas na Avenida, são eternizadas porque conquistam corações e mentes. Melhor lugar não há para chamar a atenção sobre o que precisamos fazer para reverter a situação de desrespeito e degradação que vem destruindo nossas maiores riquezas.

A Escola do Morro Borel idealizou o seu desfile para servir de alerta para a necessidade de vencer os desafios de construir uma cidade mais democrática e superar a desigualdade que vem destruindo um dos lugares mais lindos do mundo. O sonho da Unidos da Tijuca é um mutirão de amor para, mais uma vez, afirmar a sua história de luta: dignidade não é luxo nem favor!

O DESFILE

A Tijuca apresenta um desfile para sensibilizar o público sobre a importância da arquitetura e do urbanismo para a construção de cidades mais sustentáveis e a necessidade de reverter o avanço da desigualdade e da degradação do planeta. Para isso, constrói uma narrativa que mostra os grandes desafios a serem vencidos e o que a arte de erguer edificações e cidades deixou de legado para a humanidade. Cada obra arquitetônica ou urbanística já foi um sonho, uma projeção do futuro. No ano em que arquitetos do mundo se reunirão no Rio de Janeiro, para pensar o século XXI, o público será convidado a se envolver com a concepção do projeto de uma cidade para todos.

A Escola inicia seu desfile com uma divertida Comissão de Frente representando o processo criativo de arquitetos e urbanistas na realização de um projeto. Esses profissionais procuram, cotidianamente, soluções para uma cidade mais justa, inclusiva e sustentável. O objetivo é pensar um espaço em que todas as pessoas possam se encontrar, circular livremente e viver a cidade. Na Avenida, uma arquiteta inquieta dialoga com um importante personagem do passado e com o público, enquanto trabalham com linhas, cores, volumes e formas em busca do projeto ideal. As praças do mundo são os lugares de encontro onde, há séculos, é possível saciar a sede do povo. No desfile da Tijuca, a Passarela é o lugar onde nasce a fonte da inspiração de todos os sonhos.

O Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira são instrumentos de trabalho dos profissionais da arquitetura na idealização de um projeto. Ele, o esquadro e ela, o transferidor. Deslizam de um ponto a outro, buscando o melhor ângulo, o cálculo preciso, o equilíbrio das formas, o riscado das linhas que se encontram para a definição de um desenho harmonioso.

O Abre-Alas é uma surpreendente referência ao Cristo Redentor em construção. A obra do mais famoso ponto turístico do país começou a ser planejada, em 1921, sem os recursos da tecnologia construtiva que conhecemos hoje. Erguida no alto do Corcovado, com 38 metros de altura e cerca de mil toneladas, a construção da estátua teve início, em 1926, e levou cinco anos para ser concluída. É possível imaginar os habitantes da cidade vendo, dia a dia, os andaimes sendo montados a 700 metros de altura? E o que sentiram os primeiros visitantes, em 1931, ao contemplar a vista deslumbrante do alto da montanha? Os recursos para o financiamento da obra foram obtidos através de uma campanha nacional de arrecadação. Há quase 100 anos, os idealizadores do Redentor foram capazes de imaginar que estavam inserindo o país na história da arquitetura mundial? O monumento, que se tornou patrimônio da humanidade e uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno, inspira a Avenida a acreditar que os sonhos podem se tornar realidade. Na Avenida, o Cristo, de braços abertos, recebe o público e dá a partida ao desfile, para anunciar que o futuro de paz e de justiça social pode ser, coletivamente, construído na Capital Mundial da Arquitetura.

A Unidos da Tijuca apresenta outras realizações marcantes da incrível caminhada do homem na concretização de seus desejos. Na alma de sonhadores do passado, nasceram ideias que venceram desafios e ganharam forma, para ocuparem o seu lugar na eternidade. Em cada obra arquitetônica, reside uma parte importante da história. São narrativas de devoção e poder do Mundo Antigo que agora tomam conta da Passarela do Samba. A Grande Pirâmide de Gizé, única maravilha da Antiguidade que pode ser visitada na atualidade, foi construída por volta de 2550 a.C., por cerca de 100 mil homens, ao longo de 20 anos, para abrigar o sarcófago do faraó Quéops, do Egito. Na Babilônia, entre os séculos VII e VI a.C, o rei Nabucodonosor construiu, em pedras azuis, o belíssimo Portal de Ishtar, para a deusa do amor e da guerra. O conhecimento e a estética da Grécia Antiga influenciam, até hoje, a arquitetura. O Partenon, erigido em

homenagem à deusa Palas Atena, entre 500 e 300 a.C, atravessou séculos e continua aberto para que o público se emocione com uma verdadeira viagem no tempo, ao visitá-lo. O mesmo sentimento invade a alma de quem contempla o Coliseu, arena de combate erguida há quase dois mil anos, imaginando as batalhas entre os gladiadores, espetáculos aterradores que entretinham as multidões no poderoso Império Romano. A civilização maia projetou, no século XII d.C, a pirâmide dedicada ao deus Kukulcán, na cidade sagrada de Chichén Itzá. E, na China, o Exército de Terracota, esculturas de soldados em tamanho natural, esculpidas em argila para guardar o túmulo do primeiro imperador, foi descoberto em pleno século XX. Que outras descobertas estarão por vir? Que sonhos permanecem ocultos e ainda surgirão para surpreender a humanidade que continua vasculhando o chão da história em busca de compreender os homens do passado?

Das milenares construções do Mundo Antigo à leveza das habitações indígenas do que viria a ser o Novo Mundo, na visão dos colonizadores das Américas, a Tijuca pisa em terras brasileiras. Aqui viveram milhares de índios, que nos ensinaram outras formas de perpetuação do conhecimento através dos séculos. O planejamento das ocas e aldeias dos povos tradicionais chega à atualidade, por transmissão oral. As técnicas construtivas, que utilizam materiais coletados na natureza, influenciam os estudos de sistemas habitacionais mais sustentáveis nos dias de hoje. Nas reservas indígenas, delimitadas para proteger as tribos que resistiram há séculos de invasão e destruição, as ocas continuam a ser a moradia. Esse chão coberto pela vegetação de Mata Atlântica, em que taperas de palha e sapé foram construídas no passado, também acolheu as habitações em que viveram os colonizadores, levantadas com o suor do trabalho do africano escravizado. A escravidão deixou marcas profundas na cultura brasileira e uma história de dor e martírio que durou três séculos, sob os auspícios da Coroa portuguesa. Essas primeiras moradias receberam contribuições da experiência dos brancos e dos negros. A descoberta de ouro em Minas Gerais, no final do século XVII, provocou uma intensa migração de pessoas em busca de enriquecimento. Parte do lucro obtido com os metais preciosos foi investida no embelezamento das vilas da região. Algumas capelas e igrejas barrocas do século XVIII trazem a assinatura do talentoso mestre Aleijadinho, em seus ornamentos e esculturas em pedra-sabão, e o registro de uma época de ostentação das riquezas exploradas e, em grande parte, enviadas à Portugal.

O começo do século XIX provoca grandes mudanças no Brasil. As caravelas da família real aportam no Rio de Janeiro e promovem o início de um novo período de contribuições para a arquitetura brasileira. Materiais diferenciados, como ladrilhos hidráulicos, telhas de louça e azulejos, vindos de Portugal, começam a ser utilizados nas construções das residências da Corte. Em pouco tempo, são instaladas fábricas na Colônia e os belos e marcantes acabamentos para paredes e pisos se popularizam e, até hoje, ornamentam as edificações existentes desde aquele período. Além disso, a transferência da capital do Reino provocou uma forte mudança na cidade. Abriram-se os portos para o comércio exterior, casas e igrejas foram remodeladas, instituições científicas e culturais foram criadas, ou seja, era preciso mudar a cultura provinciana e

construir uma capital à altura dos centros europeus. D. João VI contrata a chamada Missão Francesa, que desembarca, em 1816, para estabelecer aqui uma Academia de Ciências, Artes e Ofícios, depois conhecida por Academia Imperial de Belas Artes, e dar início ao ensino sistemático das artes e da arquitetura civil no Brasil. Instalada apenas em 1826, pelo imperador D. Pedro I, em prédio projetado por Grandjean de Montigny, o edifício, demolido em 1938, foi um dos marcos da arquitetura neoclássica. O portal da Academia foi transferido para o Jardim Botânico e é o que restou do prédio que se tornou um ícone dessa época de grandes transformações. A influência francesa pode ser percebida em vários edifícios da cidade. A Confeitaria Colombo, lugar de encontro de artistas e intelectuais, desde a sua fundação, em 1894, é considerada um dos 10 cafés mais bonitos do mundo. Ali, é possível ter uma ideia do que foi a *Belle Époque* brasileira, com um toque de *Art Nouveau* em seus belíssimos vitrais coloridos. Depois do animado café, bem ao gosto francês, é possível avançar na história para alcançar um dos maiores marcos de ruptura representado pelo modernismo brasileiro. O movimento mudou o modo de pensar e agir em diversos campos do conhecimento: música, literatura, psicologia, pintura, ciências socioeconômicas e políticas e, também, arquitetura. A concepção de projeto e o planejamento urbano trabalham com novos conceitos de fachadas livres, sistema de pilares, terraços-jardins, entre outros. Os materiais também mudam e as construções passam a utilizar o concreto armado, o aço e o vidro. A construção da capital do país contou com a contribuição de importantes urbanistas e arquitetos, como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Na Avenida, as curvas de Niemeyer, arquiteto que projetou o Brasil na história mundial, se dobram e inspiram a percepção do público de que muitos sonhos cabem no desenho arrojado e inovador do artista:

"Quando iniciei os estudos para a catedral, sabia que meu projeto deveria constituir, por sua leveza, um exemplo de técnica contemporânea. Recordei-me das antigas catedrais do passado, as quais, cada uma exprimindo o progresso da época em que foram construídas, conquistavam o espaço com as estruturas audazes, a beleza das fachadas e dos interiores ricamente ornamentados. Ora, com a descoberta do cimento armado, que oferece inúmeras possibilidades, sentia poder ambicionar a algo mais." (Oscar Niemeyer)

A história da arquitetura guarda os testemunhos da capacidade do homem de vencer desafios. Hoje, a vida no planeta depende da superação dos graves problemas ambientais provocados pelo acelerado crescimento demográfico, pela falta de manejo das terras agrícolas que produzem alimento para o mundo e pela expansão das cidades. A Escola do Borel mostra que alguns sonhos alimentados pelo poder e pela cobiça se tornaram verdadeiros pesadelos para a maioria da população. O desmatamento é uma das principais ameaças ao futuro. Mesmo em países desenvolvidos, a degradação do ambiente aconteceu em grande proporção e de forma acelerada pela exploração desenfreada dos recursos naturais. A expansão das grandes indústrias e do agronegócio e

o crescimento dos centros urbanos provocam a devastação de imensas áreas de mata original de forma irreversível. Essa “arquitetura do poder”, voltada, exclusivamente, aos interesses econômicos, destruiu grande parte de um dos mais importantes ecossistemas brasileiros. A Mata Atlântica, originalmente, cobria uma área superior a 1,3 milhão km², distribuída ao longo de 17 estados brasileiros, que iam do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul.

Desde o início da colonização do Brasil, no entanto, até os dias de hoje, a área de mata foi reduzida a, aproximadamente, 7% da sua área original. Inicialmente, em função dos ciclos econômicos – do Pau-Brasil, do ouro, da cana-de-açúcar e do café – e, mais recentemente, em função da ocupação demográfica nas áreas urbanas, principalmente das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mais de 3.000 dos 5.507 municípios brasileiros ocupam a área que, originalmente, foi de Mata Atlântica, onde cerca de 108 milhões de habitantes vivem em suas áreas de influência.

Os resultados são a perda quase total das florestas originais intactas e as contínuas devastações e fragmentações dos remanescentes florestais existentes, colocando a Mata Atlântica em péssima posição de destaque, como um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção do mundo. A Tijuca faz um alerta para que a destruição da mata, que devastou o litoral do país, não aconteça no interior. A partir de agosto de 2019, as queimadas cresceram 196,5%, em comparação ao índice apurado no mesmo período do ano anterior. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais divulgou que, no mesmo período, o corte raso das árvores cresceu 29,5%. Os biomas mais atingidos são a Amazônia e o Cerrado. A maior floresta tropical do mundo está sendo destruída e sua extraordinária biodiversidade desaparece, dia a dia, consumida pela ambição.

Nos municípios onde estão localizados os grandes centros urbanos, o que restou da natureza continua sob forte ameaça dos grandes empreendimentos imobiliários, que avançam em áreas de proteção ambiental, para alimentar os interesses econômicos totalmente voltados à obtenção de maiores lucros. Da mesma forma, os moradores de baixa renda, que moram em regiões atrativas para os especuladores, são intimidados e expulsos de suas residências ou removidos para áreas distantes dos centros onde trabalham. No estado do Rio de Janeiro, cerca de três milhões de trabalhadores que prestam serviços essenciais à população não têm direito a um cantinho na cidade. Eles gastam mais de duas horas no deslocamento entre a casa e o trabalho. Mas os operários da cidade, mesmo diante de todas as dificuldades, não deixam de sonhar e resistir. Continuam construindo escolas e hospitais, ruas e avenidas, mantendo o ritmo do trabalho, além da cadência do samba que pulsa no coração da cidade maravilhosa. A bateria da Tijuca e seus passistas representam esse cotidiano de trabalho árduo e de resistência cultural.

Outro problema a ser superado é o uso de combustíveis fósseis, extremamente poluentes. O aumento progressivo das necessidades energéticas tem graves consequências, que

também colocam em risco a preservação ambiental. A exploração do petróleo, que abastece o planeta, vem contribuindo, severamente, com danos à natureza, muitas vezes irreversíveis. No Brasil, no último ano, o desmonte da política de Estado para proteção ambiental e o afrouxamento da legislação de fiscalização e controle atingem, diretamente, a qualidade de vida das cidades. A ineficiência no uso do Plano Nacional de Contingência para Incidentes de Poluição por Óleo potencializou um dos piores incidentes de vazamento no litoral brasileiro, obrigando a população, que depende da pesca e do turismo na região, a agir por conta própria, tentando reverter a agressão a ecossistemas sensíveis, recolhendo o petróleo bruto, altamente tóxico, com as próprias mãos. A contaminação das praias e mangues será lembrada na Avenida, através da imagem de garças atingidas pelo vazamento de óleo, cena que se repete a cada tragédia que contamina as praias e os mangues do litoral brasileiro. O petróleo, uma das principais fontes de energia da atualidade, movimenta a indústria e uma gigantesca frota de veículos em todo o mundo. Não há transporte coletivo suficiente nem adequado para vencer as grandes distâncias que separam as pessoas de seus locais de trabalho. As dificuldades de deslocamento da população trabalhadora são agravadas pelos enormes engarrafamentos a serem enfrentados todos os dias. A poluição provocada pelos gases emitidos pelos veículos pode causar diversos problemas à saúde humana e ao meio ambiente, contribuindo para o aquecimento global.

O problema da desigualdade nas cidades também é provocado pelo poder público que não investe o suficiente em saneamento básico, na contenção das encostas, na coleta de lixo e em outros serviços de infraestrutura essenciais para a qualidade de vida da população. Pelo contrário, abandona as comunidades à própria sorte, em situação de risco e insalubridade. A falta de gerenciamento de resíduos sólidos *nas áreas urbanas incentiva a multiplicação dos lixões, que contaminam os solos e as águas. Por outro lado, as indústrias distribuem embalagens poluentes (garrafas pets, latas de alumínio, sacolas plásticas, entre outras), que levam centenas de anos para se decomporem no ambiente. O consumo cada vez maior e o acúmulo desses resíduos nas encostas, nos rios e nos mares ameaçam toda a natureza. A Tijuca percorre os caminhos onde “os sonhos se perdem todos os dias”, para alertar sobre as consequências da desigualdade social e do descaso com o meio ambiente. O comercial da TV, que incentiva a aquisição de produtos que poluem o ambiente, não realiza o sonho prometido, mas vende ilusões. A publicidade utiliza a associação dos produtos a imagens da natureza como estratégia de venda. Bem distante dos consumidores, a alteração global do clima e todo tipo de poluição do planeta provocado pelas indústrias estão transformando alguns desses personagens, como o urso branco, em espécies em extinção.*

O ser humano projeta seu futuro a partir de um repertório que parte de sua história, de seu passado, de seu acúmulo em ciência, tecnologia e arte. Fazer do desfile da Tijuca um alerta sobre o que vem acontecendo nas cidades e no mundo é uma forma de chamar a atenção da população para as perdas irreversíveis que a ganância do homem vem provocando e suas graves consequências. Se os arquitetos e urbanistas de todo o mundo

vão ocupar os espaços de sua primeira capital mundial, devemos nos juntar a eles, para promover um movimento pelos direitos à moradia e à cidade sustentável, para construir um amanhã melhor. O conhecimento acumulado, ao longo de séculos, nos permite acreditar que a cidade maravilhosa é possível. Planejar as ruas para o transporte alternativo e não poluente, onde as bicicletas possam circular em segurança, em que as distâncias a serem percorridas entre o trabalho, a moradia e o lazer sejam menores e em vias seguras para todos. Milhares de lugares no mundo possuem ciclovias viáveis. Mergulhar em todas as águas, sem a preocupação de consultar a tabelinha que indica se o banho de mar é próprio ou impróprio... Nadar em todas as praias, salgadas ou doces. Imagine um lugar para se viver, cercado pelo verde e pelas belas espécies da Mata Atlântica, que garantem a sustentação dos terrenos, a preservação das nascentes dos rios, a beleza do surpreendente colorido das flores, a transparência das águas de pescar, o solo fértil de plantar... Imagine reverter os males provocados pelos maus-tratos à terra. O Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, por exemplo, é uma experiência que existe, desde 1991, e chegou a ser um sonho olímpico! Milhões de reais já foram investidos em estações de tratamento de esgoto, desativação dos lixões e estações de triagem e compostagem de resíduos sólidos urbanos, entre outras ações de controle ambiental. Por que, quase trinta anos depois, a situação se agrava? Como resolver a questão da gestão de resíduos do lixo, que é uma das maiores ameaças à saúde do homem e do planeta? Já existem iniciativas exitosas de Lixo Zero, em outros países, onde todo resíduo é aproveitado. O lixo é beneficiado e gera riquezas. Os centros de pesquisa das universidades públicas brasileiras já possuem tecnologia capaz de aproveitar todo resíduo produzido. O que falta é planejamento, prioridade e investimentos em longo prazo por parte dos governos. Até lá, é preciso reduzir o consumo, reutilizar cada produto o máximo possível e reciclar. Outra forma de caminhar para o futuro é utilizar as fontes alternativas de energia limpa e renovável, como a solar, que pode ser implantada em maior escala, com incentivos e não com restrições.

A cidade pode ser maravilhosa, com favelas urbanizadas, saneamento, segurança, lazer, casas planejadas ou reformadas, escola, hospital, cinema, centro cultural. Que a mata seja contemplada de todas as janelas e o cheiro da chuva desperte o prazer e não o medo. Que o Rio seja de todos os homens e mulheres que trabalham, cotidianamente, para que tudo aconteça e que eles possam voltar para casa pelas ciclovias. Que possam se divertir na roda gigante e construir o Carnaval na Cidade do Samba, para desfilar sob os braços abertos do Redentor. E que os arquitetos e urbanistas de hoje possam ser lembrados no futuro, pela grande obra de espalhar pelo mundo o modelo de cidade sustentável, capaz de superar todos os erros do passado. Um mundo onde a paz e a alegria vão renascer. Tijuca, faz esse meu sonho acontecer!

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

**Comissão de Frente
O SONHO TRADUZIDO EM FORMA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Alex Marcelino e Raphaela Caboclo
UM CASAL SOB MEDIDA**

**Elemento Cenográfico – Alegoria 01
TIJUCA, FAZ ESSE MEU SONHO ACONTECER!**

**Módulo Temático – Alegoria 01
PAVÃO DA TIJUCA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
O SONHO NASCE EM MINHA ALMA**

**Ala 01 – Velha-Guarda
TRAJE TRADICIONAL**

1º SETOR – EM BUSCA DA ETERNIDADE

**Ala 02 – Comunidade
MORADA DA VIDA ETERNA**

**Módulo Temático
GRANDE PIRÂMIDE DE GIZÉ**

**Ala 03 – Comunidade
UM PORTAL PARA O PASSADO**

**Módulo Temático
PORTA DE ISHTAR**

Destaque de Chão
Ana Paula Evangelista
PARTENON, O ESPLENDOR DA
CULTURA GREGA

Ala 04 – Comunidade
O TEMPLO DA DEUSA

Módulo Temático
PARTENON

Ala 05 – Comunidade
NA ARENA DA CIDADE ETERNA

Módulo Temático
COLISEU

Destaque de Chão
Fabíola Estrela
PIRÂMIDE MAIA,
O NINHO DA SERPENTE EMPLUMADA

Ala 06 – Comunidade
ENTRE O CÉU E A TERRA

Módulo Temático
PIRÂMIDE DE KUKULCÁN

Ala 07 – Comunidade
EXÉRCITO DE TERRACOTA

Alegoria 02
EM BUSCA DA ETERNIDADE

2º SETOR – ARQUITETANDO O BRASIL

Ala 08 – Comunidade
ARQUITETURA INDÍGENA

Módulo Temático
OCA

Ala 09 – Comunidade
ARQUITETURA COLONIAL

Módulo Temático
CASA COLONIAL

Destaque de Chão
Patrícia Chélida
RIQUEZA BARROCA

Ala 10 – Comunidade
O BARROCO DO MESTRE
ALEIJADINHO

Módulo Temático
PROFETA ISAÍAS

Ala 11 – Comunidade
A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL E DOS
AZULEIJOS PORTUGUESES

Destaque de Chão
Vivian Plemont
BELAS ARTES

Ala 12 – Comunidade
PORTAL DA ACADEMIA

Módulo Temático
PORTAL DA ACADEMIA IMPERIAL DE
BELAS ARTES

Ala 13 – Comunidade
BELLE ÉPOQUE

Ala 14 – Baianas
CATEDRAL DE BRASÍLIA

Alegoria 03
CURVA-SE O CONCRETO, BRILHA A
INSPIRAÇÃO

3º SETOR – O SONHO QUE SE PERDE TODOS OS DIAS

Ala 15 – Comunidade
DESMATAMENTO

Ala 16 – Comunidade
PONHA-SE NA RUA

Destaque de Chão
Valéria Gonçalves
ALICERCE DA ESPERANÇA

Ala 17 – Passistas
O SUOR E O SONHO

Rainha de Bateria
Lexa
LINHAS DO ARQUITETO

Ala 18 – Bateria
TRABALHADORES

Ala 19 – Comunidade
PETRÓLEO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus André e Lohane Lemos
CONTROLANDO O TRÂNSITO**

Ala 20 – Comunidade
ENGARRAFAMENTO

Ala 21 – Grupo Cênico (Comunidade)
O RIO PEDE SOCORRO

**Alegoria 04
AQUECIMENTO GLOBAL**

4º SETOR – A CIDADE PODE SER MARAVILHOSA

Ala 22 – Comunidade
VOU DE BICICLETA

Ala 23 – Comunidade
BANHO DE SOL

Destaque de Chão
Larissa Neto
A FLORESTA DA TIJUCA

Ala 24 – Comunidade
FLORESTA DA TIJUCA

Ala 25 – Comunidade
RECICLAR É PRECISO

Ala 26 – Comunidade
A ENERGIA QUE VEM DO SOL

Alegoria 05
A MINHA FELICIDADE MORA NESSE LUGAR

Ala 27 – Compositores
CAMISA DA ESCOLA

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Elemento Cenográfico Alegoria 01 – O Sonho Nasce Em Minha Alma</p> <p style="text-align: center;">TIJUCA, FAZ ESSE MEU SONHO ACONTECER!</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do Elemento Cenográfico.</i></p>	<p>O Pavão, símbolo da Unidos da Tijuca, convida a Marquês de Sapucaí a sonhar com um futuro de igualdade social na cidade maravilhosa. O pássaro representa a história de luta do Borel pelo direito à moradia e à cidade. A Escola, que nasceu na comunidade do Maciço da Tijuca, é berço do samba e do movimento de moradores de favelas do Rio de Janeiro. No chão da Avenida, constrói um alerta de que é preciso reverter a desigualdade na cidade e a destruição do planeta. E inspira o povo, alicerce da esperança, a mudar a realidade da Capital Mundial da Arquitetura.</p> <p>* O elemento cenográfico, o módulo temático e os pavões da Alegoria formam uma composição com o símbolo da Escola, para lembrar que a Unidos da Tijuca faz parte da história de luta por direito à moradia e por uma cidade mais igualitária para todos.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

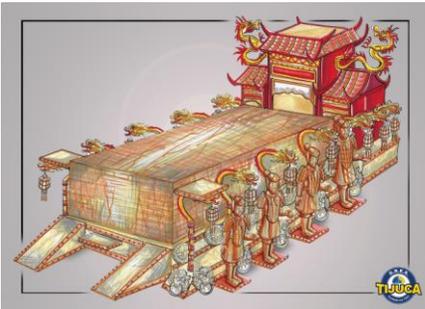
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Módulo Temático Alegoria 01 – O Sonho Nasce Em Minha Alma</p> <p style="text-align: center;">PAVÃO DA TIJUCA</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do Módulo Temático.</i></p>	<p>* O módulo temático do Pavão da Tijuca, o elemento cenográfico e as esculturas da frente e de trás da Alegoria formam uma composição com o símbolo da Escola, para lembrar que a Unidos da Tijuca faz parte da história da luta por direito à moradia e por uma cidade mais igualitária para todos.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

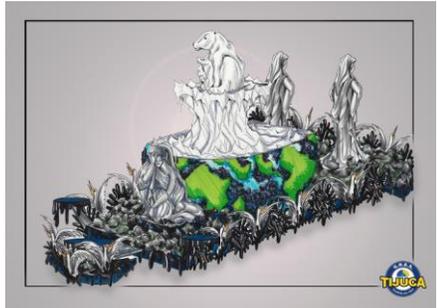
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>O SONHO NASCE EM MINHA ALMA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Há quase cem anos, autoridades e religiosos imaginaram o projeto monumental de instalação de um gigantesco Cristo Rei, no alto do Corcovado. A pedra fundamental foi inaugurada, em 1922, para comemorar o Centenário da Independência do Brasil. O desafio para os projetistas foi imaginar uma suntuosa escultura que pudesse ser contemplada de diversos pontos da cidade. Erguer o majestoso monumento de 38 metros e cerca de mil toneladas, a uma altura de 700 metros, exigiu a destreza de arquitetos, engenheiros, escultores e operários. O sonho se realizou para se transformar no principal cartão-postal brasileiro. A obra do mais famoso ponto turístico do país aconteceu no período de 1926 a 1931, sem os recursos da tecnologia construtiva que conhecemos hoje. A Unidos da Tijuca, em homenagem à cidade do Rio de Janeiro, traz em seu Abre-Alas o Cristo Redentor em construção. A Alegoria, que representa uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno e se tornou patrimônio mundial da humanidade, inspira a Avenida a acreditar que nenhum sonho é impossível.</p> <p>* A Alegoria traz esculturas do Pavão, símbolo da Unidos da Tijuca, que, somadas ao elemento cenográfico e ao módulo temático, formam uma composição que representa o sonho da Escola de construção de uma cidade para todos.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>EM BUSCA DA ETERNIDADE</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Fonte inesgotável de conhecimento, o legado das antigas civilizações mostra a incrível capacidade humana de transformar o espaço e os materiais ao seu redor, em obras que resistem ao tempo e continuam a surpreender o mundo com suas histórias. Assim aconteceu com o milenar Exército de Terracota, encontrado em pleno século XX, nas proximidades da cidade de Xian. Sua descoberta revelou a existência de um impressionante mausoléu subterrâneo, ainda repleto de vestígios arquitetônicos a desvendar. As magníficas esculturas de soldados de argila, em tamanho natural, guardavam o túmulo de Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China unificada, que sonhava em ser imortal. Para preservar seus tesouros e reinar por toda a eternidade, o monarca mandou construir o sepulcro monumental, que se estendia pelo interior de uma grande colina, abrigando riquezas e uma réplica do palácio imperial. Enterrados há cerca de dois mil anos, para proteger o soberano em sua vida após a morte, os guerreiros se erguem na Alegoria da Tijuca, revelando a força, o poder e a grandiosidade da antiga dinastia.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>CURVA-SE O CONCRETO, BRILHA A INSPIRAÇÃO</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>A Alegoria da Tijuca representa um dos ícones da moderna arquitetura brasileira, a Catedral Metropolitana da Nossa Senhora da Aparecida, construída entre as décadas de 1950 e 1970, para ser o primeiro monumento da cidade de Brasília. A obra e sua metrópole são a expressão do sonho de arquitetos e urbanistas que ousaram erguer a capital do país no árido Planalto Central.</p> <p>Projetada por Oscar Niemeyer, em formato circular, para permitir a visão de “qualquer ângulo, com a mesma pureza”, a Catedral de Brasília, de curvas sinuosas, vidro e concreto armado, ainda desafia a técnica e a imaginação. Na linha do horizonte, suas colunas se elevam aos céus, como se fossem um gesto de oração, e parecem flutuar, com tamanha leveza. Inspirada nas formas circulares, na luminosidade dos vitrais azulados e nas estátuas que compõem a catedral, a Alegoria surpreende o olhar de qualquer ponto de vista ou lugar.</p>
04	<p>AQUECIMENTO GLOBAL</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Os problemas que afetam a qualidade de vida nas grandes cidades desequilibram toda a natureza e põem em risco nossa existência. Os vazamentos de petróleo contaminam ecossistemas e o resíduo sólido descartado de forma incorreta viaja pelos oceanos do mundo, poluindo e ameaçando todo tipo de espécie animal. A emissão de gases do efeito estufa lançados na atmosfera pelos desmatamentos e pelo uso de combustíveis fósseis é responsável por grande parte da aceleração do aquecimento global. E já observamos tristes cenas do derretimento das calotas polares, com o fenômeno de aumento da temperatura de nosso planeta. “É terra que o homem maltrata” e coloca em perigo o presente e o futuro do mundo.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>A MINHA FELICIDADE MORA NESSE LUGAR</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>A construção de uma cidade maravilhosa está no dia a dia, uma obra cotidiana que envolve todos que nela trabalham e vivem. “O samba no compasso é mutirão de amor”, para erguer um Rio de Janeiro com saneamento, segurança, cultura, mobilidade, lazer, Carnaval... Um lugar que encanta por sua diversidade e suas paisagens vistas por diferentes ângulos. Da praia de Copacabana, que é chamada de Princesinha do Mar. Do alto da Vista Chinesa, de onde se descortinam alguns de nossos cartões-postais. Dos giros da roda gigante, que se destaca na região revitalizada da zona portuária. Do Morro do Borel, onde a arquitetura das casas recorta a colina e os moradores sonham e lutam, cotidianamente, por melhores condições de vida. “Eu sou favela” urbanizada, porque “dignidade não é luxo nem favor”. E o Redentor olha por nós, abraça a cidade de um futuro que mora na alma e no coração de todo carioca. “Tijuca, faz esse meu sonho acontecer!”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Elemento Cenográfico – Alegoria 01</u> Luanda Ritz - Fantasia: O Sonho da Tijuca Waleska Mamede - Fantasia: Arquetetando a Vida</p> <p><u>Alegoria 01</u> Michaella Giorgi - Fantasia: Linhas do Arquiteto Jackeline Soares - Fantasia: Linhas do Arquiteto</p> <p><u>Alegoria 02</u> Alex Araújo - Fantasia: Primeiro Imperador da China Yogi Leon - Fantasia: Eternidade Mariah Dantas - Fantasia: Sonho do Imperador Catharina Wanzeler - Fantasia: Tesouro Eterno</p> <p><u>Alegoria 03</u> Janderson Tavares - Fantasia: Moderna Catedral Amanda Marques - Fantasia: Curvas do Arquiteto Rodolpho Moraes - Fantasia: Vitrais da Catedral Cristiano Santos - Fantasia: Vitrais da Catedral</p> <p><u>Alegoria 04</u> Meime dos Brilhos - Fantasia: Sem Futuro Raquel Marques - Fantasia: Agressão à Natureza Robson Garrido - Fantasia: Poluição dos Mares Cláudio Serpa - Fantasia: Animais em Perigo Marcus Vinícius Cavalcanti - Fantasia: Animais em Perigo</p> <p><u>Alegoria 05</u> Lisa Suan – Fantasia: O Sol</p>	<p>Professora Empresária</p> <p>Vitrinista Funcionária Pública</p> <p>Maquiador Modelo e Dançarino Atriz Estudante Make-Up Artistique</p> <p>Ag. de Serviço de Ordem Internacional Empresária Engenheiro Promoter</p> <p>Artista e Maquiadora Bancária Decorador Professor Empresário</p> <p>Estilista</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 12 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Fernando Leal</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Hélcio Paim</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Edgar</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Estevão Gomes</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Estevão Gomes e Tapy</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Oliveira</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Antônio</p>

FICHA TÉCNICA

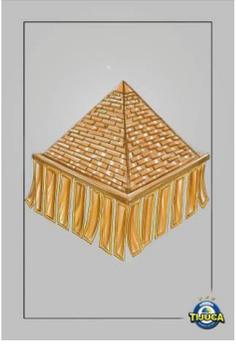
Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Paulo Barros	- Criador do Projeto Plástico das Alegorias
Paulo Barros e Júnior Barata	- Desenhistas e Figurinistas
Monclair Filho	- Arquiteto
Pedro Veloso	- Gerência de Barracão
Laerte Couto	- Responsável pelo Ateliê de Alegorias
Anderson Oliveira, Eduardo Dias, Roberto Abreu, Wilson Vieira e Sarah Nascimento	- Responsável pelo Ateliê de Fantasias
Estêvão Gomes	- Responsável pelas Esculturas
Nino	- Fibra
Romilton	- Espuma
João Vitor	- Costura
Tom – KnowHow Production	- Iluminação e Efeitos Especiais
Dudu Neves, Tony Tara, Ana Rafaela, Fábio Figueira, Marcelo Sandryni e Roberta Nogueira	- Coreógrafos de Alas e Alegorias
Maurício Simões	- Setor de Compras
Ivone Gomes	- Secretária Geral
Paulo Legg	- Almoxarifado
Fernando Leal	- Administrador da Quadra de Ensaios
Edgar	- Carpintaria
Mauro Samagaio	- Fotógrafo
Geissa Evaristo	- Assessoria de Imprensa
Cristiano Santos e Paula Valente	- Eventos
Amanda, Ana Maria, Aparecida, Elóildes, Fátima, Ivone, Ingrid, Kátia, Diva, Regina, Rosemere e Sueli	- Departamento Feminino

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Velha-Guarda</p> 	A Velha-Guarda desfila com seu traje tradicional.	Velha-Guarda (1931)	Ivone Gomes
02	<p>Morada da Vida Eterna</p>  <p>Módulo Temático Grande Pirâmide de Gizé</p> 	<p>"Se eternizando, traduzido em forma...". Uma das maravilhas arquitetônicas do Mundo Antigo, a Grande Pirâmide de Gizé resiste ao tempo e perpetua o grandioso legado da civilização egípcia, com a precisão de suas formas geométricas. Construído entre o deserto e o rio Nilo, para ser a morada da vida eterna do faraó Queóps e abrigar seu corpo embalsamado, o imponente túmulo de pedra continua a surpreender pela longevidade, revelando o poder de um império e a ancestral busca pela imortalidade.</p> <p>A ala é composta por duas fantasias e um módulo temático, que representam, em seu conjunto, a Grande Pirâmide de Gizé. O figurino principal estiliza o formato geométrico da pirâmide, em seus adereços, e remete ao rio Nilo, na saia em movimento. Ao seu redor, o segundo figurino simboliza o faraó mumificado.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

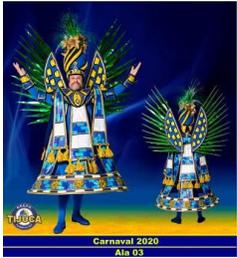
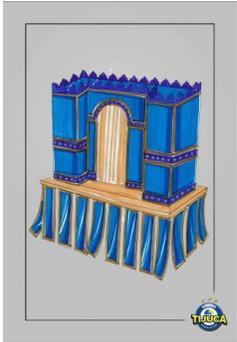
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

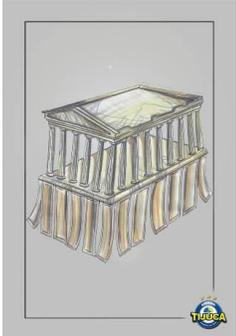
Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Um Portal para o Passado</p>  <p>Módulo Temático Porta de Ishtar</p> 	<p>Entre os séculos VII e VI a.C., a Babilônia tornou-se um importante centro econômico, religioso e cultural, com seu magnífico conjunto urbanístico e arquitetônico protegido por muralhas e portais. Os antigos babilônios acreditavam que a cidade era um lugar sagrado, onde também moravam os deuses, como Ishtar, a divindade do amor e da guerra. Em homenagem à deusa protetora, o rei Nabucodonosor II ergueu a mais grandiosa das portas da capital: “Eu construí com a mais pura pedra azul e o esplendor luxuoso para que a humanidade toda pudesse admirar”.</p> <p>A ala é composta pela fantasia e pelo módulo temático, que representam, em seu conjunto, a Porta de Ishtar. O figurino da fantasia estiliza a imagem da deusa Ishtar e seus adereços mitológicos, remetendo-os ao formato e às pedras coloridas da fachada do portal a ela dedicado.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
*	<p>Partenon, o Esplendor da Cultura Grega</p> 	<p>Na Avenida, o templo da deusa Atena evoca o passado de glória e devoção à divindade das artes, da justiça e da sabedoria.</p>	Destaque de Chão (2019)	Ana Paula Evangelista

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>O Templo da Deusa</p>  <p>Carnaval 2020 Ala 04</p> <p>Módulo Temático Partenon</p> 	<p>"As eras futuras nos admirarão, como a presente nos admira agora", assim falou o estadista Péricles, ao evocar os sonhos, as glórias e o legado extraordinário de seu povo. Nesse período, entre 500 e 300 a.C., Atenas viveu o chamado “século de ouro”, com um intenso desenvolvimento cultural e arquitetônico, que reuniu técnica, beleza e simetria, em obras monumentais, erguidas para celebrar as conquistas e venerar os deuses. Parte desse legado permanece na Acrópole ateniense, onde se eleva o Partenon, ou a “casa da virgem”. Consagrado a Palas Atena, protetora da cidade e deusa da sabedoria, da guerra e das artes, o templo de colunas de mármore se mantém majestoso, como um dos maiores ícones da arquitetura clássica grega, eterna fonte de inspiração para a humanidade.</p> <p>A ala é composta pela fantasia e pelo módulo temático, que representam, em seu conjunto, o Partenon. O figurino da fantasia estiliza a imagem da deusa e seus adereços mitológicos, remetendo-os ao mármore e às colunas do templo a ela dedicado.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

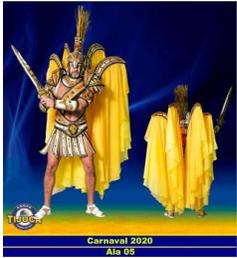
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

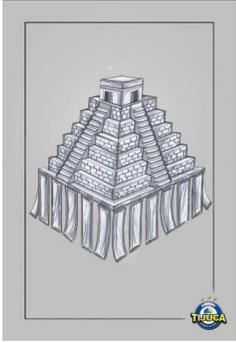
Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Na Arena da Cidade Eterna</p>  <p>Carnaval 2020 Ala 05</p> <p>Módulo Temático Coliseu</p> 	<p>Há quase dois mil anos, a arena do Coliseu atraía multidões para assistir, em êxtase, aos jogos e famosos combates entre gladiadores, que lutavam até o fim pelas suas vidas. Construído para entreter e conquistar o apoio da população, através da política de "pão e circo", o anfiteatro se estabeleceu como um poderoso símbolo da arquitetura e da força do Império Romano. Séculos depois, no coração da cidade eterna, a monumental estrutura continua a fascinar, com suas histórias de luta, sacrifício e poder, em busca de glória. É de tirar o fôlego!</p> <p>A ala é composta pela fantasia que simboliza os gladiadores romanos e pelo módulo temático Coliseu, representando, em seu conjunto, um dos mais importantes monumentos da arquitetura da antiga Roma.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
*	<p>Pirâmide Maia, o Ninho da Serpente Emplumada</p> 	<p>Conhecer a obra arquitetônica construída em devoção ao deus Kukulcán, cujo significado é "serpente emplumada", é interagir com a adoração à divindade que contagia o público da Passarela do Samba.</p>	Destaque de Chão (2019)	Fabíola Estrela

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Entre o Céu e a Terra</p>  <p>Carnaval 2020 Ala 06</p> <p>Módulo Temático Pirâmide de Kukulcán</p> 	<p>Consagrada ao deus criador Kukulcán, a pirâmide da cidade de Chichén Itzá foi projetada pelos antigos maias, no século XII d.C., como um templo de adoração e sabedoria, deixando um valioso legado cultural e arquitetônico para a humanidade. Sua elevada estrutura composta por grandes plataformas e escadarias, além de representar uma forma de chegar mais perto da divindade no céu, funcionava como um imenso calendário, simbolizando a contagem dos ciclos do tempo em seus degraus. Eternizada na história, a pirâmide traduz em sua forma a devoção e o avançado conhecimento da grandiosa civilização.</p> <p>A ala é composta pela fantasia e pelo módulo temático, que representam, em seu conjunto, a Pirâmide de Kukulcán. Ao redor da pirâmide, a fantasia estiliza o seu formato escalonado, com ornamentos que remetem à iconografia da cultura maia.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Exército de Terracota</p>  <p><small>Carnaval 2020 Ala 07</small></p>	<p>Uma das maiores descobertas da arqueologia, o Exército de Terracota revelou a existência de um impressionante mausoléu subterrâneo, ainda repleto de enigmas e vestígios arquitetônicos a desvendar. As magníficas esculturas de soldados de argila, em tamanho natural, guardavam o túmulo de Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China unificada. Enterrados há cerca de dois mil anos, para proteger o soberano em sua vida após a morte, os guerreiros se alinham na Passarela, mostrando a força, o poder e a grandiosidade da antiga dinastia.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Arquitetura Indígena</p>  <p>Carnaval 2020 Ala 08</p> <p>Módulo Temático Oca</p> 	<p>"Já foi tapera feita em palha e sapê...". Os versos da Tijuca traduzem em poesia os sonhos, a memória e a diversidade de culturas e materiais na história das construções e moradias brasileiras. Muito tempo antes da chegada dos colonizadores, o extenso território já era habitado por inúmeras tribos, em aldeias integradas à floresta exuberante. As técnicas construtivas e os materiais nativos foram fartamente utilizados pela Colônia. Hoje, muitos povos originários ainda conseguem manter vivas as tradições e o conhecimento ancestral, mesmo com séculos de invasão e destruição. Uma das moradias mais comuns em várias tribos, a oca feita em palha e sapê, fibras e folhas resiste ao tempo e segue o ritmo dos índios na Sapucaí. A arquitetura dos primeiros habitantes inspira a construção de um futuro melhor e em harmonia com a natureza, onde todos os sonhos possam viver em paz. A ala é composta pela fantasia que remete aos povos indígenas e pelo módulo temático da oca, representando, em seu conjunto, a tradicional construção indígena.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

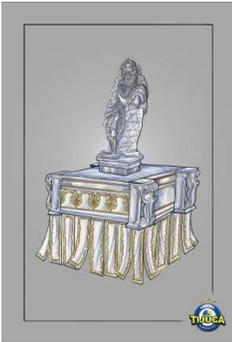
Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Arquitetura Colonial</p>  <p>Módulo Temático Casa Colonial</p> 	<p>Durante o período de colonização no Brasil, vilarejos e povoados foram fundados para estabelecer e abrigar os novos habitantes. Suas construções incorporaram os materiais locais, além do conhecimento e das técnicas nativas, portuguesas e africanas, como os telhados de inspiração angolana. As casas de traços uniformes, feitas com madeira, pedras e telhas, foram erguidas pela mão de obra escravizada, sob as ordens dos senhorios da Colônia portuguesa. Na Avenida, a morada do século XVII ainda guarda a história e a força do trabalho árduo de quem a construiu.</p> <p>A ala é composta por duas fantasias e um módulo temático, que representam, em seu conjunto, a arquitetura das casas coloniais. O figurino principal simboliza os africanos escravizados, que carregam cestos com telhas, ao redor do módulo temático e cercados pelos componentes com figurino e adereços que simbolizam o domínio da Coroa portuguesa.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
*	<p>Riqueza Barroca</p> 	<p>A beleza dos metais e das pedras preciosas, que adornam cada detalhe esculpido nas igrejas do período barroco no Brasil, brilha na Sapucaí para o deslumbre de quem admira a exuberância da arquitetura produzida no ciclo do ouro.</p>	Destaque de Chão (2019)	Patrícia Chélida

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>O Barroco do Mestre Aleijadinho</p>  <p>Carnaval 2020 Ala 10</p> <p>Módulo Temático Profeta Isaías</p> 	<p>"E uma capela que a candeia alumiuou...". Banhadas no ouro das montanhas de Minas Gerais, as igrejas barrocas resplandeceram no século XVIII, pelas mãos do mestre Aleijadinho. No alto das cidades coloniais, o artista deixou a marca de sua genialidade, em obras-primas, como o Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, considerado o maior conjunto arquitetônico do barroco brasileiro e patrimônio da humanidade. Entre 1757 e 1805, Aleijadinho projetou e executou as capelas, as estátuas e a ornamentação em talha dourada e celestial da igreja, além das magníficas imagens em pedrasabão dos Profetas bíblicos. Original, comovente e expressiva, a arte barroca brilha pela eternidade, ao transformar pedra e ouro em sonhos imortais.</p> <p>A ala é composta pela fantasia e pelo módulo temático, que representam o conjunto arquitetônico barroco do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Ao redor do Profeta Isaías, que simboliza a série de esculturas do adro do monumento, a fantasia e seus adereços estilizam a ornamentação da obra do mestre Aleijadinho.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

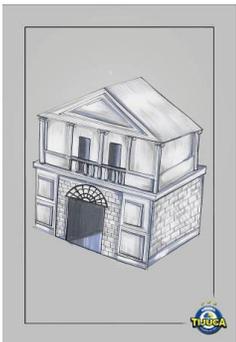
Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>A Chegada da Família Real e dos Azulejos Portugueses</p> 	<p>Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, os tradicionais azulejos portugueses passaram a ser mais utilizados nas edificações da corte. O material de origem nobre, artístico e funcional caiu no gosto popular e se tornou um elemento marcante na decoração e no revestimento de fachadas, paredes e pisos de tantas casas e construções. Desde os tempos das caravelas, os coloridos azulejos têm lugar garantido na história da arte e da arquitetura brasileira.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
*	<p>Belas Artes</p> 	<p>No desfile da Unidos da Tijuca, é possível atravessar o tempo e entrar na Academia Imperial de Belas Artes, através do portal do edifício onde nasceu a primeira escola de arquitetura brasileira.</p>	Destaque de Chão (2019)	Vivian Plemont

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Portal da Academia</p>  <p>Módulo Temático</p> <p>Portal da Academia Imperial de Belas Artes</p> 	<p>A chegada da comitiva real e a mudança da capital portuguesa para o Rio de Janeiro marcaram profundamente a história e o cenário cultural da cidade. Para modernizar e adaptar a antiga província aos moldes europeus, um grupo de artistas franceses foi contratado, por Dom João VI, com a missão de fundar o ensino das artes e da arquitetura no Brasil. Projetado por Grandjean de Montigny, em 1826, o prédio da Academia Imperial de Belas Artes inaugurou o período de obras neoclássicas, mas a edificação seria demolida na década de 1930. Símbolo de seu tempo, o grandioso pórtico da fachada foi preservado e transportado para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde ainda repousa sua arte, em meio à paisagem das alamedas imperiais. A ala é composta pela fantasia e pelo módulo temático, que representam, em seu conjunto, o Portal da Academia Imperial de Belas Artes. Em torno do módulo neoclássico, o figurino e os adereços da fantasia estilizam seu formato e as folhagens do Jardim Botânico.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

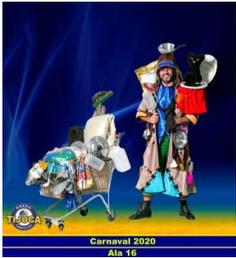
Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Belle Époque</p>  <p><small>Carnaval 2020 Ala 13</small></p>	<p>Na paisagem urbana da <i>Belle Époque</i> carioca, circulavam os sonhos de viver com todo glamour do estilo francês. Fundada em 1894, a Confeitaria Colombo, de inspiração <i>Art Nouveau</i>, floresceu no centro da movimentada metrópole e tornou-se patrimônio cultural e artístico do Rio de Janeiro. Ornamentada com espelhos, luminárias floreadas e belíssimos vitrais coloridos, a edificação refletia a arte europeia em seus salões exuberantes. Cenário tradicional de lazer na cidade e ponto de encontro de artistas e intelectuais, o charmoso ambiente da confeitaria dá gosto de ver!</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
14	<p>Catedral de Brasília</p>  <p><small>Carnaval 2020 Ala 14</small></p>	<p>"Curva-se o concreto, brilha a inspiração...". Na Avenida, as baianas da Tijuca parecem flutuar, refletindo a leveza dos traços modernistas e a luminosidade dos vitrais da Catedral de Brasília. Inaugurada em 1970, como o primeiro monumento da moderna capital do país, a obra foi projetada por Oscar Niemeyer, para "refletir, como uma grande escultura, um momento de oração, em colunas curvas, que se elevam para o céu, como um gesto de reclamo e comunicação...". Considerada uma das edificações mais expressivas e icônicas do arquiteto brasileiro, a bela catedral continua a inspirar novos sonhos de criação mundo afora.</p>	Baianas (1931)	Ivone Gomes

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	Desmatamento 	<p>O crescimento desordenado das cidades provoca sérios problemas socioambientais. Sem planejamento urbano adequado, áreas verdes desaparecem e, em ritmo acelerado, dão lugar a construções e ocupações próximas a rios, em zonas de preservação e encostas. O desmatamento coloca em risco a vida de moradores e o equilíbrio de todo o planeta. “Lágrima desce o morro, serra que corta a mata”... E o machado ceifa dia a dia um pouco do nosso futuro.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
16	Ponha-se na Rua 	<p>A especulação imobiliária expulsa a população pobre das áreas centrais da cidade, mais valorizadas e com melhor infraestrutura de serviços. Com o rápido crescimento urbano e a fúria do mercado para ampliar seus lucros, algumas regiões, antes acessíveis e baratas, sofrem o aumento de preços das habitações e do custo de vida local. Sem condições de acompanhar a alta econômica, o morador é obrigado a buscar uma nova casa, em lugares cada vez mais distantes e periféricos. Ele carrega consigo o que pode e leva o sonho de ter, um dia, um cantinho na cidade.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Alicerce da Esperança</p> 	<p>Cada construção da cidade foi erguida com o suor do trabalho de milhares de operários da construção civil. No Sambódromo, esses trabalhadores ocupam a cena e entoam o samba para organizar um mutirão de amor pelo direito à moradia digna para todos.</p>	<p>Destaque de Chão (2019)</p>	<p>Valéria Gonçalves</p>
17	<p>O Suor e o Sonho</p> 	<p>Os passistas representam o cotidiano de quem procura sobreviver na cidade desigual: o trabalho árduo, que constrói a cidade, do alicerce aos muros, limites que os separam dos condomínios confortáveis, hospitais, cinemas, restaurantes... E o sonho de quem resiste e domina as ruas ocupa os bares e as calçadas e ginga, na Avenida, para encantar o público com a tradição do samba.</p>	<p>Passistas (1931)</p>	<p>Cristiano Amorim</p>
*	<p>Linhas do Arquiteto</p> 	<p>Os mistérios das linhas e o movimento das formas reinam na Avenida. “Curva-se o concreto” para saudar a obra perfeita do Carnaval.</p>	<p>Rainha de Bateria</p>	<p>Lexa</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Trabalhadores 	<p>Em sua origem grega, a palavra arquiteto significa “o construtor principal” ou “mestre de obras”. Existem muitos profissionais envolvidos e cada função é importante para o sucesso de uma construção. Hoje, o mestre de obras trabalha diretamente na execução do projeto, com os outros operários. Praças, casas, igrejas, monumentos... As cidades nascem e crescem pelas mãos desses trabalhadores, que, ironicamente, muitas vezes são os que mais sofrem com os problemas e as dificuldades dos centros urbanos de tantas desigualdades. “A vida é construção”... E o mestre da Pura Cadência comanda o ritmo daqueles que, todos os anos, ajudam a erguer na Avenida o sonho do Carnaval.</p>	Bateria (1931)	Mestre Casagrande
19	Petróleo 	<p>Uma das ameaças que atingem as cidades litorâneas são os vazamentos de petróleo. Algumas pagam caro pela riqueza que brota do fundo do mar e vivem o constante perigo de um acidente em alguma plataforma ou navio cargueiro. E mesmo as que não exploram ou produzem o óleo sofrem com o risco do combustível, levado pelas correntes, chegar até a costa. A contaminação das praias mata espécies marinhas e costeiras, mexe com a economia local e pode causar graves doenças nos seres humanos.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Engarrafamento</p> 	<p>As intermináveis horas que perdemos, anualmente, nos congestionamentos acendem o sinal vermelho. Com cidades de vias traçadas pela valorização da cultura do carro, um símbolo de status na nossa sociedade, o automóvel toma cada vez mais espaço nas últimas décadas. Aumento da população e transporte público precário contribuem para o caos no trânsito, que dificulta a mobilidade diária. Além das retenções, os veículos provocam a maior parte da poluição dos grandes centros, contribuindo para a emissão de gases que provocam o aquecimento global. Mas, na pista da Sapucaí, ninguém vai atravancar o samba.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
21	<p>O Rio Pede Socorro</p> 	<p>O consumo desenfreado, o uso de produtos descartáveis e a expansão desordenada das cidades tornam o lixo urbano um sério problema para todo o planeta. Nunca produzimos tantos resíduos, que nem sempre têm tratamento adequado ou um destino correto. É comum que rejeitos sólidos sejam depositados em locais impróprios, como encostas, canais e córregos. Diariamente, toneladas de esgoto acabam contaminando as águas e colocando em risco a vida de quem consome ou depende delas para tirar seu sustento. “O rio pede socorro!”. E, nele, o lixo continua sua triste viagem até o mar e pelos oceanos da Terra.</p>	Grupo Cênico (Comunidade) (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	Vou de Bicicleta 	<p>Pela Avenida do samba, circulam alegria e descontração. A bicicleta conquista a rua, toma os espaços antes ocupados pelos carros. Com o incentivo ao uso de ciclovias, aliadas ao transporte público eficiente, se traçam novas rotas para uma cidade que busca ser cada vez mais maravilhosa. O veículo símbolo mundial da sustentabilidade interliga trabalho, esporte e lazer, com menos poluição e sem congestionamentos. Seja para aproveitar o fim de semana ou se deslocar até o emprego, diariamente, a bicicleta democratiza o uso das vias públicas e redesenha a possibilidade de uma nova qualidade de vida para todos.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
23	Banho de Sol 	<p>Elas representam o espírito carioca de naturalidade e diversão. As praias são espaços públicos de integração onde convivem diferentes cores, corpos, bandeiras e classes sociais. Nas areias ou no calçadão, todas as tribos se encontram. E, para manter esse território da diversidade vivo, é preciso preservar o meio ambiente, com ações para despoluir a Baía de Guanabara, cuidando de nossas águas e de todo ecossistema marinho. “A brisa vai soprar o medo de amar a vida”, porque, no verão da Marquês de Sapucaí, todo mundo tem um lugar ao sol.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

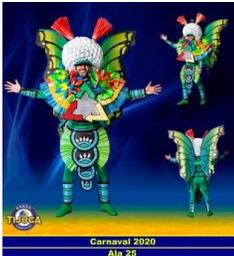
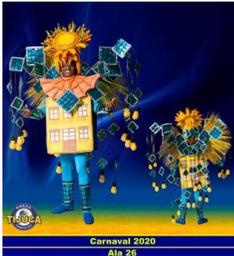
Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>A Floresta da Tijuca</p> 	<p>A natureza exibe toda a exuberância de sua biodiversidade para lembrar que a recuperação das áreas devastadas pelo homem deve ser revertida. O sonho de que a proteção de nosso maior patrimônio será um compromisso assumido por todos nós mora no coração da floresta.</p>	<p>Destaque de Chão (2019)</p>	<p>Larissa Neto</p>
24	<p>Floresta da Tijuca</p> 	<p>Entre o mar e a montanha, o Rio de Janeiro desabrocha. A Floresta da Tijuca é um exemplo de como a mão do homem pode salvar e cuidar de nossas matas. Em séculos de ocupação, ela foi devastada. Com a crise de abastecimento de água no Império, inicia-se o reflorestamento e a região torna-se uma pioneira área de proteção. Nesse patrimônio cultural e natural, contemplamos as paisagens do Rio na Vista Chinesa e encontramos espécies nativas da Mata Atlântica, como a bromélia, que inspira paisagistas e representa a grande biodiversidade de uma das maiores florestas urbanas do mundo.</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	Reciclar é Preciso 	<p>Se a produção de lixo é inevitável nas atividades humanas, adotar a política dos 3Rs é fundamental. Reduzir o consumo, reutilizar cada produto o máximo possível e reciclar são medidas que ajudam a diminuir o impacto dos rejeitos no meio ambiente. Com a reciclagem, os resíduos são reaproveitados e se transformam em um novo produto ou matéria-prima, contribuindo para reduzir o acúmulo de lixo e a necessidade de retirar outros materiais da natureza. Ela é prática ecológica e de consciência ambiental que precisa envolver cidadãos, empresas e governos, para que possamos promover a mudança para uma cidade mais limpa e maravilhosa.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia
26	A Energia que Vem do Sol 	<p>A grande preocupação com o meio ambiente e o medo de uma iminente crise energética, por conta da escassez de chuvas cada vez mais frequente, são incentivos para buscar alternativas de energias limpas e renováveis. Com tanta luz natural no Rio de Janeiro, a energia solar é uma ótima opção para iluminar nossa cidade. Ela tem a vantagem de chegar a locais de difícil acesso, não emitir gases poluentes e possibilitar uma boa economia na conta final do consumidor. As futuras gerações desse recanto ensolarado vão acender essa ideia.</p>	Comunidade (2019)	Harmonia

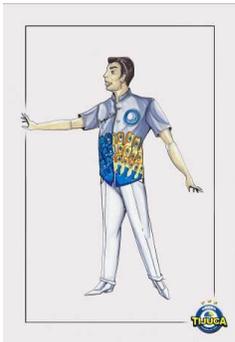
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Compositores</p> 	Os compositores desfilam com a camisa da Escola.	Compositores (1931)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 12 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Laerte Couto	
Costureiro(a) Chefe de Equipe João Vitor	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Anderson Oliveira, Eduardo Dias, Roberto Abreu, Wilson Vieira e Sarah Nascimento
Aderecista Chefe de Equipe Anderson Oliveira, Eduardo Dias, Roberto Abreu, Wilson Vieira e Sarah Nascimento	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco de Mendonça Neto
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Paulo Barros	- Criador do Projeto Plástico das Fantasia
Paulo Barros e Júnior Barata	- Desenhos e Figurinos
Romilton	- Espumas
Tapy	- Pintura de arte
Paulo Legg	- Almoxarifado
Almir	- Ferragens
Outras informações julgadas necessárias	
As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasia, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Jorge Aragão , Dudu Nobre, André Diniz, Fadico e Totonho		
Presidente da Ala dos Compositores Direção de Carnaval		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 71 (setenta e um)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Azeitona 74 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Gabriel Machado 22 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>O sonho nasce em minha alma Vai tomando o peito e ganhando jeito Se eternizando, traduzido em forma O mais imperfeito perfeição se torna Lá no meu quintal, eu vou fazer um bangalô Já foi tapera feita em palha e sapê E uma capela que a candeia alumiou A lua cheia...</p> <p>Vem, é lindo o anoitecer Vai, eu morro de saudade Todo mundo um dia sonha ter Seu cantinho na cidade</p> <p>Como é linda a vista lá do meu Borel Luzes na colina, meu arranha-céu Linhas do arquiteto, a vida é construção Curva-se o concreto, brilha a inspiração</p> <p>Lágrima desce o morro Serra que corta a mata Mata a pureza no olhar O rio pede socorro É terra que o homem maltrata E o meu clamor abraça o Redentor Pra construir um amanhã melhor O povo é o alicerce da esperança O verde beija o mar, a brisa vai soprar O medo de amar a vida Paz e alegria vão renascer Tijuca, faz esse meu sonho acontecer</p> <p>A minha felicidade mora nesse lugar Eu sou favela!!! O samba no compasso é mutirão de amor Dignidade não é luxo nem favor</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Justificativa da Letra do Samba-Enredo:

Onde moram os sonhos é o canto da Unidos da Tijuca sobre a importância da arquitetura e do urbanismo para a existência humana, assim como para melhorar as relações dos homens entre si e com o nosso planeta. Em sua construção, os arquitetos da nossa obra lançaram mão de um “eu poético”. Cada componente será um típico morador do Morro do Borel, que sonha, sob a luz do luar, e acorda na dura realidade que o cerca.

**O sonho nasce em minha alma
Vai tomando o peito e ganhando jeito
Se eternizando, traduzido em forma
O mais imperfeito perfeição se torna**

Não importa o tempo ou o lugar, ele, o morador do Borel, como tantos reis, nobres, sacerdotes ou plebeus, quer erguer seu sonho e arrumá-lo do seu jeito, para melhorar a vida, aperfeiçoar formas e perpetuar sua história...

**Lá no meu quintal, eu vou fazer um bangalô
Já foi tapera feita em palha e sapê
E uma capela que a candeia alumiu
A lua cheia...
Vem, é lindo o anoitecer
Vai, eu morro de saudade
Todo mundo um dia sonha ter
Seu cantinho na cidade**

**Como é linda a vista lá do meu Borel
Luzes na colina, meu arranha-céu
Linhas do arquiteto, a vida é construção
Curva-se o concreto, brilha a inspiração**

A arquitetura brasileira, das ocas indígenas às curvas de Niemeyer, passando pelo período colonial, é abordada de forma singela pelos poetas. Para tal, o passeio da Tijuca por nossos estilos de época também será narrado dentro do conceito de pertencimento pelo morador do Borel. As heranças, transformações e inspirações habitam o sonho dele, que é alto como os grandes prédios e iluminado pelos barracos na noite da favela, sempre tendo a lua como testemunha. Os versos trazem sedutoras metáforas que entrelaçam passado, presente e futuro, tempo e espaço, em belas sobreposições de imagens que só a poesia é capaz de proporcionar. A vista do Borel é de quem olha a cidade de cima, do alto da colina, ou de quem observa o morro do asfalto, todo iluminado, tocando o céu. Os versos falam de diferentes lugares da cidade: o “arranha-céu” é uma metáfora associada aos grandes edifícios da especulação imobiliária, que expulsa os moradores das comunidades e que, no samba, é, surpreendentemente, emprestada às favelas, que tocam as nuvens do alto dos morros, como um ato de resistência.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Mas o dia amanhece...

**Lágrima desce o morro
Serra que corta a mata
Mata a pureza no olhar
O rio pede socorro
É terra que o homem maltrata
E meu clamor abraça o Redentor
Pra construir um amanhã melhor
O povo é o alicerce da esperança
O verde beija o mar, a brisa vai soprar
O medo de amar a vida
Paz e alegria vão renascer
Tijuca, faz esse meu sonho acontecer**

Com o raiar do dia, o morador desperta à sua realidade, com a percepção de que as ilusões dormem a cada amanhecer. A “lágrima” de tristeza corre na face de sua gente, ou, metaforicamente, é enchente devastadora, que arrasta sonhos, na favela e pelo mundo afora. Nas palavras “mata” (verbo e substantivo) e “rio” (para que cuidemos dos rios e de nossa cidade, assoreados pelo lixo e resíduos de todo tipo), nossos compositores brincam com os diferentes sentidos dos vocábulos, assim como na “terra” que o homem maltrata” (a terra solo, a Terra planeta ou a própria cidade do Rio de Janeiro), abrindo espaço para interpretações tão múltiplas quanto ricas e uníssonas. O simbólico abraço ao Redentor segue a mesma linha, de um morador clamando por sua cidade ou o mundo se alinhando aos valores de união do povo, esperança e paz. A estrofe termina com a reconstrução de nossa natureza e do sentido de nossa existência coletiva. São eles que, a partir desse canto tijucano, sopram para longe o medo de amar a vida, para voltarmos a ser uma cidade verdadeiramente maravilhosa, espelho do morador do Borel para o mundo.

**A minha felicidade mora nesse lugar
Eu sou favela!!!
O samba no compasso é mutirão de amor
Dignidade não é luxo nem favor**

O Borel também é, sim, lugar para ser feliz. Nosso “lugar de fala” é a Sapucaí, onde moram os sonhos de quem faz o Carnaval acontecer. “O samba no compasso” convida arquitetos e urbanistas, que discutirão o futuro na Capital Mundial da Arquitetura, a se juntarem a uma experiência das comunidades de construção coletiva de suas habitações, “um mutirão de amor”; afinal de contas “Dignidade não é luxo nem favor”, e sim obrigação do Estado de proporcionar as mesmas condições de saneamento e infraestrutura para todos os moradores da cidade.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

JUSTIFICATIVA DA MELODIA DO SAMBA-ENREDO

Para arquitetar o samba de 2020, a Unidos da Tijuca juntou mestres de obras consagradas na Sapucaí, com referências de nossa música. Destaque para a volta de Dudu Nobre a assinar samba na Escola e a estreia do mestre Jorge Aragão no gênero samba-enredo.

A obra é composta de:

- Primeira estrofe (“O sonho...”), que possui uma repetição em seu fim;
- Falso refrão (“Como é linda a vista...”);
- Segunda estrofe (“Lágrima desce o morro...”);
- Refrão final (“A minha felicidade...”).

É executada em compasso binário, sem alterações. A preferência foi pelo tom lá bemol (nas variações maior e menor) em sua totalidade, o mais adequado para facilitar a emissão uníssona da Escola, valorizando, assim, o canto da escola e enaltecendo a poesia proposta. Sem perder a riqueza melódica, os compositores limitaram a tessitura intervalo musical de 8 notas, partindo da nota Si. Assim foram minimizadas possíveis zonas de **quebra de registro** individual, visando eliminá-las quando cantadas em coro pela agremiação (do agudo extremo ao grave extremo).

PRIMEIRA ESTROFE

**O sonho nasce em minha alma
Vai tomando o peito e ganhando jeito
Se eternizando, traduzido em forma
O mais imperfeito perfeição se torna
Lá no meu quintal, eu vou fazer um bangalô
Já foi tapera feita em palha e sapê
E uma capela que a candeia alumiou
A lua cheia...
Vem, é lindo o anoitecer
Vai, eu morro de saudade
Todo mundo um dia sonha ter
Seu cantinho na cidade**

Nossa melodia começa em tom maior, forte, feliz, espontânea e intuitiva. Ganha mais emoção quando chegam as notas alongadas (“Lá no meu quintal, eu vou erguer um bangalô”), para, em conjunto com a letra, reforçar a alegria e a ideia de pertencimento. A “entrega” para o refrão é dolente e charmosa como a palavra saudade, alimentando a doçura do verso: “Todo mundo um dia sonha ter seu cantinho na cidade”. Quando de sua repetição, sob os mesmos acordes, o caminho é ainda mais saboroso.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

FALSO REFRÃO

**Como é linda a vista lá do meu Borel
Luzes na colina, meu arranha-céu
Linhas do arquiteto, a vida é construção
Curva-se o concreto, brilha a inspiração**

Chamamos assim pelo fato de a melodia praticamente se repetir, como se fosse um bis, mas a letra seguir trilha diferente. Os desenhos melódicos são românticos e dotados de intervalos consonantes de terças, quintas, sextas e oitavas, com uso de empréstimos modais e relativos dispostos a causar emoção e alegria na condução do cortejo.

SEGUNDA ESTROFE

**Lágrima desce o morro
Serra que corta a mata
Mata a pureza no olhar
O rio pede socorro
É terra que o homem maltrata
E meu clamor abraça o Redentor
Pra construir um amanhã melhor
O povo é o alicerce da esperança
O verde beija o mar, a brisa vai soprar
O medo de amar a vida
Paz e alegria vão renascer
Tijuca, faz esse meu sonho acontecer**

A segunda parte do samba é iniciada em tom lá bemol menor. A melodia encorpa o drama e o pedido de socorro que estão sendo cantados. As notas e divisões seguem em dinâmica ascendente com natural disposição de volume, “iluminando” lentamente a poesia rumo ao clamor, o abraço ao Redentor e a esperança da construção de um mundo melhor. Nesse momento da segunda estrofe, os caminhos são em lá bemol maior e continuam, sinuosos e elegantes, rumo à explosão do refrão final.

REFRÃO FINAL

**A minha felicidade mora nesse lugar
Eu sou favela!!!
O samba no compasso é mutirão de amor
Dignidade não é luxo nem favor**

O refrão principal é arrojado. A força e riqueza melódica se juntam ao ineditismo. Enquanto o orgulhoso “eu sou favela” brinca com as síncopes típicas dos ritmos de nossas comunidades, a alternância melódica no momento da repetição da letra (do tom lá bemol menor para o maior) realimenta a animação do componente e adoça os ouvidos.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Mestre Casagrande				
Outros Diretores de Bateria Julinho, Cosme, Rodrigo, Renato Helbert, Sérgio, Coringa, Thompson, Américo, Júnior Sampaio, Luiz Paulo e Pitel				
Total de Componentes da Bateria 272 (duzentos e setenta e dois) Componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 11	Reco-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 100	Tarol 0	Tamborim 42	Tan-Tan 0	Repinique 36
Prato 0	Agogô 0	Cuica 24	Pandeiro 02	Chocalho 28
Outras informações julgadas necessárias				
* <i>Xiquerê – 01 componente</i>				
* <i>Repinique Mor – 04 componentes</i>				
Bateria				
Nome da Fantasia: Trabalhadores				
O que representa: Em sua origem grega, a palavra arquiteto significa “o construtor principal” ou “mestre de obras”. Existem muitos profissionais envolvidos e cada função é importante para o sucesso de uma construção. Hoje, o mestre de obras trabalha diretamente na execução do projeto, com os outros operários. Praças, casas, igrejas, monumentos... As cidades nascem e crescem pelas mãos desses trabalhadores, que, ironicamente, muitas vezes são os que mais sofrem com os problemas e as dificuldades dos centros urbanos de tantas desigualdades. “A vida é construção”... E o mestre da Pura Cadência comanda o ritmo daqueles que, todos os anos, ajudam a erguer na Avenida o sonho do Carnaval.				
Rainha de Bateria: Lexa				
Nome da Fantasia: Linhas do Arquiteto				
O que representa: Os mistérios das linhas e o movimento das formas reinam na Avenida. “Curva-se o concreto” para saudar a obra perfeita do Carnaval.				
Mestre Casagrande: Luiz Calixto Monteiro iniciou a carreira no Carnaval como ritmista, em 1979. Na década de 1980, foi promovido a diretor de bateria da Unidos da Tijuca, tocando ao lado do lendário Mestre Marçal. Após anos atuando como diretor, Mestre Casagrande assumiu, em 2008, a regência da bateria “Pura Cadência” da Unidos da Tijuca. À frente da bateria tijuca ganhou diversos prêmios, como o Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2015. Casagrande é considerado um dos melhores mestres da atualidade, por seu desempenho primoroso na Tijuca. Desde 2012, contando com o descarte da menor nota, os ritmistas da Tijuca não perderam décimos. No último Carnaval, a bateria conseguiu todas as notas máximas dos jurados.				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Fernando Costa

Outros Diretores de Harmonia

Allan Guimarães, Almir Coimbra Rodrigues, Antônio Augusto, Arthur Napoleão, Danilo Rosário Farias Santos, Deise Lúcia Ramos de Alencar, Eduardo da Costa de Oliveira, Eduardo Neves, Eduardo Resende, Emilson Albuquerque de Oliveira, Fábio de Lima e Silva, Fernando Ribeiro, Jackson Laranjeiras Carvalho, Janaína Leite, Jaques Wilber de Araujo França, Jorge da Silva Maio, José Adriano, José Carlos de Oliveira, Juarez da Silva Carvalho, Leandro Assis, Leonardo Canedo, Luis Antonio Pinto Duarte, Luiz Cláudio da Silva Braga, Luiz Fernando Nonato Turibi, Marcelo Bombeiro, Márcio Tavares, Magno de Aguiar Granadeiro, Mário Sérgio Ferreira da Silva, Mary Oliveira da Costa, Márvio Salustiano de Souza, Osmar Maria da Silveira, Paulo Delphim, Paulo César Dionísio, Paulo Roberto Viveiro, Rafael Naval, Renato Cardoso, Ruan Frade Oliveira, Sidnei Marcio Cosentino, Tiago de Freitas Gomes, Thiago Henrique Dias, Weverton Augusto dos Santos e Victor Manaia

Total de Componentes da Direção de Harmonia

42 (quarenta e dois) Componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial: Wantuir

Intérpretes de Apoio: Tiago Chafin, Vitor Cunha, Wictória Tavares e Rodrigo de Jesus

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Violão de Sete Cordas – Nilson Silva

Cavaquinho – Ivinho do Cavaco e Sandro Pio

Outras informações julgadas necessárias

Intérprete Oficial:

Wantuir: Iniciou a carreira como cantor de samba-enredo no extinto bloco de enredo Acadêmicos de Caxias, do município da Baixada Fluminense. No início, Wantuir de Oliveira acompanhou o intérprete Dominginhos do Estácio na Estácio de Sá, Imperatriz Leopoldinense e Grande Rio, onde ficou sete anos. A estreia como cantor oficial de uma agremiação ocorreu em 1994, na Acadêmicos do Cubango. No ano seguinte, foi convidado para a Porto da Pedra, tendo sido campeão do Grupo de Acesso A. Na Unidos da Tijuca, Wantuir ingressou para o Carnaval de 2001, permanecendo por dois anos. Retornou para a Azul e Amarelo, em 2004, ficando até 2008. Defendendo a Escola tijuicana, conquistou o Estandarte de Ouro por duas vezes (2005 e 2007), sendo considerado um dos melhores intérpretes do Carnaval. Após passagens pela Inocentes de Belford Roxo, Grande Rio, Portela, Paraíso do Tuiuti e agremiações do Grupo Especial de São Paulo, Wantuir retornou à Unidos da Tijuca, em 2019.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Fernando Costa
Outros Diretores de Evolução -
Total de Componentes da Direção de Evolução 42 (quarenta e dois) Componentes
Principais Passistas Femininos Ana Filipa, Carolina Macharethe e Carol Oliveira
Principais Passistas Masculinos David da Costa, Hélder Oliveira e Leandro Matheus
Outras informações julgadas necessárias Nome da Fantasia da Ala de Passistas: O Suor e o Sonho O que representa: Os passistas representam o cotidiano de quem procura sobreviver na cidade desigual: o trabalho árduo, que constrói a cidade, do alicerce aos muros, limites que os separam dos condomínios confortáveis, hospitais, cinemas, restaurantes... E o sonho de quem resiste e domina as ruas ocupa os bares e as calçadas e ginga, na Avenida, para encantar o público com a tradição do samba. Responsável pela Ala de Passistas: Cristiano Amorim Principais Passistas Femininos: Aisha Khaled, Alexandra Olímpio, Ana Carolina Silva, Ana Patricia Paula, Carolina Oliveira, Cintya Ribeiro, Clara Oliveira, Dayanne Jadijisk, Flaviana Gomes, Gleice Freire, Gleyce Kelly, Janaina Guimarães, Jacqueline Sapucahy, Luana André, Luciene Oliveira, Keyla Souza, Michele Leão, Priscila Capri, Rayanne Santos, Renata Cruz e Vanessa Bomfim. Principais Passistas Masculinos: William Andrade, Phillips Ferraz, Nicio Oliveira, Rodrigo Franco, Douglas Fernandes, Flávio Machado, Wagner Souza, Hederson Souza, Junior Duarte e Júlio Neves.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval João Paredes		
Diretor Geral de Carnaval Fernando Costa		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Ivone Gomes		
Total de Componentes da Ala das Baianas 65 (sessenta e cinco)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Marina Bulcão de Araújo 84 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Jéssica Marcolino 24 anos
Responsável pela Velha-Guarda Maria Lúcia Alves Pereira		
Total de Componentes da Velha-Guarda 47 (quarenta e sete)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Tia Hilda 89 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Rosimeri 49 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) -		
Outras informações julgadas necessárias Diretor de Carnaval: Fernando Costa Descendente de portugueses, nascido no bairro de Vista Alegre, Zona Norte do Rio, onde mora atualmente, Fernando Costa está no samba desde os tempos de criança. Fascinado por instrumentos musicais, sobretudo os de percussão, em 1988, começou a frequentar, na companhia de amigos, os ensaios da Unidos da Tijuca. Em pouco tempo, passou a pertencer ativamente à família tijuicana, quando, por três anos seguidos, desfilou na bateria, tocando caixa. Dali em diante, estreitou relações com outros segmentos da Escola, até que, em 2000, foi convidado pelo presidente Fernando Horta a fazer parte da harmonia da agremiação. Fernando Costa levou a sério a função que assumiria no Carnaval carioca, sendo convidado, em 2006, a comandar a Harmonia do Salgueiro, fato que o fez encarar o trabalho no samba como profissão. De volta à Unidos da Tijuca, comandou o Departamento de Harmonia, no Carnaval campeão de 2010, no vice-campeonato de 2011 e no campeonato de 2012, consagrando-se campeão como Diretor de Carnaval no Carnaval de 2014. A determinação e a dedicação são as principais marcas do seu trabalho em busca de mais um título para escola de samba da comunidade do Borel.		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Jardel Augusto Lemos		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Jardel Augusto Lemos		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 04 (quatro)	Componentes Masculinos 11 (onze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Nome da Fantasia: O Sonho Traduzido em Forma A Comissão de Frente da Unidos da Tijuca encena o trabalho de criação de urbanistas, arquitetos e arquitetas, que buscam conceber as melhores soluções para a cidade. Além de pensar o futuro, é preciso dialogar com o conhecimento transmitido ao longo de séculos. Na Avenida, uma arquiteta inquieta elabora seu projeto e procura, no passado, o equilíbrio, a harmonia das formas e a perfeição das proporções. Para isso, consulta um dos maiores gênios da arquitetura mundial: Leonardo da Vinci, que sempre teve o pensamento à frente de seu tempo. Muitos riscos e rabiscos, projeções e perspectivas depois, eles chegam ao projeto ideal: a fonte da inspiração que alimenta os sonhos de todos os tempos!</p>		
<p>Sobre o Coreógrafo: Jardel Augusto Lemos: Doutorando em Educação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o coreógrafo tem vasta experiência no cenário da dança nacional e do Carnaval. Jardel se formou em bacharel em Dança (UFRJ) e é mestre em Educação, Cultura e Comunicação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Já atuou como professor convidado do curso de Especialização em Figurino e Carnaval, na Universidade Veiga de Almeida (UVA - RJ), e professor do Centro Nacional de Ensino Superior, Pesquisa, Extensão, Graduação e Pós-Graduação, de Joinville/SC, nos cursos de especializações em Dança Educacional e Artes Cênicas. No Carnaval, é coordenador na tradicional escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Manoel Dionísio, que funciona na Marquês de Sapucaí. Já foi responsável pela Comissão de Frente de diversas escolas de samba, como Cubango (2013), Em Cima da Hora (2014 e 2015), Alegria da Zona Sul (2016), Acadêmicos do Sossego (2017), Porto da Pedra (2018), além de atuações nas Séries B e C e no Carnaval de Três Rios. Como bailarino, participou das comissões de frente de agremiações, como Rocinha, União da Ilha do Governador, Beija-Flor e Portela. Trabalhou com coreógrafos e diretores, como Lilibeth Cuenca (Dinamarca), Ghislaine Cavalcanti, Luciana Yegros, Regina Miranda, Fernando Bicudo, Rubens Velloso, Laíla, entre outros. Como jurado, o coreógrafo julgou o quesito Comissão de Frente nos carnavais de Três Rios e Vitória (ES).</p>		
<p>Assistente burocrática: Ana Paula Siqueira Assistente artístico e coreográfico: Victor Oliveira Ensaíador: Douglas Lopes</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Alex Marcelino	Idade 36 anos
1ª Porta-Bandeira Raphaela Caboclo	Idade 25 anos
2º Mestre-Sala Matheus André	Idade 23 anos
2ª Porta-Bandeira Lohane Lemos	Idade 23 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Um Casal sob Medida

Criação do figurino: Paulo Barros

Confeção: Fernando Magalhães

O que representa: Traçar retas, calcular ângulos, definir curvas, deslizar de um lado para o outro até encontrar o melhor ponto. O casal da Tijuca representa inseparáveis instrumentos de desenho: ele, o esquadro; ela, o transferidor. Na Avenida, concebem e planejam, sob medida, o projeto ideal, nas mãos habilidosas de quem planeja uma cidade maravilhosa para todos.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da Fantasia: Controlando o Trânsito

Criação do figurino: Paulo Barros

Confecção: João Vitor

O que representa: Na Avenida do Samba, o Mestre-Sala da Tijuca é o guarda de trânsito que conduz e protege a Porta-Bandeira, que representa o congestionamento. Em meio ao caos, ele domina com maestria a pista e controla o engarrafamento, para que todos cheguem seguros ao final do trajeto.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Alex Marcelino: Com passagem pela famosa escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeira de Manoel Dionísio, onde permaneceu por dois anos, Alex começou a carreira dançando pela Leão de Nova Iguaçu. Desfilou também na Unidos do Cabral, antes de chegar ao Império Serrano, Escola que defendeu por seis anos seguidos. Na Verde e Branco de Madureira, conquistou por três anos consecutivos a nota máxima do júri. Em 2015, estreou como 1º Mestre-Sala da Portela, desfilando ao lado de Danielle Nascimento, com quem já havia formado par na Escola da Serrinha. Naquele ano, ainda ganhou o Estandarte de Ouro como Revelação. No Carnaval de 2017, ajudou a Azul e Branco a levar o seu 22º campeonato, conquistando a nota máxima no quesito.

Raphaela Caboclo: A Porta-Bandeira defendeu por 15 anos o pavilhão do Império Serrano. Ela e Alex Marcelino assumiram o cargo de 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Verde e Branco do Morro da Serrinha, faltando apenas oito dias para o desfile oficial. Os dois formaram dupla até o Carnaval de 2013 na agremiação. Em São Paulo, desfilou como 1ª Porta-Bandeira da Camisa Verde e Branco, conquistando notas máximas, entre 2014 e 2016. No ano passado, Raphaela ganhou o prêmio Estandarte de Ouro, concedido pelo Jornal *O Globo*, e o Gato de Prata, ambos como Revelação. Em 2020, a Porta-Bandeira volta a dançar com Alex Marcelino na Unidos da Tijuca.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Matheus André: Após os primeiros passos como Mestre-Sala no projeto "Madureira, Toca, Canta e Dança" e na Escola Mestre Dionísio, Matheus defendeu os pavilhões das agremiações Unidos do Anil, Unidos da Vila Kennedy e Caprichosos de Pilares, onde venceu o concurso para 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, ao lado da Lohane Lemos. Desde 2016, desfila com sua Porta-Bandeira na Unidos da Tijuca, após ganharem o concurso que formou o 2º Casal da agremiação.

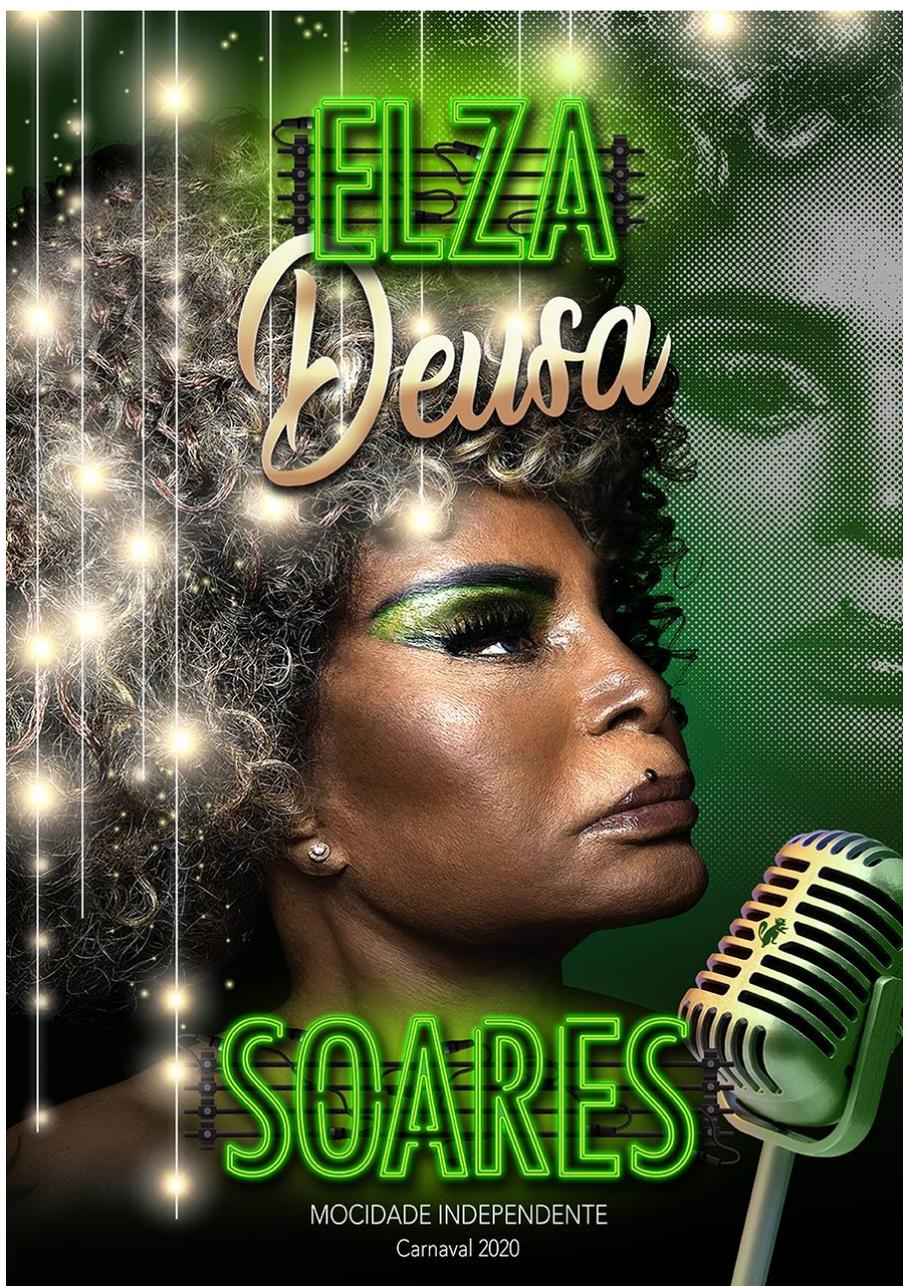
Lohane Lemos: A Porta-Bandeira conheceu sua arte na Escola Mestre Dionísio, em 2011. Desde então, defendeu os pavilhões das agremiações Boca de Siri, atual Siri de Ramos, em 2012 e 2013, e Sereno de Campo Grande, em 2014 e 2015, conquistando o prêmio Samba Net, com os demais segmentos da Escola. Em 2015, Lohane bailou na Caprichosos de Pilares, ao lado de Matheus André, após vencerem o concurso que formou o 2º Casal da agremiação. Em 2016, o par também venceu o concurso que elegeu o 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Unidos da Tijuca, passando a desfilarem, desde então, pela agremiação tijuicana.

G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel



**PRESIDENTE
FLÁVIO SANTOS**

“Elza Deusa Soares”



Carnavalesco
JACK VASCONCELOS

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Elza Deusa Soares”					
Carnavalesco Jack Vasconcelos					
Autor(es) do Enredo Jack Vasconcelos					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Fábio Fabato					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile André Luis Jr.					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Estrela que me faz sonhar: Histórias da Mocidade. Organizador : Aydano André Motta. 1 ed,	PEREIRA, Barbara.	Verso Brasil editora	2013	Todas
02	Lugar de Fala	RIBEIRO Djamila.	Pólen	2019	Todas
03	Empoderamento (Feminismos Plurais)	BERTH, Joice. Coordenação Djamila Ribeiro	Pólen	2019	Todas
04	Interseccionalidade (Feminismos Plurais)	AKOTIERENE, Carla. Coordenação Djamila Ribeiro	Pólen	2019	Todas
05	Encarceramento em Massa (Feminismos Plurais)	BORGES, Juliana.	Pólen	2019	Todas
06	Elza	CAMARGO, Zeca.	Leya	2018	Todas
07	Memória e Sociedade: Lembranças de Velho, 3 ed.	BOSI, Ecléa	Companhia das Letras	1994	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Sim à Igualdade Racial: Raça e Mercado de Trabalho	GÊNOT, Luana.	Pallas	2018	Todas
09	Estrela Solitária - Um Brasileiro Garrincha	CASTRO, Ruy.	Cia. das Letras	2001	Todas
10	Você pode substituir mulheres Negras como objeto de estudo por mulheres Negras contando sua própria história	XAVIER, Giovana.	Male	2019	Todas

Outras informações julgadas necessárias

HISTÓRICO DO ENREDO

Elza DEUSA Soares

"...Tu, menina, é a exceção da regra... é filha do impossível... é o cristal que não quebra... Até o avesso da tua alma é força..." Vitor H. Machado

Sou negra, índia.

Bendita. Maldita.

Sou o sagrado, o profano.

Sou samba, jazz, blues, funk, rock in roll, bossa, rap, punk. Soul choro. Soul RIO, sou mar.

Sou tudo. Sou nada.

Sou pequena, mas não sou metade.

Vou do circo ao mundo em um segundo.

Sou Elza, carne negra, Conceição, Aparecida, entre tantos desaparecidos.

A força deles me mantém. Se a da Penha já é brava, imagine a da Vila Vintém.

Sou a ancestralidade, Iansã, Exu, Anastácia, Jorge, Caboclo, Buda. Sou Elza Deusa Soares, minha fé quem faz sou eu.

SINOPSE

“Elza Deusa Soares”

A menina magricela nascida no distante bairro de Padre Miguel, menos de 40 quilos de pura insistência em sobreviver, desembarca no badalado programa de calouros de Ary Barroso. Equilibrava bom punhado de alfinetes para conter os panos todos do conjunto que sobrava e sambava no corpo. O sonho de ser a moça bonita do rádio determinava as cantorias da pequena – lata d’água na cabeça – cuja infância havia sido subtraída pelo suor de sol a sol dos afazeres domésticos. Já em posição debutante no palco transmitido em ondas aos ouvintes, as lembranças de pueris duetos com o som do louva-a-deus e as espiadelas no pai violeiro garantiam relativa técnica. Mas a força para transcender o destino foi a autêntica locomotiva. O autor de “Aquarela do Brasil” fez as honras sem nenhum pinga de honra quando mirou o pedacinho de gente posicionado bem na boca de cena da História: “de que planeta você veio, minha filha?”. Gargalhadas históricas na plateia, só que por breves segundos. Na aquarela de Ary, não havia destaque para a cor da resposta visceral, raio cósmico, cortina do passado dilacerada ante a metamorfose de uma divindade em flor: “eu vim do planeta fome”. Desvario. Apoteose. A primeira.

Com o pedestal voltado à glória, soltou o talento até raspar o fundo do tacho d’alma para, ao fim, desabar nos braços daquele gênio letrado bem menos sabedor desse chão do que a sua humanidade supunha. Ora, o apresentador jamais imaginaria negra e pobre a arte-final esquecida pelo maior clássico que compusera. Próxima ao gongo em silêncio, e mergulhada na letra de “Lama”, estava, possivelmente, a imagem de Deus. Deusa – corriamos – de joelhos e em adoração. Mulher. Que irrompeu a pergunta insensível, o direito que tinham para humilhá-la, as dificuldades do berço, o preconceito castrador e invasor do íntimo feminino, o racismo. A partir dali, nasceu uma estrela. Voz das vozes abafadas. Microfone de potente rouquidão rascante para os ais dos humildes. Água santa a revalidar existências e também as reminiscências ligadas à mãe lavadeira, ofício da roupa batida que faz marcar o ritmo de um futuro quase sempre estéril.

Curiosa a sina de se inserir e a outras carnes pretas no mapa oligarca branco forjado na marra e na régua. Numa só frase, desvelou o fogo de realidade que intelectuais com canudos enrolados nas grandes universidades mal conseguiram reconhecer brasa. Sua música se tornou trono matriarcal para denunciar as contradições da gigante “mátria” pouco gentil. Obrigada a trocar alianças quando a companhia eram as bonecas, deu à luz muito cedo, mas leite também aos que não pariu: holofote sobre os brasis ancestralmente invisíveis. E foi, justamente, da ordem do invisível, ou etéreo, certa passagem marcante e definidora – ainda nos tempos da dureza primordial.

Prestes a ser atacada por uma vaca que pastava no entorno de casa, tratou de encarar o bicho bravo olho no olho. A coragem intuitiva reconfigurou a quase tragédia: recebeu uma inacreditável lambida do queixo à testa, passeio lingual com o aparente tamanho da eternidade.

Afogada na saliva e surpresa por estar viva, entendeu o banho viscoso como a unção protetora que a conduziria adiante. Seguiu. Limite? O céu, é claro. Pitoresco batismo em religião própria, cuja tábua de mandamento único ostentava a interpretação pessoal dos segredos de cima, lá onde mora o Guerreiro. Bruxa, mandingueira, sacerdotisa de poderes e sentimentos indomados. Fada canção. Feiticeira a macerar folhas de inspiração e fé no eu iluminado. Unguento, incenso, veneno. Movimento. O real e a quimera em qualquer batuque – do terreiro ao bar, do culto ao cabaré, da intimidade do chatô ao infinito da nação profunda. Suingue de credo, cruz ou cura.

E aí não tardou, monumento vocal velozmente consagrado, para brilhar mundo afora e país adentro. Ergueu-se samba sincopado de trejeito característico, o jazz agridoce banhado na pimenta da terra que tudo dá, nosso divã social, espelho e síntese no mesmo metro e meio de entidade. Bossa nossa. Sobre o palco de asfalto da folia, encontrou outra estrela, de milhares em cortejo e também filha de Padre Miguel – a Mocidade –, tão independente quanto ela. E mergulhou na bênção mística da percussão, que alforria os corpos domesticados e faz do festival do couro a alegria de uma cidade ao celebrar a dádiva do pertencimento. Mas foi a obsessão por cantar o amor sem pudores a sua forma categórica de pertencer. Amor à arte, às escolhas, à distância. Ao guri. Ao malandro. Ao Mané. Amou e foi amada. Sem medo e sem vergonha. Sem limites. Ou quase: apesar da vocação para inspirar gentes no embalo da natureza passional, pagou o preço ao escolher decolar no torrão que censura as asas dos filhos. Tombou. Cadente estrela. Solitária.

Bailarina equilibrista que sempre teceu a vida a partir do fio da liberdade, experimentou o da navalha quando os malabares com os quais distribuiu encanto viraram pedras contra si. A redentora passou a algoz no picadeiro moral dos supostos bons costumes. Sentiu o tapa, a ferida, o esquecimento. E pedaços arrancados. De novo. Porém, o trapézio que lança ao Olimpo, e vê desabar se as mãos deslizam no voo em cego dos mistérios de existir, tem no final do abismo uma rede de proteção fraternal. Dura na queda, conseguiu ser devolvida do fosso da orquestra. Mais forte. Tal qual a língua – aqui, a humana – que roça a nuca e reacende o arrepio. Diva sensorial a nos ensinar sobre a delícia de cultuar a própria carne mal taxada e o espírito, na cruzada em desafio aos intolerantes. Pele e osso que sentem lava escorrer e exclamam política transgressora, para inferno e desnudar dos caretas. Cócix, peito, nervos, coração, pescoço. Garganta.

Ela, então, coloca desordem na preconceituosa ordem vigente, dando ré no apocalipse com o dito planeta fome completamente desgovernado. Pula o muro, alastra-se no proibido e perfuma a missão – herdada desde o show seminal – de fazer multidão frenética os carimbados como minoria. Eis a incendiária porta-estandarte de quem inclui, desafia, abraça, respeita, desatina, desata, transforma e se transforma. Do protagonismo feminino radicalmente contrário à mão levantada para a mulher. Dos amantes que, na embriaguez libertária, gozam sensualmente o afeto sem mordaca e constelam aflição pelo beijo ardente. O ato de transmutação do fazer artístico em grito dos incontroláveis por todos os milênios.

No altar do samba brasileiro, a Mocidade encontra o elo fundamental perdido e celebra a apoteose de uma estrela da canção ao reinventar o agora. O seu nome é agora – menina, senhora, doutora do tempo. A mensagem que deixamos para o próximo carnaval pinta o Black e tem o Power, traz a revolução de um abalo sísmico, a urgência explosiva de um novo Big Bang, põe Exu nas rodas, nas escolas, na prosa, é rua, nua e crua:

*Deus é mesmo mulher. Deus é negra.
Ouçam a sua palavra que nos invade.
Salve a Mulher do Fim do Mundo.
Salve Elza Deusa Soares.*

*Carnavalesco: Jack Vasconcelos
Sinopse: Fábio Fabato
Pesquisa e Colaboração: André Luís Junior*

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Introdução

*“Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
O meu país
É meu lugar de fala”.*
Lugar de Fala

Esse enredo marca um lugar de fala. Por muitos anos, apostaram que mulheres como Elza Soares - negras, faveladas, pobres - não teriam o que dizer. Mulheres que sempre foram “faladas”, “julgadas”, mas muito pouco ouvidas. Elza Soares, filha de uma cultura cuja palavra é dotada de poderes, se fez porta voz de uma multidão que foi silenciada, “porta bandeira” de um mundo que ainda precisa reverberar temas e romper o silêncio. Vivenciar esse lugar de fala é expor as atrocidades, narrando o que se vê e o que se vive, é encantar por espelhamento os iguais e, sobretudo, os diferentes. Essa voz que orchestra a mudança transforma Elza em Deusa nessa passarela. Esse enredo é seu lugar de fala, sua voz; ela a usa para dizer o que se cala!

Mais antológico do que cronológico, nosso enredo pretende não se prender a um tempo contínuo, sequencial, mas, como uma canção, ele nos leva ao passado, ao presente e ao futuro ao mesmo tempo. Nosso tempo é o da recordação, é cíclico, narra a história de uma menina de 90 anos que retorna a Padre Miguel como porta voz de sua comunidade, retorna sem nunca ter partido.

Primeiro Setor

Com lata d’água na cabeça: NASCE UMA ESTRELA

*“Lá vai menina...
Lata d’água na cabeça
Vencer a dor, que esse mundo é todo seu”*
Mocidade, 2020

Nascida em Moça Bonita - hoje Vila Vintém - Elza Gomes da Conceição Soares foi criada em Água Santa, Zona Norte do Rio, entre latas d’água, canções e sonhos. Mulata, franzina, assanhada; mais do que qualquer outro sentido, assanhada, aponta uma força de transformação, uma ousadia de encarar as reviravoltas da vida e renascer sempre.

A mãe, dona Rosária, era lavadeira; e o pai, Avelino, era funcionário da Fábrica de Tecidos Bangu. Além de cantor, ele tocava violão e trompete.

Ainda menina, Elza acordava cedo para pegar água no poço para as rotinas da casa. Sem perder a esperança, subia o morro sem cansar. Cargas d'água! No caminho, ouvia sempre o barulho de um louva-a-deus. Em uma estranha relação, ela ligava sua voz, esse dom que ela ainda nem desconfiava ter, ao som que o inseto emitia, era um barulho rouco que a seduzia. Hipnotizada pelo animal, tentava imitá-lo. Dessa forma, foi, inocentemente, apurando sua voz, criando seus *scats* - os grunhidos que fizeram do seu canto algo tão pessoal e encantador.

A menina Elza, muitas vezes, ajudava a mãe a levar as roupas para os clientes. De Padre Miguel, elas pegavam o trem para a Central do Brasil. Para Elza, um lugar simbólico, conexão entre o centro e a periferia, o lugar do agito, o centro das atenções. Ela, algumas vezes, se dizia perdida na estação, encenava crises de choro e, com os trocados que recebia, se enchia de pastéis.

Já mais crescida, Elza pegava o antigo trem de Padre Miguel para a Central para cantar por diversos lugares do Rio.

Um dos primeiros lugares onde ela cantou foi no programa “Calouros em Desfile”, apresentado por Ary Barroso na Rádio Tupi. Muito humilde, a jovem se apresentou com uma camisa branca cheia de alfinetes para tentar modelar o tecido no corpo de 40 quilos. Ary, já famoso por suas composições como *Aquarela do Brasil*, se comportava como uma figura excêntrica e sarcástica ao receber os convidados no programa. Ele provocou Elza assim que a viu. As gargalhadas da plateia foram ouvidas de longe:

- De que planeta você veio? - perguntou o apresentador.
- Do seu planeta, seu Ary! - respondeu ela!
- E que planeta é esse? - ele insistiu. - Do Planeta Fome! - sem pestanejar, a cantora, com essa resposta, silenciou a todos.

Ary, a princípio, não havia reconhecido naquela menina a cor de um Brasil tão brasileiro; não havia percebido a força de resistência daqueles que, quando fustigados, reluzem, renascem, (re)existem.

Ela cantou a música *Lama*, de Mauro Duarte, e da lama, ela se reergueu, arrebatou a plateia e o próprio apresentador, que, finalmente, se renderam àquela menina cuja voz representava o canto de uma multidão que não podia ser silenciada. “Nasce uma estrela”- profetizou Ary Barroso. Mal sabia o compositor que essa estrela apenas renascia, algo que faria muitas vezes na vida.

Segundo Setor

Credo: minha fé quem faz sou eu

“Credo, credo

Sai pra lá com essa doutrinação

Credo, credo

Eu não quero o medo me dando sermão

Falta sim nessa tua oração,

minha fé quem faz sou eu” CREDO

Cheia de sonhos e de histórias, Elza narra o dia em que, ainda bem pequena, em Água Santa, Zona Norte do Rio, deu de frente com uma vaca brava que andava solta e aterrorizava a vizinhança. Para desespero dos que a assistiam, o animal se aproximou da menina e lambeu o seu rosto. Esse momento foi, para ela, como uma benção, um batismo da natureza, um encontro com uma entidade sagrada.

Um outro episódio, sempre lembrado por ela, foi o dia em que, ainda menina, contou para a mãe sobre um sonho que teve com um caboclo e um São Jorge. O caboclo, mais fechado, não lhe falou muito. Já com o Santo, ela conversou e pediu para não apanhar mais do pai. Para sua surpresa, o santo lhe respondeu que ela apanharia muito na vida até se tornar uma mulher forte, pronta para encarar os tropeços futuros (olha que não foram poucos!).

Anos mais tarde, outro sonho muito simbólico marcou a vida de Elza. Ela sonhou com uma espécie de anjo com rosto negro metamorfoseado em pássaro. Justamente por cantar bem, esse anjo-pássaro era “enxotado de todos os ninhos”. Da mesma forma que São Jorge a advertiu que ela apanharia muito na vida, o sonho - representação da sua própria história - seria interpretado por ela como marca de sua luta contra o preconceito, de sua busca por uma identidade no meio musical.

O fato é que Elza sempre respeitou muito as forças da natureza. Como uma feiticeira, desde cedo, ela acreditou nas profecias, nos sonhos e, de forma mais concreta, nas folhas e nas ervas que ela manipulava para curar dores físicas ou espirituais.

A espiritualidade sempre foi um dos pilares na vida da cantora, uma trajetória cheia de altos e baixos. Para sobreviver a um mundo de privações e carências materiais, Elza, desde pequena, se agarrou a uma fé imensa na vida, uma fé assertiva, livre de doutrinações. Com a música “Exu nas escolas”, ela, sincrética e consciente da laicidade do estado, exige respeito ao Deus iorubano contra a hegemonia de qualquer outro credo. Se o senso comum diz que Deus é pai, Elza proclama: “Deus é mãe, Deus é mulher”! Deus, para ela, se revela no enfrentamento da realidade. Foi essa fé imensa e particular que lhe permitiu, em meio a tantas perdas, eternos renascimentos.

Se Deus é mulher, Elza há de ser... *DEUSA!*

Terceiro Setor

A metamorfose da Deusa: as muitas faces de ELZA

“De dia me lava a roupa
De noite me beija a boca
E assim nós vamos
Vivendo de amor..” *Se acaso você chegasse*

Seu Avelino, pai de Elza, queria que a filha fosse enfermeira ou professora. O fato é que, ainda adolescente, Elza já era casada e tinha três filhos. Sem muita experiência profissional, vendo as dificuldades da família, ela resolveu procurar emprego na fábrica de sabão Veritas, no Engenho de Dentro. Apesar de ganhar muito pouco, esse dinheiro era de grande ajuda naquele momento de muitas dificuldades.

Elza, depois disso, se virou como pôde. Trabalhou em um manicômio e como doméstica. No manicômio, se deparou com doentes mentais que se intitulavam reis, rainhas e imperadores. Na casa de família do Sr. Maluli, ela guardou mágoas pelas humilhações que passou. “Ele, que era dono de um armazém, foi um dos meus primeiros patrões. A esposa dava ordens expressas para que eu não cruzasse a porta da cozinha”. Dessa maneira, ia enfrentando e aprendendo com as loucuras e as maldades do mundo. Enquanto se virava como podia, Elza acalentava o sonho de viver da música. Ela vinha de família tradicional, que entendia o trabalho braçal como a única forma possível de sobrevivência. Para eles, uma mulher saindo arrumada à noite, dizendo que iria cantar, soava muito mal.

Ela cantou com a Orquestra de Bailes Garam; cantou no Texas Bar, ponto de encontro de músicos cariocas nos anos de 1950. Elza, todavia, sonhava em ver seu nome brilhando como uma estrela na cena teatral.

Em 1958, Mercedes Batista, a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, convidou Elza para cantar na peça “*É tudo Jujú-Frufrú*”, no teatro João Caetano. Cantora estreante, Elza se emocionava quando via seu nome na estrela de cinco pontas no cartaz da peça. Não era o nome principal, nem o maior deles, mas um sinal de que as coisas estavam melhorando, os sonhos, em meio ao caos da vida, iam se realizando.

No Texas Bar, Aloysio Oliveira a convida para gravar na Odeon. No dia da gravação, até João Gilberto foi ver aquela que chamavam de “cantora infernal”. A faixa “*Se acaso você chegasse*”, de Lupicínio Rodrigues, na voz de Elza, fez um sucesso estrondoso. Fosse na Orquestra Garam ou com o público restrito do Texas Bar, muitas vezes, Elza saía consagrada. No dia a dia, no entanto, a realidade era mais cruel, preconceitos na gravadora, em alguns lugares que cantava e na própria casa, exigiam de Elza eternos renascimentos.

Em 1961, lançou “*Bossa Negra*”, seu segundo LP que trouxe confiança para Elza. Os convites para shows, no Rio e em São Paulo, não paravam.

Elza foi convidada para cantar em Vinã del Mar, sede da Seleção Brasileira na Copa de 1962. Meses antes, no entanto, ela já chamara a atenção de Mané Garrincha, o “anjo das pernas tortas”. Garrincha prometeu vencer a Copa para ela, que rapidamente ganhou o título de “madrinha da seleção”.

Quarto Setor

Quero ser a pioneira: “é samba que corre na veia”

*“Quero ser a pioneira
A erguer minha bandeira
E plantar minha raiz”
Mocidade, 1985*

Elza, embora quisesse diversificar seu repertório, gravou diversos LPs de samba: *O samba é Elza Soares* (1961), *Na roda do samba* (1964), *O máximo em samba* (1967), *Elza, Milhinho e samba* (1967) entre outros. O Museu da Imagem e do Som, à época, a elegeu como Embaixadora do Samba.

Todo esse histórico rendeu a ela um convite para defender o samba do Salgueiro em 1969. Elza se tornaria, assim, a primeira mulher a cantar um samba-enredo em um desfile oficial de uma grande escola de samba do Rio de Janeiro, nicho muito restrito aos homens. Ela que sempre foi “sim”, em meio a tantos “nãos”, “pé na porta” onde fechavam caminhos, seria a pioneira da passarela do samba.

O enredo “*Bahia de todos os Deuses*”, dos carnavalescos Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona, falava sobre a associação dos santos católicos com os orixás da Bahia. O antológico samba, cujo refrão “*Zum, zum, zum, capoeira mata um*”, foi cantado por Elza à exaustão... “Estava um sol terrível, eu não sabia que cantaria tantas vezes, mas dei conta”, diz a cantora.

Em 1973, foi a vez da **Mocidade Independente de Padre Miguel** convidar Elza para cantar o samba enredo. Ela, que nasceu em Moça Bonita, atual Vila Vintém, bairro no entorno de Padre Miguel, se emocionou muito ao defender, pela primeira vez, o samba da escola do seu coração. Clovis Bornay, carnavalesco da escola, preparou o enredo “*Rio Zé Pereira*” sobre os antigos carnavais do Rio.

Em 1974, a Mocidade viria contratar Arlindo Rodrigues que ficou famoso por seus enredos brasileiríssimos, de forte cunho cultural, marcados pelo luxo de seus figurinos. O enredo “*A festa do Divino*” falava sobre as diversas manifestações do Espírito Santo no imaginário brasileiro e encerrava com uma espécie de cortejo da coroação do Imperador.

Elza Soares estava lá mais uma vez defendendo o samba que viria ganhar o Estandarte de Ouro do Globo naquele ano. O refrão “Bate o tambor, toca a viola, a bandeira do divino vem pedir a sua esmola”, na voz de Elza, contagiou o público.

Em 1975, novamente o público que assistia ao desfile da Mocidade vibrava ao ouvir aquela voz única vociferando “E no auge do meu sonho, o uirapuru surgiu na imensidão da floresta, enriquecendo o folclore do Brasil”. O enredo, mais uma vez de Arlindo Rodrigues, “*Mundo Fantástico do Uirapuru*”, era uma referência ao lendário pássaro brasileiro - símbolo de sorte para os povos da floresta.

O último carnaval em que Elza defendeu um samba pela Mocidade foi em 1976, com o enredo que homenageava a famosa Iyalorixá baiana Mãe Menininha do Gantois. “*Oh, minha mãe menininha/ Vem ver, como toda cidade/ Canta em seu louvor com a Mocidade*”, dizia o samba. A alegoria da Mãe Menininha com as mãos douradas fez história na agremiação.

Elza, nesses anos, foi aprofundando ainda mais os laços de carinho com toda a comunidade... “*essa escola e essa bateria foram um dos motores da minha vida. Eu tenho uma história de berço e de afeto com esta agremiação*”.

José Pereira da Silva (1932-1980), o Mestre André, criador da famosa "paradinha", por exemplo, tinha uma relação de amizade com Elza que vinha de “outros carnavais”. Ela, madrinha da escola, com os versos “Mestre André sempre dizia, ninguém segura a nossa bateria”, do samba “*Salve a Mocidade*”, fez uma linda homenagem à escola e imortalizou o nome do amigo. Até hoje ela lembra que deu a ele de presente a batuta com a qual o Mestre conduzia os ritmistas. E reza a lenda que é a mesma batuta usada ainda hoje por mestre Dudu.

Elza foi assim se fazendo presente, mesmo que de forma simbólica, ano após ano, no carnaval da Mocidade.

Quinto Setor

O circo dos horrores: sentindo na pele a opressão do machismo e do preconceito

*“Chorei, não consegui me conter, todos riram,
fingiram pena de mim... não precisava.
Ali onde eu chorei, qualquer um chorava,
dar a volta por cima como eu dei, quero ver quem dava”.*

Volta por Cima

Ruy Castro, em *Estrela Solitária*, no capítulo “A bruxa solta sobre Garrincha e Elza” narra uma das fases mais tumultuadas na vida dos dois. Segundo ele, a maré realmente ficou muito difícil para eles.

A repercussão negativa, por parte da mídia, do romance da cantora com Garrincha assustou Elza que seria acusada de não só destruir o casamento do craque como também de tentar se aproveitar da fama dele. Programas de TV exploravam o máximo o encontro entre eles, mostrando a família humilde do jogador e falando da situação precária dos filhos de Garrincha. Tamanho sensacionalismo foi infalível para destruir a imagem de Elza perante a opinião pública.

Com a repercussão negativa do caso, Elza não parava de sofrer ameaças nas ruas, recebia inúmeras cartas anônimas, hostilizando-a. Grupos se juntavam, diante de sua casa, para xingá-la, hotéis se negavam hospedá-la sob alegação de ser “gente de cor” ou por não ser casada com Garrincha. Somam-se a isso, as ameaças sofridas por eles durante o período militar, quando a casa em que moravam foi metralhada e invadida pelo DOPS - Departamento de Ordem Política e Social.

Sem entender claramente por que era perseguida, ela declarou: “Eu acho que eu deixava todo mundo constrangido simplesmente por ser quem eu era, acho que, quando veio a perseguição política, tinha a ver com as coisas que eu representava, as coisas que o Brasil gostava de esconder, a consciência do que eu representava como artista, como mulher. Eu, que tinha superado uma pobreza extrema, não precisava fazer discurso político para incomodar, falar de mim mesma já era criar um desconforto: minha história, favela, barraco, lata d’água na cabeça, mãe lavando roupa, era uma lembrança de que o Brasil também era aquela miséria toda”.

Elza e Garrincha partem para um exílio na Europa com uma agenda de shows, por vezes, cheia, por vezes, insuficiente para manter o padrão de vida. A inércia de Garrincha e os problemas dele com álcool, diferente do que dizia a mídia, trouxeram fragilidade para o romance que, apesar de tanto amor, foi naufragando.

De volta ao Brasil, os álbuns de Elza já não vendiam como antes, os convites para shows sumiram, as dificuldades financeiras foram crescendo.

A beira do desespero, Elza recebe um convite para cantar em um circo em São Paulo. Ela que enchera o canecão, que se apresentara no Waldorf-Astoria, em Nova York, estava indo agora se apresentar em um circo com “uma lona sem graça”, dividindo os números com bailarinas, domadores, animais... “era o ponto final, a decadência, o fim de carreira” - pensou Elza, a ponto de desistir de tudo.

Esse momento de fragilidade foi para Elza um verdadeiro “Freak show”, um circo dos horrores. Como em um espetáculo macabro, metaforicamente, ela imaginava que os cartazes do show apontavam os dedos para ela em todas as direções, reforçando as humilhações que ela vivia. Era quase um grito de “*Desrespeitável* público! Hoje, mais do que marmelada, temos Racismo, Misoginia, Sexismo, Elitismo, Moralismo”.

Elza foi atacada por todos os lados, impedida de cantar em alguns lugares por ser negra, por ser mulher, por falar o que pensava. Como em um filme, ela se lembrou de que, desde o primeiro casamento, sofreu violência doméstica, foi hostilizada nas ruas e posteriormente ameaçada durante o período militar. Ela que viu a morte sempre de perto, enfrentou, ao longo dos anos, a mais terrível de todas as tragédias: a perda de quatro filhos. Parafrazeando Ecléa Bosi, *a ela foi dado, apesar da idade, “o abranger de uma vida inteira”, uma vida nos extremos, experiências que, mesmo quem viveu muitos anos, jamais poderia imaginar.*

Levou tempo para ela entender o simbolismo do picadeiro, compreender que a magia do circo é justamente o momento em que o palhaço demonstra o riso em meio à tristeza, porque o show tem que continuar. O circo foi sua escola, sua metáfora mais pesada e cruel. Se sua biografia é marcada pela opressão do machismo e do patriarcado, ela precisava reescrever sua trajetória com tons de alegria e cura.

Elza sobreviveu aos malabarismos da vida, ao bailado da morte. Como uma pantera negra, seu apelido no meio artístico, símbolo da sua luta contra o preconceito, ela precisou ser forte para lidar com o sensor-domador cujo “chicote” deixou marcas na sua vida. Ela que tinha sido avisada por São Jorge, em sonho, sobre tudo que ia passar, aprendeu também a rir dos infortúnios e a renascer constantemente. Seu canto viria ainda mais cheio de engajamento.

Bambeia, cambaleia, já apanhou à beça, mas é “dura na queda”.

Sexto Setor

Resistência, Arte e Engajamento: “essa nega tem poder”! Mocidade, 2020

Elza, que traz uma fênix tatuada em seu corpo, renasceu, muitas vezes, agarrada a um fio de ouro, sua voz rouca, instrumento que denuncia a barbárie, que “estilhaça a máscara do silêncio”, “voz que amordaça a opressão”.

Suas músicas são marcadas pela visceralidade de sua experiência existencial, canções contextualizadas na dor da sua vida. Quando se fez inédita, a partir do álbum “Do cóccix ao pescoço” até “Planeta Fome” - seu mais recente lançamento - se reinventou, se fez ainda mais autêntica, única, essencial.

Elza se encaixa no perfil que a professora Giovana Xavier define como “intelectuais negras visíveis”, aquelas que emprestam sua voz para restituir as humanidades negadas e conferir visibilidade a quem tentaram esconder. Dessa forma, Elza traz consigo as vozes caladas, feridas quase esquecidas.

Sua trajetória é marcada pela resistência, pelo engajamento incisivo, intransigente na superação do racismo, da homofobia, da misoginia, no combate à perseguição das mulheres negras.

Só no Rio de Janeiro, são 117 mulheres agredidas por dia (número que revela apenas as mulheres que levam suas denúncias ao conhecimento das autoridades). Estima-se que esse contingente seja quatro vezes maior, formado por quem não tem coragem de denunciar seus agressores. Elza dá voz a essas mulheres vítimas da violência e as encoraja a denunciar.

*“Mão, cheia de dedo
E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, mané!
Cê vai se arrepender de levantar
a mão para mim”*. **Maria da Vila Matilde**

“Vamos juntas que tem muito pra fazer, é dia de falar e de ouvir também e calar o horror, a cara feia, a coragem é língua solta e solução, é dia de encarar o tempo e os leões, tem voz que diz não, mas digo sim, pro que eu quiser”.

*“A mulher de dentro de mim já cansou desse tempo
A mulher de dentro da jaula prendeu seu carrasco
E vai sair
De dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair
De dentro de quem for
A mulher é você”* **Dentro de cada Um**

Defensora sempre, “lutando com as armas da canção”, Elza relembra, em todos os shows, o quanto foi ajudada pelo “mundo gay” que a fez ter consciência do preconceito e da maldade do mundo. “Não era só eu, éramos todos lutando para sobreviver”- Sua voz grita contra o preconceito, contra a violência sofrida pela comunidade LGBT, um canto de empatia por Beneditos, Beneditas, Aparecidas e, sobretudo, desaparecidos em um mundo ainda intolerante.

Ela que sempre foi porta-voz da periferia amplificou seu canto para o mundo ouvir. Nos shows, ela grita “quero mesmo incomodar”. Seu canto incomoda porque denuncia. Ela coloca o “dedo na ferida”, porque doeu muito e ainda dói. Elza, que veio da periferia, faz da sua voz um grito contra a desigualdade, contra a violência, contra o abuso de poder, não importa se em Paraisópolis ou na Vila Vintém.

A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil: Agatha dentro da Van; Pedro dentro do mercado; Evaldo fuzilado no carro com 80 tiros. Soma-se a isso o alto índice de feminicídio de mulheres negras. As vidas negras importam sim, a “carne mais

barata não tá mais de graça, as “balas” não são perdidas, “são autografadas”. “Onde essa p.. vai parar? - se pergunta Elza...

Ela sonha encontrar um país onde a “justiça não ouse condenar só negros e pobres”, um país em que a “corrupção não seja hobby”, um país que vai se chamar Brasil.

Em 1999, a BBC Londres elegeu Elza da Conceição Soares como a Cantora do Milênio. E em 2019, ela recebeu o título de *Doutora Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para a Mocidade de Padre Miguel, mais do que madrinha, ela é espelho, inspiração, porta-voz de uma comunidade, “resistência em nosso chão”.

Elza é divina, resiliente, re-existente, mulher do fim do mundo, aquela que tem o dom de transformar tristeza em alegria.

Se Apoteose é momento grego de transformação de mortais em divindades, Elza, por toda sua trajetória, é elevada a *Deusa* da passarela.

Deuses e Deusas da atualidade são aqueles que se mostram com autenticidade, que transparecem felicidade e coragem, apesar de todo martírio que tenham vivido. Essas pessoas contribuem para romper barreiras e preconceitos, e se tornam influência inspiradora para jovens, velhos, comunidades.

Hoje, depois de tantas privações, Elza nos oferece um “banquete” de consciência em um país ainda “desnutrido” em muitos assuntos. A vida de Elza, em tempos tão sombrios como o que estamos vivendo, nos renova a esperança, porque ela TEM FOME DE EDUCAÇÃO, TEM FOME DE RESPEITO, TEM FOME DE JUSTIÇA, FOME DE MUDANÇA ... Por um mundo com mais Elza Soares...

A Mocidade Independente de Padre Miguel agradece pela aula que é sua vida, ELZA DEUSA SOARES!

ROTEIRO DO DESFILE

PRIMEIRO SETOR

COM LATA D'ÁGUA NA CABEÇA: NASCE UMA ESTRELA

**Comissão de Frente
ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELAS:
OUÇO O SOM DA FAVELA,
RESISTÊNCIA EM NOSSO CHÃO**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Diogo Jesus e Bruna Santos
“A INSPIRAÇÃO DO LOUVA-A-DEUS”**

**Pede Passagem
“ABRE OS CAMINHOS PARA ELZA PASSAR...”**

**Ala 01 – Comunidade (Coreografada)
CENTRAL DO BRASIL: A CONEXÃO
ENTRE O CENTRO E A PERIFERIA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
“NASCE UMA ESTRELA”**

SEGUNDO SETOR

CREDO: MINHA FÉ QUEM FAZ SOU EU

**Ala 02 – Comunidade
A VACA SAGRADA:
“ONDE A ÁGUA SANTA FOI SALIVA”**

**Ala 03 – Vivo Mocidade
SÃO JORGE:
UMA LIÇÃO PARA TODA A VIDA**

**Ala 04 – Comunidade
O CABOCLO “BEM FECHADO”:
O REI DA MATA**

Ala 05 – Maiorais do Samba
ANJO NEGRO:
SUA HISTÓRIA E IDENTIDADE

Musa
SENHORA DAS FOLHAS:
A NATUREZA QUE CURA AS DORES
FÍSICAS E ESPIRITUAIS

Tripé
LAROYÊ É MOJUBÁ:
“MINHA FÉ QUEM FAZ SOU EU”

TERCEIRO SETOR
A METAMORFOSE DA DEUSA: AS MUITAS FACES DE ELZA

Ala 06 – Comunidade
FÁBRICA DE SABÃO:
ESPUMAS AO VENTO

Ala 07 – Comunidade
LOUCURA E PRECONCEITO:
“NESSE MUNDO LOUCO, DE TUDO
UM POUCO”

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jeferson Pereira e Isabela Moura
A AFRICANIDADE
DE MERCEDES BATISTA

Ala 08 – Ala do Sol
O SONHO DA ESTRELA:
“É TUDO JUJU-FRUFU”

Ala 09 – Comunidade (Casais)
NOS BAILES DA VIDA: OS PRIMEIROS
PASSOS COMO CROONER

Ala 10 – Comunidade
DISCOGRAFIA – “SE ACASO VOCÊ
CHEGASSE”

Ala 11 – Estrela Guia
MADRINHA DA COPA:
A ALEGRIA COM A JULES RIMET

Musa
OS PRIMEIROS PASSOS DA CANTORA:
O SABOR DO SUCESSO

Alegoria 02
“DE PADRE MIGUEL PARA O MUNDO”

QUARTO SETOR
QUERO SER A PIONEIRA: “É SAMBA QUE CORRE NA VEIA”

Ala 12 – Oba Oba
SALGUEIRO, 1969: ELZA CANTA
“BAHIA DE TODOS OS DEUSES”

Ala 13 – Passistas
MOCIDADE, 1973:
ELZA CANTA “RIO ZÉ PEREIRA”

Rainha de Bateria
Giovanna Angélica
EIS, A ESTRELA!

Ala 14 – Bateria
SALVE A MOCIDADE:
“O MESTRE ANDRÉ SEMPRE DIZIA”

Ala 15 – Comunidade
MOCIDADE, 1974:
ELZA CANTA “A FESTA DO DIVINO”

Grupo
FLORESTA MÁGICA

Ala 16 – Comunidade
MOCIDADE, 1975: ELZA CANTA “O
MUNDO FANTÁSTICO DO UIRAPURU”

Ala 17 – Baianas
MOCIDADE, 1976: ELZA CANTA
“MÃE MENINHA DO GANTOIS”

Musa 01
ELZA CANTA O SAMBA ENREDO
DA UNIDOS DE SÃO CARLOS:
DAS TREVAS AO SOL: A ODISSEIA
DOS CARAJÁS

Musa 02
ELZA CANTA O SAMBA ENREDO
DA CUBANGO: AFOXÉ

Alegoria 03
A PIONEIRA:
“É SAMBA QUE CORRE NA VEIA”

QUINTO SETOR
O CIRCO DOS HORRORES: SENTINDO NA PELE A OPRESSÃO DO
MACHISMO E DO PRECONCEITO

Ala 18 – Comunidade
CIRCO: OS CARTAZES DE UM NADA
“RESPEITÁVEL PÚBLICO”

Ala 19 – Comunidade (Homens)
MACHISMO:
OS SELVAGENS DO CIRCO

Ala 20 – Comunidade
BAILARINA DA DOR: DANÇANDO
CONFORME A MÚSICA

Ala 21 – Comunidade
DOMADOR DO CIRCO:
A CENSURA E O CHICOTE

Ala 22 – Comunidade
COBRAS E LAGARTOS: A LÍNGUA QUE
DIFAMA, A “MÃO” QUE APEDREJA

Musa
A FORÇA INDOMÁVEL DE UMA
PANTERA NEGRA

Alegoria 04
**O CIRCO DA VIDA: “APANHO À BEÇA MAS
É DURA NA QUEDA”**

SEXTO SETOR
RESISTÊNCIA, ARTE E ENGAJAMENTO: “ESSA NEGA TEM PODER!”

Ala 23 – Mostrando a Minha Identidade
FÊNIX: A REINVENÇÃO DA DEUSA

Ala 24 – Comunidade
ALVO: NÃO É PERDIDA, É BALA
AUTOGRAFADA

Ala 25 – Comunidade / Ala Gay
CANTO DE LUTA: PORTA-VOZ LGBT

Ala 26 – Comunidade
CANTO DE RESISTÊNCIA:
PROTA-VOZ DAS MULHERES

Ala 27 – Favela – Comunidade
CANTO QUE REVERBERA:
“A CARNE MAIS BARATA NÃO ESTÁ
MAIS DE GRAÇA”

Ala 28 – Ala dos Compositores
A EDUCAÇÃO É
A “MENSAGEM DO BEM”

Alegoria 05
VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?:
**“QUE OS FILHOS DO PLANETA FOME NÃO
PERCAM A ESPERANÇA EM SEU CANTAR”**

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Pede Passagem</p> <p>“ABRE OS CAMINHOS PRA ELZA PASSAR...”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre-Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Em nosso <i>Pede Passagem</i>, o cenário da Fábrica de Tecidos Bangu, onde seu Avelino, pai de Elza trabalhou. Ele era músico e tocava violão; a mãe, dona Rosária, era lavadeira. O elemento cenográfico é uma reprodução do ambiente onde a menina foi criada, uma representação da harmonia musical que a envolve desde criança.</p> <p>O símbolo da Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba de coração da cantora, “abre os caminhos para Elza passar”.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>Abre-Alas</p> <p>“NASCE UMA ESTRELA”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre-Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p><i>“SE A VIDA É UMA “AQUARELA” VI EM TI A COR MAIS BELA PELOS PALCOS A BRILHAR”</i></p> <p>O <i>Abre-Alas</i> da Mocidade Independente de Padre Miguel propõe a interação entre dois cenários importantes na história de Elza Soares: as casas humildes da Vintém, onde ela nasceu e o palco do show “Calouros em Desfile”, onde a cantora se apresentou pela primeira vez. Ary Barroso, apresentador do programa, não reconhecera, a princípio, na menina, a cor de um Brasil tão brasileiro. Questionada de onde vinha, Elza lhe respondeu: Venho do Planeta fome. (representado na alegoria por um globo com pratos vazios). Quando Ary se deu conta do talento da jovem, sentenciou: “Nasce uma estrela”. Elza, como porta-voz de sua comunidade, simbolicamente, levou consigo as vozes caladas, esquecidas, e lhes deu esperança e visibilidade. Um cortejo de mulheres com lata d’água na cabeça, espelho da trajetória da cantora, acompanha a apresentação da nossa estrela. A presença de microfones por toda a alegoria reitera essa ideia - Elza mais do que cantar se fez porta-voz de uma multidão que não podia continuar invisível. O louva-a-Deus, símbolo de renascimento e de inspiração, um dos amuletos mais importantes na vida de Elza, compõe o cenário.</p>

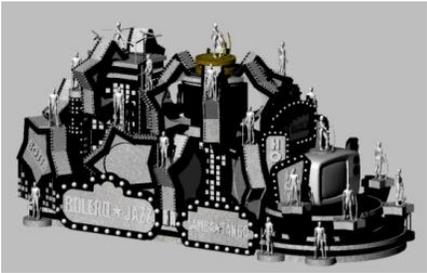
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé</p> <p>LAROYÊ Ê MOJUBÁ: “MINHA FÉ QUEM FAZ SOU EU”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Em meio a tantos infortúnios, Elza encontrou na fé um dos pilares da sua vida, força que alimenta sua alma. Nosso tripé representa a religiosidade da cantora, uma fé imensa na vida, uma crença assertiva e livre de doutrinações excludentes. O tripé resume esse sincretismo da cantora, sua devoção pela Escrava Anastácia, por Exus e por santos católicos, por Buda.</p> <p>Foi essa fé imensa e particular que lhe permitiu, em meio a tantas perdas, eternos renascimentos. Como ela canta na música <i>Credo</i>: “O amor é Deus que não cabe na religião”.</p> <p><i>* O termo presente no samba-enredo - Laroyê ê Mojubá é um chamamento para Exu, um reconhecimento de sua grandeza. Elza, na música “Exu nas escolas”, nos ensina a valorizar essa entidade que representa o movimento, a comunicação, a decisão, o poder.</i></p>

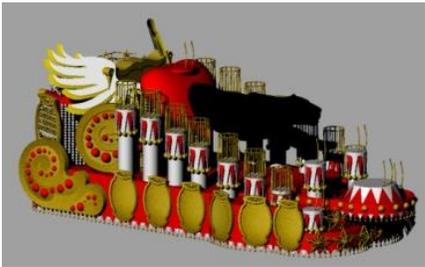
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>DE PADRE MIGUEL PARA O MUNDO</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p><i>“SE ACASO VOCÊ” CHEGAR COM A MENSAGEM DO BEM O MUNDO VAI DESPERTAR, DEUSA DA VILA VINTÉM”</i></p> <p>Com o sucesso fonográfico, principalmente a partir da gravação de <i>“Se acaso você chegasse”</i>, Elza foi convidada para cantar em diversos lugares: na Orquestra de Bailes Garam, no Texas Bar (ponto de encontro de músicos cariocas) e na peça <i>“É tudo Ju-ju Fru-fru”</i>, no teatro João Caetano. Ela se emocionava sempre que via seu nome na estrela no cartaz da peça. Ela virou presença constante ainda na Rádio Tupi e chegou a ter um programa na Record. Durante a Copa do Mundo de 1962, no Chile, cada vez mais próxima do craque Garrincha que lhe prometeu a Taça Jules Rimet, a cantora, chamada de <i>“madrinha da Copa”</i>, teve a oportunidade de cantar ao lado de Louis Armstrong. Ella Fitzgerald também a viu cantando e a convidou para substituí-la em uma turnê pela Europa. Elza fez shows ainda na Itália, na Argentina e em Nova York.</p> <p>A menina de Padre Miguel, contra tudo e contra todos, começava a ganhar o mundo.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>A PIONEIRA: “É SAMBA QUE CORRE NA VEIA”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>Elza foi a primeira mulher a cantar um samba-enredo em um desfile oficial de uma grande escola de samba do Rio de Janeiro, nicho muito restrito aos homens. Em 1969, defendeu o samba-enredo do Salgueiro. De 1973 até 1976, Elza foi convidada a cantar o samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel. Foram momentos antológicos para a escola, que teve como enredos “Rio Zé Pereira”, “A festa do Divino”, “O Mundo Fantástico do Uirapuru” e a inesquecível homenagem à Mãe Menininha do Gantois. A alegoria da Iyalorixá baiana com as mãos douradas marcou a história no carnaval.</p> <p>Elza defendeu ainda o samba-enredo da Acadêmicos do Cubango, Unidos de São Carlos e União da Ilha.</p> <p>Elza, que gravou diversos álbuns de samba ao longo da carreira, hoje é homenageada pela Velha Guarda da Mocidade: contrerrânea, contemporânea. Elza e a Velha Guarda compartilham sonhos, histórias e o “samba que corre na veia”.</p>
04	<p>O CIRCO DA VIDA: “APANHOU À BEÇA MAS É DURA NA QUEDA”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p>	<p>“a mulher de dentro da jaula prendeu seu carrasco” Dentro de cada um</p> <p>Em uma das fases mais difíceis da vida de Elza Soares, ela foi cantar em um circo em São Paulo. Sua vida parecia, em verdade, um grande circo dos horrores. Hostilizada pela opinião pública por seu romance com Garrincha, perseguida pela Ditadura Militar Brasileira, ela precisou de tempo para entender o simbolismo do picadeiro. O circo foi sua escola, sua metáfora mais pesada e cruel. Ela que passou a vida lutando contra todas as formas de preconceito, como uma pantera negra, símbolo da resistência contra a opressão, precisou ser forte, para sobreviver às chicotadas dos domadores- sensores.</p> <p>Seu coração alado, livre, em chamas, jamais seria prisioneiro.</p> <p>Elza sobreviveu aos malabarismos da vida, foi pantera que bambeia, cambaleia, que apanhou à beça, mas é dura na queda!</p> <p>Sobreviver, para Elza sempre foi um ato político!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?: “QUE OS FILHOS DO PLANETA FOME NÃO PERCAM A ESPERANÇA EM SEU CANTAR”</p>  <p><i>As imagens apresentadas ao longo do Abre Alas são meramente ilustrativas, apenas uma referência para compreender melhor o desfile.</i></p> <p><i>Trechos de músicas ou falas importantes de Elza Soares se fazem presentes em alguns carros alegóricos. Tudo isso aponta o poder que a palavra, seja escrita ou cantada, tem na vida da cantora. Ela é filha de uma cultura cuja palavra tem o dom de conscientizar e transformar realidades.</i></p>	<p>A resposta que a jovem Elza Soares deu a Ary Barroso reverberou por muitos anos em sua cabeça. Uma longa vida de engajamento em defesa da dignidade humana se seguiu.</p> <p>Como em um eterno retorno, a ideia do “Planeta Fome”, seu mais recente álbum, amadurece, e como uma caixa de som, reverbera, se multiplica.</p> <p>Elza oferece, simbolicamente, um “banquete” para saciar as bocas dos que têm “Fome” de Justiça, de Educação, de Igualdade. Minorias unidas se tornam maioria e, com orgulho, carregam suas bandeiras. Elza sempre foi porta-voz, porta-bandeira do respeito ao próximo.</p> <p>Na alegoria bocas abertas famintas e mãos cerradas reiteram a necessidade de reverberar esse grito de resistência e de luta.</p> <p>Na música “Libertação”, Elza canta “EU NÃO VOU SUCUMBIR”... a multidão com fome de justiça e de igualdade responde... “NÓS NÃO VAMOS SUCUMBIR”.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
João Batista	Empresário
Rodrigo Leocádio	Cabeleireiro
Regina Marins	Empresária
Marcos Lerroy	Empresário
Waldeck	Funcionário Publico
Elaine Lima	Micro Empresária
Klayton Eller	Professor e Empresário
Carla Close	Empresária
Luiz Vigneron	Professor
Dida Borges	Cabeleireiro
Local do Barracão	
Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Rio de Janeiro	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Adriano Amaral e Wagner Félix	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
Felipe	Bryan
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Ailton Souza	Andrew Viana
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Walace Gaudino	Roosevelt
Outros Profissionais e Respectivas Funções	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Central do Brasil: A Conexão entre o Centro e a Periferia</p> 	<p>A fantasia é uma representação dos antigos trens da Central do Brasil, um lugar simbólico, que conecta o centro à periferia, o caminho que leva e traz as pessoas para o centro das atenções.</p> <p>Elza, desde pequena, transitava por ali ajudando sua mãe, Dona Rosária, a levar para os clientes as roupas lavadas e passadas. Adulta, Elza pegava o antigo trem de Padre Miguel para a Central para cantar por diversos lugares do Rio.</p> <p>Os trens, ainda hoje lotados, levam trabalhadores que sonham com dias melhores.</p> <p>A Central do Brasil, no carnaval, também é porta de chegada da nossa comunidade rumo à Apoteose.</p>	<p>Comunidade (Coreografada)</p> <p>(1958)</p>	Fabiane
02	<p>A Vaca Sagrada: “Onde a Água Santa Foi Saliva”</p> 	<p>Em uma história sempre recontada de sua infância em Água Santa, Zona Norte do Rio de Janeiro, Elza relembra o dia em que uma vaca brava, que aterrorizava a vizinhança, lambeu o rosto dela (ou “a ungiu”, como ela prefere dizer).</p> <p>Hoje, ela interpreta esse momento como uma benção, o encontro simbólico com uma entidade sagrada. Nosso samba enredo ressignifica esse momento brincando com as palavras “onde a Água Santa foi saliva para curar toda ferida...”</p> <p>As fantasias desse setor trazem sempre um “leitmotiv”, um motivo recorrente, de plantas e de folhas. Elza, tal qual uma feiticeira, conhece muito bem plantas, ervas, folhas e sempre acreditou no poder desses elementos para curar dores físicas ou espirituais.</p>	<p>Comunidade</p> <p>(1958)</p>	Marrocos

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>São Jorge: Uma Lição para Toda a Vida</p> 	<p>Elza, em mais uma visão da infância, diz ter sido acordada por um São Jorge com um cavalo. Ela se aproximou do Santo e o pediu para não deixá-la apanhar mais do pai. Para sua surpresa, o santo disse que ela apanharia muito na vida e, por isso, se tornaria uma mulher muito forte.</p> <p>Reforçando a ideia da crença nas folhas e nas plantas, a fantasia traz a "espada de São Jorge" - amuleto para afastar o mal e abrir os caminhos.</p>	Ala Vivo Mocidade (2008)	Marquinho
04	<p>O Caboclo “Bem Fechado”: O Rei da Mata</p> 	<p>Elza, com cinco anos, diz ter visto, em um sonho, um caboclo “bem fechado”, que não queria muita conversa com ela! Ele veio, a abençoou e, da mesma forma, se foi. O sonho marca o sincretismo de Elza, que cantaria, na música “Credo”, um tributo à liberdade religiosa - “Minha fé quem faz sou eu”.</p> <p>A onça e a cobra coral da fantasia reforçam a ideia do caboclo como entidade da mata.</p>	Comunidade (1958)	Fabiane

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Anjo Negro: Sua História e Identidade</p> 	<p>O sonho de um anjo com rosto negro metamorfoseado de pássaro dourado marcou muito a vida da cantora. Justamente por cantar bem, esse Anjo era, nas palavras de Elza, “enxotado de todos os ninhos”. A cantora percebeu que esse sonho representava sua própria história, sua luta contra o preconceito, sua busca por uma identidade no meio musical. O sonho aponta, mais uma vez, a forte relação da cantora com o sagrado, a certeza de que a proteção divina sempre a acompanhou.</p>	<p>Maiorais do Samba (1963)</p>	<p>Valdir Mallet</p>
06	<p>Fábrica de Sabão: Espumas ao Vento</p> 	<p>Ainda adolescente, mas já casada e mãe de três filhos, Elza, sem muita experiência, resolveu procurar emprego na fábrica de sabão Veritas, no Engenho de Dentro. Ela ganhava um salário mínimo que, embora muito pouco, era de grande ajuda para aquela família que vivia com muitas dificuldades.</p>	<p>Comunidade (1958)</p>	<p>Tatyane</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Loucura e Preconceito: “Nesse Mundo Louco, de Tudo um Pouco”</p> 	<p>Seu Avelino, pai de Elza, queria que a filha fosse enfermeira ou professora. Elza, no entanto, como espelho da mãe, trabalhou, por alguns anos, como empregada doméstica. Ela relata, muitas vezes, as humilhações pelas quais passou na casa dos seus patrões. Eles davam ordens para que ela não cruzasse a porta da cozinha. Ela também trabalhou fazendo limpeza em um Manicômio. Lá, Elza conviveu com internos que se intitulavam reis, rainhas e até um que se considerava Napoleão. Conviver de perto com os diversos tipos de loucura humana fez Elza repensar a importância do seu canto como um grito de conscientização e resistência.</p> <p>Na ala, fantasias que representam o trabalho doméstico e outras o trabalho no manicômio. Note que a roupa estilizada de Napoleão, bem como o chapéu do Menino Maluquinho compõem a caracterização do manicômio.</p>	Comunidade (1958)	Rodrigo

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>O Sonho da Estrela: “É Tudo Juju-Frufru”</p> 	<p>Elza acalentava o sonho de ver seu nome brilhando em uma estrela na cena teatral. Em 1958, no teatro João Caetano, a cantora estreadante fazia parte do elenco de “É tudo Juju-Frufru”, e corria, no fim do espetáculo, para ver seu nome na estrela de cinco pontas, no cartaz da peça. Não era o nome principal, nem o maior deles, mas o indício de que os sonhos começavam a se realizar.</p>	Ala do Sol (2018)	João Luiz
09	<p>Nos Bailes da Vida: Os Primeiros Passos como Crooner</p> 	<p>Elza não perdia nenhuma chance para mostrar seu trabalho. Ela cantou com a Orquestra de Bailes Garam, foi chamada por Mercedes Batista para se apresentar na Argentina e cantou no Texas Bar - ponto de encontro de músicos cariocas nos anos de 1950.</p>	Comunidade (Casais) (1958)	Lufras
10	<p>Discografia – “Se Acaso Você Chegasse”</p> 	<p>Desde seu primeiro disco, “Se acaso você chegasse”, em 1969, até o mais recente, “Planeta Fome”, de 2019, foram aproximadamente 35 álbuns, mais seis coletâneas. Transitando pelo samba, jazz, rock, MPB, Bossa Nova, entre tantos outros estilos, Elza foi paulatinamente vencendo as dificuldades e os preconceitos, e deixando sua marca na história da Música Popular Brasileira.</p>	Comunidade (1958)	Rose

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Madrinha da Copa: A Alegria com a Jules Rimet</p> 	<p>Elza foi convidada para cantar em Vinã del Mar - sede da Seleção Brasileira na Copa de 1962. Meses antes, no entanto, ela se aproximou de Mané Garrincha, o “anjo das pernas tortas”, com quem começou um romance. Garrincha prometeu vencer a Copa para ela. Elza rapidamente ganhou o título de “madrinha da seleção”. A taça Jules Rimet representa uma fase de alegria na vida da cantora.</p>	<p>Ala Estrela Guia (1992)</p>	<p>Cleide</p>
12	<p>Salgueiro, 1969: Elza Canta “Bahia de Todos os Deuses”</p> 	<p>Em 1969, Elza Soares foi convidada para defender o samba do Salgueiro. Assim, se tornaria a primeira mulher a cantar um samba-enredo em um desfile oficial de uma grande escola de samba do Rio de Janeiro. O enredo “Bahia de todos os Deuses”, dos carnavalescos Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona, falava do sincretismo religioso - a associação dos santos católicos e dos orixás da Bahia. O antológico samba cujo refrão "Zum, zum, zum, capoeira mata um" foi cantado por Elza à exaustão... “Estava um sol terrível, eu não sabia que cantaria tantas vezes, mas dei conta”, diz a cantora.</p>	<p>Ala Oba Oba (1992)</p>	<p>Silvio e Flávio</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Mocidade, 1973 – Elza Canta “Rio Zé Pereira”</p> 	<p>Em 1973, foi a vez da Mocidade Independente de Padre Miguel convidar Elza para cantar o samba-enredo. Clovis Bornay, carnavalesco da escola, preparou o enredo “<i>Rio Zé Pereira</i>” sobre os antigos carnavais do Rio. Elza, que nasceu em Moça Bonita - atual Vila Vintém – nunca esqueceu a emoção em defender, pela primeira vez, o samba da escola do seu coração.</p> <p>A ala de passistas da Mocidade presta homenagem a esse momento importante para nossa escola.</p>	Passistas (1958)	George
14	<p>Salve a Mocidade: “O Mestre André Sempre Dizia”</p> 	<p>A bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel presta homenagem ao seu mestre maior, José Pereira da Silva (1932-1980), o Mestre André, criador da famosa "paradinha".</p> <p>A relação de amizade entre Elza e Mestre André é de “outros carnavais”. Elza, madrinha da escola, imortalizou o samba “Salve a Mocidade”, que faz referência a “Mestre André”, que sempre dizia “ninguém segura a nossa bateria”. Elza deu a ele de presente a batuta com a qual ele conduzia os ritmistas - batuta essa que desfila até hoje nas mãos do mestre Dudu.</p>	Bateria (1958)	Dudu

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	Mocidade, 1974: Elza Canta “A Festa do Divino”	Em 1974, Arlindo Rodrigues, o novo carnavalesco da Mocidade, desenvolveu o enredo “A festa do Divino”, uma espécie de cortejo em que o desfecho era a coroação do Imperador. O enredo falava sobre as diversas manifestações do Espírito Santo no imaginário brasileiro. Elza defendeu o samba vencedor do Estandarte de Ouro do Globo. O refrão “Bate o tambor, toca a viola, a bandeira do divino vem pedir a sua esmola” contagiou o público.	Comunidade (1958)	Aristóteles
*	Floresta Mágica	O grupo que antecede a ala “1975 - Mocidade: Elza canta O Mundo Fantástico do Uirapuru” é uma réplica de uma fantasia desse carnaval. Segundo o enredo, na floresta encantada, o canto do uirapuru transforma as ocas em pássaros gigantes que amplificam o som que, como diz o samba cantado por Elza Soares, “abraça a sorte e afasta o azar”.	Grupo (1958)	
16	Mocidade, 1975: Elza Canta “O Mundo Fantástico do Uirapuru”	Em 1975, novamente Elza surgia, no carnaval, cantando o samba-enredo da Mocidade. O público vibrava ao ouvir aquela voz tão única vociferando “E no auge do meu sonho, o uirapuru surgiu na imensidão da floresta, enriquecendo o folclore do Brasil”. Arlindo Rodrigues desenvolveu o enredo “Mundo Fantástico do Uirapuru” que exaltava as histórias brasileiras a partir do lendário pássaro símbolo de sorte.	Comunidade (1958)	Neuza

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Mocidade, 1976: Elza Canta “Mãe Menininha do Gantois”</p> 	<p>O último carnaval em que Elza defendeu um samba pela Mocidade foi em 1976, com o enredo que homenageava a famosa Iyalorixá baiana Mãe Menininha do Gantois. “Oh, minha mãe menininha/ Vem ver, como toda cidade/ Canta em seu louvor com a Mocidade”, dizia o samba.</p> <p>A ala das baianas relembra esse momento inesquecível para o carnaval.</p>	Ala das Baianas (1958)	Tia Nilda
18	<p>Circo: Os Cartazes de um Nada “Respeitável Público”</p> 	<p>Em uma fase bem difícil da vida de Elza Soares, ela foi cantar em um circo em São Paulo. A vida da cantora parecia, certas vezes, um circo dos horrores. Hostilizada pela opinião pública, sentiu, na pele, diversos tipos de preconceito.</p> <p>Os cartazes carnavalizados do Circo representam todas as humilhações que ela sofreu. Na fantasia, os dedos apontam para todas as direções como se dissessem “Desrespeitável público! Hoje, mais do que marmelada, temos Racismo, Misoginia, Sexismo, elitismo, Moralismo”.</p>	Comunidade (1958)	Gilson

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Machismo: Os Selvagens do Circo</p> 	<p>Mais uma “atração” do circo dos horrores: o homem das cavernas, aquele que acredita poder subjugar, maltratar, humilhar e espancar as mulheres. Selvagem e vaidoso, traz como símbolo um leão e um soco fálico, armas que fazem esse machista acreditar em sua superioridade. Elza foi muitas vezes vítima desses algozes, tomou tiro e apanhou de seus companheiros.</p>	<p>Comunidade (Homens) (1958)</p>	<p>Cristina</p>
20	<p>Bailarina da Dor: Dançando Conforme a Música</p> 	<p>Em um espetáculo, muitos artistas deixam sua dor de lado para o show continuar. A bailarina representa todas as perdas que Elza precisou superar para seguir em frente: as mortes trágicas dos filhos (foram 4) e a morte da mãe em um acidente de carro cujo motorista era Garrincha. A dor de cair do palco e as dificuldades com a saúde que vieram a partir daí. A bailarina da morte sempre rondou a vida da cantora. Sofrendo, chorando e, sobretudo, cantando para esquecer, Elza aprendeu a dançar conforme a música.</p>	<p>Comunidade (1958)</p>	<p>Fábio</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Domador do Circo: A Censura e o Chicote</p> 	<p>Senhoras e Senhores, calem-se! Com vocês, aquele que acredita que sua verdade é única, que seu poder é ilimitado, que a justiça se faz na base do “chicote”, ele que consegue ser - ao mesmo tempo - Domador, Censor, Ditador.</p> <p>Elza sofreu todos os tipos de ameaça, foi apedrejada, teve sua casa metralhada e invadida pelo DOPS - órgão do governo brasileiro durante o período militar. Sua voz sempre foi um canto de liberdade.</p>	Comunidade (1958)	Paula
22	<p>Cobras e Lagartos: A Língua que Difama, a “Mão” que Apedreja</p> 	<p>A última atração do nosso “Freak show” - nosso circo dos horrores - é a viperina e mordaz “Maledicência”. Vestida de “cobras e lagartos”, já que, muitas vezes, esconde seu rosto no coletivo, nossa atração adora falar mal das pessoas, envenenar as reputações, criticar, julgar.</p> <p>Elza foi, muitas vezes, “apedrejada” (literalmente ou não) pela opinião pública. Suas escolhas viraram alvo favorito das línguas ferinas.</p>	Comunidade (1958)	Rosane

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Fênix: A Reinvenção da Deusa</p> 	<p>Nenhum símbolo, metáfora ou mito, melhor representa Elza Soares do que a fênix, a ave mitológica que, após arder em um braseiro, renasce das próprias cinzas. Elza tatuou o pássaro em seu corpo como representação dos eternos renascimentos, da capacidade de se reinventar sempre e dar a volta por cima.</p>	<p>Mostrando a Minha Identidade (2018)</p>	<p>Marquinho</p>
24	<p>Alvo: Não é Perdida, é Bala Autografada</p> 	<p><i>“Não tem bala perdida, tem seu nome, é bala autografada” Não tá mais de graça</i></p> <p>Agatha foi a quinta criança atingida por uma “bala perdida” no Rio de Janeiro em 2019. Elza grita: “não tem bala perdida, tem bala autografada”. Pelo menos 60 crianças foram alvo desse tipo de bala desde 2007.</p> <p>O Brasil liderou, durante anos, o ranking internacional de ocorrência dessa catástrofe, o alvo frequente: crianças, negros, pobres.</p> <p>O canto de Elza clama por justiça e visibilidade para responsabilizar os culpados. A voz de Elza incomoda, porque ela quer encontrar um país onde a “justiça” não ouse condenar e matar só “negros e pobres”. Chega de estatísticas! Perdidas são as vidas; não as balas.</p>	<p>Comunidade (1958)</p>	<p>Noelia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>Canto de Luta: Porta-Voz LGBT</p> 	<p><i>“Benedito é uma fera ferida Traz na carne uma bala perdida Ele que surge naquela esquina É bem mais que uma menina Benedita é sua alcunha E da muda não tem testemunha” Benedita</i></p> <p>Fui muito ajudada pelo mundo gay, eles me fizeram ter consciência do preconceito e da maldade do mundo. Não era só eu, éramos todos lutando para sobreviver”, afirmou certa vez Elza Soares.</p> <p>A voz de Elza é arma contra o preconceito, contra a violência sofrida pela comunidade LGBT, voz que defende Beneditos, Beneditas, Genis, Aparecidas, desaparecidos.</p>	Comunidade / Ala Gay (1958)	Sheila

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>Canto de Resistência: Porta-Voz das Mulheres</p> 	<p><i>“É dia de falar e de ouvir também com medo de careta, dou a mão(...) Que a coragem é língua solta e solução Por nós, só nós, e o mundo inteiro pra gritar” Língua Solta</i></p> <p>Com propriedade de causa, a voz de Elza Soares se tornou um instrumento de denúncia, um canto que encoraja as mulheres a denunciar os agressores. “Eles vão se arrepender” de levantar a mão para elas.</p> <p>Elza traz, com suas músicas, o debate de temas importantes: a luta das mulheres para superar a desigualdade, a violência, o preconceito, sem esquecer o alto índice de feminicídio de mulheres negras. Basta!</p> <p>Na fantasia, uma mulher negra, com a “língua solta” (em referência à música sucesso na voz da cantora) mostra que sua voz não pode mais ser calada, é hora de luta e resistência.</p>	Comunidade (1958)	Zenilde

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Canto que Reverbera: “A Carne Mais Barata Não Está Mais de Graça”</p> 	<p><i>“A carne mais barata do mercado não tá mais de graça. O que não valia nada agora vale uma tonelada” Não tá mais de graça</i></p> <p>A voz daquela menina de Padre Miguel sempre reverberou mensagens contra a opressão. Ela que, por toda vida, foi porta-voz da periferia, amplificou seu canto para o mundo ouvir. Mensagens como a “carne mais barata não tá mais de graça” ecoam, atualmente, com muita força, reafirmando que a vida das pessoas negras importa sim. Essa voz necessária, essencial, precisa reverberar sempre... hoje mais do que nunca!</p>	Favela – Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p>A Educação é a “Mensagem do Bem”</p> 	<p><i>“ Preciso encontrar um país em que a educação possa formar cidadãos realmente” País do Sonho</i></p> <p>A ala dos compositores presta homenagem a todos os professores do Brasil.</p> <p>Elza, que teve pouco acesso à educação formal, em 2019, foi agraciada com o título de Doutora Honores Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul por sua contribuição à cultura brasileira, por sua luta contra o racismo, contra a homofobia, pelo combate à perseguição das mulheres negras.</p> <p>Esse é um dos maiores legados da obra de Elza Soares: clamar por uma educação de qualidade, universal, a maior “arma” capaz de mudar o cenário do planeta fome, de vencer o preconceito, de reverter a ignorância que ainda hoje assola nosso país.</p>	Ala dos Compositores (1958)	Domenil

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Rio de Janeiro	
Diretor Responsável pelo Atelier Léo Morais	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Ferrulla Muniz	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Adrecista Chefe de Equipe Léo Morais	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes Sapataria
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Sandra de Sá, Igor Vianna, Dr. Marcio, Solano Santos, Renan Diniz, Jefferson Oliveira, Prof. Laranjo e Telmo Augusto		
Presidente da Ala dos Compositores		
Domenil		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
90 (noventa)	Milton de Caranga 86 anos	Richard Valença 27 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>La vai, menina... Lata d'água na cabeça Vencer a dor que esse mundo é todo seu Onde a "Água Santa" foi saliva Pra curar toda ferida que a história escreveu É sua voz que amordaça a opressão E embala o irmão</p> <p>Para a preta não chorar Se a vida é uma "Aquarela" Vi em ti a cor mais bela Pelos palcos a brilhar</p> <p>É hora de acender no peito a inspiração Sei que é preciso lutar Com as armas de uma canção A gente tem que acordar Da "Lama" nasce o amor Quebrar as "Aguilhas" que vestem a dor</p> <p>Brasil, enfrenta o mal que te consome Que os filhos do planeta fome Não percam a esperança em seu cantar Ó, nega, "Sou eu que te falo em nome daquela" Da batida mais quente, o som da favela É resistência em nosso chão "Se acaso você chegar" com a mensagem do bem O mundo vai despertar, deusa da Vila Vintém Eis a estrela... Meu povo esperou tanto pra revê-la</p> <p>Laroyê é Mojubá... Liberdade Abre os caminhos pra Elza passar... Salve a Mocidade! Essa nega tem poder, é luz que clareia É samba que corre na veia</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2020, saúda sua estrela maior, ELZA SOARES, “deusa da Vila Vintém”, com a expressão: LAROYÊ Ê MOJUBÁ, um chamamento, um reconhecimento de sua grandeza. Em Yoruba, a expressão, usada comumente para o orixá Exu, o mensageiro, pode ser traduzida como “nós reconhecemos sua importância, porque você nos cobre e nos ampara com seu amor”.

Elza, na música “Exu nas escolas”, nos ensina a valorizar essa entidade que representa o movimento, a comunicação, a decisão, o poder. Na mitologia, Exu é quem traz soluções e ajuda a encontrar novos caminhos contra as adversidades. Assim como Exú representa os oprimidos, os moradores de rua, Elza se torna porta-voz daqueles com menos oportunidades.

Laroyê ê Mojubá, Elza! Abrimos os caminhos para você passar, mensageira e porta-voz de nossa comunidade. Sua história é nossa história, sua trajetória nos inspira!

LÁ VAI MENINA...

LATA D'ÁGUA NA CABEÇA

VENCER A DOR, QUE ESSE MUNDO É TODO SEU

Elza nasceu em Moça Bonita, atual Vila Vintém, e se mudou bem jovem para Água Santa. Lá, foi criada entre latas d'água, canções e muitas dificuldades. Ela que, desde menina, acordava cedo para pegar água no poço para as rotinas da casa, imortalizou a canção “Lata d'água na cabeça”, de Candeia Junior, em verdade, um reflexo da sua própria trajetória. Ela que viveu de perto tantos desastres, (a fome, a violência doméstica, a perda trágica dos filhos e da mãe), aprendeu a “vencer a dor” e seguir em frente...

ONDE A “ÁGUA SANTA” FOI SALIVA

PRA CURAR TODA FERIDA QUE A HISTÓRIA ESCREVEU

Elza, cuja fé abraça com o mesmo fervor São Jorge, Anjos, Exu, Caboclos, sempre proclamou sua religiosidade sincrética, assertiva, livre de dogmas. Sua força vem através da sua voz cuja “saliva” é, no samba-enredo, sua metonímia, a “água santa” para curar toda “ferida que a história escreveu”. Em uma história da infância contada pela cantora, uma vaca brava, que aterrorizava o bairro de Água Santa, a lambeu no rosto. O trecho “Água santa foi saliva”, ampliando o campo de significados, também faz referência a esse momento, interpretado por Elza, como uma benção.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

***SE A VIDA É UMA “AQUARELA”
VI EM TI A COR MAIS BELA
PELOS PALCOS A BRILHAR(...)
A GENTE TEM QUE ACORDAR
DA “LAMA” NASCE O AMOR
QUEBRAR AS “AGULHAS” QUE VESTEM A DOR(...)
BRASIL, ENFRENTA O MAL QUE TE CONSUME
QUE OS FILHOS DO PLANETA FOME
NÃO PERCAM A ESPERANÇA EM SEU CANTAR***

Elza trabalhou em muitos lugares: fábricas, casas de família, no circo e até mesmo em um manicômio. Seu maior sonho, no entanto, era cantar profissionalmente.

Sua estreia foi em “Calouros em Desfile”, programa apresentado por Ary Barroso, na Rádio Tupi. Ary, autor de *Aquarela do Brasil*, a princípio, não reconhece, naquela menina, a cor de um Brasil tão brasileiro, ele não viu em Elza “a cor mais bela”.

Ela, que chegou ao programa com uma camisa branca, moldada no corpo por alfinetes, seu amuleto de sorte, aprendeu, desde cedo, a se desvencilhar das alfinetadas e “agulhadas” que “vestem” a dor e o preconceito.

Ary a instigou:

- De que planeta você veio?
- Do Planeta Fome! - respondeu a jovem cantora.

Depois disso, Elza respirou e fez o que melhor sabia fazer: cantou *Lama*, de Mauro Duarte. E da lama, se reergueu, arrebatou o apresentador. “Nasce uma estrela”, previu Ary. “Da lama... nasce o amor”.

***Ó, NEGA, “SOU EU QUE TE FALO EM NOME DAQUELA”
DA BATIDA MAIS QUENTE, O SOM DA FAVELA
É RESISTÊNCIA EM NOSSO CHÃO***

Elza, com suas canções contextualizadas na dor da sua vida, foi se tornando inspiração, “voz que amordaça a opressão”. Ela se torna porta-voz daqueles que tiveram suas vozes caladas, porta-voz daqueles que têm a “batida mais quente”, “o som da favela”. A expressão “batida mais quente” nos remete a nossa bateria, “resistência em nosso chão”, composta por conterrâneos de Elza, que como ela compartilham histórias de sonhos e de lutas.

ESSA NEGA TEM PODER, É LUZ QUE CLAREIA...

Seu engajamento na superação do racismo, da homofobia, da misoginia é “luz que clareia”. A expressão mais do que um pleonasma, traz com “clareia” a intenção de elucidar, evidenciar, esclarecer as ideias. Elza tem “poder”! Sua voz confere visibilidade a quem tentaram esconder.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

***“É HORA DE ACENDER NO PEITO A INSPIRAÇÃO
SEI QUE É PRECISO LUTAR
COM AS ARMAS DE UMA CANÇÃO”***

***“SE ACASO VOCÊ” CHEGAR COM A MENSAGEM DO BEM
O MUNDO VAI DESPERTAR,***

Elza, que “traz esperança em seu cantar”, nos faz acreditar e sonhar, com suas “mensagens do bem”, porque ela TEM FOME DE EDUCAÇÃO, TEM FOME DE RESPEITO, TEM FOME DE JUSTIÇA, TEM FOME EM “VER O MUNDO DESPERTAR”.

Hoje, ela retorna de onde nunca partiu. Seu berço, sua história, sua infância, sua Mocidade.

Ela que defendeu nosso pavilhão, nossa gente, nossos sambas de enredo, tem “samba que corre na veia”.

Obrigado, Elza Soares! Sua vida é uma lição. “Esperamos tanto para revê-la. Salve a Mocidade! Salve Elza Deusa Soares!”

✓ **Observações**

1. A música “Se acaso você chegasse”, de Lupicínio Rodrigues, foi um dos primeiros grandes sucessos de Elza Soares.

2. Os termos “preta”, “nega”, “crioula” eram apelidos carinhosos que familiares e Garrincha usavam para chamar Elza.

3. A expressão “Para a preta não chorar” aponta que a voz da Elza é instrumento que acalenta o próximo, tanto melodicamente quanto como exemplo de vida. Através do seu canto, ela espera que outras mulheres negras sigam o seu exemplo, parem de chorar e se superem a cada dia. O trecho alude à canção

“Volta por cima” de Paulo Vanzolini, imortalizada por Elza.

“Chorei, não procurei esconder

Todos viram, fingiram

Pena de mim, não precisava

Ali onde eu chorei

Qualquer um chorava

Dar a volta por cima”

Elza imortalizou a expressão “Salve a Mocidade” no samba com o mesmo nome, em que homenageia Mestre André, eterno condutor de bateria da Mocidade, autor das famosas paradinhas.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Dudu Oliveira

Outros Diretores de Bateria

Eugênio, Gom, Hebert, Leandro e Gilvan

Total de Componentes da Bateria

270 (duzentos e setenta) Componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	14	0	0
Caixa 76	Tarol 0	Tamborim 40	Tan-Tan 0	Repinique 36
Prato 01	Agogô 13	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 36

Outras informações julgadas necessárias

* *06 Timbales*

Rainha de Bateria - Eis, a Estrela!

GIOVANNA ANGÉLICA

A rainha de bateria representa a estrela de Padre Miguel, a luz que ilumina os caminhos da comunidade trazendo força nas manhãs difíceis. Quem é de Padre Miguel já nasce com uma estrela no coração, a exemplo de Elza Soares, nossa estrela da noite e inspiração!

Hoje, todas as estrelas se irmanam.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia Wallace Capoeira
Outros Diretores de Harmonia Dinho Madeira, Alemão e Sandro Menezes
Total de Componentes da Direção de Harmonia 50 (cinquenta) Componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Wander Pires e Equipe
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo André Félix, Jotinha, Rafael Mello e Leandro Mello
Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Marco Antonio Marino e Wallace Capoeira

Outros Diretores de Evolução

Dinho Madeira, Alemão e Sandro Menezes

Total de Componentes da Direção de Evolução

50 (cinquenta) Componentes

Principais Passistas Femininos

Andressa Marinho, Tuany de Paula e Luanda Araújo

Principais Passistas Masculinos

Brayan Laurind, Lucas Pedro e Guilherme Lins

Outras informações julgadas necessárias

Coordenador de Ala de Passistas: George Louzada

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Marco Antonio Marino		
Diretor Geral de Carnaval Marco Antonio Marino		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Nilda		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Solacir Pires 82 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gleyce Borges 29 anos
Responsável pela Velha-Guarda Arnaldo e Cristiano		
Total de Componentes da Velha-Guarda 75 (setenta e cinco)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Wandir Trindade 82 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Fábio Azevedo 43 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Carlinhos de Jesus, Zeca Camargo, Marisa Orth, Adriana Bombom, Rafael Mike, Thais Araujo, Pedro Luis, Zabelê, Larissa Luz e Teresa Cristina		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos *	Componentes Masculinos *
Outras informações julgadas necessárias		
<p>(*) A Comissão de Frente é composta de 21 (vinte e um) Componentes, sendo 13 (treze) homens e 08 (oito) mulheres. Durante todo o desfile, apenas 15 (quinze) bailarinos estarão aparentes.</p> <p><i>Ora (direis) ouvir estrelas: ouço o som da favela, resistência em nosso chão. “...Lá vai menina lata d’água na cabeça”</i></p> <p>A comissão de frente da Mocidade Independente de Padre Miguel encena a vida da menina Elza, nascida em Moça Bonita, na favela da Vintém e criada na comunidade de Água Santa. O cenário é de casas humildes onde a menina arteira, ousada, “mulata assanhada”, subia o morro com latas d’água na cabeça para as rotinas diárias. Uma vida de escassez: falta de saneamento básico, falta de acesso à educação, falta de comida.</p> <p>O que não faltava era esforço, sorriso no rosto, resistência e sonhos. Aquela menina que brincava de pipa com os meninos, viveu, desde pequena, as dores de um mundo inteiro. Tornou-se uma mulher forte, consciente do seu papel, orgulhosa da sua cor, representante da sua comunidade: “resistência em nosso chão”.</p> <p>Seu cabelo <i>Black Power</i> é o símbolo do empoderamento, da luta dos negros por uma sociedade menos racista.</p> <p>Cada mulher ali do “fim do mundo” tem um pouco de Elza. Todas trazem consigo a capacidade de renascer sempre. A favela foi seu primeiro palco. No show da sua vida, ela sempre levou consigo as vozes caladas, quase esquecidas! Ela se fez porta-voz, porta-bandeira, inspiração de uma multidão que ganha visibilidade e esperança com seu cantar.</p> <p>Sua história é nossa história! Sua vida, sua infância, sua Mocidade! Nossas estrelas sempre brilharam juntas.</p> <p><i>Ora, diremos sem perder o senso... que ouvimos estrelas! Ouvimos e nos inspiramos! Salve Elza Deusa Soares, nossa estrela maior, esperamos tanto para revê-la!</i></p> <p><i>*Mulher do fim do mundo é o nome do álbum lançado por Elza em 2018. Ela afirma que, em Padre Miguel, existem muitas mulheres do “fim do mundo”, mulheres capazes de transformar tristeza em alegria!</i></p> <p><i>*O famoso poema “Ora (direis) ouvir estrelas! Certo, Perdeste o senso!...” é de autoria de Olavo Bilac.</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Jorge Teixeira

É formado em Educação Artística, pela Faculdade de Formação Profissional Integrada, e em Música, pela Escola de Música Villa-Lobos. Iniciou na dança, em 1987, na Escola de Dança Hortência Mollo. Diretor Artístico da Cia. Brasileira de Ballet e Fundador do Conservatório Brasileiro de Dança e da ONG Ciranda Carioca, Jorge Teixeira se destaca ao utilizar metodologia própria de ensino, o que lhe rendeu prêmios, como: “Moção de Congratulações”, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; “Melhor Espetáculo” e “Menção Honrosa”, pela Prefeitura de Cabo Frio; “Moção Aplauso”, pela Prefeitura do Carmo; “Prêmio Cultura Nota 10”, pela Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro; “Prêmio Dedicación”, pelo XIII Certamen Internacional de Danzas, “Danzamérica 2007”, na Argentina; “Prêmio de Melhor Maitre”, pelo V Fest Dance 3; Prêmio “Especial de Melhor Grupo”, em 2008 e 2009, no Festival de Dança de Joinville. Atuou como professor convidado de companhias profissionais, como: Studio de Ballet Tatiana Leskova, Cia. de Ballet da Cidade de Niterói, Deborah Colker Cia. de Dança, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Ballet Nacional Dell Sódre (Montevideú); prestou consultoria e supervisão de cursos de ballet clássico nas escolas: Ballet da Ilha de Vila Velha, Espírito Santo; Escola de Dança da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, Minas Gerais; Escola Municipal de Bailados de Ourinhos, Ourinhos, São Paulo. Hoje atua como Diretor Artístico e Pedagógico da Escola Municipal de Bailados de Ourinhos e é professor/ensaiador convidado do Ballet Nacional de Sodré, em Montevideú, Uruguai, sob a direção de Julio Bocca. Tem sido premiado com seus alunos nos principais festivais de dança do mundo, tais como: Youth América Grand Prix, New York, EUA; Prix de Lausanne, Suíça; International Ballet Competition, Beijing, China; New York Ballet Competition, EUA; Mônaco Danse Fórum, Mônaco; USA/IBC International Ballet Competition, Jackson. Orgulha-se de ter formado bailarinos que atuam em grandes companhias, pelas Américas e Europa. Desde 2007, assina como coreógrafo a Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, atualmente no G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Saulo Finelon

Iniciou seus estudos de ballet, em 1994, na Escola de Danças Maria Olenewa. Ingressou no Grupo Thalhe, em 1995, passando a ter aulas com o professor Jorge Texeira. Em 1996, foi aprovado para a Cia de Ballet da Cidade de Niterói, onde atuou como solista do ballet “Caminhada”, do coreógrafo Rodrigo Moreira. Em 1997, foi aprovado em audição pública para o Corpo de Baile do TMRJ, atuando como solista em vários espetáculos, tais como “Suíte em Blanc”, de Lifar; “Divertissements No 5”, de Ballanchine; “Les Pressages”, de Massine; “Daphinis e Cloé” de Fokine; “Amigos de Copélia”, de Henrique Martinez. Ensaiou sob a orientação de Jean Yves Lourmaux (etóile da Ópera de Paris), então diretor do TMRJ, o primeiro papel de Príncipe Desirée, do ballet “A Bela Adormecida”, de Marius Petipa. Em 2001, atuou como solista em: “As Quatro Estações”, com música de Verdi e coreografia de Gustavo Malojoli; “A Megera Domada”, de John Cankro, no papel de Inocência; “O Quebra-Nozes”, de Dallah Achcar. Integra o elenco da Cia Brasileira de Ballet como bailarino convidado, desde a sua reestreia, em 2001. Em 2002, foi aprovado como Bailarino Estatutário do TMRJ. A partir de 2003, passou a atuar como assistente/ensaiador do professor Jorge Texeira, nas companhias de Ballet da Escola Petite Danse e na Cia Brasileira de Ballet. Atuou como assessor artístico do Conservatório Brasileiro de Dança, desde a sua inauguração, em 2007, até 2011. Desde 2004, é modelo exclusivo das grifes internacionais de artigos de dança e fitness “Só Dança”, “Kerche&Kerche” e “Trinys”, atuando como bailarino/modelo em desfiles do evento “Fashion Rio”. No filme “A Dona da História”, de Daniel Filho, dançou com as atrizes Débora Falabella e Fernanda Lima. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, participou, como bailarino convidado da Cia. Brasileira de Ballet, de diversas turnês internacionais, pelas seguintes cidades: Mônaco, Miami e Nova York (EUA), Beijing (China) e Córdoba (Argentina). Desde 2007, é assistente do coreógrafo Jorge Texeira, nas coreografias Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, como Portela, Grande Rio e, atualmente, para a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca. OBS: Jorge Texeira e Saulo Finelon são os coreógrafos campeões do carnaval carioca de 2017 com a Mocidade Independente. Foram os criadores da coreografia que embalou o voo mágico do Aladdin pela Sapucaí!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Diogo Jesus	Idade 28 anos
1ª Porta-Bandeira Bruna Santos	Idade 22 anos
2º Mestre-Sala Jeferson Pereira	Idade 22 anos
2ª Porta-Bandeira Isabela Moura	Idade 18 anos

Outras informações julgadas necessárias

Coreógrafa dos Casais: Vânia Reis

Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - “A Inspiração do Louva-a-Deus”

Entre tantas histórias que permeiam o cotidiano de Elza Soares, sua ligação com o inseto Louva-a-deus é um capítulo à parte. Para defender esses animais, ela, bem jovem, se envolveu em muitas brigas e acabou, por conta disso, conhecendo seu primeiro marido.

Elza sempre se sentiu hipnotizada pelo zumbido do animal. Tentando imitá-lo, foi inocentemente apurando sua voz, criando seus “scats” - os grunhidos que fazem do seu canto algo tão pessoal e encantador.

O animal - símbolo de sorte, de renascimento e de fé - inspira nosso primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira que louva a Deus para que essa benção reverbere pela avenida.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Coreógrafa dos Casais: Vânia Reis

Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: A Africanidade de Mercedes Batista.

O segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira presta homenagem a Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, precursora da dança afro-brasileira pelo mundo e responsável pela disseminação das alas coreografadas do carnaval carioca.

Mercedes tem um capítulo especial na vida de Elza Soares, sendo responsável por inserir seu nome no cenário cultural da época. A bailarina convidou Elza para cantar na peça “*É tudo Jujufru*”, que se apresentou inclusive fora do Brasil. Mercedes representa para Elza a primeira oportunidade de trabalho bem como inspiração na luta contra o preconceito e na divulgação da temática africana.



G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS



**PRESIDENTE
RICARDO ABRÃO DAVID**

“Se Essa Rua Fosse Minha”



Carnavalescos

ALEXANDRE LOUZADA E CID CARVALHO

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Se Essa Rua Fosse Minha”					
Carnavalesco Alexandre Louzada e Cid Carvalho					
Autor(es) do Enredo Alexandre Louzada e Cid Carvalho					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alexandre Louzada e Cid Carvalho					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alexandre Louzada e Cid Carvalho					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Turismo Religioso. Ensaaios Antropológicos Sobre Religião e Turismo	ABUMANSSUR, Edin Sued. (Organizador)	Papiros	2003	Todas
02	Caminhos da História: Estradas Reais e Ferrovias	CAMPOS, Helena Guimarães.	Fino Traço	2012	Todas
03	A Arte da Peregrinação: para o Viajante em Busca do que lhe é Sagrado	COUSINEAU, Phil.	Agora	1999	Todas
04	Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: o Outro Lado do Mito	FURTADO, Júnia Ferreira.	Companhia das Letras	2003	Todas
05	A Civilização Romana	GRIMAL, Pierre.	Edições 70	2015	Todas
06	Caminhos e Fronteiras	HOLANADA, Sérgio Buarque de.	Cia. das Letras	2017	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
07	On the Road – Pé na Estrada	KEROUAC, Jack.	L&PM Editores	2004	Todas
08	As Primeiras Civilizações	PINSKY, Jaime.	Editora Contexto	2018	Todas
09	As Minas Setecentistas, Volume 02; História de Minas Gerais	RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Organizadores)	Autêntica; Companhia do Tempo	2007	Todas

Outras informações julgadas necessárias

O Carnavalesco é, antes de tudo, um curioso. Apaixonado. Pessoa que mesmo quando ainda pequenina, se nota clara inquietação; gritante ou silenciosa.

O Carnavalesco é a criança que arquiteta castelos de areia, que brinca com a imaginação ao descobrir desenhos em nuvens, que se encanta com as possibilidades de criar apenas com lápis e papel. Que se espanta quando evolui para aquarela e pincel, que fica hipnotizado com toda forma de arte.

Moleque cheio de sonhos, que anseia por uma chance de roubar a cena; alguém que busca os caminhos do coração para o Pavilhão ser digno de aplausos no final da Avenida.

É a Apoteose. Essa menina faceira que nos convida a bailar na pista, que instiga a alma de artista, explosão da alegria contida, o grito preso na garganta; é o frio na barriga que incendeia quando se pisa na Passarela.

O Carnavalesco é um grande comunicador de massas, um servo da arte, canal que entra em sintonia com o povo para apresentar o novo, vestido de poesia e beleza; que sabe fazer do folião plebeu, um legítimo nobre da realeza.

Alexandre Louzada e Cid Carvalho são artistas plásticos renomados e carnavalescos experientes. Ambos estão em suas respectivas segundas vivências na Beija-Flor de Nilópolis, e enquanto membros da extinta Comissão de Carnaval, participaram ativamente de conquistas distintas de 08 dos 14 títulos da Escola; e no Carnaval 2020, assumiram juntos a missão de coordenar e conduzir o projeto carnavalesco “*Se Essa Rua Fosse Minha*”.

Referências Virtuais:

<https://br.pinterest.com>

www.google.com.br

<https://pt.wikipedia.org>

HISTÓRICO DO ENREDO

O ímpeto de caminhar. O instinto de sobrevivência que nos impulsiona a seguir adiante. A cada descoberta, uma conquista. Descortinam-se novos horizontes. O *Senhor dos Destinos* é a *Energia de Luz* que dá asas aos nossos pés; é a fé que nos guia, abrindo os caminhos para o Beija-Flor passar e apresentar o voo lúdico “*Se Essa Rua Fosse Minha*” na mágica Avenida onde os sonhos ganham vida, através de foliões que, vestidos de fantasias, vêm brincar o Carnaval entre o real e a imaginação.

Odara ê! Que essa *Energia de Luz* ilumine o nosso percurso tal qual farol a nos guiar, firmando o nosso samba desde a encruzilhada do ponto de partida, até a linha de chegada.

Passo a passo, percorremos o caminho cientes de que não estamos sozinhos. Força motriz é farol a iluminar cada pedacinho do trajeto por onde vamos passar.

Enquanto conceito, o termo *rua* deriva do latim *ruga*, posteriormente “*sulco, caminho*”; que no contexto etimológico, histórico, cultural e turístico que abrange o senso coletivo e o imaginário popular, normalmente é compreendido enquanto o espaço público no qual o direito de ir e vir é amplamente assegurado.

Quantas experiências, viagens, transformações, realizações, até que o povo se tornasse o legítimo dono da rua... Porque há muito caminha a humanidade, e a nossa jornada tem início em tempos deveras longínquos... Gélidas eras imemoriais marcam o princípio dessa viagem carnavalesca; quando em algum momento, num passado distante, o Homem se viu de pé, e então, deu um passo à frente. Um primeiro passo, rumo ao desconhecido.

Travessias superando ventos frios, feitos de sociedades primitivas, antigas civilizações. Por necessidade, curiosidade e determinação, seguiu-se o fluxo. Invenções como a roda foram determinantes para a evolução.

É esse instinto de seguir adiante, fundamental para se manter de pé nas estradas da vida, que segue impulsionando homens e civilizações através dos tempos.

Andarilhos, solitários ou em grupos, seguem seus destinos, sem saber ao certo o que vão encontrar e aonde vão chegar; mas parado, não se chega a nenhum lugar, há que continuar o percurso...

O descobrimento de novas rotas trilhadas no passado interligam pontos longínquos, pessoas, estabelecem relações distintas; fomentam acordos, comércio, negócios.

No balanço das marés, estradas das águas conduzem ao Novo Mundo e revelam o Eldorado. Indígenas nativos cortam as florestas verdejantes e abrem as veias pelas quais desbravadores bandeirantes enveredam seguindo as pegadas deixadas, demarcando territórios. Enfim, a Estrada Real.

Gradativamente, mata, mato, pedra, pedaços de pés de moleques, calçamento, pavimentação, asfalto. O termo *rua* em seu sentido urbano e contemporâneo.

Enquanto a razão cimenta e solidifica o chão que a gente pisa, para que não nos falte o chão – ou mesmo quando este parece abrir sob os nossos pés, é justamente nesse momento, que buscamos o Caminho da Fé.

Valores e ritos escritos em livros sagrados alimentam a crença que move, remove e vence montanhas, operando milagres suplicados por devotos fiéis em tantos altares, diferentes andores.

Promessas, peregrinações, romarias, procissões. Símbolos divinos, santificados, rituais diversificados, que retratam o respeito e a reverência nas mais variadas crenças e filosofias. Joelhos dobrados, mãos impostas, olhares elevados aos céus, pedidos amarrados em laços de fitas, a busca incessante por sentido, direção, respostas, iluminação, redenção.

Estórias de brava gente guerreira que traça o seu destino, que busca realizar seus sonhos e desejos mais profundos, e assim, conquistar o mundo. Rotas terrestres, caminhos marítimos, crescimento, progresso, multiplicação.

Ruas de diferentes cantos do planeta conquistam transeuntes e turistas, que vão e vêm, a contemplar a história de tantos recantos que despertam encanto, imortalizados em cartões-postais, souvenirs, lembranças; guardadas com afeto nas paredes da memória, feito um poema à beira-mar.

E como dissemos antes, nessa mágica Avenida onde os sonhos ganham vida, o desejo é o que torna o irreal possível. A criatividade e a imaginação alçam voo e se encontram nas asas do Beija-Flor, pois o céu é o limite para quem ousa sonhar.

A mente vagueia, cruzando portais espirais, percorrendo vias celestiais em meio ao cintilar das estrelas, planeja erguer a Torre de Babel, encontra a saída para o labirinto

do temido Minotauro, onde habitava a terrível criatura; enquanto a magia das setes cores do arco-íris revela o caminho dos gnomos para a prosperidade, onde tesouros estão escondidos em potes de ouro. Não obstante, ladrilhos com pedrinhas de brilhante enfeitam o trajeto por onde vão passar os nilopolitanos, nossos verdadeiros diamantes.

É o festival de prata em plena pista, é o sorriso alegre do sambista, é a celebração do povo enquanto dono da rua, é a *gira* correndo na Avenida, é a rua do Beija-Flor!

SINOPSE

Sob o véu da noite que nos envolve agora, céu e chão num turbilhão de estrelas, firma meu samba nessa encruzilhada, o seu ponto de partida, a esquina onde dobram sonhos de tantas vidas, onde os destinos são traçados na mágica rua, na rua do Marquês, que também é minha, é sua. Na hora em que a Avenida se ilumina, a lua, despida, torna-se vazia e então, para brincar o Carnaval, põe-se a vestir-se de fantasia.

Laroyê! Peço licença às entidades, bênçãos e passagem aos que nos regem do além, e peço que nos iluminem com seu rastro de luz, nos guiem e nos façam brilhar também. Hoje, meu "*Pássaro Encantado*" vem beijar o chão que pisa, ele, que é tão bem acostumado, vem contar mais histórias de rumos, rotas, trajetórias, caminhos e estradas por onde a humanidade passou.

Pelas vias riscadas na terra, minha gente por elas atravessou. Ainda sem fronteiras, conheceu reinos de Âmbar, de Prata, de Ouro e de Seda, seguindo os passos dos aventureiros viajantes com que o vasto mundo interligou.

No balanço das ondas, bravos navegantes nos caminhos do mar aberto, ao sabor do vento, com o saber dos astros que apontam para o oriente, partiram, pois navegar foi preciso rumo ao Cabo das Tormentas, destino impreciso que, por sua vez, acalma o oceano e conduz os viajantes ao Novo Mundo. Mundo por tantas lendas afamado, com tantos sonhos acalentados, de impérios longínquos, de tesouros escondidos, de estradas esculpidas no topo do mundo, de um mágico reino chamado Eldorado.

Eis que nova terra então se revela. No facão que fere a mata verdejante e impunha a bandeira donatária, ao desbravar a trilha dos índios, se faz Estrada Real, da Vila Rica, em chagas abertas no chão de onde brotaram ouro e diamantes, para a Corte de Portugal. E a nobre cidade sagrada, à São Sebastião, cobriu o barro de seus becos e vielas de pedras assentadas, pisadas por pés de moleques.

Ruas que assim também se fizeram rumos de devoção, estradas de passos peregrinos, “Paços” de milagres, andanças de louvação, vias dolorosas de flagelos e martírios, caminhos de pedidos e promessas, de graças e de perdão, no andar com fé em procissões e romarias, que seguem andores e altares, de Josés e Marias, no fervor das tochas e velas que acendem almas e corações.

Ruas sem fim que contam histórias. Ruas que conhecemos sem sequer passar por elas. Ruas do mundo afora que são cartões-postais, ou que simplesmente são lembradas por quem nelas moram. Ruas de desejos, de saudades, de lembranças de seus recantos e encantos. Ruas de todo canto, sejam elas as mais belas ou aquelas que nos atraem, simplesmente pelo seu vem e vai. Sejam elas a avenida elegante de Paris ou de Nova York, sei lá, talvez uma mão inversa de Londres ou “El Caminito”, em Buenos Aires, para “un tango bailar”; ou, melhor ainda, aquelas onde a brisa sopra de um “eterno cantor” em suas ondas ao quebrar, que espalham beleza e calor, nas calçadas famosas onde se declara amor à “Princesinha do Mar”.

Mas, afinal, são estradas fantásticas, lendárias, de se ouvir falar, ou, melhor, são elas talvez frutos que só a imaginação alcança, tão impossíveis de se chegar. Para que isso aconteça, basta querer e sonhar. E por que não deixar se levar nessa viagem que a mente pode criar, seja pela Via Láctea passear, ou a Torre de Babel alçar, e a morada de Deus visitar. Ou, quem sabe, desafiar a mitologia e, no Labirinto do Minotauro, a tão desejada saída encontrar; ou, talvez, num passe de mágica, na estrada de tijolos de ouro, no final do arco-íris, poder chegar.

Enfim, são tantos caminhos a percorrer, tantas estradas que se mostram naturais, virtuais ou do destino, estradas da vida de cada um de nós. Mas eis que chega ao fim essa viagem. É aqui o caminho do sonhar, na Rua das Ruas, a razão desse meu caminhar, onde mora nossa missão de vida, onde o samba escolheu habitar e de onde o meu povo chega de seu próprio caminho vindo do seu lugar. É a Rua de todos no seu momento de por aqui passar. Mas, agora, é a minha hora, a minha vez de lhes mostrar que essa Rua, nesse instante, é só minha e, como o sonho me permite, essa Rua eu vou ladrilhar com pedrinhas de brilhantes para o meu Beija-Flor voar.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O enredo é o momento de grande inspiração do artista. Ao redigi-lo, ele deixa transparecer os seus sonhos. E, é exatamente de um êmulo onírico que o enredo do GRES Beija-Flor de Nilópolis nasceu. Na esquina da Avenida Presidente Vargas, local onde as Agremiações montam o seu desfile e concentram, na famosa curva, que tanto nos arrepia e emociona, no momento em que a Escola está adentrando a Avenida Marquês de Sapucaí, o placo do Samba, foi ali naquela encruzilhada que o tema foi gestado. Falar de trilhas, rotas, caminhos, estradas, ruas, avenidas, becos, vielas e ladeiras é o tema da Agremiação nilopolitana.

O enredo apresenta uma argumentação histórica. Defende que a abertura de caminhos foi um imperativo para o homem conquistar a sua soberania aqui na Terra, bem como garantir a sua sobrevivência. Na Antiguidade criou novas invenções, abriu estradas e vias, como também estabeleceu rotas de comércio. Para sair do miolo da Europa, desbravou mares, estabeleceu novos caminhos, encontrou novos povos, também construíram estradas e trilhas. O Brasil não ficou de fora, pois desde os tempos coloniais foram abertos caminhos para escoar nossas riquezas para enviá-las para o exterior, estradas essas de chão ou de pedras pés-de-moleque.

Além do viés histórico, há uma nítida direção cultural, pois considera as ruas como um espaço de fé, repletas de caminhos para os fiéis em seu momento de fervor e adoração. Ademais, menciona ruas e avenidas famosas do mundo, cada uma delas com o que possui de peculiar, e a importância das mesmas para a vida social. E, as ruas também geraram mitos e lendas, e até os nossos dias povoam a nossa mente.

E, por fim, o ponto final do enredo, a “Rua das Ruas”, a Marquês, onde depois de realizar esse sonho, se perder nos braços de Morfeu, todos nos encontramos, aqueles que vivem, trabalham e moram nas ruas. Realizamos esse momento mágico do desfile, e encerramos na Praça da Apoteose. Como ela é minha, é sua, é nossa, mandamos ladrilhá-la e a deixamos brilhando, como num festival de prata e diamantes, pois a Beija-Flor por ela passou e deixou uma mensagem ricamente cultural.

O enredo, portanto, não considera as ruas e avenidas apenas espaços geográficos. Elas são mais do que isso. Elas são vida, história, burburinho, vai e vem, agitação, calma. Por elas, a vida social flui.

Mais uma vez, a Agremiação nilopolitana investe e acredita num enredo cultural, pois acredita que os valores culturais podem mudar e transformar a sociedade em que vivemos.

ROTEIRO DO DESFILE

Comissão de Frente
O DONO DA RUA

Grupo de Abertura – Ala da Comunidade
SENHOR DOS CAMINHOS

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Claudinho Souza e Selminha Sorriso
O SOL – ILUMINADOR DOS CAMINHOS

Ala 01 – Ala da Comunidade
A ERA DO GELO – AS PRIMEIRAS
JORNADAS

Destaque de Chão
Thaís Müller
GLACIARES

Alegoria 01 (Abre-Alas)
O VOO DO BEIJA-FLOR GLACIAL

Ala 02 – Ala da Comunidade
ANUNNAKI – DO CAMINHO DAS
ESTRELAS AO ALVORECER DA
CIVILIZAÇÃO

Ala 03 – Ala da Comunidade
SUMÉRIOS – A INVENÇÃO DA RODA

Ala 04 – Ala Vamos Nessa e
Ala 1001 Noites
ESTRADA REAL DA PÉRSIA – A ROTA
DO ÂMBAR

Ala 05 – Ala das Baianas (Comunidade)
ROTA DA SEDA

Ala 06 – Ala da Comunidade
ETRUSCOS – O VAI E VEM NAS ROTAS
DE COMÉRCIO

Ala 07 – Ala da Comunidade
ROMANOS – A EXPANSÃO DE UM
GRANDE IMPÉRIO

Destaque de Chão
Sávia David
LÍBERA – A LIBERDADE DE IR E VIR

Alegoria 02
TODOS OS CAMINHOS LEVAM À ROMA –
REGINA VIARUM

Ala 08 – Ala das Baianinhas (Comunidade)
NO CABO DAS TORMENTAS QUE O
MAR LEVOU – CAMINHO MARÍTIMO
PARA AS ÍNDIAS

Ala 09 – Ala Signus e Ala Tudo por Amor
OS INCAS – CAMINHOS NO
TOPO DOS ANDES

Ala 10 – Ala da Comunidade
NATIVOS DE *PINDORAMA*

Ala 11 – Ala da Comunidade
BANDEIRANTES – DESBRAVADORES
A CAMINHO DO OURO

Destaque de Chão
Jojo Toddynho
XICA, RAINHA DO TIJUCO

Destaque de Chão
Thiago Avancçi
CONTRATADOR DO ARRAIAL DO
TIJUCO

Ala 12 – Ala da Comunidade
NOBRES DO ARRAIAL DO TIJUCO

Ala 13 – Ala da Comunidade
PÉ-DE-MOLEQUE – PELAS RUAS DO
RIO NO TEMPO DE DEBRET

Destaque de Chão
Charlene
MUCAMA EM DIA DE FESTA

Alegoria 03
NO RIO DO TEMPO DE DEBRET:
AS RUAS DE PÉ-DE-MOLEQUE

Ala 14 – Ala Borboletas e Ala Tom e Jerry
MECA – SEGUINDO OS PASSOS DO
PROFETA

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
David Sabiá e Fernanda Love
HINDUS

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Mosquito e Emanuelle Martins
HINDUS

4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
José Roberto e Naninha Fidellys
HINDUS

Ala 15 – Ala da Comunidade
BUDISMO – A ESCALADA AOS
MONASTÉRIOS NO TOPO DO MUNDO

Ala 16 – Ala da Comunidade
JUDAÍSMO – PROFISSÃO DE FÉ NA
CIDADE SANTA

Rainha de Bateria
Raíssa Oliveira
LUA CIGANA

Ala 17 – Bateria
CIGANOS – A ESTRADA É MINHA
PÁTRIA

Ala 18 – Passistas
LAVAGEM DO BONFIM

Ala 19 – Ala da Comunidade
PEREGRINO NO CAMINHO DE
SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ala 20 – Ala Amigos do Rei
PEÃO – ROMEIRO DE APARECIDA

Ala 21 – Ala da Comunidade
PROCISSÃO – ANJO GUARDIÃO

Alegoria 04
SAGRADOS VALORES, EM TANTOS ALTARES
E TANTOS ANDORES

Ala 22 – Ala Jovem Flu e Ala Karisma
BROADWAY – A RUA DOS GRANDES
MUSICAIS

Ala 23 – Ala da Comunidade
CHAMPS-ÉLYSÉES – O CHARME E A
MODA DE PARIS

Ala 24 – Ala da Comunidade
ABBAY ROAD – A ETERNA
TRAVESSIA DOS BEATLES

Ala 25 – Ala da Comunidade
EL CAMINITO – ENTRE O PASSAR DOS
ANDANTES, OS PASSOS DO TANGO
DANÇANTE

Ala 26 – Ala da Comunidade
COPACABANA,
PRINCESINHA DO MAR

Destaque de Chão
Nicole Bahls
NO AZUL DO
MAR DE COPACABANA

Alegoria 05
COPACABANA – FEITO UM POEMA A BEIRA-
MAR, CANTO PRA TE VER PASSAR

Ala 27 – Ala Cabulosos e Ala Dá Mais Vida
VIA LÁCTEA – O CAMINHO DAS
ESTRELAS

Ala 28 – Ala da Comunidade
TORRE DE BABEL – O CAMINHO QUE
LEVAVA A DEUS

Ala 29 – Ala da Comunidade
LABIRINTO DO MINOTAURO – UM
BECO SEM SAÍDA

Destaque de Chão
Yago Mapoua
FADA DO ARCO-ÍRIS

Ala 30 – Ala da Comunidade
GNOMOS – O OURO GUARDADO NO
FINAL DO ARCO-ÍRIS

Ala 31 – Ala das Crianças (Comunidade)
ONTEM, HOJE, SEMPRE BEIJA-FLOR

Ala 32 – Ala da Comunidade
COM PEDRINHAS DE BRILHANTES
PARA A BEIJA-FLOR PASSAR

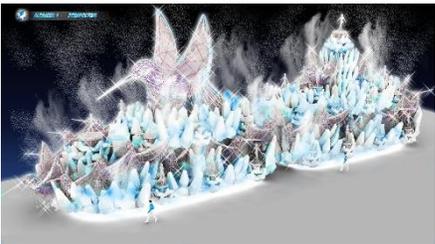
Destaque de Chão
Sônia Capeta
MARAVILHOSA E SOBERANA BEIJA-FLOR

Alegoria 06
NAS ASAS DO BEIJA-FLOR, O VOO MÁGICO
NA RUA DO MARQUÊS

Ala 33 – Ala da Comunidade
NUM FESTIVAL DE PRATA EM PLENA
PISTA, O POVO É O DONO DA RUA!

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Cid Carvalho e Renato Esteves		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“O VOO DO BEIJA-FLOR GLACIAL”</p> 	<p>A primeira alegoria tem como tema a última Era do Gelo, período geológico em que a temperatura da Terra caiu bruscamente e permaneceu assim por um longo tempo, causando a formação de extensos mantos de gelo sobre a superfície do planeta. O ancestral do ser humano, chamado de homem de Cro-Magnon, população primitiva de <i>Homo sapiens</i>, viveu na última Era do Gelo e conviveu com animais hoje extintos. Na alegoria o Beija-Flor, símbolo maior da Agremiação, refaz a caminhada do homem por essa Era Glacial.</p> <p>No centro da alegoria visualizamos a escultura do Beija-Flor, que conduzirá a narrativa do enredo pela história da humanidade, mostrando a importância das rotas, trilhas, caminhos, estradas, ruas e avenidas para o incremento da civilização.</p> <p>Visualizamos ao longo de toda a alegoria inúmeros cristais de gelo, que em função das alterações climáticas de elevação da temperatura que acontecem nessa última Era do Gelo, começam a se desprender das geleiras. A Terra começa a esquentar novamente. Os primeiros raios de sol despontam no horizonte. E, observa-se um brilho nos céus noturnos nas regiões polares, em decorrência do impacto de partículas de vento solar com a alta atmosfera da Terra, canalizadas pelo campo magnético terrestre. É a aurora boreal (Hemisfério norte) ou aurora austral (hemisfério sul). Os tons boreais iluminam a alegoria como ocorre durante o fenômeno. É a luz chegando na aurora do amanhecer, e iluminando a caminhada do homem para a sua conquista da Terra.</p> <p>* Destaque Central – Aurora Austral * Destaque Alto – Cro-Magnon os Primórdios do Caminhar da Humanidade * Composição – Beija-Flor Glacial (Feminino) * Composição – Beija-Flor Glacial (Masculino)</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Cid Carvalho e Renato Esteves		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA – REGINA VIARUM</p> 	<p>A segunda alegoria tem como tema homenagear o Império Romano, uma vez que foi o precursor na construção de grandes estradas, infraestrutura física vital para a manutenção e desenvolvimento do Estado Romano. Elas foram construídas a partir de cerca de 300 a.C., através da expansão e consolidação da República Romana e do Império Romano. Elas forneceram meios eficientes para o movimento terrestre dos exércitos, de funcionários do governo e de civis, além de comunicações oficiais e bens de comércio.</p> <p>A Via Ápia foi uma das principais estradas da antiga Roma. Recebeu este nome em memória do político romano Ápio Cláudio Cego, que iniciou sua construção em 312 a. C., na República Romana. Inicialmente a estrada estendia-se de Roma a Cápuia, numa distância de 300 quilômetros. Posteriormente, já no Império, foi ampliada para passar por Benevento, Taranto, até Brindisi (254 a. C.), chegando a uma extensão de 600 quilômetros. Era chamada, em latim, de <i>Regina Viarum</i> (rainha das estradas).</p> <p>A alegoria apresenta na parte frontal dianteira duas bigas puxadas por cavalos. Na parte traseira observam-se também a imagem das mesmas duas bigas puxadas por cavalos. A biga era uma carroça de duas rodas, movida por dois cavalos, e foi usada na Antiguidade como carro de combate.</p> <p>Observam-se colunas romanas com a imagem da face do Ápio.</p> <p>Na parte central da alegoria visualizamos uma escultura que representa a figura de um imperador romano.</p> <p>A alegoria é toda trabalhada com a simbologia do Império Romano, sobretudo a águia e o leão.</p> <ul style="list-style-type: none"> * Destaque Frontal – “Regina Viarum” * Destaque Central Alto – Ápio Cláudio Cego * Semi-Destaque Lateral – Vestais Romana Guardiãs do fogo eterno. * Semi-Destaque – Tribunus Consulares * Composição – Legionários Romanos

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho e Renato Esteves

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>NO RIO DO TEMPO DE DEBRET: AS RUAS DE PÉ-DE-MOLEQUE</p> 	<p>A alegoria tem como tema as ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX, momento em que o pintor francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) por aqui viveu e morou.</p> <p>Debret (escultura central da alegoria) retratou em suas telas cenas de rua da cidade, o cotidiano, o vai e vem, quando o Rio de Janeiro era a capital do Império Português. Na época, as ruas eram estreitas e pouco cheirosas, e o calçamento era todo feito de pedras chamadas pé-de-moleque.</p> <p>A plástico escolhida para essa retratação foi pensada em tons de sépia e bege, com a intenção de parecer fielmente à cena, como um esboço ainda por ser colorido, dando a ideia de um ar antigo, amarelado pelo tempo.</p> <p>Na alegoria observamos na parte frontal e lateral 6 (seis) esculturas de escravos vendedores. Os donos de escravos não os utilizavam apenas no serviço doméstico. Para aumentar seus rendimentos, os empregavam como “negros de ganho”. Eles trabalhavam nas ruas, e vendiam de porta em porta todo tipo de mercadoria: aves, verduras, legumes, doces, licores, etc.; outros armavam seus tabuleiros em esquinas movimentadas, nas escadarias das igrejas e nas praças, oferecendo aos gritos os artigos à venda.</p> <p>Observamos também o casario típico da época, formado por sobrados, reproduções pintadas a mão de cenas retratadas por Debret, e a iluminação de lampiões, típica da época.</p> <p>No centro da alegoria nota-se a reprodução de uma pintura de Debret (“Escravos na Moenda”).</p> <ul style="list-style-type: none"> * Destaque Central Meio – A Mordaça da Escravidão * Destaque Central Alto – Aclamação do Imperador * Destaque Central Baixo – Carlota Joaquina Requiem para a Imperatriz do Brasil * Semi-Destaque Lateral – Mucamos da Casa Real * Composição – A Rua sob os Pés-de-moleque

FICHA TÉCNICA

Alegorias

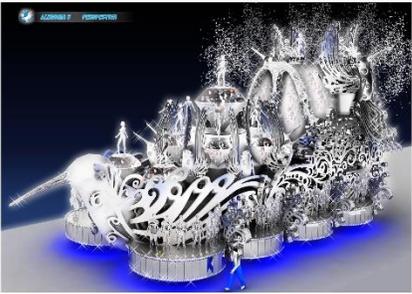
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Cid Carvalho e Renato Esteves		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>SAGRADOS VALORES, EM TANTOS ALTARES E TANTOS ANDORES</p> 	<p>A alegoria representa um altar erguido em consagração à Virgem Maria, utilizando a técnica de escultura em metal (alumínio) pintado de ouro, ladeado por 4 (quatro) anjos, igualmente trabalhado em metal, proporcionando uma linguagem de vanguarda, inspirada no estilo barroco.</p> <p>A grande escultura da Santa de quase 20 (vinte) metros de altura foi feita de forma retrátil para que pudesse atingir tal altura.</p> <ul style="list-style-type: none"> * Destaque Central Alto – Guardião do Sacrário * Destaque Frontal Baixo – Aura Divina * Semi-Destaque – Séquito Angelical
05	<p>COPACABANA – FEITO UM POEMA A BEIRA-MAR, CANTO PARA TE VER PASSAR</p> 	<p>A alegoria tem como tema uma homenagem à Copacabana, a praia mais famosa do mundo, chamada de “a princesinha do mar”, imortalizada no samba <i>Copacabana</i>, com letra de Alberto Ribeiro e música de João de Barro, o Braguinha, gravado originalmente em 1946, por Dick Farney, e, depois várias vezes regravada, inclusive por Tom Jobim no período da Bossa Nova.</p> <p>A alegoria tem como escultura central uma grande sereia, coroada como princesa em seu castelo de areia, conduzida em seu cortejo por golfinhos, símbolo do extinto Estado da Guanabara (esculturas na parte frontal da alegoria), e ladeada por suas emblemáticas calçadas de desenho sinuoso que lembram ondas (laterais da alegoria).</p> <ul style="list-style-type: none"> * Destaque Central – O Sol que Doura a Areia * Destaque Central Baixo – Poema à Beira Mar * Semi-Destaque lateral alto – Damas da Corte de Areia * Semi-Destaque Lateral Baixo – Cortejo do Fundo do Mar * Composição – Sereias de Copacabana * Composição – Tritão sobre as Ondas

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho e Renato Esteves

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>NAS ASAS DO BEIJA-FLORES, O VOO MÁGICO NA RUA DO MARQUÊS</p> 	<p>A alegoria que encerra o desfile faz alusão à rua Marques de Sapucaí, onde a nossa Escola, assim como as demais Agremiações, desfilam seus sonhos de carnaval. Consiste em uma visão poética, de um grande Beija-Flor conduzindo a nossa Velha Guarda ao ápice do desfile, retratando a Praça da Apoteose como um grande ninho de diamantes, parafraseando a cantiga de roda “Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar com pedrinhas de brilhante”.</p> <ul style="list-style-type: none"> *Destaque Central Meio – Joia Rara Beija-Flor *Semi-Destaque Lateral Baixo – Beija-Flor em Voo Brilhante *Destaque Central Alto – O Brilho sobre a Apoteose *Composição – Com Pedrinhas de Brilhantes para te Ver Passar * Velha Guarda – Tesouro Nilopolitano

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Fabíola David	Advogada
Micaela David	Estudante
Raíssa Oliveira	Rainha de Bateria / Empresária
Alessandra Pirotelli	Empresária
Sávia David	Advogada / Fisculturista
Charlene	Musa da Escola
Sônia Capeta	Eterna Rainha de Bateria
Zezito Ávilla	Estilista
Marquinhos Jasmim	Produtor de Eventos
Jojo Toddyinho	Cantora / Digital Influencer
Isabella Santoni	Atriz
Yago Gomes <i>Mapoua</i>	Humorista / Youtuber
Nicole Bahls	Atriz
Edson de Assis	Empresária
Cássio Dias	Analista de Sistemas / Servidor Público
Samile Cunha	Professora Universitária
Cláudia Lobo	Empresária
Suzana	Empresária
Thiago Avancci	Empresário Industrial
Local do Barracão	
Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Marcos Reis Fernandes e Alexandre Esposito “Jiló”	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
Cláudio José Fernandes e Paulo Roberto Quirino	João Paulo Ferreira de Souza
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Elson Cardoso, Wagner Amaral, Willian Mansour e João “Sorriso”	Glemberg Castro
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
André Reis – Dedé “Light City”	Cláudio Kal

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Marcos Reis e Alexandre Esposito	- Diretores Financeiros e Administrativos
Bianca Behrends	- Diretora Cultural
Victor Santos, Ubiratan Silva, Rodrigo Pacheco e Léo Mídia	- Departamento de Carnaval
Lenile Pessoa, Vanessa Houlet e Raphaela Reis	- Administração / Departamento de Compras
Andriane Lins	- Designer Gráfico
Rosângela Melo	- Diretora de Marketing e Assessora Comercial
Fernando Mello	- Diretor Comercial e de Projetos e Parcerias
Miro Lopes	- Imprensa
Cláudio Braga	- Analista de TI
Ricardo “Cacá” Reis Belém e Renato Cavallari	- Supervisores de Barracão
Jorge Baiano, Cara Preta, Sorriso e Bolinha	- Equipe de Fibra / Empastelação
Carivardo Vieira, Tácio Vieira e Marcel Vieira	- Equipe de Movimentação e Efeitos Especiais (Parintins)
Mário Sérgio e Rogério Wiltgen	- Equipe de Iluminação
Jorginho Elias Leite, Bira (Ubiracy), Gilmar Basílio “Russo” e Henrique Guacy	- Almoxarifado
Batista	- Metal
Beatriz Cristina Rosa da Silva	- Hidráulica
Caroline Beltrão	- Recepcionista
Edgar Laurindo, Elson “Bigode” e Cléber Santos Cunha	- Boutique
Samantha e Kelly	- Equipe da Portaria
Rodrigo Pacheco	- Assistentes da Copa e Serviços Gerais
Léo Mídia	- Decoração da Alegoria 01 (Abre-Alas)
Ailton Neves	- Decorador das Alegorias 02 e 06
Rodriguinho Ferreira	- Decorador das Alegorias 03 e 04
	- Decorador das Alegorias 04 e 05

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Senhor dos Caminhos</p> 	<p>A fantasia faz alusão à Exu, divindade que é o senhor dos caminhos, abrindo-os como se fosse um pedido de licença para que o GRES Beija-Flor de Nilópolis possa adentrar a avenida do desfile abençoada e ungida de energias positivas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
01	<p>A Era do Gelo – As Primeiras Jornadas</p> 	<p>Representa o homem de Cro-Magnon, espécie de <i>Homo sapiens</i>, seres humanos que viveram no <i>Período Paleolítico Superior</i> (entre 40 mil e 10 mil anos atrás, aproximadamente), na Europa, pioneiros da Era do Gelo, período geológico em que a temperatura da Terra caiu e permaneceu assim por um longo tempo, causando a formação de extensos mantos de gelo sobre a superfície do planeta. O homem de Cro-Magnon viveu na última Era do Gelo. As mudanças climáticas que começaram a provocar o aquecimento da Terra levaram ao recuo progressivo das geleiras no fim da Era Glacial, possibilitando a migração humana, se dispersando pelo mundo afora, abrindo os primeiros caminhos e trilhas. O homem pré-histórico utilizou as trilhas em busca de abrigo, água, alimento, caça e deslocamentos nômades.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Glaciares</p> 	<p>Devido ao instinto de sobrevivência, os glaciares usavam peles para revestir e aquecer seus corpos cobertos por cristais de gelo, o que possibilitava que percorressem vastos caminhos, sobrevivendo ao desconhecido.</p>	<p>Destaque de Chão Thaís Müller</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
02	<p>Anunnaki – Do Caminho das Estrelas ao Alvorecer da Civilização</p> 	<p>Grupo de divindades sumérias, acádias e babilônicas, “aqueles que vieram do céu”, percorrendo o caminho das estrelas. Eles vieram de um planeta chamado Nibiru que fica localizado em um lugar muito distante do nosso sistema solar com o objetivo de explorar ouro. Reza o mito que eles cruzaram seu próprio DNA com o do <i>homo erectus</i> para que a humanidade fosse criada. E, se este é de fato <i>o berço da humanidade, podemos estar olhando para as atividades da mais antiga civilização na Terra</i>, e responsáveis por construir as primeiras cidades na Mesopotâmia.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Sumérios – A Invenção da Roda</p> 	<p>Os habitantes ou as pessoas naturais da Suméria, Sul da Mesopotâmia, onde atualmente se localiza o Iraque e o Kuwait. A eles são atribuídas grandes invenções, dentre as quais aparece a roda, a cerca de 6000 anos atrás. A invenção da roda lhes permitiu desenvolverem carros de combates, que eram puxados por cavalos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
04	<p>Estrada Real da Pérsia – A Rota do Âmbar</p> 	<p>É a mais antiga estrada de que se tem registro. A Estrada Real da Pérsia ligava as civilizações da Mesopotâmia e do Egito e estendia-se do golfo Pérsico ao mar Egeu, num percurso de 2.857 km que unia a Pérsia à Turquia, Grécia e Egito. Foi o primeiro grande sistema de rodovias, formado de estradas que se interligavam, permitindo intensa troca comercial entre regiões distantes. Dessa primeira estrada Persa irão surgir inúmeras outras como a chamada <i>Rota do Âmbar</i>, antiga rota de comércio que abrangia as áreas costeiras do Mar do Norte e do Mar Báltico ao Mar Mediterrâneo. Ao contrário da crença popular, essa não era a única maneira que o âmbar era negociado. Sabemos com certeza que o âmbar também era transportado e comercializado nos mercados do Oriente Médio, principalmente na Pérsia. O âmbar era um material de muito interesse e que se tornou objeto de comércio, tão valioso quanto o ouro.</p>	<p>Vamos Nessa (1969)</p> <p>1001 Noites (1980)</p>	<p>Antônio Rodrigues “Tuninho”</p> <p>Luiz Figueira</p>

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Rota da Seda</p> 	<p>A seda é uma fibra proteica usada na indústria têxtil. Obtém-se a partir dos casulos do <i>Bombyx mori</i>, o bicho-da-seda. Este é criado aos milhões. Após trinta dias se alimentando apenas de folhas de amoreira, o bicho-da-seda tece o seu casulo e, dentro dele, se transforma em crisálida. A seda é utilizada para se produzir tecidos leves, brilhantes e macios. Os tecidos são usados em camisas, vestidos, blusas, gravatas, xales, luvas etc. Comenta-se que em 3600 a. C., a seda teve sua primeira aparição na China. Reza a lenda que a imperatriz Si Ling Chi descobriu a seda quando um casulo de bicho-da-seda caiu de uma amoreira dentro de sua xícara de chá. Depois de experimentar algumas vezes, ela, finalmente, conseguiu tecer o filamento da seda em um pedaço de tecido. A seda era considerada a mais valiosa mercadoria da China e gerou a famosa <i>Rota da Seda</i>, rota comercial que ligava a China à Anatólia e à Índia, mantendo um fluxo constante de comerciantes de sedas, joias e especiarias do Oriente.</p>	<p>Ala das Baianas Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	Etruscos – O Vai e Vem nas Rotas de Comércio 	<p>Povo que viveu na Etrúria, na península itálica. Eles exploravam ricas minas de ferro, prata e cobre. A pirataria se tornou para eles uma prática regular e estenderam em torno de todo o Mediterrâneo uma ativa rede de comércio de exportação e importação. Realizaram por meio de rotas e estradas intensas trocas comerciais com Fenícios e Gregos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
07	Romanos – A Expansão de um Grande Império 	<p>Foi no Império romano que se deu o ápice da engenharia rodoviária antiga. Assimilando técnicas de outros povos, as estradas serviam para conquistar territórios e mantê-los sob o domínio de Roma. Tais estradas ligavam a Europa ao norte da África, à Anatólia, à China e à Índia. As estradas romanas se caracterizavam pela solidez da construção e o traçado reto, independentemente do obstáculo que tivessem que superar. Foram construídas sobre pantanais, lagos, vales e montanhas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Líbera – A Liberdade de Ir e Vir</p> 	<p>Líbera, a Deusa da Liberdade, desfilando a liberdade de locomoção, enquanto um direito fundamental e um desdobramento do direito de ir e vir.</p>	<p>Destaque de Chão Sávia David</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
08	<p>No Cabo das Tormentas, que o Mar Levou – Caminho Marítimo para as Índias</p> 	<p>Caminho percorrido pela expedição comandada pelo navegador português Vasco da Gama cujo trajeto foi de Lisboa a Calicute entre os anos de 1497-98. Portugal tinha interesse no comércio das especiarias, consideradas o ouro das Índias. A canela, o gengibre, o cravo, a pimenta e açafraão eram produtos difíceis de obter, pelos quais se esperavam caravanas e mercadores experientes vindos do Oriente. Portugal então se interessou pelo comércio das especiarias, estabelecendo um caminho marítimo pelo Atlântico, contornando a África, para alcançar a Índia.</p>	<p>Ala das Baianinhas Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	Os Incas – Caminhos no Topo dos Andes 	<p>Povo que habitou o Império Inca. Foram notáveis construtores de estradas. Eles construíram um importante sistema de estradas que ligava Quito, no Equador, a diversos pontos ao sul de Cuzco, no Peru. Consistia de duas estradas paralelas, uma ao longo do litoral, com aproximadamente 3.600 km de extensão, e outra que acompanhava os Andes por cerca de 2.640 km, a chamada <i>Rota dos Andes</i>. A estrada de 7,5m de largura cruzava os mais altos pontos com cortes e rampas suaves. Abismos e desfiladeiros eram vencidos com construções sólidas de pedra e alvenaria. Pontes pênséis, feitas com cabos de madeira ou fibra, atravessavam os mais largos rios entre as montanhas. A superfície era de pedra na maior parte da estrada e materiais asfálticos foram usados com abundância. O tráfego consistia inteiramente de animais de carga (lhamas) e pessoas a pé, já que os incas não conheciam o uso da roda.</p>	Signus (1972) Tudo por Amor (1993)	Débora Rosa Santos Cruz Costa Élcio Chaves de Almeida
10	Nativos de Pindorama 	<p>As tribos de nativos que habitavam o território que hoje se denomina Brasil foram importantes demarcadores de caminhos conduzindo seus grupos em trilhas por matas, campos e cerrados, além das hidrovias naturais – os rios, as trilhas aquáticas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Bandeirantes – Desbravadores a Caminho do Ouro</p> 	<p>No século XVII, Portugal precisava encontrar novas fontes de renda, que propiciassem lucros à Coroa. Os reis da dinastia de Bragança, iniciada com Dom João IV, passaram a incentivar o envio de expedições ao sertão em busca de metais preciosos. Começara a organizar expedições chamadas “bandeiras”. A origem da palavra bandeira nos remete à expressão militar “bando” (grupo de homens armados). Pelos rios, principalmente os da bacia do Tietê, as bandeiras alcançaram o interior habitado pelos nativos, chegando aos atuais Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e às regiões onde se localizavam as aldeias jesuíticas. As bandeiras eram formadas por centenas ou até mais de mil homens, sendo o número de mamelucos e índios sempre bem maior do que o de brancos. Cada bandeira tinha um chefe, um grupo de homens brancos para ajudá-lo, um capelão, mamelucos e muitos índios. Os mamelucos guiavam as expedições. Por sua vez, os índios ensinavam os caminhos, a adentrar nas matas e percorrer as trilhas para coletar os frutos da floresta necessários a alimentação do grupo. Os bandeirantes levavam arcabuzes, bacamartes, pistolas, chumbo e pólvora, machados, facas, foices e cordas para prender e conduzir os índios escravizados.</p>	Comunidade (1948)'	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Xica, Rainha do Tijuco 	Francisca da Silva de Oliveira de fato viveu no Arraial do Tijuco (hoje Diamantina), no século XVIII, onde conseguiu se inserir na sociedade das Minas Gerais por meio de um concubinato com o contratador de diamantes Sr. João Fernandes de Oliveira, com quem teve treze filhos.	Destaque de Chão Jojo Todynho	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	Contratador do Arraial do Tijuco 	Francisca da Silva de Oliveira de fato viveu no Arraial do Tijuco (hoje Diamantina), no século XVIII, onde conseguiu se inserir na sociedade das Minas Gerais por meio de um concubinato com o contratador de diamantes Sr. João Fernandes de Oliveira, com quem teve treze filhos.	Destaque de Chão Thiago Avancci	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Nobres do Arraial do Tijuca</p> 	<p>Nas “Minas Gerais”, região que reunia diferentes jazidas de metais preciosos, a descoberta do ouro no século XVIII levou a uma corrida desordenada para a região. Inúmeras vilas e arraiais foram surgindo na época, como o Arraial do Tijuco, fundada em 1713, atual Diamantina, maior lavra de diamantes do mundo ocidental no século XVIII. Por conta disso na região mineradora predominou a vida urbana. Os centros urbanos estavam relativamente próximos uns dos outros, ocupando áreas montanhosas, razão da existência de tantas ladeiras nestas localidades. Nas praças circulavam os mineradores e comerciantes, bem vestidos e desfrutando da pompa e do luxo. No âmbito dessa sociedade mineira um enlace amoroso despontou: a união consensual estável de Francisca da Silva Oliveira, mais conhecida como Chica da Silva, uma escrava alforriada, com o rico contratador dos diamantes João Fernandes de Oliveira. Chica alcançou prestígio na sociedade local e usufruiu das regalias privativas das senhoras brancas. Sua residência era um espaço de requinte, possuía janelas adornadas com colchas de damasco e seda, e flores. Nas festas da “Chica Que Manda”, os “nobres” vestiam-se com pompa e requinte, deixando transparecer todo luxo e ostentação, e dançavam o minueto, prática bastante presente nos banquetes, bailes e saraus daquela época.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Pé-de-Moleque pelas Ruas do Rio no Tempo de Debret</p> 	<p>As ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX eram de calçamento conhecido como pedras de pé-de-moleque. Jean Baptiste Debret ao chegar à cidade observou que os escravos andavam descalços vendendo os mais diversos tipos de mercadorias pelas ruas. Ademais, carregavam os lampiões para iluminar as ruas da cidade.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>Mucama em Dia de Festa</p> 	<p>No Rio do tempo de Jean-Baptiste Debret – artista francês de relevância e talento singulares no registro da História do Brasil, a retratação da graciosidade de uma mucama em dia de festa.</p>	Destaque de Chão Charlene	Diretoria de Harmonia e Desfile

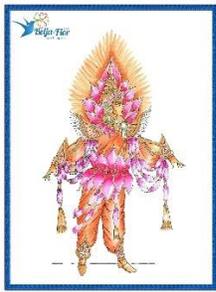
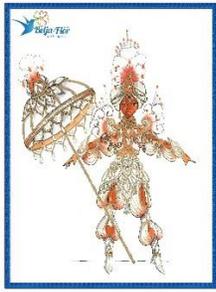
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Meca – Seguindo os Passos do Profeta</p> 	<p>A peregrinação à Meca é um dos cinco pilares do Islã que todo fiel deve cumprir pelo menos uma vez em sua vida, se tiver meios para isso. Denominada "Hajj", esta peregrinação acontece uma vez por ano no início do mês lunar muçulmano do "dhu al hajja". O ritual espiritual se limita no tempo e também no espaço, na cidade de Meca e seus arredores, locais proibidos para aqueles que não são muçulmanos. A visita à cidade de Medina, onde se encontra o mausoléu do profeta Maomé, é facultativa e pode ser realizada antes ou depois do "hajj".</p>	<p>Borboletas (1975)</p> <p>Tom e Jerry (1976)</p>	<p>“Néa” Waldinéa Nocciolli</p> <p>Rogério Coutinho</p>
15	<p>Budismo – A Escalada aos Monastérios no Topo do Mundo</p>  	<p>O Budismo é uma religião baseada nos ensinamentos de Buda, que pregava a iluminação, ou seja, o fim do ciclo desejo-sofrimento ao qual as pessoas estão submetidas. O verdadeiro nome de Buda era Sidarta Gautama, um príncipe que nasceu provavelmente no final do século VI a.C., na região denominada de Lumbini ou Lumpíni, localidade do Distrito de Rupandehi, na Zona de Lumbini, na Região Oeste do Nepal. Lumbini é um local de peregrinação para os budistas. A fantasia representa um monge budista. E, ladeando a ala, vemos peregrinos carregando pálios.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

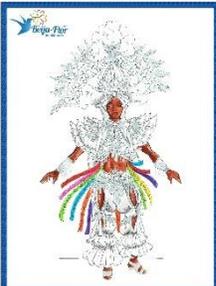
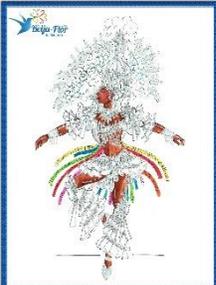
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Judaísmo – Profissão de Fé na Cidade Santa</p> 	<p>Conjunto de indivíduos que professam a religião dos judeus. Jerusalém é uma das cidades sagradas do judaísmo, sendo intensa a leva de peregrinos que rumam para a região. Representa um sacerdote judaico, trajando uma típica roupa de um religioso, com símbolos típicos da cultura judaica como a estrela de David, e o Menorah (candelabro).</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>Lua Cigana</p> 	<p>O povo cigano preza viver sob a luz da lua de prata que cintila no céu azul, daí a expressão “<i>Nossa vida é a rua, nosso país é a lua!</i>”. Na música, extravasam a sua alegria, e na dança, comungam com o místico sagrado.</p>	Rainha de Bateria Raíssa de Oliveira (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Ciganos – A Estrada é Minha Pátria</p> 	<p>Conjunto de populações nômades que têm, em comum, a origem indiana e uma língua (<i>o romani</i>) originária do noroeste do subcontinente indiano. A história dos ciganos teve diáspora, perseguição, escravidão, e genocídio. A característica principal desse povo é a falta de uma ligação histórica precisa a uma pátria definida ou a uma origem segura. A nação cigana é nômade, vive viajando em caravanas e assentando acampamentos em tendas nas beiras das estradas.</p>	Bateria (1948)	Mestres de Bateria Plínio de Moraes e Rodney Ferreira
18	<p>Lavagem do Bonfim</p>  	<p>Representam os fiéis que integram a celebração inter-religiosa que ocorre em Salvador, na Bahia, e que acontece na quinta feira que antecede o segundo domingo após o Dia de Reis, no mês de Janeiro. O cortejo é integrado por baianas e fiéis que caminham desde a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, o qual segue a pé até o alto do Bonfim. No percurso, as baianas carregam água de cheiro, jarros de flores e vassouras. Milhares de pessoas vestem-se de branco, a cor do orixá, para acompanhar o cortejo, em busca de proteção do Santo e das águas perfumadas. Ao chegar, as baianas lavam as escadarias e o adro da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim com água perfumada e jorram a água sobre as cabeças das pessoas que buscam neste banho a purificação da alma e do corpo.</p>	Passistas Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	Peregrinos no Caminho de Santiago de Compostela 	<p>Cidade localizada na Espanha, famosa como um dos destinos de peregrinação cristã mais importantes do mundo. Uma peregrinação é uma jornada realizada por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por essa mesma religião. Os Caminhos de Santiago são os percursos dos peregrinos que afluem a Santiago de Compostela desde o século IX para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro se encontra na Catedral de Santiago de Compostela. A concha de vieira, facilmente encontrada nas costas da Galiza, é desde há muito o símbolo do Caminho de Santiago e dos seus peregrinos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
20	Peão – Romeiro de Aparecida 	<p>Os romeiros que acompanham a peregrinação à Nossa Senhora de Aparecida. A Romaria é um ato de fé, uma experiência espiritual. Essa experiência de peregrinação é muito popular em Aparecida – SP. O Santuário Nacional recebe todos os anos milhares de pessoas que se organizam em romarias para visitar a Casa da Mãe. Na parte traseira da indumentária há um estandarte com a imagem da Padroeira. Ela também é a protetora dos Peões de Boiadeiro, sendo comum durante as festas no momento de fé os peões pedirem a sua proteção antes de montar em touros e cavalos.</p>	Amigos do Rei	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>Procissão – Anjo Guardião</p> 	<p>Cortejo religioso realizado em marcha solene normalmente pelas ruas de uma cidade, carregando imagens e entoando orações ou cânticos. No catolicismo, normalmente acontecem em devoção a um santo (ou santos) ou à Santíssima Trindade, onde se faz transportar as imagens de Jesus Cristo, de Virgem Maria ou de santos pelas ruas da localidade em festa. A fantasia representa um anjo, personagem sempre presente nas procissões, com imagens de velas na saia da roupa, ostensório nas mãos, e asas nas costas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfiles
22	<p>Broadway – A Rua dos Grandes Musicais</p> 	<p>Homenagem à cidade de New York, EUA, que tem uma das avenidas mais famosas e visitadas do mundo, conhecida pelos seus teatros que exibem superproduções de musicais, sendo assim uma grande atração da cidade.</p>	<p>Jovem Flu (1986)</p> <p>Karisma (1997)</p>	<p>Sérgio Auyb</p> <p>Bruno Falcão e Thiago Teles</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	Champs-Élysées – O Charme e a Moda de Paris 	Prestigiada avenida de Paris, na França. A indumentária retrata dois ícones da capital francesa, o Arco do Triunfo, monumento situado nesta elegante avenida, bem como um frasco de perfume que serve de adereço de cabeça, revelando as grifes emblemáticas das <i>maisons</i> situadas ao longo da via suntuosa.	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Abbey Road – A Eterna Travessia dos Beatles</p> 	<p>Rua de Londres onde ficava situada a gravadora dos Beatles e que foi immortalizada na foto de capa de um dos álbuns da mais famosa banda britânica que conquistou o mundo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>El Caminito – Entre o Passar dos Andantes, os Passos do Tango Dançante</p> 	<p>Rua-museu e um logradouro tradicional, localizado no bairro de La Boca, na Cidade de Buenos Aires, Argentina. O lugar adquiriu significado cultural por ter inspirado a música do famoso tango <i>Caminito</i> (1926), composta por Juan de Dios Filiberto. A fantasia representa um casal de dançarinos de tango, tendo como costeiro o sol, que estampa a bandeira argentina, rodeado de plumas nas cores branca e azul celeste do pavilhão portenho.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
26	<p>Copacabana, Princesinha do Mar</p> 	<p>Homenagem à canção composta por Alberto Ribeiro e João de Barro, “Copacabana”, responsável pelo codinome pelo qual essa praia passou a ser chamada, e que possui a Avenida mais famosa do Brasil, a Atlântica.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>No Azul do Mar de Copacabana</p> 	<p>A Avenida Atlântica é via localizada na orla da Zona Sul carioca, onde o calçadão com mosaicos de pedras portuguesas nas cores preto e branco emoldura a imensidão azul do Mar de Copacabana, beleza extasiante feito um poema à beira-mar.</p>	<p>Destaque de Chão Nicole Bahls</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
27	<p>Via Láctea – O Caminho das Estrelas</p> 	<p>Galáxia espiral e dinâmica, do qual o sistema solar faz parte. Vista da Terra, aparece como uma faixa brilhante e difusa que circunda toda a esfera celeste, recortada por nuvens moleculares. Essa via celeste só é possível percorrer em nossa imaginação, devido à sua magnífica grandeza.</p>	<p>Cabulosos (1967) Dá Mais Vida (1978)</p>	<p>Luiz Fernando da Silva (Luizinho Cabulosos) Ana Maria Mascarenhas Rebouças</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	Torre de Babel – O Caminho que Levava a Deus 	<p>História bíblica que narra a tentativa dos humanos de construir em Shinar uma Torre muito alta, espécie de caminho, que levasse aos céus. De acordo com o Gênesis, primeiro livro da Bíblia, a Torre de Babel foi construída por descendentes de Noé, após o dilúvio, num tempo em que os homens falavam uma única língua. Segundo a história, o monumento teria sido criado para que os homens pudessem se comunicar com Deus, mas foi destruído porque o Todo Poderoso não gostava da soberba das pessoas. Amaldiçoados, os homens passaram a falar várias línguas. Sem poder se comunicar, pararam a construção e se dispersaram pelo mundo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
29	Labirinto do Minotauro – Um Beco Sem Saída 	<p>Mito grego em que uma criatura com cabeça e cauda de touro num corpo de homem habitava um labirinto na Ilha de Creta que era governada pelo rei Minos. Do labirinto era impossível de sair, e quem ali entrasse era devorado pelo Minotauro. Teseu, o herói grego, foi quem entrou no lugar e, guiado por um novelo de lã que lhe possibilitou marcar o caminho na entrada, conseguiu matar a estranha criatura e retornar ao início do trajeto. O tema propõe que às vezes nos encontramos perdidos sem encontrar um caminho de saída, mas depois de muita persistência para reverter a situação, podemos conseguir a solução.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Fada do Arco-Íris</p> 	<p>A magia da Fada do arco-íris cujas sete cores a enfeitam. Fábula e fantasia na busca pelos tesouros escondidos no final do caminho multicolor.</p>	<p>Destaque de Chão Yago Mapoua</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
30	<p>Gnomos – O Ouro Guardado no Final do Arco-Íris</p> 	<p>Representa um gnomo que, segundo a mitologia, é o guardião do pote de ouro, existente no final do arco-íris. A fantasia remete a esse ser, tendo sua vestimenta alternando-se nas sete cores do arco celestial. Possui nas costas uma cornocópia jorrando tesouro e leva nas mãos um guarda-chuva mágico, visto que o arco-íris aparece no céu com o reflexo do sol sobre as gotículas de chuva na atmosfera.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
31	<p>Ontem, Hoje, Sempre Beija-Flor</p> 	<p>Representa o pássaro, símbolo da Agremiação. A ideia é transmitir que mesmo com o passar do tempo a nossa escola permanece com o espírito jovem, pronta para se lançar em novas aventuras na passarela encantada do samba.</p>	<p>Crianças Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
32	<p>Com Pedrinhas de Brilhantes para a Beija-Flor Passar</p> 	<p>Retrata uma joia esculpida em diamantes, fazendo uma alusão ao sentimento do nilopolitano em relação à sua Escola. Ela é vista e tratada como uma preciosidade e, que se fosse possível, os mesmos fariam da Sapucaí uma passarela igualmente brilhante para ela então desfilam.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
*	<p>Maravilhosa e Soberana Beija-Flor</p> 	<p>Maravilhosa e soberana é a garra azul e branco da Comunidade nilopolitana, personificada pela Eterna Rainha de Bateria Soninha Capeta, onde cada uma das pedrinhas brilhantes representam os nossos componentes, os nossos verdadeiros diamantes.</p>	<p>Destaque de Chão Sônia Capeta</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

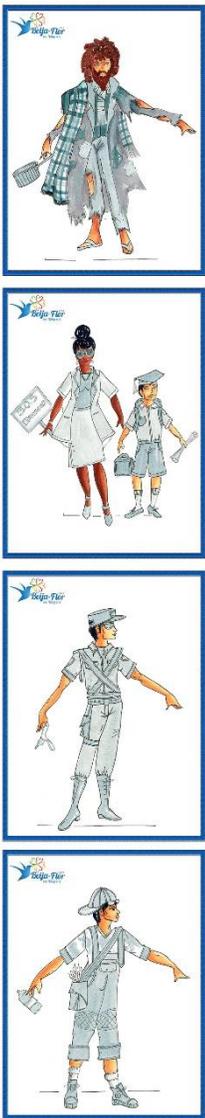
Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
33	<p>Num Festival de Prata em Plena Pista, o Povo é o Dono da Rua!</p> 	<p>Grande ato coletivo humano que presta uma homenagem à todos aqueles que transitam, trabalham ou vivem na rua. E, neste momento mágico, se transformam com o brilho reluzente do Carnaval.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabyinho Santos e Victor Santos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
33	<p>Num Festival de Prata em Plena Pista, o Povo é o Dono da Rua! (Continuação)</p> 	<p>Grande ato coletivo humano que presta uma homenagem à todos aqueles que transitam, trabalham ou vivem na rua. E, neste momento mágico, se transformam com o brilho reluzente do Carnaval.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

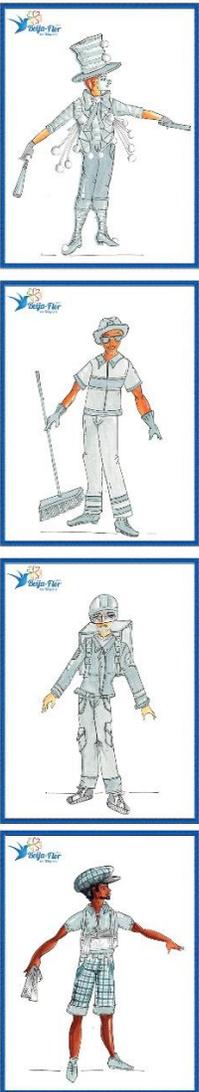
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada, Cid Carvalho, Fabynho Santos e Victor Santos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
33	<p>Num Festival de Prata em Plena Pista, o Povo é o Dono da Rua! (Continuação)</p> 	<p>Grande ato coletivo humano que presta uma homenagem à todos aqueles que transitam, trabalham ou vivem na rua. E, neste momento mágico, se transformam com o brilho reluzente do Carnaval.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Cid Carvalho	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Ademilde Silvino de Souza – “Dona Nequinha”	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Rodrigo Ferreira, Rodrigo Pacheco, Léo Mídia, Layone e Rafael
Aderecista Chefe de Equipe Cid Carvalho	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Lili Niterói, Cláudia Binha, Léo Mídia, Rodrigo Pacheco, Dona Nequinha, Débora, Gaúcho, Rodrigo Ferreira, Rafael, Monstrinho, Michele, Beth e Daniele	- Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia
Fabyinho Santos	- Responsável pelo Ateliê de Fantasia de Luxo
Bruna Bee	- Responsável pela Composições da Alegoria 06
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Dario Jr., Diogo Rosa, Jean Costa, Júlio Assis, Junior Fionda, Magal Clareou e Thiago Soares		
Presidente da Ala dos Compositores		
J. Velloso (Jorge Velloso)		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
45 (quarenta e cinco)	Pereirão 78 anos (13/05/1941)	Kirraizinho 30 anos (20/08/1989)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Preceito! Minha fé pra seguir nessa estrada Odara ê! Reina firme na encruzilhada Abram os caminhos do meu Beija-Flor Por rotas já trilhadas no passado O tempo de tormenta que esse mar levou Revela este novo Eldorado Nas trilhas da vida, desbravador! Destino traçado, vencedor! Nos becos da solidão Moleque de pé no chão</p> <p>E nessas andanças, eu sigo teus passos São tantas promessas de um peregrino É crer no milagre, sagrados valores Em tantos altares, em tantos andores</p> <p>A vela que acende, a dor que se apaga A mão que afaga se torna corrente</p> <p>Nilopolitano em romaria A fé me guia! A fé me guia!</p> <p>Em meus devaneios Entre e o real e a imaginação Saudade persiste, insiste em passear no coração Feito um poema à beira-mar Canto pra te ver passar Me vejo em seu caminho Nessa imensidão azul do teu amor E às vezes perdido, Eu me encontro em tuas asas, Beija-Flor Por mais que existam barreiras Eu vim pra vencer no teu ninho É bom lembrar, eu não estou sozinho</p> <p>Ê Laroyê Ina Mojubá Adakê Exu ôôô Segura o povo que o povo é o dono da rua Ô corre a gira que a rua é do Beija-Flor!</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre o Samba-Enredo:

Preceito!

Minha fé pra seguir nessa estrada

Odara ê! Reina firme na encruzilhada

Abram os caminhos do meu Beija-Flor

O *Senhor dos Destinos* é a *Energia de Luz* que dá asas aos nossos pés na mágica Avenida onde os sonhos ganham vida. *Odara ê!* Que essa *Energia de Luz* ilumine o nosso percurso tal qual farol a nos guiar, firmando o nosso samba desde a encruzilhada do ponto de partida, até a linha de chegada. Por que há muito caminha a humanidade, e a nossa jornada tem início em tempos deveras longínquos... Gélidas eras imemoriais marcam o princípio dessa viagem carnavalesca.

Por rotas já trilhadas no passado

O tempo de tormenta que esse mar levou

Revela este novo Eldorado

O descobrimento de novas rotas trilhadas no passado interligam pontos longínquos, pessoas, estabelecem relações distintas; fomentam acordos, comércio, negócios. No balanço das marés, estradas das águas conduzem ao Novo Mundo e revelam o Eldorado.

Nas trilhas da vida, desbravador!

Destino traçado, vencedor!

Nos becos da solidão

Moleque de pé no chão

Indígenas nativos cortam as florestas verdejantes e abrem as veias pelas quais desbravadores bandeirantes enveredam seguindo as pegadas deixadas, demarcando territórios. Enfim, a Estrada Real. Gradativamente, mata, mato, pedra, pedaços de pés de moleques, calçamento, pavimentação, asfalto.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*E nessas andanças, eu sigo teus passos
São tantas promessas de um peregrino
É crer no milagre, sagrados valores
Em tantos altares, em tantos andores*

*A vela que acende, a dor que se apaga
A mão que afaga se torna corrente*

*Nilopolitano em romaria
A fé me guia! A fé me guia!*

Enquanto a razão cimenta e solidifica o chão que a gente pisa, para que não nos falte o chão – ou mesmo quando este parece abrir sob os nossos pés, é justamente nesse momento, que buscamos o Caminho da Fé. Valores e ritos escritos em livros sagrados alimentam a crença que move, remove e vence montanhas, operando milagres suplicados por devotos fiéis em tantos altares, diferentes andores. Promessas, peregrinações, romarias, procissões. Símbolos divinos, santificados, rituais diversificados, que retratam o respeito e a reverência nas mais variadas crenças e filosofias. Joelhos dobrados, mãos impostas, olhares elevados aos céus, pedidos amarrados em laços de fitas, a busca incessante por sentido, direção, respostas, iluminação, redenção.

*Em meus devaneios
Entre o real e a imaginação
Saudade persiste, insiste em passear no coração
Feito um poema à beira-mar
Canto pra te ver passar*

Estórias de brava gente guerreira que traça o seu destino, que busca realizar seus sonhos e desejos mais profundos, e assim, conquistar o mundo. Rotas terrestres, caminhos marítimos, crescimento, progresso, multiplicação. Ruas de diferentes cantos do planeta conquistam transeuntes e turistas, que vão e vêm, a contemplar a história de tantos recantos que despertam encanto, imortalizados em cartões-postais, souvenirs, lembranças; guardadas com afeto nas paredes da memória, feito um poema à beira-mar.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*Me vejo em teu caminho
Nessa imensidão azul do teu amor
E às vezes perdido,
Eu me encontro em tuas asas, Beija-Flor
Por mais que existam barreiras
Eu vim pra vencer no teu ninho
É bom lembrar, eu não estou sozinho*

*Ê Laroyê Ina Mojubá
Adakê Exu ÔÔÔ
Segura o povo que o povo é o dono da rua
Ô corre gira que a rua é do Beija-Flor!*

E como dissemos antes, nessa mágica Avenida onde os sonhos ganham vida, o desejo é o que torna o irreal possível. A criatividade e a imaginação alçam voo e se encontram nas asas do Beija-Flor, pois o céu é o limite para quem ousa sonhar. A mente vagueia, cruzando portais espirais, percorrendo vias celestiais em meio ao cintilar das estrelas, planeja erguer a Torre de Babel, encontra a saída para o labirinto do temido Minotauro, onde habitava a terrível criatura; enquanto a magia das setes cores arco-íris revela o caminho dos gnomos para a prosperidade, onde tesouros estão escondidos em potes de ouro. Não obstante, ladrilhos com pedrinhas de brilhante enfeitam o trajeto por onde vão passar os nilopolitanos, nossos verdadeiros diamantes. É o festival de prata em plena pista, é o sorriso alegre do sambista, é a celebração do povo enquanto dono da rua, é a gira correndo na Avenida, é a rua do Beija-Flor!

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestres Rodney José Ferreira e Plínio de Moraes

Outros Diretores de Bateria

Anderson Miranda “Kombi”, Adelino Vieira “Saú do Gaz”, Clóvis (Vivinho / “Pai-de-Santo”), Thiago – Michel, Laísa Lima, Xunei, Marlon, Rogério Monteiro Félix “Pó de Mico”, Alexander Orelha, Jonny Alves e Zé Carlos

Total de Componentes da Bateria

260 (duzentos e sessenta) Componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
10	10	14	0	01
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
110	0	36	0	30
Prato	Agogô	Cuíca	Pandeiro	Chocalho
0	0	13	0	30

Outras informações julgadas necessárias

* 06 (seis) Componentes/Ritmistas que tocam o instrumento *Frigideira*

Mestres de Bateria: Rodney José Ferreira e Plínio de Moraes

O som do encontro dos tambores orquestrados com maestria pelos Mestres – nossos maestros populares, produzem encantamento. É o pulsar do coração na mão do ritmista, que toma conta da gente, incendeia, irradia, contagia. O couro que arranca a pele, o sal do suor e da lágrima que escorrem afinados lado a lado pela face, ao ecoarem aplausos para os acordes dessa lindeza genuína, com o mágico poder de, instantânea e simultaneamente, nos conectar com o que há de sagrado e profano no universo fascinante que é o Carnaval.

Rodney Ferreira e Plínio de Moraes são os Mestres e Maestros da Bateria Soberana, que segundo ritmistas e membros da Escola mais antigos, outrora era chamada de “*Passarinho Nervoso*”.

São décadas de dedicação junto à Agremiação, inclusive enquanto coordenadores do Projeto para jovens ritmistas que acontece aos sábados na quadra da Escola. Com uma filosofia de trabalho realmente paternal, mas que preza veementemente pela disciplina, comprometimento e entrega, a frase “*Perseverar sempre, desistir nunca!*” é o lema soberano da Bateria.

(**) In memoriam, a nossa singela homenagem e agradecimento ao inesquecível *Carlinhos* (Carlos Alberto), Diretor de Bateria e de Patrimônio da Bateria, ritmista multifacetado, antigo na Escola, mas que se destacava no repique, sendo ainda responsável pela manutenção dos instrumentos junto com o Mestre Rodney. Parceiro extremamente prestativo e gaiato, nos deixou precocemente em 2019, enquanto estávamos desenvolvendo o Carnaval 2020. Carlinhos era o retrato da alegria da Bateria, e cada ritmista deste grupo vai tocar dobrado almejando representá-lo à *sua altura* na Avenida.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Rainha de Bateria:

Raíssa de Oliveira, Rainha da Bateria do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, era integrante da Ala das Crianças – na ocasião, coordenada pelo inesquecível Edson Bittencourt, o *Edinho Passista* – quando assumiu o posto de Rainha em 2003, ainda menina, com apenas 12 anos de idade; após vencer o concurso "Pé no Futuro" (2002), produzido pela Rede Globo de Televisão, onde as concorrentes eram passistas mirins de diversas Escolas de Samba.

Carismática e adorada pela Comunidade nilopolitana, se mantém firme e consagrada num posto costumeiramente rotativo no Carnaval, tendo assumido com maestria a responsabilidade de suceder o belo reinado de Soninha Capeta.

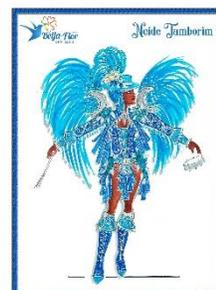
Dona de um corpo escultural e de um pique admirável, Raíssa se formou em Jornalismo, se tornou empresária (é dona de uma academia Nova Iguazu), e dá exemplo de cidadania enquanto coordenadora e instrutora de projetos sociais, ministrando aulas de Samba e variados ritmos musicais no Instituto Cultural Ong Raydi, em Nilópolis, o qual atende crianças e jovens do município e adjacências na região da Baixada Fluminense.



(***) Neide Tamborim, ritmista premiada com o Troféu *Estandarte de Ouro*, por também acumular o cargo de Musa da Escola, é a única componente da Bateria que há anos se apresenta com uma fantasia diferenciada (o respectivo figurino segue abaixo), mas obviamente, embebida do mesmo significado e representatividade de todo o grupo (consoante descrito acima).



Bateria
Ciganos – A Estrada é Minha Pátria



Neide Tamborim
A Bandoleira

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Simone Sant’Ana e Valber Frutuoso

Outros Diretores de Harmonia

Edu, Beto, Jerônimo, José Luiz, Edson, Leandro Siri, Zé Carlos, Léo Ilha, Dona Lúcia, Márcio, Arineia, Cátia, Georgina, Janete, Roberta, Marcos Ferreira, Viviane, Nogueira, Mazinho, Pará, Russo, Washington, Aroldo, Fernanda, Magal, Arthur, Patrícia Lima, Rodrigo, Henrique, Michel, Valéria Brito, Guto, Tikinho, Renata, Robson, Shirleise, Vanda, Luizinho, Jorge André, Amaury, Jansen, Assis, Carlinha, Marcelo Light, Baixinho, Luciana, Fabio, Waltemir, Rosana, Sérgio, Marcelo, Osvaldo, Márcia, Rosângela, Inez, Alessandra, Rosilene, Sheila, Léo Mídia, Bahia, Vinícius, Jucemar, Gilvan, Wanderson, Sérgio Sá, Emerson, Sarita, Aline, Valéria, Marcelo Caxias, Ailton, Jamanta, Evandro, Karin, Lima e Canjica

Total de Componentes da Direção de Harmonia

79 (setenta e nove) Componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial – Neguinho da Beija-Flor

Cantores do Carro de Som – Bakaninha, Gilson Bacana, Marcelo Guimarães e Nêgo Lindo

Apoio Carro de Som – Lucas Richard, Igor Pitta, William Santos, Thiago Acacio e Nuryngo

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Betinho Santos – Diretor Musical / Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Júlio Cesar Assis – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Jonathan Lima – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Alan Vinícius – Violão Sete Cordas / Harmonia de Cordas

Outras informações julgadas necessárias

Luiz Antônio Feliciano *Neguinho da Beija-Flor* Marcondes, alterou o seu nome de registro em seus documentos oficiais para poder incluir também o seu nome artístico, uma maneira de expressar o tamanho de seu amor e gratidão pela Escola de Samba nilopolitana.

São mais de quatro décadas como intérprete oficial da Beija-Flor de Nilópolis – é o único intérprete que nunca defendeu outro Pavilhão de Escola de Samba! E é dele o grito de guerra mais famoso do Carnaval: “*Olha a Beija-Flor aí, gente!*”.

Dono de uma voz potente e repleta de identidade, Neguinho estreou como puxador de Samba no então Bloco Leão de Iguazu. Cantor, compositor e intérprete premiadíssimo, foi homenageado ainda através de Enredos de quatro Escolas de Samba coirmãs: Unidos de Manguinhos (1991), Independentes de Cordovil (1992), Leão de Nova Iguazu e Juventude Imperial (2010).

Com muita história pra contar ao longo da carreira, que inclui ainda turnês nacionais e internacionais, e vasta discografia produzida, Neguinho é uma personalidade que é a *cara* da Escola:

“*Se eu não fosse o Neguinho da Beija-Flor, eu continuaria sendo o Neguinho da Vala até hoje. Tudo o que consegui na vida, devo à essa Escola.*”

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Por Harmonia entende-se o equilíbrio ou a combinação entre elementos que ocasionam uma sensação agradável ou aprazível; aquilo em que há acordo, que está em concórdia. Musicalmente, denomina-se a Ciência que se dedica ao estudo dos acordes e suas relações; é uma reunião de sons que são agradáveis aos ouvidos.

Válber Frutuoso e Simone Sant’Ana são dois diretores que são a *cara* da Harmonia, e que devotam paixão exacerbada pela Escola e pela Comunidade. Trabalhando com afinco, e tendo a fé e a disciplina como preceitos para seguirmos a nossa estrada na busca pelo resultado almejado, realizaram reuniões e ensaios na quadra com a Comunidade semanalmente, exercitando demasiadamente a respiração e o fôlego, para que propiciem a sustentação de um canto forte e harmônico pelo nosso coral de componentes beija-flores.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Dudu Azevedo

Outros Diretores de Evolução

Edu, Beto, Jerônimo, José Luiz, Edson, Leandro Siri, Zé Carlos, Léo Ilha, Dona Lúcia, Márcio, Arineia, Cátia, Georgina, Janete, Roberta, Marcos Ferreira, Viviane, Nogueira, Mazinho, Pará, Russo, Washington, Aroldo, Fernanda, Magal, Arthur, Patrícia Lima, Rodrigo, Henrique, Michel, Valéria Brito, Guto, Tikinho, Renata, Robson, Shirleise, Vanda, Luizinho, Jorge André, Amaury, Jansen, Assis, Carlinha, Marcelo Light, Baixinho, Luciana, Fabio, Waltemir, Rosana, Sérgio, Marcelo, Osvaldo, Márcia, Rosângela, Inez, Alessandra, Rosilene, Sheila, Léo Mídia, Bahia, Vinícius, Jucemar, Gilvan, Wanderson, Sérgio Sá, Emerson, Sarita, Aline, Valéria, Marcelo Caxias, Ailton, Jamanta, Evandro, Karin, Lima e Canjica

Total de Componentes da Direção de Evolução

78 (setenta e oito) Componentes

Principais Passistas Femininos

Raíssa Oliveira (Rainha de Bateria), Charlene Costa, Sávia David, Carla Cachoeira, Graciane Pinheiro, Luciane Soares de Figueiredo, Aieny Mendes de Araújo Nogueira e Steffany Sant’Ana dos Santos

Principais Passistas Masculinos

Cássio Dias, João Ricardo Salvador de Oliveira Junior e Mario Antônio Rodrigues da Silva

Outras informações julgadas necessárias

Em 2019, Dudu Azevedo assumiu o cargo de Diretor Geral de Carnaval e Evolução. E se o conceito de ‘Evolução’ diz respeito à **aperfeiçoamento, crescimento** ou **desenvolvimento** de uma ideia, sistema ou costume que almeja o efeito de **evoluir**, o desdobramento de seu trabalho realmente trouxe evolução para a Comunidade, e uma amostra ou prévia disso já pôde ser observada desde a inesquecível noite da escolha do samba-enredo, onde a Escola fez uma festa memorável coordenada por ele, o que ratifica o acolhimento e a relação de confiança e parceria que vem sendo estabelecida ao longo desses meses de labuta.

Bom ouvinte, com temperamento agregador, experiente e defensor do trabalho coletivo para atingir resultados positivos, Dudu e sua equipe apostaram em organização, planejamento, estratégia e ensaios frequentes na busca para que os movimentos sejam desenvolvidos cada vez mais de modo contínuo e regular, possibilitando um ciclo harmonioso; onde os passos de dança dos integrantes, bem como a sua progressão na Avenida durante o desfile, estejam dentro do ritmo e sendo efetuados na mesma cadência da Bateria e da harmonia de cordas, mas sem perder a espontaneidade genuína do sambista, de modo que a Escola desfile evoluindo com tranquilidade, leveza, garra e alegria.

Visando atingir tal objetivo, reuniões e ensaios foram realizados na quadra da Escola semanalmente, reforçando os aspectos positivos alcançados e lapidando aquilo que ainda poderia ser aprimorado para o desfile. Além disso, também foram realizados ensaios mensais nas ruas de Nilópolis, os quais atraíram milhares de pessoas querendo assistir os nilopolitanos em romaria, cantando para o Beija-Flor passar. Uma imensidão azul buscando superar e derrubar todas as barreiras no caminho sonhando e vencer no ninho.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Almir José dos Reis		
Diretor Geral de Carnaval Dudu Azevedo		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Valéria Maria Rosa e Aline Souza		
Total de Componentes da Ala das Crianças 65 (sessenta e cinco)	Quantidade de Meninas 47 (quarenta e sete)	Quantidade de Meninos 18 (dezoito)
Responsável pela Ala das Baianas Dona Lúcia Alves Boiça (Presidente da Ala das Baianas)		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Ananizia Rocha dos Santos 83 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Patrícia Correa de Mello 36 anos
Responsável pela Velha-Guarda Dona Débora Rosa Santos Cruz		
Total de Componentes da Velha-Guarda 50 (cinquenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Martha de Souza Costa 94 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Sueli Martins de Souza 65 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Anderson Müller (Ator e Diretor), Boni (Comunicador e Empresário), Edson Celulari (Ator), Pinah Ayoub (Destaque e Empresária), Sônia Capeta (Destaque de Chão), Jojo Toddyinho (Cantora), Isabella Santoni (Atriz) e Yago Gomes <i>Mapoua</i> (Humorista e Youtuber)		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Marcelo Misailidis

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Marcelo Misailidis

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	*	*

Outras informações julgadas necessárias

(*) O número total de componentes da Comissão de Frente em cena em momento algum excederá o número de 15 (quinze) pessoas, consoante rege o regulamento do concurso. Todavia, o número de componentes femininos e masculinos em cena varia de acordo com o andamento da apresentação, razão pela qual não foi devidamente especificado no quadro da Ficha Técnica do respectivo quesito.

O uruguaio Marcelo Misailidis estudou ballet clássico, tornou-se o primeiro bailarino do Theatro Municipal, coreógrafo, Diretor Artístico. Obstinado, perfeccionista e um profissional que carrega seus projetos de intensidade e ousadia, “*O Dono da Rua*” é a proposta desenvolvida para o Carnaval 2020, a qual apresenta a sua assinatura singular e cheia de identidade.

O DONO DA RUA

A proposta da Comissão de Frente para o Enredo “*Se Essa Rua fosse Minha*”, do Carnaval 2020 da Beija-Flor de Nilópolis, trata da natureza dos grandes centros urbanos, numa perspectiva contemporânea ou mesmo futurista na concepção de alguns aspectos estéticos.

Inspirada no “*apartheid*” das Gangs do Bronx, em Nova York, que gerou um movimento de contra cultura Hip-Hop que se disseminou pelo mundo através da música, da dança e do grafite, e invadiu quase todas as grandes cidades do mundo, tornando os bicos e subúrbios extremamente parecidos uns com os outros, este fenômeno cultural está aqui representado por Gangs ou grupos rivais que tentam dominar nossa cidade, seja em morros, bairros ou ruas, nesta cena que propomos para a Comissão de Frente; a qual tem por base a ambientação de um Ferro Velho em plena Avenida Brasil, no embate pelo domínio das ruas, a força dominadora de tudo vem das crenças místicas do povo brasileiro, da ancestralidade africana, das Pombagiras que trazem pra esta dimensão a mensagem de Exú, *o verdadeiro Dono da Rua*.

A realidade e a ficção, se misturam tal como observamos cada vez mais, na globalização de todo fenômeno sociocultural ao redor do mundo, a eterna caminhada do Homem em sua busca constante pelo domínio das conquistas materiais e espiritual.

Esta criação conta com a participação especial do estilista mineiro radicado em Nova York, Francisco Costa, no trabalho de caracterização e indumentárias.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Ficha Técnica:

Concepção, direção e coreografia – Marcelo Misailidis;

Figurino – Francisco Costa;

Assistentes de Figurinos – Ale Ferrer e Luana Ouverney;

Cenografia – Fernando Soares;

Cenotécnica – Israel Florêncio;

Assistentes – Fabricio Ligiero, Marcio Vieira;

Produção – Romero Monteiro.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Claudinho Souza	Idade 47 anos
1ª Porta-Bandeira Selminha Sorriso	Idade 48 anos
2º Mestre-Sala David Sabiá	Idade 33 anos
2ª Porta-Bandeira Fernanda Love	Idade 32 anos
3º Mestre-Sala Mosquito	Idade 38 anos
3ª Porta-Bandeira Emanuelle Martins	Idade 23 anos
4º Mestre-Sala José Roberto	Idade 29 anos
4ª Porta-Bandeira Nininha Fidellys	Idade 38 anos

Outras informações julgadas necessárias

A hipótese mais provável é que o Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira tenha origem nos Ranchos, onde o Mestre-Sala, originalmente, tinha a função de proteger e resguardar a Porta-Bandeira, uma vez que a defesa do Estandarte não era apenas simbólica, pois nessa época, era comum que membros de grupos rivais tentassem roubar a bandeira concorrente. Justamente por isso, muitos dos primeiros Porta-Bandeiras eram homens, inclusive quando as personagens foram incorporadas pelas Escolas de Samba.

Claudinho Souza e Selminha Sorriso são o nosso primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Chegaram na Beija-Flor de Nilópolis em março de 1995, assumindo o posto anteriormente defendido por Edmar e Juju Maravilha.

Claudinho Souza é professor de Educação Física, músico, instrumentista, compositor, palestrante; Selminha Sorriso, 2º Sargento do Corpo de Bombeiros Militar do Rio de Janeiro, Bacharel em Direito, palestrante. Ressalte-se ainda, o primoroso trabalho feito por eles junto a crianças e jovens que participam dos projetos sociais da Escola.

Costumeiramente apresentam performances marcantes, agregando bailado, cortejo, técnica e carisma, tendo ambos conquistado muitos prêmios (individuais e em dupla) ao longo destes 23 anos junto à Agremiação.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
O Sol – Iluminador dos Caminhos

Representa a estrela central do sistema solar, irradiando a luz que irá iluminar a nossa caminhada. A indumentária é trabalhada em espelhos, uma vez que pretende refletir e propagar a luz que nos ilumina como nos aquece na aura magnífica do poderoso Sol



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º, 3º e 4º Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Hindus

São os seguidores do hinduísmo, a mais antiga dentre todas as religiões do mundo. Mais de 800 milhões de pessoas praticam o hinduísmo em todo o mundo. A maioria delas vive na Índia, onde essa religião começou. As peregrinações, ou viagens a locais sagrados, são comuns no hinduísmo desde os tempos antigos. Muitos locais de peregrinação ficam ao longo do rio Ganges, no norte da Índia. Para os hinduístas, o Ganges é o rio mais sagrado. Por sua vez, a montanha é um destino sagrado para os hindus, e a consideram o lar do Deus Shiva.

